

Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

B. MAGALHÃES



Secretario: MARIO TRAVASSOS



Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR, 164

8467

XV

Rio de Janeiro, Setembro de 1928

Ns. 173 a 177

Edição de 104 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

Em torno da lei do ensino.

COLLABORAÇÃO

<i>Civilisação contra Barbarie (transc.)</i>	Dr. Baptista Pereira
<i>O novo regulamento de I. do Exercito Francez</i>	(Trad.) Cap. Araripe
<i>Formações da Infantaria</i>	1.º Ten. Paranhos
<i>Notas sobre a instrucção no quadro do R.C.</i>	Major Collin
<i>A instrucção dos Quadros e da tropa na 1.ª D. I.</i>	(transcrição)
<i>O problema dos grandes alcances</i>	Cap. Pericles Ferraz
<i>Petrechos de acompanhamento</i>	1.º Ten. Maggesi
<i>Graduação de espoletas</i>	Cap. Bina Machado
<i>Tactica na carta (Sol. do Thema de A)</i> ..	Cap. Prati de Aguiar
<i>Tactica de Infantaria (4ª conferencia)</i> ..	Ten. Cel. Hugues
<i>O Recuo da Infantaria (Subsidios)</i>	Cap. Bellagamba
<i>Armamento da Infantaria (Subsidios)</i> ..	1.º Ten. Baptista de Mattos

DA REDACÇÃO

Explicação necessaria — O Exercito e a Nação — Escotismo municipal — O valor dos quadros — A questão das promoções — Ha 37 annos — Expediente — O espirito novo do Exercito

"A DEFESA NACIONAL"

GRUPO MANTENEDOR

J. B. Magalhães, Mario Travassos, Alexandre Chaves, (Directores) — *A. Pamphiro, Sayão Cardoso, Verissimo, Carnaúba, Osvino Alves* (da Red.) — *Toscano*, (da Adm.)
..... (repres. naval) — *Frederico Duarte* (repres. civil)

REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

Q. G. 1.^a R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. G. I. G. — Cap. Raymundo S. Barros.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — Ten. Jorge B. Guimarães.
E. E. M. — Cap. Pery Bevilaqua.
E. A. O. — Ten. Octavio Paranhos.
E. M. — Cap. Luiz Procópio.
2.^o R. I. — Cap. Vicente Formiga.

1.^o R. C. D. — Ten. Alfredo A. Silva.
15.^o R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1.^o R. A. M. — Ten. Antonio H. A. Moraes.
2.^o R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1.^o G. I. A. P. — Ten. João M. Lebrão.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Saturnino Correia de O.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 3.^a D. I. — P. Alegre — Cel. Amílcar Magalhães.
Q. G. da Circ. de Matto-Grosso — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5.^a R. M. — Curityba — Sarg. Affonso Fink.
Q. G. 7.^a R. M. — Recife — Ten. João Facó.
Fabr. de Polvora — Piquete — Ten. Waldemar Santos.
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C. M. — Porto Alegre — Ten. Nestor Souto.
4.^o R. I. — Quitauína — Cap. Augusto J. Souza.
6.^o R. I. — Caçapava — Ten. Arlindo Nunes.
9.^o R. I. — Rio Grande — Ten. Edgard Buxbaunn.
11.^o R. I. — S. João d'El Rey — Ten. Hugo Faria.
12.^o R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13.^o R. I. — Ponta Grossa — Cap. Raymundo Fontinelli.
2.^o B. C. — S. Gonçalo — Ten. Francisco P. Guedes.
4.^o B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
6.^o B. C. — Ipamery — Ten. João C. Gross.
7.^o B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
9.^o B. C. — Caxias — Ten. João J. Vieira.
15.^o B. C. — Curityba — Ten. Domingues dos Santos.
21.^o B. C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
22.^o B. C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisboa.

24.^o B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigue
2.^o R. C. D. — Pirassununga — Alcides Lauriodo.
1.^o R. O. I. — Boqueirão — Ten. Ortegá Novaes.
9.^o R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10.^o R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueir.
14.^o R. C. I. — B. Pedrito — Ten. Hercio Lemos.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Olive.
4.^o R. A. M. — Itú — Cap. Manoel Nobrega.
6.^o R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
8.^o R. A. M. — Pouso Alegre — Ten. Clovis S. Barre.
9.^o R. A. M. — Curityba — Ten. Oscar G. Amaral.
3.^o G. I. A. P. — Cachoeira — Ten. Orlando Geisel.
5.^o G. A. Mth. — Valença — Cap. Hermes de M.
Portella.
1.^o G. A. Cav. — Itaqui — Cap. Euclides Sarmento.
3.^o G. A. Cav. — Bagé — Ten. Omar Brandão.
Forte de Itaipús — Ten. Abelardo Marcondes.
Força Publica — Recife — Cap. José A. Figueiredo.
Força Publica do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
1.^o Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Acacio F.
Oliveira.



Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Tor — J. B. Magalhães

Secretario — Mario Travassos

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANO XV

Rio de Janeiro, Setembro de 1928

Ns. 173 a 177

DITORIAL

EM TORNO DA LEI DO ENSINO

A lei do ensino, ora em elaboração, isenta, sejam quaes forem as vicissitudes de sua regulamentação ou execução, a importância das tentativas, depois do contracto da M. M. F., para tornar mais eficiente o nosso precario aparelhamento militar.

Seu merito é incontestavel, tanto mais porque não se limita ás questões exclusivas do ensino, mas abalança-se a impôr regras visando impedir que se perca ou deturpem os resultados do ensino. Seu texto procura consolidar.

Certamente, seriam preferiveis caracteristicas mais decisivas, que affirmassem franca e energicamente o novo rumo que deve tomar a *preparação dos quadros*. Isso porque, parece-nos necessaria vontade nitida, por toda parte manifestada com energia, isenta de quaesquer hesitações, para que a organização da defesa militar se emprehenda verdadeiramente.

*

* *

O maior valor da "lei do ensino" não está na codificação, no reajustamento do papel ou no terreno das questões, em materia de ensino, mas, em duas medidas de caracter decisivo. A primeira contém: uma, a *tendencia para tornar util ao Exercito o principio do merecimento*; outra, a criação do corpo de officiaes militares.

Quanto á criação do corpo de technicos — necessidade já inadiavel — o texto já estabelece-o em definitivo. Pode-se

discordar de certos pormenores, mas o essencial está assegurado. Resta apenas o perigo que, entre nós, cerca sempre taes criações — as contingencias ambientes, capazes de neutralisarem todos os beneficios do que quer que seja.

Quanto á tendencia a *tornar util ao Exercito o principio do merecimento*, é que poderia ter sido melhor firmada. Valorizam-se os cursos mas em globo e não escalonadamente como seria de desejar. Se é verdade que cumpre seleccionar os officiaes aptos aos postos superiores no commando de tropa, não menos o é que se torna indispensavel accelerar a carreira dos julgados aptos ao serviço do alto commando, já seleccionados pelos processos de recrutamento e preparação a que são submettidos.

Já é corrente a nenhuma importancia que se dá ao serviço de E. M., considerado menos valioso que qualquer outro. A *lei do ensino*, ratificando esse menos-preço, dificulta sobremodo a formação de nosso quadro de officiaes de E. M. Pode-se continuar diplomando officiaes, mas nem sempre aquelles que, por selecção real em concurso de forte competição, melhor nos conviriam.

Que motivo digno de exaltação no ambiente de um Exercito, offerece-se agora, entre nós, que estimule á matricula na E. E. M. e prenda os officiaes ao serviço de E. M.? A penuria de candidatos ao concurso, o vazio das secções dos E. M., não são indícios que deprimam os nossos officiaes. E' que, de facto, o diplo-

EXPLICAÇÃO

NECESSARIA

Não mais convindo, tanto aos interesses de *A Bandeira* como aos de *A Defesa Nacional* a permanencia do accordo firmado em Junho do anno proximo passado entre o Grupo Mantenedor de *A Defesa Nacional* e a então *Directoria do Club dos Bandeirantes do Brasil*, communicamos aos nossos leitores, representantes, assignantes, collaboradores e demais camaradas que, desde 15 de Agosto do corrente anno, foi rescindido o citado accordo.

Essa decisão em nada abala as nossas relações, não só com o *Club dos Bandeirantes do Brasil* como com a direcção de *A Bandeira*. Embora administrativamente separados, é certo que *A Bandeira* e *A Defesa Nacional* continuarão a prestar-se mutuo apoio, quanto a realização de ideias communs.

De resto, do *Club dos Bandeirantes do Brasil*, *A Defesa Nacional* recebeu sempre as mais seguras demonstrações de confiança, inclusive a utilização dos modestos serviços dos membros do Grupo Mantenedor em postos e missões de especial relevancia.

Assim, ao mesmo tempo que, muito gratos, de publico, apresentamos ao *Directorio do Club dos Bandeirantes do Brasil* e à direcção de *A Bandeira*, nossos protestos de estima e consideração, levamos aos nossos socios naquella Club a certeza de que continuamos, como sempre, promptos a cooperar na obra bandeirante pela forma que nos fôr determinada, de conformidade com as nossas consciencias e na medida de nosas possibilidades.

* * *

Aos nossos leitores, representantes, assignantes, collaboradores e demais camaradas —

com os nossos agradecimentos por sua ininterrupta e decidida confiança em nossos propósitos — cumpre-nos comunicar:

- que *A Defesa Nacional* será editada pela firma PIMENTA DE MELLO & C., em condições taes que nos permitirão dar o máximo de desenvolvimento á Revista;
- que a *Redacção* e a *Administração* da Revista estão intalladas á Rua do Ouvidor n. 164, 2º andar, permanecendo sua a Caixa Postal 1602;
- que, em virtude de revisão dos Estatutos, existirão junto ao *Grupo Mantenedor*, a titulo de ligação com o meio civil e a Marinha de Guerra, um civil e um official em serviço activo na Armada, o que nos assegurará trazer ás paginas de *A Defesa Nacional* o complemento que ha cerca de dois annos lhe julgamos indispensavel e pelo qual vimo-nos batendo com as melhores de nossas energias;
- que, afim de libertarmos toda a materia represada em nossa *Redacção*, nos decidimos pôr este volumoso numero correspondendo aos mezes de Maio a Setembro para regularizar-se de um golpe a publicação da Revista, e distribuindo a todos os assignantes, quites nesta data, com *A Bandeira*, para não trazermos nenhuma embaraço á administração dessa Revista e nenhum prejuizo aos nossos assignantes;
- que, para regularizar-se, ainda este anno a situação de nossos assignantes, ficam desde já, abertas assignaturas especiaes para o trimestre Outubro-Dezembro.

A DIRECÇÃO.

ma e o serviço de E. M. em nosso meio representam apenas um onus para a carreira do official.

* *

Sem duvida, a lei do ensino, abordando disposições que procuram assegurar os resultados conseguidos nos diferentes cursos, apresenta verdadeira lacuna não tratando em especie o caso dos officiaes aptos ao serviço de E. M. Quer dizer que perdurarão as impropriedades actuaes, continuando-se a desconhecer a importancia dos E. M. na paz e portanto na guerra.

Até mesmo o tempo de serviço arregimentado continuará encarado apenas em seu valor absoluto, quando, em verdade, o tempo de serviço arregimentado para officiaes aptos ao serviço de E. M. deveria ter valor negativo, desde que excede

desse um minimo indispensavel e o torio em cada posto, o necessario manter em dia o intimo conhecimento da tropa.

Meditando-se sobre o texto da lei de ensino pode-se mesmo concluir, tal cuidado em valorizar-se o titulo de cursos, que houve a preocupação de dar em plena valla commum o diploma de E. M. Emfim, é tão consideravel a importancia do assumpto que, certamente o legislador guardou-se para tratá-lo separadamente.

Se continuar-se a cuidar melhor dos órgãos de execução que dos de ensino o nosso Exercito ficará sempre, melhor das hypotheses, na situação de homem de desporte que abandona o vo do cerebro só se preocupando com os musculos.

civilização contra Barbárie

Conferencia feita pelo Dr. Baptista Pereira
na Faculdade de Direito de Belo Horizonte

I

IMPERIO E O RIO DA PRATA

O CONFLICTO DAS RAÇAS

Uma vez que lindavam por fronteiras
tas, a fatalidade geographica tinha de crear
e Hespanha e Portugal o eterno antagonismo
lhes embebe a historia. Reproduziu-se na
merica do Sul a situação peninsular. Portugal
rinuou o vizinho da Hespanha comprimindo
o seu grande imperio Atlantico as posses-
es hespanholas, na maioria beirãs do Pacifico.
inham de longe essas hostilidades. A forma-
o do reino; a emulação dos descobrimentos
itimos; o jugo philippino; a perpetua con-
posição dos dois commercios faziam com que
itortuguez visse no hespanhol o inimigo histo-
e hereditario. Castella cobiçou Portugal
de que foi Castella.

Manoel Severim de Faria tinha razão es-
endo: "A guerra de Portugal com Cas-
é tão antiga que começou junto com o Rei-
Ajuntava o malicioso chantre: "e ha mais
Dquinhentos annos que dura". Éco e summula
se sentimento Garcia de Rezende encontrou, na
celanea:

"Portuguezes, castelhanos,

"Não os quer Deus juntos vêr".

As conquistas dos portuguezes de São Paulo,
rudes gestas escriptas com um sangue que os
deirantes tiravam para as cursivas do indi-
a, mas para as capitulares do sangue cas-
hano, o recuo do meridiano de Tordesilhas
da mais acirravam a incompatibilidade ata-
a. A annexação da Cisplatina veio encher as
didas do elemento castelhano que nella pre-
minava.

Com excepção do Brasil, a Hespanha do-
nava toda a America do Sul. O imperio de
Carlos V rolara desaggregado; apagara-se tris-
tamente aquelle sol que nunca se punha em seus
ninhos. Mas a alma hespanhola deitara raizes
s paizes que conquistara, e, máo grado as vi-
situdes politicas, renascia na America. A Re-
lução Franceza e Bonaparte, syndico da sua
llencia administrativa, tinham mostrado ao
mundo a facilidade com que a propaganda e

a espada subvertem instituições e criam im-
perios.

OS LIBERTADORES E A REPUBLICA

Miranda, um general da Revolução, que Na-
poleão embalde quiz seduzir, creou em Paris, por
volta de 1797, *Lojas Secretas* cujo fim era a
emancipação dos povos sul-americanos. Foram
seus discipulos muitos dos fundadores da *Loja*
Lautaro de Buenos Aires, que foi talvez o maior
centro de irradiação das idéas de independen-
cia e liberdade. Antes de qualquer outro, foi
elle o creador da consciencia americana. De-
pois de bater-se pela França, esculpindo o nome
no Arco de Triumpho, depois de combater
ao lado de Washington e Lafayette pela causa
norte-americana, foi elle quem primeiro orga-
nizou a mobilização dos espiritos contra o
minio castelhano, organizando a convenção
bertadora de Paris, em 1797, com deputados
paizes hispano-americanos e entabulando
anno seguinte negociações de auxilio com
Inglaterra. Sua correspondencia, inedita duran-
te 70 annos, seus dezoito volumes de *Memo-*
extraviadas permittiram a Bolivar tomar-lhe
primasia na gratidão continental. Mas Boli-
não teria sido possivel sem Miranda, a
contacto se consolidou a sua vocação, que
hernara até entre os prazeres mundanos. Se
como fôr, ambos plasmaram a congenere dos
bertadores. Da Venezuela as idéas de inde-
pendencia chegaram ao Pacifico, infiltrando-se
todos os outros paizes da mesma origem. Se
cederam-se lutas pela independencia e revol-
ções pelo pennacho local. A America Hesp-
nhola fervia na eclosão de um mundo.

Só o Brasil, sem lutas civis, proseguia leti-
e atrasada, mas incruentamente na sua jornada
para o futuro. Um dia Bolivar deu-se conta
que o Brasil devia ser republicano. Elle que era
monarchista! Verberou a existencia de uma mo-
narchia no territorio da livre America. Elle
que se quiz coroar!

Estava achado o traço de união que dev-
ligar os hespanhoes da America do Sul contra
portuguezes: o principio republicano contra
principio monarchico.

Facil seria provar que tanto Bolivar como
San Martin foram monarchistas.

Não vale a pena. E' só compulsar as suas bi-
graphias.

omo, porém, o Rio da Prata sempre nos envergonhar com o nosso monarchismo. Não podemos mostrar que o seu foi muito menos digno que o nosso. Elles buscavam com as forças o que nós tínhamos herdado.

MONARCHIA E REPUBLICA NA ARGENTINA

Depois de sua independencia, o espirito que prevalecia na Argentina era o monarchista. Mariano Moreno foi o unico que pela *Gaceta de Buenos Aires* prégou a Republica. Mas a impressão produzida por elle não passava além dos moços que se reuniam nos Cafés do Marcos e do Catalanes e para os quaes o *Contracto Social* de Rousseau era uma biblia. Thomaz de Anchorena, amigo e conselheiro de Belgrano e primo de Rosas, reflecte a opinião da época nestas palavras: "*El famoso Señor D. Mariano Moreno cuya obra solo puede servir para disolver los pueblos y formarse de ellos grande conjunto de locos furiosos y de bribones*". Mas o proprio Moreno, no testemunho de Oliveira Lima, esteve ao lado de Belgrano, Puyrredon e Castelli quando estes offereceram a corôa de Buenos Aires a D. Carlota.

Parece provado que Moreno morreu envenenado, caminho do exilio, por dizer que se devia levar ao cadafalso um certo Duarte que num banquete ousou levar á cabeça de Saavedra uma corôa symbolica. Buenos Aires tambem quasi teve o seu Amador Bueno.

O Centro codernador das idéas de independencia argentina estava na associação secreta chamada *Loja de Lantaro*, ideada provavelmente por Miranda. A ella pertenciam: Belgrano, Pueyrredon, Rivadavia, Irigoyen, Balcarce, os maiores nomes da Argentina. Pois bem, a sua orientação era exclusivamente monarchica. Em 1814 e 1815 a Argentina mandava á Europa a Missão Belgrano - Rivadavia que com Sarratea, já allí, ia tratar do reconhecimento de independencia, sob a base da monarchização da Argentina. Seu plano principal era dar a corôa argentina a D. Francisco de Paula, filho de Carlos IV.

Belgrano então redige o seu projecto de constituição absolutista.

Carlos IV recusa. Rivadavia não perde as esperanças e prosegue sózinho na negociação. "Leva aos pés de S. M. o mais sincero protesto de reconhecimento da sua vassallagem". O Ministro Cebalos responde-lhe com tres insolencias e desconhece-lhe as credenciaes, expulsando-o da Hespanha. Anchorena declara que ninguém considerou essa idéa anti-patriotica. No *Congresso Tucuman* Belgrano propoz que se proclamasse rei argentino um descendente do Inca, que ainda existia em Cusco. Ahí só duas vozes iso-

ladas falaram em republica: o Dr. Anchorena e o Padre Oro.

A sessão secreta do *Congresso de Tucuman* em 4 de Setembro de 1816 resolveu a creação de uma monarchia constitucional que identificasse os interesses brasileiros e argentinos. Belgrano lembra o enlace da casa dos Incas com a casa dos Braganças.

Rivadavia não tinha desanimado. Estava em Paris trabalhando de novo pela monarchia. Queria obter do Congresso de Vienna, graças á influencia da França e da Inglaterra, a restauração da monarchia.

Rivadavia teve um companheiro na pessoa de José Valentim Gomez. Apesar das illuções de Rivadavia e Gomez essa embaixada não teve resultado.

Só em 1819 começa o sentimento antimonarchico. Ramirez que o incarna liquida de vez por todas com Artigas, o porta-espada do absolutismo.

Em fins de 1820 ainda o Bergantim *Achilés* trouxe representantes do rei da Hespanha para o tratado da Politica do Prata. A junta governativa ainda se manifestou pela monarchia e fez acto de submissão a Fernando VII. A *Memoria* hoje publicada. Em 1823, a Hespanha mandou a Buenos Aires dois representantes. Rivadavia propunha que os estados americanos depois de celebrarem um tratado definitivo de paz e amizade com a Hespanha, emprestassem 20 milhões de pesos para auxiliar-a na guerra contra a França.

Rivadavia assume a presidencia em 1824 com idéas de centralização claramente monarchica. Dorrego, no *El Tribuno*, rompe com elle. Rivadavia resigna o mandato em 1827. Em 1828 triumphou Dorrego. A idéa monarchica passa a ser ridicularizada: "Panchitos de la, duquesitos de Lucas, Inquitas."

No governo de Dorrego as idéas republicanas tentam invadir o nosso territorio. Saldias que José Bonifacio foi a Buenos Aires e conferenciou com Dorrego para fazer a republica no Brasil, contando com as tropas allemanhas do exercito brasileiro para com a rebelião de Rio Grande e S. Paulo e com o auxilio das tropas de Rivera. Avança mais que Dorrego e foi a firmar com Bauer, representante dos allemanhes, um accordo pelo qual estes se compromettem a trahir-o, tomando posse da provincia de Santa Catharina e estabelecendo allí o governo republicano. E' um engano. José Bonifacio nunca foi a Buenos Aires. Trata-se de Gonçalves Lima que lá esteve, chegando a fundar um jornal. Mas nestes entremeses sobreveiu a paz. Rios ministro do Exterior, convenceu o governo que devia desistir de revolucionar o Brasil. Lord Ponsomby foi o mediador da paz. Não morreu, porém, a idéa da monarchia na Argentina;

1830, Rivadavia, mais uma vez, embarcou para a Europa, á procura de um príncipe para o paiz. Foi ali que o Brasil enviou Santo Amaro. Voltando Rivadavia a Buenos Aires, não foi permittido o desembarque. Estes projectos de monarchia eram frustrados pelos gabinetes de Madrid e Londres, cada qual por interesses oppostos; o primeiro por não reconhecer a independencia; o segundo, porque não ganhava nada em dar existencia politica a um paiz que ambicionava.

Exposto se conclue que a monarchia não valia tanto os argentinos como possa parecer. No anno 1838 os dictatoriaes unitarios fizeram uma expedição franceza para proclamar a monarchia no Rio da Prata. A *Commissão Argentina*, de mãos dadas com o governo de Montevideo contra o de Buenos Aires, conseguiu obter a protecção do almirante Purvis. O Sr. Varela foi a Londres e a Paris para obter o apoio dos respectivos governos. Nosso ministro em Montevideo, de acordo com esse plano, para cuja cooperação o nosso paiz á Europa a Missão Abrantes. A Inglaterra e a França frustraram a Missão Varela. Pouco depois, de *motu proprio*, resolveram abandonar o Rio da Prata.

Lord Peel proclamou no Parlamento o direito da força, que a França adopta. Emilio de La Plata protestou em nome do direito violado. O parlamento inglez renega as doutrinas cynicas de Thiers pela bocca de Lord Palmerston e de Russell. As forças britannicas recuam. Não tinham se acabado as ultimas tentativas de conquistas europeas sobre o Rio da

capitulamos as tentativas de monarchia que houve na Argentina, e que occupam os titulos do magistral estudo de Saldias, *La Mission Argentina*. Duarte quiz coroar Sarmiento. Garcia veio ao Rio pedir um rei a Lord Aberdeen. Chegava a contentar-se com D. Juan Manuel de Rosas. Belgrano, Rivadavia e Sarratea foram á terra. Queriam dar a corôa argentina a Francisco de Paula, filho de Carlos IV. Valentim Gomes negociou com a França a monarchia. Belgrano chega a redigir um projecto de constituição monarchista. E' ainda no quem quer offerecer a corôa da Argentina a um descendente dos Incas. Lavalle, em dezembro de 1828, dizia a D. Manuel Rodriguez: "*Ya está visto que la republica es una obra de negros, que en nuestro país no pue-*

Rivadavia exerce a presidencia com idéas monarchistas, e, ao terminal-a, em 1830, vai á Europa, á procura de um príncipe. Ainda em 1830 os dictatoriaes pedem a corôa pela bocca de Florencio Varela. E, por isso, ainda depois de 1850, um notavel e oriundo argentino, que é, sem duvida, o

mais arrojado precursor do feminismo na America do Sul, sustenta, em carta a Rosas, já no exilio, que a forma perfeita de governo é a monarchia hereditaria exercida por uma mulher. E' exacto que arrombava uma porta aberta: Rosas queria que Manoelita lhe succedesse. As famosas democracias do Prata nem deante da Lei Salica recuavam!

Se a Republica Argentina tanto se empenhava em adoptar a monarchia, não é justo que se nos lance em rosto a que tivemos. Não houve na America maior republicano que Bolivar. E' d'elle essa phrase: "Os novos Estados da America Hespanhola necessitam de reis com o nome de presidente." O seu conselho foi seguido por toda a America do Sul, excepto no Brasil, que fez o contrario: teve um presidente com o nome de rei.

Alberdi, cujo republicanismo é tambem insuspeito, dizia que a republica na America do Sul não era uma verdade pratica, uma verdade em facto. Achava que era um regimen superior á capacidade das novas nações que se formavam.

Apesar de toda a sua visceral hostilidade a tudo que é brasileiro elles nos poupava as instituições nestas palavras textuaes das *Bases*:

"*El bello ejemplo del Brasil no debe alucinarnos; felicitemos á ese país de la fortuna que le ha canido, respetemos su forma, que sabe proteger la civilizacion, sepamos coexistir con ella y caminar acordes al fin comun de los gobiernos de toda forma — la civilizacion.*"

Como conciliar esse desespero por um monarchia, essa ancia por um throno, naquelles que sempre nos imputaram como um crime o Imperio que nos regia?

Muito facilmente. Não eram as instituições que elles atacavam. Era o Brasil. Era o velho odio peninsular transplantado á America que estava falando. Se já fossemos republica, as increpações tomariam outra forma, porém seriam as mesmas no fundo.

Odio velho não cansa.

Dahi o encherem a bocca os republicanos do Prata (vimos o que essa palavra significava então!) com accusações de imperialismo á nossa diplomacia. *Las instrucciones de Santo Amaro! La mission de Abrantes!* eram interjeições irrespondiveis, argumentos que não admittiam discussões para provar que o Brasil queria ser o algoz das democracias americanas.

MISSÃO SANTO AMARO

Vale a pena resumir o que foram realmente essas duas missões, determinadas pelas directrizes que a politica europeia queria traçar ao futuro das nacionalidades sul-americanas. Quando Santo Amaro foi á Europa, a Santa Alliança dominava completamente o scenario do mundo. Metternich, seu guia, pensava em

transformar as democracias turbulentas da America em quantas monarchias absolutas pudesse. Scientes a tempo dos seus planos, tão opposto ao nosso regimen constitucional e ás nossas tendencias liberaes, mas sem forças para lhes oppor uma resistencia efficaz, procurámos pôr-nos á capa dessa tormenta. A nossa linha de conducta encerrava-se nestas palavras: "Dos males o menor". A nossa grande preocupação era o Uruguay, sobre o qual eram evidentes os planos de absorpção por uma possível monarchia argentina absolutista. Procurámos evitar esse perigo. Se o Uruguay tinha de desaparecer, era mais justo que fosse reincorporado ao Brasil, a que já pertencera. Mas si as grandes potencias a tal se oppuzessem, então que fosse erigido em monarchia independente, sob a corôa de um principe nosso amigo. Nada mais justo do que preferirmos um regimen constitucional ao absolutismo. O plano era tão legitimo, que Rivadavia, que fóra á Europa pelo mesmo motivo, lhe deu a sua approvação.

A MISSÃO ABRANTES

A Missão Abrantes, annos depois, nasceu de uma conjunctura analoga.

França e Inglaterra queriam estabelecer sobre o Uruguay uma influencia de consequencias imprevisíveis, mas que Lord Peel, desfraldando sem rebuços no Parlamento o estandarte da conquista, como direito da força, tornava ameaçadoras. A França seguia-lhe os passos. Florencio Varela, representante de Montevidéo e dos unitarios portenhos, foi á Europa em procura de uma attitude que garantisse a independencia do Uruguay.

Diz Adolfo Saldias que a Missão Abrantes foi resolvida como apoio (*reforza*) á de Varela. Até que ponto? O objectivo de Varela era a creação de um Estado independente, formado de Entre Rios, Corrientes e Missões, sob o apoio da Inglaterra, França e Brasil. O de Abrantes descobrir até onde iam as vistas da Inglaterra e da França sobre o Prata, para apoiá-las ou contrariá-las. Faziamos questão vital do reconhecimento da independencia uruguaya.

Foi a Missão Abrantes uma tentativa de absorpção da antiga Cisplatina?

Responda Adolfo Saldias: "*Verdad es que el Visconde de Abrantes abrio su negociacion sobre la base de la perfecta independencia del Estado Oriental*".

Abrantes foi á Europa quando estava no ar a possibilidade duma solução monarchica. Era justo que buscasse encaminhar a que nos fosse mais favoravel, pela escolha dum principe ligado ou sympathico á nossa dynastia.

Eis ahí o que foram as duas Missões Santo Amaro e Abrantes, que inda ha quem nos lan-

ce em rosto como prova de intentos de pção do Uruguay e de monarchização cana!

Creio ter demonstrado que o grande fim do Paraguay contra nós de que se ergueu um Imperio contra uma Republica não era o senão do odio de raça. Imperio era o Paraguay. Imperios eram a Argentina e o Uruguay, pelagos de imperios caudilhescos cujos ramos se chamavam Guemes, Quirogas, Virasoro, Echague, Rosas, Artigas, Oribe. A nossa monarchia não podia ser parada com essas soberanias feudaes, cuja lei era a vontade de um homem quasi sempre atrozado, inculco e cruel.

Esses mesmos que amesquinham as instituições na hora dos odios eram os primeiros a invejar-as nas horas do raciocinio. O e de Alberdi é eloquente. Em seus pamphletos polemica chiava a diatribe contra o Imperio. Mas, quando arrancou do fundo da consciência como uma offerenda votiva no altar da patria toda a sua sinceridade feita livro, quando esveou as *Bases*, isto é, o prologo da Constituição Argentina, não se pejou e não julgou abando seu republicanismo em confessar que essas instituições eram as mais perfeitas da America do Sul. Por que então tantas vezes o contrario? Pela mesma razão que Bolívar e San Martin. Pela mesma razão que os estetas platinos, que viveram sempre repetindo a fabula das rãs pedindo rei. Pela mesma razão que Rosas, tragico bandido coroado pela horca. Pela mesma razão que Lopez, monthonizado sobre a escravidão paraguaya odio de raça. O odio de raça. O odio de raça. O formidavel ministro de Lopez, D. José Ges, comprehendeu o valor dessa arma. mos contra nós, graças a elle, todos os da America do Sul. A propaganda republicana herdou o argumento castelhano.

Era natural que, cahindo o Imperio, parecesse esse argumento. Mas não. Os tivistas adoptaram-no como meio de extirpar gerações que surgiam a ultima radícula. pudesse embeber em sympathias monarchicas. Agora anda elle por ahí de novo implicando glorificações de Lopez e nas confissões da culpa na guerra do Paraguay. Eu não o ad-

Sob os seus disfarces de americanismo de fraternidade republicana, diviso-lhe a verdadeira identidade de calumnia castelhana.

II

A PROPAGANDA ANTI-BRASIL

Não é de estranhar que no atrozado moto Paraguay se acclimassem como em mais fertil as sementes peninsulares do portuguez, que elle envolvia na mesma

desprezo que o brasileiro, o cambá, o nemacaco.

Quando o Paraguay, se presumiu com foras-
tantes para pretender ao *big-stick* da
sul-americana, contava com um homem
alia por uma legião: D. José Berges.
viu o que era Brasil, verificou o seu pro-
e a sua cultura. Percebeu que era pre-
ahir da mentalidade guarany para nos dar
mbate efficaz. Foi á Europa em missão
al, cujo objectivo, posto em pratica com
habibilidade, força é confessal-o, era lançar
ses de uma vasta campanha anti-brasileira
movesse contra nós as antipathias da civi-
io.

ALBERDI

rauto desse sentimento foi o notavel es-
Juan Baptista Alberdi. Era tão amigo de
Lopez, com quem se correspondia por
dio do ministro Bareiro e de outros, como
Justo José de Urquiza, o enigma vivo de
Rios. O odio de Alberdi ao Brasil era vis-
tanto mais crescia quanto menos provavel
realização do seu sonho dourado: a quêda
Mitre e Sarmiento. Enquanto a politica destes
phasse, Alberdi, que intimamente se lhes
reconhecer inferior — a Mitre no com-
de qualidades pessoas, a Sarmiento na
alidade — não poderia realizar as suas am-
de governar a Argentina, á sombra de
Urquiza e de Solano Lopez.

Dahi as duas grandes preocupações que
absorveram a existencia: provar que o Im-
bragantino, amigo de Mitre e Sarmiento,
uma ameaça á America republicana e que
nos Aires era a inimiga irreconciliavel da
andez Argentina. Os factos se encarregaram
desmentir ambas as asserções. No entanto
escriptor, que sob certos aspectos dá a il-
de grande, mas que o simples cotejo com
e Sarmiento reduz ás justas proporções
mediania, empregou o melhor do seu tempo
actividade ao serviço desses odios, que lhe
trilizaram a vida.

E' exacto, porém, que tantos rancores teve
tantos em troca provocou. Inda hoje, por ex-
plo, o accusam de ter sido estipendiado pelo
Paraguay. A minha tolerancia obriga-me a de-
del-o, a reduzir ás devidas proporções essa
estão de lana caprina. Póde-se dizer tudo
Alberdi menos que foi venal. Seu odio ao
sil, seu odio a Mitre, a sua propaganda
rviam-lhe a actividade. Suas crenças e
ões eram profundas e sinceras. Não as alu-
a, não as vendia. Se o Paraguay auxiliou-o,
deu-lhe meios que lhe permittiram trabalhar,
pagou edições dos seus livros, não fez mais
que o seu dever. E Alberdi, acceitando um
ilio, sem o qual não poderia combater pelas

suas convicções, está livre de qualquer censura.
Póde ser lamentado pela sua falta de outros
meios. Censurado não.

A sua campanha contra o Brasil, provavel-
mente planeada com José Berges em Londres,
onde se encontraram em outubro ou novembro
de 1856, como se vê duma carta de A. Tamber-
lick, irmão do grande tenor italiano, que era
nem mas nem menos que agente secreto para-
guayo, nunca teve remittencias. Não é teme-
rario encontrar ahi a nascente de grandes ani-
mosidades que surgiram contra o Brasil.

Na guerra contra o Paraguay, Alberdi ma-
nifestou-se por este. Muitos de seus patricios
consideram-no trahidor. Não lhe perdoam can-
tar hosannas ao paiz que lhe ensanguentava o
solo da patria. Outros o endeósam. Mas os lo-
pistas do Paraguay como pensam? Elles que con-
sideram trahidores os *Legionarios Paraguayos*
que combateram entre os Aliados, terão o direito
de invocar como seu orago o argentino que com-
bateu pela penna contra a Republica Argen-
tina?

A CABEÇA DO PARAGUAY

A propaganda de Alberdi não estava sózi-
nha. A diplomacia paraguaya, honra seja feita
a Berges, seu grande ministro do Exterior, vela-
va. Elysée Reclus dizia a Eduardo Prado que
poucas cabeças iguaes conhecerá. Interpellado
pelo nosso illustre patricio, cujo displicente cos-
mopolitismo escondia o mais entranhado amor
da patria, sobre as causas da sua animosidade
contra o Brasil, Elysée Reclus lhe confessou que
contrahira na convivencia de Berges, que lhe
prophetizara a guerra muitos annos antes de es-
talar, attribuindo-lhe o designo ao Brasil. Quan-
do ella se declarou pareceu-lhe provada a nossa
iniciativa. Berges era um dos homens mais cul-
tos e fascinantes que conhecera. Tomou ao pé
da letra todas as suas informações. Dahi a sua
campanha pró-Paraguay na *Revue des Deux
Mondes*.

Só se convenceu de quem era Lopez quan-
do soube que mandara assassinar o seu grande
Ministro.

A PROPAGANDA DE BERGES

Berges em 1856 peregrinou pela Europa e
chegou até aos Estados Unidos organizando a
propaganda de seu paiz.

"A antiguidade é, sem duvida, ti-
tulo dos mais respeitaveis, mas não
é o mais respeitavel dos titulos." —
(DE BRACK.)

Nomeou consules homens de real valor como du Graty e Benitez, cuja principal missão era propiciar ao Paraguay a imprensa européa. Os jornaes de Londres, Vienna, Berlim, Hamburgo, Frankfort, Bruxellas e Antuerpia enchiam-se de communicados habilissimos. Alguns denunciavam as nossas intenções de guerra. Não foi pequeno o trabalho dos nossos diplomatas para destruir essa má impressão.

Isso na Europa. Nas nações vizinhas o seu corpo de representantes consulares era de escol. Luiz Rojas em Corrientes, Caminos em Rosario, Brizuela em Montevideo e Feliz Egusquiza em Buenos Aires, tinham ordens illimitadas para comprar a imprensa.

Antes da guerra du Graty e Benitez recebiam recursos sob a fórma de partidas de mate e fumo que logo reduziam a dinheiro. Declarada ella, não havia tempo para isso. Os pagamentos eram nas pesadas *onzas de oro* ameaçadas por Francia. A um jornaleco secundario Berges pagava oito onças mensaes. Antes da guerra recusou certa feita trinta onças a D. Nicolau Calvo. Depois da guerra não as recusaria...

Devemos confessar lealmente que a sympathia do mundo na guerra do Paraguay foi por este. Desde então o mundo já era governado pela imprensa.

Lopez conseguiu obter communicados favoraveis na maior parte dos grandes jornaes europeus. O *Morning-Post*, o *Daily Telegraph*, o *Daily News*, o *Advertiser*, o *Sur*, o *American*, o *Anglo-American Times*, o *Globe*, o *Observer*, o *Werne Zeitung*, o *Frankfurt Zeitung*, o *Bor-sen Halle*, *Evening Star*, *El Pais*, *La Reforma*, *El Pueblo*, *Correspondent* *Schwerin*, *Neue Prussische Zeitung*, *Nordesteche Allgemeine*, lista que inda se poderia ampliar, tinham sido propiciados aos seus interesses pelas *onzas de Berges*.

A inspecção cartographicas dos paizes lembrou a luta de David com o gigante Golias. Corria que haviamos sido os provocadores. Parecia que Lopez tivera o papel cavalheiresco de desembainhar a espada em defesa da republica irmã ameaçada.

A GROSSE BERTHA

Eis sobre o assumpto um documento pe-remptorio e inedito. E' a circular de Berges aos seus agentes do Rio da Prata aos 25 da novembro de 1864.

Não conheço documento mais precioso do que esse. E' a photographia do grande canhão, da *grosse Bertha* guarany com que o Paraguay nos bombardeou durante a guerra.

"Faça as mais vivas diligencias e não olhe a quantia (no ecomise gasto algum) para que a imprensa dahi, ao occupar-se da guerra que es-

tala entre o Brasil e o Paraguay, mostre pathias pelos principios que sustentamos a ambição dum Imperio escravocrata e fesa duma republica irman e das mesmas tuições que nós". Os agentes de Berges taram suas instrucções. Cascatearam as *las onzas de oro* com a effigie de Carló. E o Paraguay assumiu ante os espirito-plistas, envenenados por essa propaganda, duplo papel de redemptor de captiveiro e de ladino do Uruguay.

Os maiores órgãos da opinião deram "realmente esse conflicto se produz entre garchia escravista e a democracia republica a essa balela: "Realmente" exclama R. Não tardou a propaganda de Berges em go o proprio Brasil, onde os olhos de lynce o ranhos a divizaram e denunciaram com o processos de compra.

Já não era o Rio Grande do Sul sensidêa republicana. Vivas inda estavam asções de Piratini, que celebrara em 1837 un-tado com o Paraguay. Pela fronteira do Su-trou a senha de Berges. Entrou com a vidade dos germens epidemicos. Dentro em devia transformar-se em argumento e clava dynastica. "Imperio escravocrata", "manch America republicana", "alcoz do Parag— todo o arsenal de doestos que cobrira Brasil sahiram d'ahi. Eram as *onzas de or* Berges transformadas em diatribes rep-canais.

A "OMINOSA CAMPANHA DO PARAGUAY

A politica interna do Brasil não desden-dessas armas, cuja procedencia ignorava. Os-beraes, cahidos do poder, recorreram ao a-mento de Berges. Moços, que mais tarde minariam no pensamento, deixaram-se conta-por essas cataporas demagogicas. Ruy Bar-e Joaquim Nabuco iriam mais tarde, aqu-verberar a caçada de Lopez, e este procla-que a guerra o interesse humano devia ser Paraguay. Berges podia sorrir do fundo de-cova.

OS POSITIVISTAS

Proclamada a republica, os argumentos Berges extemporaneamente tomaram nova v- Uma escola philosophica, que se avocava a gloria do advento do novo regimen, es-vendo a vida de um grande responsavel p-novas instituições, entendeu fazer da guerra Paraguay o estigma do Imperio. Era pre-dar ás novas gerações motivos de odiar o-sado.

A amor da republica devia nutrir-se do prezo pela monarchia, responsavel pela "o-nosa campanha do Paraguay".

No livro que o Sr. Teixeira Mendes contra a Benjamin Constant (a quem em desacordo com os factos, dá a principio responsabilidade na proclamação da Republica) o *altivo* e *generoso* Paraguay se agiganta sobre o perilloso e interessado Brasil.

Não admira. O fanatismo tem dessas demenciações visuaes. Era preciso um terreno estéril para elevar-se a estatua de uma reputação moldada ao geito da religião e da humanidade com u.

BENJAMIN CONSTANT

Benjamin Constant era um espirito lucido tão nobre como lucido Mas quando se pronunciou sobre a guerra do Paraguay não lhe conhecia os bastidores. Não se dera ao trabalho de correr archivões e exumar documentos. Retinha sem o saber opiniões preparadas pelo Paraguay; servia de eco á propaganda de Berges, e creio que si Benjamin tivesse reunido todos os elementos do problema não o teria resolvido pelo modo que o fez. Si tivesse conhecido o conluio franco-paraguayo, a premeditação de Lopez, a propaganda anti-brasileira, a nossa indeclinavel obrigação de occupar a fronteira uruguaya para evitar a guerra civil, não teria commettido o erro de dar a seu paiz responsabilidades que teve e que diminuiriam as suas tradições de grande internacional, si as tivesse tido.

Teixeira Mendes, navegando nas aguas de Benjamin Constant, continua a desfigurar como a verdade historica.

TEIXEIRA MENDES

Longe de mim accusar de má fé a nobre figura de Teixeira Mendes. Bastaria a belleza belica da sua vida, toda consagrada ao pensamento, no que tem de mais alto e mais arduo, ao dever, no que tem de mais puro e mais interessado, para que eu me inclinasse deante sua figura.

Mas o dever de pensador e patriota obriga-me a ser sincero.

Grande no terreno da sua doutrina, Teixeira Mendes era um observador mediocre, porque só encarava os factos sob um ponto de vista sectario unilateral. Dou que jogasse com os theoremas abstractos, que a seu ver encerram a curva do evoluer humano, com a certeza de um Euler, um Lagrange, ou de um Laplace, seus mestres preferidos. Mas observava lamentavelmente a realidade. Não é preciso grandes esforços para avaliar-o. Sua obra capital se não considera Benjamin Constant positivista orthodoxo (não a mão) attribue pelo menos (disso estou certo) o seu republicanismo á influencia comtistas e ao seu pleno irmanamento com

o Apostolado. Que diria elle si soubesse que Benjamin os tinha pela garganta, que não podia mais supportar as suas impertinencias, que declinava de toda e qualquer solidariedade com elles, excepto nas linhas geraes da doutrina. que mais uma vez commentou as reiteradas suggestões que lhe faziam no sentido de *comtisar* o novo regimen com estas palavras amargas:

"Que me quer essa gente? Por que vivem a importunar-me?"

BAGUEIRA LEAL

Discipulo de Teixeira Mendes, o Sr. Bagueira Leal tem lutado bem mais que aquelle em favor do Paraguay. Só lhe conheço os escriptos por transcripções em livros paraguayos que arrastam o Brasil pela lama. E' d'elle esse argumento cerebrino: "quem nos pediu que libertassemos os paraguayos de Lopez?"

Esqueceu que essa pergunta se podia responder com outra de um deputado paraguayo em pleno Congresso: "Quem mandou Lopez declarar a guerra?"

Mas não. Tal pergunta precisa de resposta cabal. Quem nos pediu que libertassemos os paraguayos foram os proprios paraguayos antilopiztas que exilados ha muitos annos em Buenos Aires, se acolheram á sombra das bandeiras alliadas.

Logo que tomamos contacto com o desventurado paiz, verificamos que as imputações dos Decoud, dos Recalde, dos Itúrburu, dos Machain, dos Lozaiga, dos Jovellanos, dos Bedoya, dos Pineda, dos Perez, dos Romero, dos signatarios do *Protesto* de março de 1865, onde se vêem representadas as mais illustres familias de Assumpção, estavam muito aquem da verdade.

A pedido dos proprios paraguayos e em nome dos deveres mais imperiosos da fraternidade humana, tudo fizemos para libertar o Paraguay do monstro que se nutria do sangue de seus patricios. Chegamos a tempo de impedir que fuzilasse a mãe e as irmãs, cuja sentença estava lavrada para o dia seguinte em Cerro-Corá. Quem nos pediu para intervir no Paraguay foi uma religião que condemna o fratricidio e o matricidio.

Todos os que têm coração pensam como o Sr. Bagueira Leal que os vivos são governados pelos mortos. Permitta-me o nobre vassallo de Clotilde de Vaux que D. Joanna Carilo de Lopez governe os seus pensamentos de positivista orthodoxo sobre o seu querido Panchito, que deve conhecer como ninguém. No infinito do amor maternal cabe o infinito do perdão. A mãe de Lopez perdoou-lhe as oito pranchadas nas costas, o golpe de espada na cabeça e as bofetadas do padre Maiz, a mandado daquelle filho que logo depois a iria abandonar aos soldados in-

migos, atirando-lhe á guiza de alento estas palavras:

"Fie-se de su sexo, señora!" Que diria a mãe de Lopez, senão estas palavras:

"Não. Uma mãe não pôde bemdizer os que lhe mataram o filho, embora salvando-a. Pouco se me dava de viver mais um pouco, arrastando a miseria de uns dias que as visões do fratricídio enlutavam. Mas não posso ter odio á mão que lhe cortou o fio da vida allucinada e sangrenta. Poupeu-lhe ao menos o crime dos crimes: o ultimo aliás que faltava á sua loucura: o crime de matar a propria mãe".

Deixemos essa escola que detrahe a Patria mas tem a vantagem de condemnar ao esquecimento as idéas que esposa. As idéas positivistas têm no Brasil o beneficio da clandestinidade. São como o nosso rapé que gozava da maior popularidade entre os mandarins da China, ao passo que aqui nem se sabia da existencia desse genero de exportação. Conhecemos-as de retorno, graças á divulgação que lhe dão os paizes estrangeiros, e pelos espirros internacionais dos lopizguayos.

ROQUETTE PINTO E MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Alguns escriptores de nomeada fazem-se, contudo, eco da campanha anti-brasileira. Ainda ha pouco, numa solemidade, em que se fez representar o Chefe do Estado, o Sr. Roquette Pinto, nome cercado de merecida sympathia entre os nossos estudiosos, e a quem voto o melhor da minha admiração, proclamava a culpa do Brasil contra Francisco Solano Lopez. Presente se achava tambem o Ministro do Paraguay, cuja discreta e efficiente actuação junto ao Brasil se caracteriza por uma revelia absoluta ás questões escaldantes que se ventilam em torno de um passado de soffrimentos communs. Teria sido de boa inspiração convidal-o a distrahir a sua actividade, até aqui absorvida em seguir as linhas mestras do futuro paraguayo, para o solo vulcanico de uma questão que na sua propria terra não ha unanimidade? — Não me parece?

Apezar de não ser da intimidade do nobre Ministro, sei que se tem sempre abtido de se envolver na questão lopizta. Si lhe somos reconhecidos por um tacto, que honra a diplomacia do seu paiz, para que ensejar conjecturas que podem, a seu máo grado, envolver-o nessa luta ingloria? Supponho, porém, que terá raciocinado, ao ouvir as palavras do Sr. Roquette Pinto, que se o Brasil tee a culpa da guerra, Lopez não foi tyranno e sim um heroe. Ora entre os seus actos, numera-se o assassinio do avô do Sr. Ibarra, depois do indispensavel e costumeiro seviciamento. Estará certo o Sr. Roquette Pinto de que no intimo da sua consciencia o nobre Mi-

nistro do Paraguay approve, esqueça ou perdoe esse acto de pura e requintada malvadez?

Não sei se o Sr. Roquette Pinto encara as instituições decahidas com o mesmo thermidismo agudo do Sr. Medeiros e Albuquerque, formoso espirito que só abdica da imparcialidade ao versar tal assumpto. Creio que não. Creio que não soffre da mesma idiosyncrasia intellectual. Comtudo chega ao mesmo resultado, imperdoavel num homem de sciencia, habituado ás frias analyses de laboratorio.

A condemnação do Imperio em principio é um direito, concedo mesmo, um dever hoje que a analyse esfarelou a sua columna mestra — o Direito Divino.

Mas condemnal-o em globo, sem restricções sem critica, sem investigações, só porque foi o Imperio, é ir muito longe. E' condemnar o Brasil.

Será possivel que tudo fosse errado e desprezível nesses ominosos tempos? Não havia, então, patriotismo? Onde estavam os Brasileiros? Não existiam?

Chegou o tempo da serenidade. Os espiritos imparciaes têm o dever de encarar friamente todo o nosso passado, e deixar de lado a questão dos dois regimens.

Grandes erros teve sem duvida o Imperio. Dissimulal-os é falta de senso critico. Mas também aggraval-os, só porque foram erros do Imperio, não é republicanismo, é cegueira.

Bem sei que ainda ha espiritos, mesmo dos mais altos, que condemnam em blóco o Imperio. Não os acompanho, comquanto mais severo talvez que elles em certos pontos. O meu feitiço não se compadece com os julgamentos em blóco. Não sem *saudosismos sebastianistas* como sem superstições republicanas, quero apenas a justiça e a verdade, naquillo em que ellas nos são attingiveis. A Cesar o que é de Cesar!

Grande é a responsabilidade das gerações que ensinam para com as que aprendem. Pintar o Brasil como algoz do Paraguay, torrial-o odioso ás crianças brasileiras que agora abrem os primeiros livros de historia patria é um crime de lesa-patriotismo, tanto mais abominavel quanto sem base.

Desculpavel não sei se seria, mas comprehensivel era, talvez, que a propaganda lançasse mão desses meios para derrocar o throno braçantino. São humanas as allucinações no calor das pelejas. Como fazer justiça ao adversario que nol-a nega? Mas cahiu a monarchia. A sua restauração é impossivel. Para que insistir na colera sem motivo?

Erguer a heroismo do Paraguay contra a cobardia do Brasil é esviasi de justiça a medulla das gerações que vêm surgindo.

Este vilipendio systematizado precisa ser proscripto da escola, do compendio, do magis-

tero e do jornalismo por todos os meios de reacção compatíveis com a nossa cultura. E' preciso uma cruzada de saneamento critico, para mostrar que esses pretensos golpes contra a monarchia vão attingir o coração do Brasil.

Filhos e netos da geração que morreu no Paraguay, á sombra da bandeira nacional, descendentes desses bravos que foram arrastados ao campo de batalha pelo insulto e pela provocação do estrangeiro, não podemos consentir que se invertam os papeis e que nos transformem de aggreddidos em aggressores.

Seria para descrever no Brasil se essa campanha de negação ethnica, de derrotismo, de sacrilegio que colloca homens e instituições do Brasil Imperio abaixo dos seus contemporaneos paraguayos pudesse calar no animo dos nossos filhos. Se tal se dêsse, estaria perdido o Brasil. Não nos restaria senão leiloal-o.

Um grande movimento de opinião precisa varrer do nosso territorio a vingança posthuma de Lopez — essa calunnia de que fomos nós os provocadores da guerra. O primeiro passo dessa campanha é a revisão do processo, o estudo sereno dos documentos. Quero contribuir para esse plenário, firmado principalmente em autores paraguayos e platinos a que adduzirei alguns documentos ineditos.

Farei a exposição dos factos com toda a serenidade.

A opinião que decida do pleito entre o Brasil e o Paraguay, quanto ás origens e causas da guerra.

III

IMPERADOR ESCRAVOCRATA

Precisamos estudar o grande argumento de Berges, que tanto mal nos fez: o de que o Imperador era escravocrata. Com as suas apparencias de verdade, difficeis de discriminar, mesmo entre os brasileiros, nada nos alienou maior numero de sympathias do que essa allegação com tanto empenho vulgarizada pelo paraguay.

O chefe de um Estado só é respnosavel pelas instituições que encontra ao assumir o Governo na medida em que contribue para consolidar-as ou defendel-as.

Se as combate, seja qual fôr o resultado da luta, varre a sua testada e escoima-se da pecha de connivencia e solidariedade. Não basta portanto inchar as bochechas a affirmar que D. Pedro foi escraocrata, pela evidente razão de que o Brasil no seu reinado o era. E' preciso algo mais: provar que legitimou, defendeu ou tolerou o captiveiro. Tal prova nunca se fará. Factos e documentos decisivos, cada vez mais numerosos, provam exactamente o contra-

rio. Hoje já se pôde affirmar sem ambages que D. Pedro II merece um grande logar na historia da abolição.

E' exacto que não a fez. E' exacto que o captiveiro perdurou no Brasil durante o meio século do seu reinado. Mas mau grado seu. Mas com a sua relutancia. Mas com o seu estigma. Mas com a sua antipathia. Mas com a sua opposição, a principio cuidadosamente velada, no fim quasi sem reboços.

Ah! o habito de resolver á primeira vista por um sim ou por um não os mais complexos problemas! Com isso torna a historia um problema de taboada!

Para se comprehender a attitudo de D. Pedro II é preciso estudar a escravidão sob o ponto de vista brasileiro.

Verificada a impossibilidade de domar o indigena, pelo seu genio instavel, independente e nomadio, não só o Brasil mas toda a America recorreu ao negro, mais laborioso, submisso e radicable. O S. Paulo bandeirante regorgitava de indigenas? Pouca importa. O negro era mais resistente. E glebas e glebas de africanos se despejaram em S. Vicente.

Ao cabo de muitas gerações, fins do século dezoito e alhores do seguinte, o indio desaparecera da equação brasileira do trabalho, cuja incognita se achara no africano. Sobre essa base constituiu-se a fortuna publica e particular. Foi um erro; mas erro foi da época e não dos homens.

Buenos Aires, começo do século XVII numa população de 40.000 habitantes contava 20.000 negros. Quem lh'o pôde imputar como um crime

O PRESIDENTE ESCRAVOCRATA

Os Estados Unidos não tiveram base differente nem de origem mais pura para o prodigioso progresso que hoje ostentam. Tão normal era a escravidão no modelo e padrão das liberdades americanas, tão evidente era a indispensabilidade do negro que o proprio Washington tinha escravos, de que não podia prescindir o seu serviço domestico. Mas ha mais ainda. O grande Lincoln em suas proclamações de 22 de setembro de 1862 e 10 de janeiro de 1863 mandou que os escravos que tivessem necessaria aptidão fossem admittidos no Exercito e na Armada. A' luz do rigorismo verbal que conduz a tantos absurdos, tanto o patriarcho da liberdade americana como o seu grande emulo foram tambem escravocratas.

Ou os presidentes de republica terão contra os adjectivos desagradaveis a immundade que o odio republicano denega tão facilmente aos monarchas?

Não percamos, porém, o fio. Volvamos á escravidão no paiz.

O Brasil viveu do negro desde os albos da nacionalidade.

As plantações de assucar e a extracção de Pão-Brasil, nossa primitiva riqueza, as explorações mineraes setecentistas, que bastariam para a consolidação economica do velho Portugal e no entanto apenas serviram para as prodigalidades joanninas; as extensas lavouras de café que constituíam a riqueza do segundo reinado, obra foram, apenas e exclusivamente, do negro. Negro e trabalho tiveram sempre no Brasil uma fatal e irremediavel synonymia.

Era impossivel separal-os. Assim pensava um dos nosos mais profundos pensadores: o grande Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Chamado ao throno pela abdicação paterna, viu-se D. Pedro II desde a infancia cercado de conselheiros e mestres, imbuidos das mesmas idéas. A' proporção que envelhecia, verificou-as por si mesmo. Admittindo, como tem de ser, si e quizer discutir de boa fé, que a extincção da escravidão desorganizaria o trabalho, produziria um abalo formidavel na fortuna publica e privada e encheria o paiz de ruínas, pergunta-se: podia um chefe de Estado constitucional, opondo-se ás classes que representavam os interesses conservadores do paiz, decretar de um golpe a extincção do elemento servil? D. Pedro II julgou que não. E sopitando os seus impulsos pessoais esperou pelo momento opportuno.

A demora desse momento foi o grande erro do seu reinado, o erro que lhe custou o throno. Tivesse elle logo depois da guerra do Paraguay decretado um emprestimo de duzentos, trezentos ou quatrocentos mil contos para indemnizar a propriedade servil e extingui-la e teria resolvido o problema. Teria creado outro com certeza. Mas mil vezes menos grave.

A INFLUENCIA DA CORÔA

Não o fez. Apesar da *sorita* de Nabuco de Araujo demonstrar que em ultima analyse a Corôa era o unico e verdadeiro poder, immensas restricções soffria este. Como os delgados corleis que em Liliput reduziã Gulliver á immobildade, os laços de mil conveniencias politicas e administrativas tolhiã-lhe os movimentos e peavã-lhe a iniciativa. O seu poder discrecionario em muitos casos era apenas apparente.

Não era um problema tão facil como se affigura a muita gente o de extinguir a escravidão. A grande nação norte-americana só lhe encontrou a solução na formidavel guerra que a ensanguentou por tantos annos. Hoje se verifica que foi precaria tal solução. Os Estados Unidos

ainda estão a braços com o problema negro, que é o quebra-cabeças dos seus estadistas.

Aqui no Brasil ainda em 1889 os abalos da abolição foram terribes. No Maranhão, a familia de um amigo meu possuia um engenho de assucar, cujo valor ficou reduzido a zero, pelo exodo de quatrocentos escravos que empregava.

No Estado do Rio o pae de um dos meus mais velhos e queridos amigos emancipara desde o começo do anno todos os captivos, que lhe trabalhavam na cultura do café, com o pedido apenas de fazerem a ultima colheita. Raiou o 13 de Maio. Nenhum cumpriu a promessa. Foram-se todos. O desventurado e generoso agricultor via a sua lavoura apenhoada de frutos sem ter quem os colhesse. Deitou-se num sofá, contemplando melancolicamente o seu esforço perdido.

Dahi só se levantou para morrer.

Desde 1866, em plena Campanha do Paraguay, D. Pedro II tentava traduzir em actos o seu abolicionismo, com o projecto Pimenta Bueno.

O Sr. Wanderley Pinho com a benemerita divulgação do archivo de Cotegipe que protocolizou cuidadosamente a discussão do elemento servil no gabinete de 16 de Julho, vem entre outras acabar com a lenda de que a vontade imperial não conhecia obstaculos.

Não se conformára o Imperador com o encalhe do seu projecto, cujo unico effeito fôra uma referencia platonica que Zacharias insinuara muito a contragosto na *Fala do Throno* de 1867. Terminada a guerra volta á carga e escreve a Itaborahy a 1 de Maio de 1870, insistindo. "Itaborahy, porém, como todos os seus companheiros de gabinete, resolveu não attender á disposição do Imperador" — diz o Sr. Wanderley Pinho. Quanto á questão escravista, Cotegipe declarou que tocar na principal fonte da nossa riqueza era criar "uma especie de guerra peor que a do Paraguay". Tão radical era o seu modo de pensar "que se opporia até pegando numa espingarda" — lembrou-lhe o Imperador que já o declarara.

Um *post-scriptum* precioso de Cotegipe aclara com uma luz singular o pensamento de D. Pedro.

Eil-o:

"Quando nesta conferencia se disse que a questão de emancipação era semelhante á pedra

"A actual lei de promoções data de 1891 — é antiquada, por isso que tudo se tem modificado, menos ella; é anti-militar por que os seus processos entreteem o espirito politico nos quadros."

que rolava da montanha e que nós não a devíamos precipitar, porque seríamos esmagados, S. M. respondeu que não duvidava expôr-se á queda da pedra, ainda que fosse "esmagado"!

Eis ahí o pensamento intimo do "escravocrata". Preferia perder o throno a vêr subsistir o captiveiro.

Vejamos agora o peso da vontade imperial, na reunião de 5 de Maio. O gabinete unanime declarou "que sua magestade não podia intervir com o peso da sua opinião e contra a de seus ministros em solução dessa ordem".

O Imperador transige. Leva ás raías do sacrificio os escrúpulos constitucionaes. Limita-se a reivindicar os seus direitos de homem e a faculdade que tem de libertar do seu bolsinho as crias dos escravos da Corôa. Insinúa, contudo, que se tem o dever de obedecer a seus ministros, dispõe tambem do poder de demittil-os.

Já se desenha nessa conferencia a perspectiva de um novo gabinete. Dentro de quatro vezes Pimenta Bueno, o coração que pulsou quasi tão perto do seu como Bom Retiro, organiza novo ministerio.

E' a elle que D. Pedro abre o fundo do pensamento, a elle que confia a máguia de ser serido por escravos, com elle que combina a missão clandestina dos que possuem: com elle decide entregar a Paranhos a bussola da nave emancipadora rostida pelo ventaval dos interesses, ameaçados pelos escolhos da desordem.

O IMPERADOR ABOLICIONISTA

Repitamos mais uma vez a nua verdade: o Imperador, quer como chefe de Estado, quer como homem foi sempre e radicalmente partidario da Abolição. Não se enganava o Sr. Oliveira Vianna quando lhe chamava o "grande irradiador de força", na marcha dessa idéa.

Provas! Provas! Ellas enxameam e vamos apresental-as. O primeiro projecto emancipador apresentado por Pimenta Bueno, não era apenas de inspiração imperial, era da lavra da mão, da bocca de D. Pedro II. José de Alencar declarou-o ao Senado sob o mais solenne dos testemunhos, e não houve meios de contestal-o, apesar da celeuma que o facto levantou nos arcanos escravistas.

O projecto Pimenta Bueno era considerado uma brecha na Bastilha negra. Em torno d'elle armou-se a luta dos partidos. Presidentes do Conselho dos mais poderosos, arautos de situações politicas inexpugnaveis tentaram em vão oppor-se-lhe. Cahiam com os obstaculos que tentaram apresentar-lhe. E quando Paranhos em 1870 obteve a passagem da lei do Ventre Livre, não fazia mais do que executar o projecto imperial. Era esse o escravocrata.

Rastreemos de mais perto o seu pensamento. A resposta á celebre mensagem dos liberais francezes, entre os quaes o Duque de Broglie, Montalembert e Victor Hugo, é tambem do punho do Imperador. Affirmando que a abolição no Brasil, é apenas uma questão de oportunidade, não fez senão condemnal-a. Mais ardem contra elle as coleras tribunicias de Ferreira Vianna, que lhe verbera o "pacto de Dantas", isto é, com o gabinete cujo unlemmma era a emancipação.

Esse o pensamento do Chefe do Estado. O do homem, o do brasileiro inda é mais facil de descobrir, apezar dos véus com que a ficção da impersonalidade constitucional o tentava esconder. Antes de 1870, chamou D. Pedro II um bello dia a Pimenta Bueno e mandou que lavrasse a carta de alforria de todos os seus escravos.

Não reflectira ao dar essa ordem, que a sua execução levaria o panico ás classes conservadoras. Era intervir na questão abolicionista. Era abandonar a neutralidade constitucional, que estava adstricto pelo mais sagrado dos sacramentos. Era trair os carucaes da Corôa. Os membros mais notaveis do Conselho do Estado, mesmo os abolicionistas de coração, já se haviam manifestado contra o acto da imperial generosidade. Pimenta Bueno teve a coragem de lembrar-lho mais uma vez. Ante a irreductibilidade dos seus conselheiros D. Pedro II cedeu. "Em todo caso, não quero ser culpado por escravos", obtemperou. E arranjou um piedoso sophisma para realizar o seu plano. Mandou distribuir os que possuia por diversos logares e ahí libertal-os aos poucos, sem bulha nem matanada, com a clandestinidade dum crime.

Uma antipathia visceral, cuja implacabilidade destoava da sua notoria bondade, afastava o Imperador de quantos se tinham envolvido no trafego, ou esposado a defesa dos seus interesses. Aos senhores de escravos nada tinha que censurar. Tinham accettato uma situação de facto, para que não haviam contribuido.

Quanto aos importadores de negros, e seus patronos, não!

Esses eram directamente responsaveis pelo incremento do mal, que as nossas leis procuravam cortar. Nunca lhes perdoaria. Uma série de factos publicos e notorios comprova esses sentimentos do Imperador. Pereira Marinho, na Bahia, fizera-se opulento no trafico. Depois de deixal-o, tudo envidou para ter do Governo uma condecoração, um titulo, uma fita, qualquer cousa enfim que lhe lavasse a fortuna da mancha original. Enbalde. O Imperador nunca transigiu. Pereira Marinho fez-se Conde. Mas em Portugal...

A bisneta dum dos maiores fazendeiros do Estado do Rio, senhora de rara intelligencia, e com bastante espirito para não se melindrar do erro de seus antepassados, contou-me ha dias que seu bisavô preparara regimento a sua fazenda para hospedar o monarcha. Mas importara escravos.

O Imperador declinou da sua hospitalidade, boletando-se num sobrado da villa proxima. E estava-se dum Breves, isto é, da mais influente e opulenta familia fluminense!

Pereira da Silva, o historiador do segundo reinado, cardeal entre os conservadores, poderosa influencia *saquerema*, amigo intimo de Paulino e Itaboraahy, teve um dia, como advogado, de acceitar o patrocínio de um negreiro. Nunca lho perdoou D. Pedro II. Vezes e vezes o nome de Pereira da Silva fez parte da lista triplíce. A escolha de senadores era uma prerogativa imperial. D. Pedro jámais escolheria um advogado de negreiros.

Era injustiça que a Princeza reparou, realizando as aspirações do chefe conservador, que *oposição de sua profissão não podia repellar* horror que o "Imperador Escravocrata" tinha aos negreiros.

LOPEZ, COMPRADOR DE ESCRAVOS BRANCOS

em *Contraposição á sua, a do Presidente da República* em 1843 decretou uma abolição condicional e restricta. Mas essa lei nunca passou de letra morta.

Quem nol-o diz são testemunhas insuspeitas, autores platinos, que affirmam que cincoenta mil "esclavos de la Nacion", foram chamados ás armas contra nós. Só duma feita, depois de Tuyuty, foram alistados outros seis mil "esclavos de la Nacion", nas forças do ditador.

E. Lopez? Era elle pessoalmente infenso a escravidão? Teve ou não escravos? Um documento publicado pelo coronel Mario Barretto, chefe da Secção de Historia Militar do Estado-Maior do Exercito, um dos nossos mais esforçados historiadores, prova que Solano Lopez, mesmo em 1863, negociava em escravos.

Eis o teor da escriptura de compra, que o coronel Mario Barretto publicou em *fac-simile* no *Jornal do Brasil*.

"Receba-se na *Collectoria Geral* a quantia de duzentos pesos com que compro ao Estado a escrava *Salvadora Samaniego*, de trinta e cinco annos de idade, com a sua filha *Gregoria*, liberta, de doze annos, e de oitenta pesos

pela liberta *Manuela Samaniego*, de dezeseite annos, todas da escravatura de Santo Domingo, com o encargo do competente recibo pela resalva
Assumpção, Dezembro, 24-1863 —
(Assig.) LOPEZ."

O documento divulgado pelo brilhante historiador que tanto honra as fileiras do nosso exercito, foi o tiro de misericordia no coração da mentira. O relevo do *fac-simile*, onde a assignatura de Lopez se enrosca sobre si mesma como uma serpente nos seus anneis é mais eloquente que todos os oradores, convence mais que todos os argumentos. Deve ser transcripto em letras de fogo no cartaz com o distico de *escravocrata* que o Sr. Mario Barreto pregou nas costas de Lopez.

Si esse documento de 1863 não basta, temos outro em plena guerra, assignado pelo Vice-Presidente da Republica, chamando ás armas todos os *escravos e libertos da Republica*.

Eil-o:

"*Viva la Republica del Paraguay.*
"Con motivo de que á noche se ha personado el jefe de milicias de Pyrarú exponiendo á la voz en seniao *la consulta de la orden circular de 6 del corriente para el enrolamiento de todo hombre capaz de llevar armas, si habran de comprehenderse los esclavos y libertos de la Republica se hace saber á las Autoridades de campaña encargadas del cumplimiento de dicha orden que quedan comprehendidas en ella los libertos todos, y los esclavos serán libertados por el Tesoro Nacional; á cuyo efecto los mismos funcionarios publicos, formarán luats nominales de dichos siervos, con espresion nominal de sus dueños, y las remitirán á la Secretaria de Gobierno para mandarse abonar sus importes por ser asi conforme á la Suprema resolucion del Exmo. Señor Mariscal Presidente de la Republica; debiendo proceder en le demas según lo prevenido en la citada orden del 6º y la efecto dirijamo copias de esta disposicion en todos los partidos de campañas para los fines fines conseguintes. — Assuncion, Setiembre 9-1866. El Vice-Présidente — Francisco Sanchez."*

Não devem surprehender, porém, esses achados. Era logico. A hypocrisia e a dissimulação acabam por se descobrir. Como poderia o homem que reduziu á escravidão, todo o escol da sua desventurada patria, como poderia esconder que explorava a massa inidentificavel dos anonymos?

O Brasil durante a guerra tinha escravos, não ha duvida. Era uma vergonha que deviamos a uma fatalidade historica. Mas era um nucleo restricto; havia por outro lado homens livres, que usufruiam de todos os direitos, até do de censurar o Chefe do Estado.

O paraguayo não. A condição dos brancos não inscriptos entre *los esclavos de la Nacion* era absolutamente igual á destes. Propriedade, honra, liberdade e vida tudo dependia do presidente. Queria uma casa? Mandava expropriar-a. Queria uma mulher? Mandava buscar-a. Alguem lhe desagradava? Mandava prender. Alguem o contrariava? Mandava degolar ou fuzilar. Exaggeros talvez? Não. Factos e nomes. Quem confiscou a casa de Recalde? Quem mandou prender Pancha Garmendia, ré do crime de desprezal-o? Quem encarcerou Bernardo Jovellano? Quem mandou fuzilar os proprios irmãos?

Que differença entre a nossa escravidão e a paraguaya! Onosso imperante achou-se a braços com um facto que empregou todos os esforços para remover. Quiz fazel-o gradualmente para não abalar o edificio nacional, paradoxalmente apoiado na escravidão, como aliás, o dos Estados Unidos de então. Não o conseguiu. Mas era de coração abolicionista. Lopez, ao contrario, recebeu um facto que fez tudo por aggravar, pela deshumanidade, consolidar pela tortura e generalizar pelo terror. Transformou seu paiz numa immensa senzala. E quando morreu ainda imperava a escravidão no Paraguay. Facto muito esquecido: coube ao conde d'Eu, marechal do Exercito e commandante em chefe das forças brasileiras em operações no Paraguay, a iniciativa de extingui-la. O decreto do presidente Rivarola, que realizou essa medida, é a melhor prova dessa intervenção, que consigna e agradece.

MENTIRAS MASCARADAS

Mitre, o excelso patriota que tirou do chão a Argentina moderna, observava a um amigo: "ha por ali muitas mentiras que correm mundo vestidas de verdades republicanas".

E' o caso das duas declaradas balelas do "Imperador escravocrata" e do "autor da guerra do Paraguay". Relizmente pequeno é o numero dos que dominados por paixões anachronicas querem fazer da historia o tablado das lutas politicas. Grande é, pelo contrario, o numero daquelles que sob a mascara de certas Clio odientas reconhecem os olhos estriados de sangue das fúrias do jacobinismo. Descendentes directas das harpias da guilhotina, das vivandeiras desgrenhadas do Terror, de que Theroigne de Mirecourt legou á posteridade o inolvidavel emblema, elles cantam a *Marselheza*; mas a *Marselheza* que então não é o *pean* das aspirações liberaes, é o cantico sinistro do odio, a marcha funebre do fraticidio, o hymno estereil da discordia.

Vá que o inimigo accusasse o Imperador de escravocrata. Elle encarnava o Brasil. Para fe-

rir a este era preciso feril-o. Mas que brasileiros o façam! Nenhum brasileiro procedeu com mais dignidade na guerra. Nenhum zelou com mais carinho pela honra nacional. Neste particular a sua susceptibilidade chegou aos limites do extremo. Achou insufficiente, como Tamandaré, o desaggravo da nossa bandeira em Montevidéo. Não hesitou em demittir Paranhos, o seu estadista preferido, que pensava de modo contrario.

Não poupou esforços e trabalhos de ordem pessoal para cooperar com o paiz. Nunca partiu da Corte um embarque de forças a que elle não assistisse, confortando soldados e marinheiros, indagando do que lhes faltava, inspecionando tudo, até o rancho de bordo, com extremos de minucia, de que ás vezes se susceptibilizavam os proprios ministros.

Ninguém soffreu mais do que elle as angustias da campanha. Curupaity tirou-lhe annos de vida. Não conheço melhor commentario do que lhe custou a guerra, do que o do Visconde de Taunay e que se pôde comprovar até os seus retratos de 1865 e 1870. Naquelles ainda é moço, em plena robustez, cabellos loiros, respirando vida. Nestes a physionomia vincou-se-lhe de rugas, os olhos perderam o brilho; a barba e o cabello branquearam totalmente; já é um velho. Entre os dois retratos medeara a guerra.

A historia da Abolição no Brasil é a historia do Imperador.

Não lhe devemos esconder o erro. Devia tel-a feito, custasse o que custasse, contrariasse a quem contrariasse, resistisse a quem resistisse. Foi fraco; ouviu os interesses de partido; cedeu á prudencia dos seus estadistas; temeu romper os veus da ficção constitucional do poder moderador. Podia ter extirpado o cancro numa operação violenta mas instantanea. Preferiu os emplastros contemporizadores da transigencia politica. Essa culpa, porém, não foi só sua; com partilha-na, desde Bernardo de Vasconcellos até Cotegipe, os nossos maiores patricios.

Mesmo, porém, em torno desse erro quant grandeza, quanta magnanimidade! E que enorme differença apezar disso, entre as nossas instituições, os nossos processos politicos, a nossa cultura e a de todos os nossos vizinhos.

Tinhamos escravos negros. Era um erro. Mas era da época. Era um crime. Mas que se permittia para evitar outro tão grande — negação da propriedade herdada, que representava o labor dos mortos e a subversão do trabalho. Nós, porém, confessamos o nosso erro e o nosso crime e procuravamos reparar o primeiro e fugir ao segundo.

Mas não tínhamos escravos brancos. Não eramos feitores de senzalas que de Republica tinham o nome. Não representavamos a civilização da faca. Tínhamos sahido da barbárie

Não erigiramos a mentira em dogma político, o terror em systema, o despotismo em lei. Durante o nosso tão malsinado regimen imperial tres governos teve o Paraguay. Vejamos o que foram.

IV

FRANCIA

Grande elle o foi sem duvida. Mas da grandeza do Terror. Entre os dois mysterios que lhe envolvem o berço e o tumulo, e em que tudo são ainda conjecturas, desenrola-se illuminada de sol, a luz de documentos irrefragaveis, a realidade sinistra duma vida de crimes.

Onde nasceu? Não se lhe conhece a certidão de baptismo. Filho dum brasileiro, capitão de artilharia, de nome França, ha tradições que o dão tambem nascido no Brasil, ao norte de S. Paulo. Não seria impossivel. O pai foi chamado de repente a dirigir umas plantações de fumo no Paraguay. Podia tel-o levado pequeno. Mas é melhor não bulirmos nesse assumpto. Que fique como está. Não precisamos aqui dessa "gloria da humanidade".

Como se chamava ao certo? Compulsei-lhe varios autographos. Ora assignava o nome por extenso, ora Gaspar de Francia, ora Rodriguez de Francia. O Velasco só o ajuntou muito mais tarde. Provavelmente para dar uns tons de nobreza castelhana. Só conheço um autor que mencionar esse appellido: Zinny.

José Gaspar Rodriguez de Francia y Velasco é um dos grandes beneficiarios da illusão historica. Carlyle, inspirado nos livros dos irmãos Robertson e de Rengger e Longchamp, ensanchou-o num capitulo celebre.

O genio de Carlyle, inflammado no culto dos herões, domina e convence. Um conjunto de factos, aparentemente irrefreaveis, conspirava em favor do despota. Não proclamara elle a independencia da sua patria? Não adoptara a fórmula republicana? Não diffundira a instrucção? Quanta illusão! Independencia, republica, paz... Tres mentiras para occultar uma só verdade: a tyrannia. Independencia, mas a independencia a escravidão: o escravo livre de todos — menos o senhor. Republica, mas a republica da senala: todos iguaes, mas perante o chicote. Paz, mas a paz dos tumulos.

A independencia e a republica de Francia! Quem não sabe que foram a suprema irrisão?

A revolução franceza disseminara pelo mundo a sympathia pelos seus ideaes. Uma vasta agomachia invadira os espiritos simplistas. Tavia palavras exorcistas. Bastava dizer republica e fugiam as trevas da ignorancia, da escravidão e do obscurantismo.

Francia pronunciou no Paraguay a palavra cantada. Mas se alguém se dêsse ao trabalho

de ir ver no que consistira o seu exorcismo-ficaria estatelado de assombro. A republica no Paraguay era Francia.

Elle era tudo, a religião, a lei, a riqueza, o trabalho. Reduzira os seus vassallos á condição de animaes com apparencia humana, no dizer de um escriptor platino. E chamava republica a essa necropole de consciencias!

Augusto Comte, reduzindo a historia á equação positivista, enthronizou Francia num dos altares da sua igreja e collocou o sinistro caudillo entre os dictadores providenciaes, levando ao Brasil o triste e ridiculo privilegio de endeosal-o, felizmente por um numero infinitesimal de proselytos.

Não tinha á mão um documento, não consultara um archivo, não investigara. Lera Carlyle, que creou um Francia inexistente, um Francia de que os proprios dictadores que lhe succederam se envergonhavam. *Nunca será abogado de la tirania de Francia*, dizia Berges a Brizuela na sua confidencial de 6 de setembro de 1864. Berges era o porta-voz de Lopez. Sua correspondencia official passava toda sob os olhos deste. Essas palavras são o julgamento de Francia por Solano Lopez.

O psychiatria argentino Ramos Meija estudou profundamente a carreira desse epileptico larvado. Dois irmãos loucos mostram-lhe claramente a tara heredo-syphilitica. Episodios da adolescencia patenteiam a sua lesão medular de sentimentos.

No Collegio de Cordoba um collega encontra sobre a sua cama tres lindos *duraznos*. Faz a pilheria, tão innocente entre escolares, de comel-os, deixando os caroços. Gaspar não diz nada. Rumina a gaiatada como si fosse mortal insulto. Prodigiosamente dissimulado, dir-se-ia, até que não percebera a troca. Eis senão quando, um bello dia, encontra de geito o companheiro. Tem na mão esquerda os tres caroços, a peça de convicção, e na direita uma pistola. O réo tem de comer os caroços ou morrer. O companheiro conhecia-lhe a força. Enguliu os caroços. O tigre do Paraguay afiava as unhas.

Um de seus professores deu-lhe uma penitencia. Gaspar não se deu por achado, ao contrario, redobrou de provas de carinho com elle. Lenta e pacientemente durante dois annos remoeu um plano de vingança. O dormitorio do professor era justamente debaixo do seu. Estudou minuciosamente a topographia do quarto e arrancou os ladrilhos de modo a abrir um buraco sobre a cama.

Uma noite estranho estampido despertou os echos silenciosos do Collegio. Um tiro de facamarte alvejara o leito do professor que por feliz casualidade ainda não se deitara. A futura gloria da humanidade dava a medida do que iria ser.

Seus antecedentes em Cordoba são dessa dem. Não transpiraram no Paraguay do seu tempo *et pour cause*. Mas dão a medida do homem.

Nessa estadia collegial adquiriu odio á humanidade que mais tarde iria demonstrar. Astrou á mão de varias moças de familia, sendo sempre repellido. Não esqueceu a injuria. As familias hespanholas, rés dessa affronta, expiaram no carcere e no fuzilamento esse crime de anti-francismo. Data dahi o seu odio aos hespanhões, que humilhou a ponto de só lhes permitir casar com indias e negras. Eis o Franco pre-dictatorial.

Teve dos grandes alienados lucidos a incrível dissimulação. Volvendo a Assumpção fez-se advogado contra os castelhanos. Movia-o o odio. Mas elle o mascarou com o disfarce da protecção aos pequenos. Ganhou assim a sympathia da massa que o elevou ao poder.

Não queria entraves á sua ambição. Rebelliu o jugo da Hespanha e de Buenos Aires. teve socios no poder: fuzilou-os. E fez-se dono e senhor da terra paraguaya.

Encontrou terreno propicio para a sua tyrannia. Os jesuitas, antigos senhores do seu paiz, tinham dobrado a raça autochtone ao mais severo jugo. Só a disciplina podia garantir a sua pequenissima grey no meio de indios, que orçavam por mais de milhão e que mesmo depois das lutas com os portuguezes de Paulo orçavam por esse numero.

O filho de Loyola plasmou a alma informe e selvagem como um barro ductil ao sopro da obediencia. Oleiro habilissimo, deu a esse solo o origem divina. *Deus vult*. A ingenuidade amitica do guarany, o tacto e a intuição dos jesuitas, a sua bondade, a sua pureza, os seus sacrificios, a sua formação moral, com os seus milagres, a confissão, elevada á altura de primeiro dever humano, e de fonte da verdade, tinham creado uma raça que depunha as mãos dos chefes toda a sua vontade, que obedecia de todo o pensamento e de toda a analyse e que punha a sua honra, a sua missão na terra e o seu dever humano em obediencia.

Para essa pobre gente, o governo e a administração tinham nascido do direito divino. Só lhes restava executar os seus desejos. Esse caracteristico racial foi tão profundo que perdurou até o tempo de Solano Lopez. Masterman, cuja obra é a melhor que existe sobre o Paraguay, cita factos. Uma feita, perdido na estrada, dirige-se a um grupo de paisanos falantes de igual a igual. Silencio. Nem um responde, quanto mais uma resposta. Exaspera-se

e grita. Tem tudo o que quer. Gritou? Perencia á raça dos senhores. Só lhes restava obedecer.

Halle, um negociante de tecidos e rendas, vai sahir de Assumpção. Encontra na Alfandega os embaraços de costume. Perde a cabeça, vocifera e ameaça. Os empregados aduaneiros baixam a cabeça. Zangou-se e é amigo d'El Supremo de quem mostra uma carta? — Só lhes resta obedecer.

Vai tão longe a passividade e a disciplina que até nas vascas da morte o guarany não se permite infringil-a. Era muito commum na guerra os nossos soldados dizerem aos paraguayos feridos, ás vezes moribundos, que se rendessem. Queriam salvá-los e evitar heroismos improficuos. Tinham sempre a mesma resposta ás suas intimações: "No tengo orden!" — Até para morrerem num hospital precisavam de licença!

A crueldade de Francia era incrível. Só conhecia duas penalidades: o carcere perpetuo e o fuzilamento. Qualquer motivo frivolo bastava para applical-as. Um pasquim pregado á porta de sua casa, levou Echague ao ergastulo. Um acto trivial da propria irmã, qual o de occupar um soldado num mandalete, enclausurou-a tambem.

Tinha a volupia do soffrimento e do sangue. Carregava por suas proprias mãos os cartuchos dos fuzilamentos, a que assistia das janellas do Palacio; deixando dias e dias os cadaveres insepultos. Dois corvos habituaram-se ás execuções. Rondavam sempre á espera dos lugubres festins, cujo *hors d'oeuvre* eram os olhos das victimas. Eram os seus unicos amigos.

A profundidade do seu pensamento e o seu preparo intellectual são tão verdadeiros como a sua magnanimidade. Duas grandes obras existem de viajantes que o conheceram: as dos irmãos Parish Robertson e a de Rengger e Longchamp. São ambos accordes em attestar a sua incrível atrocidade e os seus nenhuns requisitos de chefe de Estado. Os primeiros o definem nesta simples phrase: *Su ambicion era tan illimitada como su crueldad*. Os dois ultimos deram-lhe a vêr uma antecipação do juizo da posteridade. Mandaram-lhe o seu livro. Francia, escumando de raiva e cheio de tardio arrependimento de não os ter mandado fuzilar, leu pagina a pagina o relatorio dos seus maleficios. Tirou-se dos seus cuidados. Entendeu responder. Dirigiu a um jornal de Buenos Aires uma contestação. Não pôde haver nada mais charro, tosco, elemental e pequenino. Dá a medida do homem. Contenta-se em chamar aos dois inoffensivos viajantes de envenenado.

res profissionais. As suas chalaças são deste jaez: lembra a Rengger que lhe chamavam Juan Rengo. Diz que elle e Longchamp eram companheiros de "gancho e rancho". Contesta uma ou outra futilidade do livro. Mas deixa em silencio todos os crimes nelle pormenorizados, dando-lhes assim a mais cabal de todas as confirmações.

Eis a *gloria da humanidade* que figura no calendario comtista. Eis o sinistro dictador, a quem a terra paraguayana recusou até a honra de dormir o somno eterno no seu seio, que profanára e ensanguentára, exhumando-lhe os restos mortaes e atirando-os ás correntes do rio para que os levasse ao Atlantico, cuja immensidade não era maior do que a sua hedionda malvadez.

D. CARLOS ANTONIO LOPEZ

D. Carlos Antonio Lopez não desmentiria a linhagem de Francia, se fosse seu sobrinho, como querem alguns. Mas não era. Filho dum sapateiro hespanhol e duma india guaycurú, nada tinha de commum com o desposta senão a malvadez. Contudo é preciso fazer-lhe justiça. Collocado no painel central da triptyca em que se retratam os tres despotas paraguayos, elle se destaca pela sua relativa humanidade. Mandou matar pouca gente. Poucos bens confiscou. Não permittia violencias e espoliações senão aos membros de sua familia.

Chegava á sua solicitude pelo bem estar do seu povo a guerrear a usura por todos os meios imaginaveis, e a não permittir o estabelecimento de casas de penhor ou de prego, senão ás suas filhas, boas financeiras, que tambem compravam com abatimento notas desvalorizadas que o Thezouro lhes trocava por moeda sonante. Era um Governo que alguns paraguayos chamavam de patriarchal. Patriarchal, como se ve, na extensão da palavra. Mas, tirante pequenas fraquezas, foi um bom administrador e um estadista que via longe. Conhecendo bem o filho, avisou-o: "Nunca te mettas a liquidar pelas armas nossas pendencias com o Brasil. Confia ao direito a nossa defesa".

Armou formidavelmente o seu paiz, é exacto. Mas principalmente com a orientação defensiva.

Era homem de rara habilidade. Para não despertar desconfianças em Francia, que vislumbra em todos os que excedessem a mediania um successor eventual, simulou por muito tempo uma especie de loucura mansa. Conseguiu salvar-se e subir á presidencia.

Para entroncar nas tradições de hypocrisia de Francia fez declarações politicas de grande alcance no que hoje chamariamos a sua *plataforma*. Assegurou que o Paraguay nunca seria dominio duma familia", o que não o im-

pediu mais tarde de o deixar em testamento ao seu querido Panchito.

Não eram avaros de boas palavras aquelles sinistros autocratas. Vale a pena, pela curiosidade, mostrar como Francia não discrepava dos mesmos principios de prometter exactamente o contrario do que se propunha a fazer.

Trata-se dum documento ao que supponho completamente inedito. E' o discurso de posse de Francia, a 17 de junho de 1811 quando subia ao Governo e se installava a primeira junta paraguayana.

"Ha llegado este exceso al extremo de querer reagrar nuestras cadenas, intentando disponer de nuestra suerte y nuestras personas mismas como quien dispone de un rebaño de ganados, de una hacienda e de una cosa mueble, sin attender a la dignidad y derecho de un pueblo ni a la voz de la naturaleza que clama que los infelices paraguayos ya han padecido bastante en cerca de tres siglos em que han sido indignamente vilipendiados y postergados. Al fin han pasado los desgraciados tiempos de opresione y tyrania. La obscuridad em que yaciamos ha desaparecido y una brillante aurora ha empezado a descubrir-se sobre nuestro horizonte."

Que admiravel eloquencia! Que odio sacrosanto "a la opresion y la tyrania"! Ah! Se Augusto Comte conhecesse essa profissão de fé, o coitado de Frederico estaria desbancado e rebaixado de mez a semana. A idéa porém não seria nova. Um padre houve em Assumpção que, ao fazer o elogio funebre do homem que extinguiu e achincalhou a Igreja no Paraguay, teve a coragem de propor que o mez do seu nascimento, julho, se chamasse Francia. Quando ocorreu a noticia da morte deste, muita gente não acreditou, pensando que era uma armadilha do tyranno para avaliar o conceito de que gozava. Se no Paraguay não tivesse existido um celebre padre Maiz, que nos dá a medida dos abysmos de sabujice a que póde chegar um sacerdote, suporia eu que esse discurso foi dictado pelo medo de que o dictador inda estivesse vivo.

Da cultura e intelligencia de D. Carlos Antonio Lopez, quem lêr Bermejo e Centurion poderá ter a idéa exacta. Da sua compenetração basta a scena produzida por este de uma sua conversa com um rapaz que ia estudar mathematica. O dictador quiz mostrar-lhe que o seu espirito tinha abrangido toda a extensão dessa disciplina. "Oiga, disse elle ao moço. Oiga: lapuerta es mas grande que la ventana y la recta es mais comprida que la curba. Eso es todo el fundamento de la mathematica".

Não admira que na medicina o seu genio de synthese tivesse descobertas iguaes. Todo o forasteiro que chegava ao Paraguay soffria rigorosa inspecção de saude. Mas o dictador

mplificava a prophylaxia como a mathematica. O viajante punha a lingua de fóra. Se estivesse ja ou saburrosa era um homem affectado e o podia desembarcar. A largueza do seu espirito dotava-o da suspicacia dos chacaes e da são dos lynces. Appareceu na Alfandega de assumção certa machina photographica. Foi fechada e posta de lado e aberta com todas as precauções.

Quem é que disse que não podia ser uma machina infernal?

Republicano ás direitas, não admittia distincções entre os seus subditos. Todos estavam sujeitos ao mesmo envilecimento.

Dizem que disseminou a instrucção no Paraguay. Muito se lhe poderia perdoar se fosse verdade. Mas não. A origem dessa balela é que criou escolas em todo o paiz para ensinar o *Catechismo de Santo Alberto*.

Todo o paraguay devia ler e trazel-o de r. A isso se limitava a instrucção disseminada por D. Carlos.

Que era o *Catechismo de Santo Alberto*? Uma arma de defesa creada pelo Bispo de Tucuman em 1784, em consequencia da insurreiçao de indigenas, encabeçada por Tupac-Amaru. Foi feito para escravos, e taes eram os senhores. A segurança dos que os senhoresavam, proporção de um para mil, só podia consistir no dominio absoluto das suas vontades. Como arma de defesa contra esse perigo comprehendendo-se até certo ponto a famigerada carnicaria.

Consistia o *Catechismo* numa serie de perguntas pelas quaes se ensinava aos meninos e meninas as obrigações que um vassallo deve ao rei e senhor, emanação da divindade.

Nelle se estabelece que a delação é o mais stricto dever de fidelidade para com o soberano. Inculca-se-lhe no espirito a inutilidade de serem-se. Peccariam contra Deus em vão, sem proveito algum. Não conseguiriam salvar, de silencio, paes, irmãos, amigos ou superiores, visto como "as proprias aves do céu" se carregariam de levar aos ouvidos do soberano os pensamentos escondidos no mais fundo da consciencia.

Eis ahi o que foi a instrucção de D. Carlos Lopez. Um meio de corromper a juventude, filtrando-lhe desde cedo a idolatria do poder e a abjecção do escravo.

D. CARLOS

Deram a Bermejo, quando desembarcou em assumção, uma casa regular mas inchada de morcegos. Indo apresentar-se ao *Supremo*, foi por esse bem recebido, devido á apresentação de seu filho Panchito, isto é, seu successor Francisco Solano, então em missão diplomatica na Europa. Ao entrar na sala onde D. Carlos o

recebeu, sem cerimonia, com a cuia de mate na mão, observou que sobre a mesa havia, uma cartola branca, signal de bom humor do despota, ao que soube posteriormente. Passadas as primeiras amabilidades, D. Carlos perguntou-lhe se gostava da casa. Que sim, respondeu Bermejo apesar dos muitos morcegos. D. Carlos demudou-se. Soltou um murro em cima da mesa e ordenou ao edecan que chamasse o Ministro da Fazenda. Dentro em pouco apparecia á porta do salão um velho respeitavel. Já tremia de medo, mas quando viu que em cima da mesa estava uma cartola preta ainda, mais empallideceu. D. Carlos metteu-lhe a catana: que era um relaxado, que deixava os morcegos estragarem um proprio nacional; que eram uns idiotas e uns badulaques. O Ministro, aterrado, assentia humildemente: "Si, señor." E retirou-se.

Bermejo, que assistira constrangido toda a scena, volveu para casa, criminando-se de ter dado ensejo áquella reprimenda. Qual não foi o seu espanto quando, ao chegar á sua sala de jantar, viu o ministro da fazenda, de pé no chão e em mangas de camisa, trepado numa escada, de vassoura na mão, a procurar os ninhos dos morcegos.

Dentro em breve outra surpresa lhe estava preparada. Pedindo hora e dia para ir visitar o ministro do exterior, este lhe disse que estava muito occupado, durante os dias mais proximos. Contando a um amigo esse facto, este o levou maliciosamente por uma certa rua. Ahi, ao passar por uma casa baixa, viu elle, pelas janellas, abertas, o ministro do exterior muito azafamado em dobrar e cintar de endereços os numeros do *Semanario*, do *Jornal Official* da terra. Eram essas "*las ocupaciones*" do illustre chanceller, das relações do Sr. D. Carlos Antonio Lopez, segundo dictador do Paraguay.

Não tinha limites o ridiculo orgulho desse guaycurú mal envernizado. Arrogava-se o privilegio de receber de cartola na cabeça e sentado na unica cadeira que havia os plenipotenciarios que o visitavam. Christie, representante da Inglaterra, não esteve pelos autos. Appareceu-lhe de chapéo na cabeça e não se descobriu enquanto o despota não fez outro tanto. Tra-

"O generalato é a viga mestra da hierarchia, exigindo qualidades pessoais não communs; é indispensavel accelerar-se a carreira dos que mostram possuir as qualidades que lhe são primordiaes: — caracter, intelligencia, cultura technica, cultura geral, boa saude."

tava como a cachorros os mais autorizados diplomatas. E' celebre uma conferencia que teve com o nosso representante Amaral.

Esse lhe fazia uma exposição sobre assumpto de interesse reciproco. D. Carlos o interrompeu: Está mentindo! "Miente!" Amaral, surpreso e attonito, estremeceu, mas continuou. Segunda e terceira interrupção: "Miente usted! Miente usted!" Amaral, já senhor de si e refeito da surpresa, continuou, imperturbavel, como se não estivesse percebendo a insolencia. Finda a sua exposição, D. Carlos começou a contestal-a. Ao fim da primeira afirmação, Amaral retrucou, simplesmente: "Miente usted!" D. Carlos não lhe deu tempo de reiterar o desmentido. Mas o nosso representante, que não queria ficar atrás, bombardeou-o com um rosario iterativo de "miente usted". Furioso com esse crime de lesa-majestade, exprobando-lhe o ter faltado ao respeito al Gobierno del Paraguay", D. Carlos exgiu-lhe desculpas. Amaral voltou-lhe as costas, e foi-se embora.

Sejam, porém, quaes forem as lacunas intellectuaes e moraes de D. Carlos, é certo que o seu governo foi o menos deshumano do Paraguay.

Soube administrar. Com o monopolio da herva-mate, amontoou colossaes riquezas. Com estas pagou os formidaveis armamentos, as fortificações e a estrada de ferro estrategica, fiado nas quaes seu filho iria declarar guerra ao

Coronado. Albarði pensa que Inda foi mais covarde do que Francisco. A sanguenta tyrannia desta, que fez morrer de todos os para-

minosos. Poderia desaparecer com elle. D. Carlos Lopez aggravou o mal. Organizou e legalizou a luta contra a consciencia paraguaya. Francia não passava de um homem. Elle foi um systema. Os chins têm o segredo de minguar as maiores arvores, a ponto de fazel-as caber num vaso de jardim. Sabem transformar em anões os gigantes vegetaes. D. Carlos A. Lopez usou de identico processo com a alma paraguaya. Reduziu-a a caber dentro da sua celebre cartola.

FRANCISCO SOLANO LOPEZ

De Francisco Solano Lopez aqui só trataremos a largos traços. Assumiu o poder, forçando o pae, moribundo, a rasgar o testamento em que nomeava seu irmão Benigno para presidir a eleição da vaga presidencial, aberta pelo seu fallecimento. Seus primeiros actos foram desterrar o irmão, dar sumiço a um deputado que ousara manifestar duvidas sobre a lega-

lidade do seu investimento, ante o artigo da Constituição que declara, que o Paraguay nunca deveria ser patrimonio de uma familia. Em seguida encarreirou o padre Fidel Maiz, que, depois, devia ser o mais terrivel dos veredugos que teve a seu lado.

Amaro Barbosa, nosso consul, em officios reservados, descreve o terror de Assumpção, depois da sua posse. A população em peso lamentando a morte de D. Carlos, aterrada ante a imminecia das violencias; a policia vigiando a tudo e a todos; os secretas multiplicados; uma desconfiança reciproca e generalizada, devido ao imperio da delação.

O padre Maiz estranhara que o Congresso, durante a eleição presidencial, estivesse de sentinellas á vista. Um espia domestico accrescentou que lhe ouvira dizer que o repique festivo dos sinos prestes se transformaria em dobres a finados. Foi encarcerado, bem como dois coroneis, muitos officiaes e mais de duzentas pessoas. O commercio todo ficou paralyzado. O juiz do civil, Jovellanos, morreu de fome no carcere. Mandaram autopsial-o para provar que não fôra envenenado. Seu corpo foi remetido para a casa, aberto, sangrento e retalhado. Cumulo de irrisão: mandaram á sua viuva uma conta de 400 pesos por serviços medicos. Essa desventurada senhora chamava-se D. Dolores de Jovellanos. Não sei se é a mesma Dolores Urdapilleta de Jovellanos, que convolou a segundas nupcias com um Sr. O'Leary.

O traço principal de Solano Lopez foi a vaidade. Coronel aos 17 annos, aos 18 general em chefe do exercito paraguayo, plenipotenciario do seu paiz ante as côrtes da Europa, herdeiro presumptivo da dictadura, tudo concorria para leval-o a uma megalomania, que, nos ultimos tempos, se caracterizou no delirio da grandeza heroica.

Mediador na guerra civil da Argentina, acolhido em Buenos Aires, entre palmas e flores, depois que a paz se fez, isso ainda contribuiu para compenetrar-o de que era o arbitro dos destinos platinos. A's primeiras desintelligencias entre o Brasil e o Uruguay, surgiu-lhe logo a idéa de colher em Montevideo as mesmas palmas e flores que em Buenos Aires.

Offereceu a sua mediação recusada pelo Brasil e evitada com subterfugios (que aliás nunca perdoaria), pelo proprio Uruguay. Não se conformou com o alheamento em que o deixaram. Essa presidencia que tanto o mortificava explode como um grito de vaidade offendida na nota official que enumera os motivos porque declara a guerra. O seu pensamento nessa nota diplomatica pôde resumir-se nestas palavras communs: Não admitto que prescindam de mim. Sou bastante forte e poderoso para exigir que

e me ouça em todas as questões do Rio da Prata.

A recusa da sua mediação foi-lhe um doloroso golpe. Sente que fica sem razões plausíveis para intervir em questões alheias. O seu pensamento se confessa na carta de Berges de 1.º de julho de 1864 a D. José Rufo Caminos, Consul em Corrientes:

"Ao menos" (se não fosse recusada a mediação) "ao menos nos acharíamos autorizados a tomar parte na politica que actualmente se desenvolve no Rio da Prata e a deter a marcha do Brasil e da Argentina, que hoje ficam ambos da situação".

E' inutil procurar outro motivo para a sua attitude. A sua correspondencia confidencial mostra que dera ao desprezo as intrigas uruguayas que allegavam uma alliança entre o Brasil e a Argentina para retalharem e dividirem entre si o Estado Oriental e o Paraguay. A determinação para a guerra nasceu apenas do immenso conceito em que tinha os seus dons de Napoleão sul-americano, e da confiança que tinha nos seus recursos militares, na valentia, na disciplina e no fanatismo das suas tropas.

Tão grande era a sua vaidade que tinha medo que a situação do Uruguay se resolvesse sem lhe dar tempo de fazer a grande figura que esperava.

Veja-se a carta de 21 de setembro de 1864 de Berges a Brizuela:

"...si Flores soffre um revez, movem-se os agentes diplomaticos residentes numa e noutra cidade (Montevideo e Buenos Aires) si se pronuncia entre Entre Rios, sem que se faça ouvir a voz do Paraguay, faremos boa figura no mundo". Bella mentalidade! Não queria a paz. Preferia que a America do Sul se conflagrasse e que corressem rios de sangue, comtanto que o Paraguay não perdesse a occasião de fazer boa figura!

Fosse o pensamento intimo de Lopez. Precisava do pedestal duma guerra. Só assim daria que falar de si no Universo.

Suppunha-se humilhado pela revelia em que o deixaram. "La Presidencia" não o deixava dormir.

Berges em carta a Brizuela de 21 de outubro de 1864 é ainda o espelho desse sentimento: *es llegado el tiempo de desechar el humilde rol que hemos jugado hasta agora*.

Declarou a guerra sob a sua responsabilidade pessoal. Convocou uma reunião dos homens entre quem distribuiria os postos mais eminentes do governo. Entre elles todos só havia uma grande cabeça: Berges, o ministro do Exterior. Todos approvaram com entusiasmo a resolução do Mariscal! Só um, pallido, mudo, retrahido, não disse uma só palavra durante a discussão. Era justamente Berges. E'

certo que ao dar o seu voto approvou a attitude de Lopez. Não o fizesse e exporia a cabeça. Mas um observador da scena tirou do seu silencio a illação da sua discordancia e do seu descortínio prophético.

A IMPERATRIZ ELISA

Não se póde reconstituir a psychologia de Lopez sem falar na sua famosa campanheira sobre cujo verdadeiro caracter inda não se disse a ultima palavra. Elisa Alice Lynch casara-se muito moça com o grande Quatrefages. Mas aos dezoito annos já se separara d'elle. Pertencia a excellente familia ingleza de grandes tradições na marinha. Heitor Varella, sob o pseudonymo de Orion, traça-lhe a biographia. Aponta-lhe entre o abandono do marido e o conhecimento de Lopez uma carreira de horizontal de alto bordo com principes russos e figurões inglezes. Mas não aponta nomes. Não merece credito.

Lopez conheceu-a em Paris em 1854. Um bilhete dessa época em papel côr de rosa, encimado pelo seu monogramma, mostra o inicio das suas relações.

Merci mille fois, merci mon Pancho de ton empressement à m'envoyer cet argent, j'acquiescerai en même temps le billet du mois prochain. Je te remettrai ce soir la lettre de mon mari, que je possède.

Adieu, mon Bien Aimé; ne manque pas de venir ton Elisa l'attend avec impatience et l'embrasse de tout coeur.

Paris, 5 Juin 1854."

A carreira fulgurante das duas imperatrizes napoleonicas, Josephina de Beauharnais e Eugenia de Montijo tinham tido como base a sua belleza. Elisa não lhes ficava atraz nesse particular. A finalidade de um destino semelhante já o ella tinha attingido. Era a senhora de um povo sobre o qual tinha direito de vida e morte. Já era imperatriz de facto. Só lhe faltava a consagração official.

A realização do seu sonho esteve imminente. Lopez já tinha um throno erigido no Club Nacional de Assumpção. Encomendou uma corôa imperial cujo modelo está no Museu de Buenos Aires, onde foi apprehendida na Afandega. Lopez, ao que pensam alguns autores só esperava um grande feito de armas para se roar-se Imperador. Teria a America do Sul realizado o romance que então se desenrolava nas Tulherias. Solano I e a Imperatriz Elisa produziriam, no Paraguay, Napoleão III e a Imperatriz Eugenia.

O Mariscal pensou provavelmente tanto a hypothese de ser vencedor como na de ser vencido. Estava certissimo da primeira e devia

estar. Razoavelmente, o Paraguay no primeiro embate devia levar por diante todas as barreiras. O Rio de Janeiro tinha de levar-lhe a guerra a duas mil milhas de distancias. Não estava preparado. Os oitenta ou noventa mil soldados paraguayos a oito dias do Rio Grande por agua e a vinte ou trinta por terra eram praticamente invenciveis. Essa a previsão normal. Mas, se, por uma fatalidade imprevisivel, os seus primeiros exercitos de ataque foram repellidos e aniquilados, isso nada queria dizer. Com o exercito de defesa atraz das suas fortalezas inexpugnaveis e de um territorio desconhecido e intransponivel, devido aos brejos, atoleiros e paludes que o cercam, inda lhes restava o recurso de impôr uma paz, que, graças á impossibilidade de atacal-o, o inimigo se daria pressa em subscrever, tanto para poupar sacrificios quanto para mascarar a sua real impotencia ante os muros da fortaleza paraguaya. blindada da sua couraça de rios, esteros e florestas.

O raciocinio era perfeito. Esteve a pique de realizar-se. Na conferencia que teve com Mitre e Flores, depois de Curuzú, o *Mariscal* começou atirando ao segundo a responsabilidade da guerra por ter conflagrado o Estado Oriental. Flores retirou-se para evitar discussões que poderiam mallograr os resultados do encontro. Mas desde ahí era claro que Lopez sentira a falta da sua couraça. Os alliados queriam a paz, mas exigiam como condição prévia que Lopez renunciasse o governo ou sahisse do Paraguay. Foi a resposta de Mitre. Elle recusou. Mais tarde, quando se sentiu perdido, o diplomata inglez Gould foi solicitado para nos transmittir uma resposta de paz, mediante a cessão do Chaco á Argentina e de toda a margem esquerda do Paraná ao Brasil. Em troca, pediam uma condição: que o deixassem ficar no Paraguay. Recusamos.

Lopez inverteu os factos.

Negou que a iniciativa das idéas suggeridas por Gould fosse sua. Quiz attribui-la ao diplomata inglez. Interpellado pelo governo de seu paiz, este affirmou que a suggestão lhe fôra feita pela gente de Lopez e que só se envolvera no caso por um dever de humanidade, facilmente comprehensivel.

Se Lopez fosse um patriota, não teria feito dos seus interesses e da sua vaidade o grande obstaculo á salvação dos fragmentos do glorioso exercito que inda estava de pé. A fome, a molestia, a nudez, a miseria na sua mais esqualida expressão, todo o cortejo sinistro da guerra, desolava o solo paraguayo. Tudo desapareceria com a renuncia de Lopez. Napoleão, que era

quem era, não se julgou desdoirado pela abdicção. O seu arremedo guaycurú tinha mais orgulho... "Pereça o Paraguay comtanto que eu salve a minha vaidade, se não puder salvar a minha pessoa!"

Eis a traços largos o heróe paraguayo. Vaidade, no principio, megalomania no meio, delirio na grandeza heroica no fim. Um monstruoso orgulho, uma insensibilidade monstruosa, uma fria e monstruosa atrocidade. Nenhum descortinio de estadista. Nenhuma capacidade de sacrificio pessoal. Nenhum espirito de renuncia. Nenhuma preocupação da patria, nas suas imagens humanadas, nas suas corporificações visiveis, no soffrimento dos seus irmãos, na agonia dos seus patricios, no martyrio das mulheres, das crianças, de todo esse pobre povo, cujo heroismo toca ás raia da lenda.

A dictadura tem a sua logica de ferro.

Francia, foi a maior, D. Carlos a menor e Lopez a conclusão do syllogismo paraguayo.

Pela biographia dos seus tyrannos vê-se a barbárie do Paraguay.

O Uruguay, nas épocas correspondentes, muito e muito se lhe avantajava, conquistando talado pelos regulos das coxilas.

A porcentagem de sangue guarany era maior no Oriental do que no Argentino. A civilização deste é um pouco anterior á daquelle. Ainda em fins do seculo XVIII, em Montevideo havia apenas duas casas de material. O resto eram quarenta e tantos barracões de couro. Selvagens, bravios, indomaveis, toda a sua vida se concentrava na faca, unico instrumento de vida, trabalho, ataque e defesa. Com a faca matabam a rez e cortavam o churrasco, de que se nutriam. Não tinham luta pela vida. Os campos regorgitavam de gado. Com a faca tiravam o couro de que fabricavam a barraca. Fizeram-se com ella e com o cavallo. Uruguay e Argentina estavam no mesmo grão de vida pastoril.

Quando começou a guerra, injusto seria, porém, negar que estava expirando esse periodo. O caudilhismo anciava por largar a crysallida. Os seus typos representativos, arrastados pelas idéas civilizadoras, estavam nos ultimos arrancos. Flores inda era um caudilho. Mas na sua alma primitiva já transluziam, em clarões de intuição, idéas de civilizado. Tanto elle como Urquiza pagaram com a propria vida essa tentativa de subtrahirem-se ao meio. O caudilhismo não lhes perdoou a deserção dos seus arraiaes. Assassinou-os a ambos. A Providencia permittiu que fosse traçado com sangue das suas arterias o decreto que aboliu a Era dos Caudilhos.

V

FRONTEIRA URUGUAYA

Provocação da Guerra

A ACCUSAÇÃO

A accusação capital contra o Brasil na guerra do Paraguay é que fomos nós que a provocamos. Allega-se que foi em defesa do Uruguay, cuja independencia ameaçavamos, que os surgiu pela frente, capitaneado por Lopez, imperio Guarany. Seja. Esqueçamos o apremio do *Marquez de Olinda*, em plena paz, com um tal desprezo pelo Direito das gentes, que por elle já se podia medir o calvario de Carreiros Campos e seus companheiros.

Acceitemos a affirmação de Alberdi de que Montevideo era o Paraguay. Estudemos a nossa attitude no Uruguay. Mas antes lancemos uma lista de olhos sobre a situação do Rio da Prata a época.

O PRATA ÀS PORTAS DA GUERRA

Na Argentina, mal se fechavam as cicatrizes do caudilhismo e das lutas civis.

Mitre, seu presidente, cercado de inimigos internos, precisava lançar mão de todos os recursos da habilidade, para que não ruísse por terra a construção nacional apenas esboçada. Fraca e dividida, a Argentina de então bem longe estava de ser a Rainha do Prata. Exteriormente, não era melhor a sua situação. O Paraguay não fazia cerimonia para accusar a e embaraçar o seu commercio, de que tinha a unica porta. Urquiza, sempre de turra com Buenos Aires, não se conformava com a supremacia desta.

Não era mysterio para ninguem que todos as suas inclinações intimas eram por Lopez, seu amigo, e compadre. O Uruguay não perdoava a Buenos Aires a homogenia do estuario, nem a posse de Martim Garcia. Só o Brasil, o alliado de Monte Caceros, lhe estendia a mão leal.

Urquiza, da sua estancia de S. José, massacrando o freio, mal tolerava o jugo de Buenos Aires. Embora paradoxalmente houvesse contribuido para derrocar a dictadura de Rosas, toda a sua propensão era pelos seus principios. Ainda era uma grande força politica: podia levantar facilmente um exercito de doze mil homens. Entre Rios estava sob a sua suzerania. Corrientes, presidida por Lagrana, á mercê da sua primeira invasão.

Era seu antigo alliado. não gostava do Brasil. Um dia, em carta a Mitre, qualificou de odiosa a idéa de uma possível alliança com o Brasil. Teve a resposta nas buchas. Mitre lhe

retrucou quanto, pelo contrario, fôra gloriosa e util á Argentina a nossa cooperação em Caceros, justamente ao lado delle, Urquiza, que então prestava os maiores serviços ao paiz.

O Uruguay, sob o dominio dos *blancos*, exaltado, sentia trepidar, á distancia, os cavallos da invasão *colorada*. Ameaças de tempestade rondavam pelos ares. Só o Paraguay, cujas forças e cujos recursos eram a grande incognita sul-americana, menos para os *blancos*, parecia livre de qualquer competencia e isento de qualquer pretensão. A nossa diplomacia, cochilando, levava á conta do incuravel delirio de grandezas do seu despota, a intensa propaganda pela qual o Paraguay se fazia enaltecer no estrangeiro.

O EQUILIBRIO DO PRATA

A linha mestra da nossa politica no Rio da Prata estava traçada por Paulino José Soares de Souza e Honorio Hermeto Carneiro Leão. Queriamos o equilibrio do Prata. Precisavamos da Independencia do Uruguay. Os dois pratos da balança platina eram a Argentina e o Paraguay: queriamos que servisse de fiel a pequena Republica do sul.

"O dever do Brasil, dizia Paulino, era concorrer para a pacificação do Uruguay e para o estabelecimento e manutenção de um governo legal; ajudal-o a levantar-se, a reorganizar as finanças, consolidar sua ordem e independencia, a fazer desaparecer, mediante alguns annos de paz, a influencia dos caudillos. Só assim seria possível extirpar o mal pela raiz.

Paraná inda é mais incisivo: "É uma questão de gloria e importancia para o Brasil impedir a dissolução do Estado Oriental, salvá-lo e fortalecer a pacificação e a nacionalização desse Estado. Não conheço um só estadista brasileiro que não repilla com horror a simples idéa da incorporação do Estado Oriental ao Brasil. Todos elles comprehendem bem a impossibilidade de se fundar nacionalidades tão distintas. Todos sabem que é um interesse brasileiro a conservação do Estado Oriental como Estado intermediário."

A fronteira gaúcha não nos devia normalmente preoccupar. Muitos riograndenses tinham cooperado com Artigas para a sua independencia. As incursões predatorias, mais tarde chamadas *Californias*, não tinham caracter politico.

Uma boa politica de fronteira havia de tingui-las. Deveriam os paraguayos receia nossa parte designios de conquistas? Seria erro palmar. Tinhamos abandonado ha muito aspiração de dar por limite ao imperio a margem esquerda do Prata. O sonho de D. João VI evanecera-se. D. Pedro I convencera-se de que era um erro a annexação da Cisplatina. E exacto que, quando Metternich e Castlereagh

pensaram implantar no Prata monarchias absolutistas, chegamos a admittil-a de novo como preferivel a nma monarchia argentina protegida pela Santa Alliança. Mas mesmo assim resalvamos que preferiamos a independencia do Uruguay, sob a corôa de um principe nosso amigo. Tinhamos comprehendido que já havia no Uruguay um espirito de nacionalidade que ninguem conseguiria assimilar.

Calogeras, numa profunda e concisa observação sobre a politica de D. João VI, a politica annexadora, diz que "não tinha o menor êlo com a tradição realmente nacional da conquista dos bandeirantes". Não podia explicar melhor o pensamento profundo que fez o segundo reinado abandonar velleidades sobre o Uruguay.

Por que tentarmos modificar o mappa sul-americano? A lei suprema das nações é o interesse. O nosso estava no equilibrio platino. A expressão pôde afigurar-se abstracta. Mas é realmente concreta. O que ella significava para o Brasil entra pelos olhos a dentro: era a differenciação das tres nações platinas, pelo espirito nacionalista peculiar a cada uma; era a formação de tres nacionalidades que na prosecução dos seus destinos se afastariam cada vez mais da idéa de um grande imperio hispano-americano, que constituiria perpetua ameaça para o nosso.

A missão geographica do Uruguay era providencial para nós. Servia de tampão e de trincheira ao Brasil como á Argentina. Entre as duas susceptibilidades e os dois orgulhos fazia o papel da pasta de algodão que impede o choque de dois crystaes.

Por outro lado o Paraguay impedia a marcha argentina para o norte, o sonho de Puyrredon, e isolava as antigas provincias do Vice-Reino da tutela de Buenos Aires, talvez desejosa de rehavel-as para a realização de um plano que não podia deixar de intimidar-nos.

Em 1864, apesar de revoltas interiores no Uruguay e na Argentina, as grandes linhas internacionais dos paizes platinos pareciam fixadas. Nada tinhamos que desejar ou temer. De que esse equilibrio era o nosso *desideratum* as provas são irrefutaveis. Quando o Paraguay se sentiu ameaçado pela Argentina estivemos ao lado d'elle. Mandamos a Assumpção Pimenta Bueno para dar-lhe mão forte. Fornecemos-lhe não só officiaes que instruíram as praças como Hermenegildo Porto-Carreiro, o primeiro instructor do exercito paraguay, a quem Solano chamava de *mi maestro*, senão ainda os officiaes que fortificaram Humaytá, muitos dos quaes ao depois cahiram victimas das proprias lições.

Villagran Cabrita fôra mestre de artilharia de Briguez. O discipulo aproveitou. Um tiro de canhão apontado por elle, e tão sobre-

scriptado como o de carabina que prostou Menna Barreto em Peribibuy, agradeceu-lhe o ensino.

A nós principalmente deve o Uruguay a sua independencia. Elle dirá que a conquistou por suas mãos, na Campanha Cisplatina. Seja. Mas essa independencia precaria, ameaçada por vizinhos poderosos da mesma raça, nós depois a mantivemos e asseguramos. Depois de Ituzaingó as instrucções de Alvear não lhe ordenavam que de modo nenhum reconhecesse a independencia do Uruguay.

A Argentina tambem nos devia grande auxilio na causa da sua libertação que data de Caceres. Mitre lembrou-o duramente a Urquiza quando este (que sempre inquiria ansioso da opinião de Rosas, a seu respeito), deixava por escripto a prevenção que a sua alma primaria nos tinha. Mal refeita da guerra civil, enfraquecida por mil dissensões, tudo tinhamos dado aos libertadores de Buenos Aires — o sangue dos nossos soldados e o calor da nossa sympathia — sem nada pedir em troca.

Lutamos pela independencia do Paraguay contra a Argentina. Lutamos pela independencia da Argentina contra Rosas. Lutamos pela independencia do Uruguay contra Oribe e Rosas. Por que desejaríamos uma conflagração do Rio da Prata? A que titulo? Por que bullas? Com que interesse?

A grande campanha, encabeçada por Alberdi, criava um ambiente de hostilidade ao Brasil. Por outro lado servia de traço de união entre os seus rivaes: Lopez e os *blancos* extremados do Uruguay. Mitre não tinha e nem podia ter pretensões internationaes. Queria que o deixasse em paz para organizar a Argentina. Urquiza chimarreando esperava a vêr no que davam as modas.

Foi nessa occasião que estalou o conflicto uruguayo-brasileiro. O Brasil nessa época, tranquillo e despreoccupado quanto ás relações internationaes não contava mais de 16.000 homens no seu exercito, a prova provada de que não tinha ambições territoriaes.

A FRONTEIRA URUGUAYA

No Uruguay, sob as presidencias de Berro e Aguirre, as fronteiras rio-grandenses começaram a dar-nos motivos de desgostos. Os *blancos*, partidarios daquelles chefes de Estado, insistem em exterminar os brasileiros da fronteira.

Os escriptores uruguayos inda hoje argumentam com a reciprocidade de attentados. Puro sophisma. E' a reproducção de um argumento de Juan J. Herrera, que Saraiva esmagou. Apresentavamos listas e listas de brasileiros assassinados nas fronteiras, de escancias incendiadas, de extorsões de dinheiro e gado,

affronta feita á nossa bandeira. Herrera trucou que brasileiros faziam outro tanto com orientaes.

Saraiva provou que quanto a crimes de brasileiros só se tratava de quatro casos occorridos entre particulares e que o nosso Governo os jurara tão a sério que num delles o autor, levado aos tribunaes, fôra condemnado á morte. O emtanto os crimes de orientaes contra brasileiros, além de muitas vezes mais numerosos, eram praticados por agentes e commissarios de policia, cujo actos acarretavam a responsabilidade de governo. Não havia pois paridade de tuações.

Os attentados contra brasileiros multiplicavam-se. Estes armavam-se. No que iria dar essa ordem de coisas? Era preciso evitar mal maior. O Uruguay não intervinha para refreá-los? Fal-o-ia o Brasil, custasse o que custasse. Quando por mais não fosse, para evitar uma guerra irresistível de rio-grandenses que, sentindo-se perseguidos pelos *blancos*, fossem buscar protecção nas hostes *coloradas*, por um sentimento de defesa instinctivo, se quizerem legítimo e inevitável, mas cheio de consequências funestas.

FRAQUEZA DO GOVERNO BLANCO

Não era o Governo Uruguayo que ordenava essas matanças de brasileiros. Seria injusta essa accusação. O seu crime era outro: era o de tolerá-las e procurar encobri-las com pretextos irrisorios.

Tratava-se de um Governo fraco. Seu principal ponto de apoio estava nos cabecilhas da fronteira. Castigá-los ou mesmo contê-los estava acima das forças de um poder, que sem elles não podia subsistir. Na nota de Herrera, de 22 de Outubro de 1863, em resposta á enumeração das violencias do General Diego Lamas, se diz que o Uruguay "não accêita a responsabilidade desses abusos nem dos muito maiores que se lhe seguirão".

Dominava o Estado Oriental o Partido Blanco, cujos corypheus eram las Carreras, Herrera, Lapio, Nin y Reys e Sagastume. Odios de rara intensidade lavravam entre *blancos* e *colorados*. O morticínio de Quinteros em que foram degolados cento e trinta e cinco *colorados*, que haviam recebido por escripto garantias de vida, separava os dois partidos por um rio de sangue.

Um estado de revolução latente lavrava pelo paiz, que sentia a sombra de Flores, chefe dos *colorados*, impendente aos destinos nacionaes. A Argentina abria-lhes os braços. Mitre, a quem auxiliara decisivamente nas batalhas de Pavón e Cepeda, e Gelly, seu Ministro da Guerra, eram suspeitos de favorecel-o. Como afastar o perigo da intervenção argentina aberta ou dissimulada?

— Reduzindo Mitre á necessidade de tambem defender-se elle proprio. Foi o que pensou o grupo exaltado dos *blancos*. Para poderem engulir Flores era preciso engulir Mitre.

O Brasil e o Uruguay

O DILEMMA DO IMPERIO

Facil é, sem estudar o ambiente e a pressão dos acontecimentos, increpar o Imperio de falta de tolerancia, e de precipitação. Mas quem se der ao trabalho de estudar a época terá de se convencer de que elle chegou ao extremo da longanimidade.

Realmente. Nunca passou pela cabeça dos nossos estadistas que uma reclamação no Uruguay pudesse arrastar-nos á Guerra.

Zacharias dizia a verdade, ao exclaimar no Senado que ella o enchera de espanto. O Imperio não desejava nem a intervenção no Uruguay quanto mais o conflicto. Os *blancos* eram nossos amigos. Olhávamos a Flores com certa desconfiança. Surge, porém, de um momento para outro esse terrível dilemma: ou o Brasil intervém no Uruguay ou o Rio Grande do Sul entra em guerra com este.

Os gaúchos da fronteira podiam levantar um exercito de seis ou oito mil homens aguerridos. O Governo Imperial teve a certeza que o fariam. A missão do general Netto não foi senão um verdadeiro *ultimatum* dos rudes e destemidos filhos do Sul.

Se depois da intimação gaúcha o Brasil não se decidisse a intervir, teria de arcar com uma guerra civil, em que toda a razão estaria com os revolucionarios. Cedeu. "Antes a guerra com o estrangeiro do que a guerra civil", diria mais tarde Saraiva.

Tanto recalcitrou o Governo, tanto remaninchou, que ainda hoje escriptores insuspeitos como Bormann lh'o censuram. Dessa exposição lisa dos factos resplende a prova de que o caminho escolhido pelo Imperio era o unico a seguir.

OS BLANCOS EXTREMISTAS

Os *blancos* resolveram curar a sua fraqueza interna por uma alliança externa.

Lapido Herrera, Nin y Reys, las Carreras e Sagastume trataram de organizar um bloco com o Paraguay. Entre Rios e Corrientes. Formado elle, isolado ou vencido o governo de Mitre, dictariam leis ao Brasil. O resultado da campanha não podia ser duvidoso. O formidável exercito de Lopez levaria sózinho de vencida o pequeno exercito argentino. Quanto mais

auxiliado pela irresistível cavallaria de Urquiza!

Era esse o plano: destruir Mitre para impedir Flores. Um incidente veio tornar urgente a sua execução. O Brasil, cansado de reclamar, enviara uma missão especial a Montevidéo para pôr fim á perseguição de seus filhos fronteirizos. Estes eram fatalmente attrahidos pelas fileiras de Flores, pensando, e com razão, que era melhor morrer combatendo do que de braços cruzados.

Os *blancos* extremistas redobram de actividade junto a Lopez. Não havia vapor que subisse o Paraná que não lhe levasse notas, officios e portadores especiaes — os celebres *chasques* — insistindo pelo seu apoio e levando noticias tendenciosas, destinadas a precipitar-lhe a resolução. Foi então que o Brasil mandou a missão Saraiva.

A MISSÃO SARAIVA

O enviado do Brasil era o typo de moderação, da veracidade e do bom senso, qualidade que levou ás raias do genio. Já era então uma das nossas grandes figuras politicas. O seu nome era uma garantia e um programma.

Dera-lhe o governo ordem de apresentar ao Uruguay um *ultimatum*, cujas principaes exigencias eram o castigo dos delinquentes, até ahí impunes; a indemnização da propriedade extorquida aos brasileiros pelas autoridades civis e militares da republica; a destituição e a responsabilidade dos agentes de policia criminosa; a libertação dos brasileiros engajados á força no exercito.

O presidente Aguirre recebeu com desconfiança a Saraiva. Máo grado a cordialidade das primeiras notas trocadas, em conversa intima queixaram-se tanto elle como Herrera, seu ministro do Exterior, da extemporaneidade da Missão, que vinha justamente num periodo em que a republica se debatia em toda a sorte de difficuldades. Note-se, porém, que para apuração das nossas queixas já havíamos proposto a nomeação de uma Commissão Mixta uruguayo-brasileira, o que foi recusado. Só nos restava o *ultimatum*.

Chegando a Montevidéo, Saraiva convenceu-se de que a omissão de providencias em defesa dos nossos patricios da fronteira era menos filha da vontade do governo do que da sua fraqueza. Só um recurso se lhe antolheu capaz de remediar a situação: a fortificação desse governo por uma pacificação geral.

O meio mais habil para esse escopo era, sem duvida, afastar da administração os nomes que nelle se ostentavam como uma bandeira de

guerra, os extremistas, os exaltados. Uma reorganização ministerial, se tal nome não é excessivo para a substituição de dois ministros daria ao paiz e ao estrangeiro arrhas de lealdade.

A ACCEITAÇÃO DA PROPOSTA

Estava fóra da questão a permanencia dos *blancos* no poder. Seu supremo representante official, o presidente Aguirre, teria de continuar.

O que se lhe pedia, no seu proprio interesse, é que *dentre os seus proprios correligionarios* escolhesse os mais graduados pelos seus requisitos de tolerancia, cordura e magnanimidade.

Havia, é certo, um grande estorvo a remover: Flores, o chefe dos colorados, que desembarcara em territorio oriental desfraldando a bandeira revolucionaria. Flores estaria pelos autot? Todos pensavam que não. A sua victoria parecia infallivel. E' o proprio Sarmiento quem o affirma.

Mas Saraiva não se deu por vencido. A Inglaterra e a Argentina desejavam, tanto a paz como o Brasil. Seus representantes Thornton e Elisalde secundaram as vistas de Saraiva. Encontraram-se os tres com Flores no *Rincón de las Gallinas*. Pediram-lhe que não conflagrasse o seus paiz. Requereram-lhe o auxilio para a pacificação. Flores, a troco do seu concurso, pediu a pasta da guerra. Saraiva repelliu essa condição como inaceitavel pelos *blancos*.

Flores, bem a contra gosto, teve de acceder e de aceitar a convenção de Saraiva. Este não hesitaria em garantil-a pelas armas, mesmo contra Flores.

Nada tinha de humilhante essa proposta. Aguirre aceitou-a depois de convencer os companheiros da sua conveniencia. Baixou um decreto em que a deu por aceita.

RECÚO DE AGUIRRE

Eis senão quando, apesar desse decreto, surge uma noticia inesperada: a de que Aguirre volta atraz. Flores recebe uma carta delle. Pensa que lhe traz o congraçamento. Abre-a. Traz uma ordem laconica para entregar as armas.

"Nova lei de promoções — será completar-se a obra das escolas e fundar, em bases solidas, o edificio da defesa nacional."

Nada mais havia a esperar: Saraiva, perdidas as ultimas esperanças, apresenta o *ultimatum*, que, por seu proprio alvedrio, retivera tanto tempo. Qual a causa do recuo de Aguirre? A certeza de que o Paraguay interviria em seu favor. As noticias recebidas de que a mobilização do exercito de Lopez estava prompta. O desvanecimento das ultimas duvidas sobre o seu soccorro.

Não estamos no terreno das conjecturas.

Os *blancos exaltados* queriam a guerra contra o Brasil. Tinham-na premeditado. "A guerra está de pé", escrevia Herrera ao seu encarregado de negocios no Paraguay, a 4 de setembro de 1863. Eis porque o Uruguay recusou o accôrdo da pacificação. Era elle humilhante? Não, visto que o presidente Aguirre o ratificou. Não, porque teve o apoio de Lamas e Castellanos, que, patriotas de escol. não o teriam acceitado se elle pudesse ferir o melindre nacional. A nossa attitudo era apenas de neutralidade vigilante. Não tinha o character de imposição e desafio, que a demagogia blanca, senhora das ruas de Montevideo, lhe imprimiu.

A OCCUPAÇÃO URUGUAYA

Aguirre, depois da intimação do *ultimatum*, ainda tentou entreter Saraiva com entendimentos, que não visavam senão ganhar tempo. Saraiva retirou-se, sendo substituido por Paranhos, a quem apoiava Tamandaré.

Deu-se o choque inevitavel. Occupamos Salto. Expugnámos Paysandú, defendida por Leandro Gomez. Quando Montevideo soube da nossa victoria, exasperou-se. Mais ainda quando soube que Leandro Gomez fôra assassinado. Um chefe oriental, Goyo Suarez, fôra o responsavel por esse barbaridade. Mas a imprensa blanca nol-o imputou, para exacerbar os rancores contra nós.

Cumpramos lembrar que Leandro Gomez, prisioneiro, só foi entregue a seus patricios a seu pedido. Tinha mais confiança nelles do que nos brasileiros, que odiava. Mal o tiveram a mão, os orientaes passaram-no pelas armas. Nossa indignação foi tal, que immediatamente libertámos os outros noventa e dois officiaes que tinhamos aprisionado.

ARGUMENTOS CONTRA A MISSÃO SARAIVA

Em contraposição ao que affirmamos, surgem tres argumentos:

Primeiro, que derrubamos os *blancos*, para dar o poder aos *colorados* de Flores; segundo, que as nossas sympathias eram por Flores, em cujas forças havia grande numero de riograndenses, e terceiro, que desrespeitamos a soberania e a independencia do Uruguay.

A DERRUBADA DOS BLANCOS

Facilmente se contestam as tres affirmações. A missão Saraiva, como disse Paranhos no Senado, tinha apenas dois escopos: *manter a nossa neutralidade e obter a pacificação*. Demos aos *blancos* todas as garantias; puzemos a espada ao peito de Flores, para obrigar-o a transigir quanto ás suas pretensões ao governo; conseguimos consolidar o governo de Aguirre, que se tivesse chamado para o ministerio D. Andrés Lamas e D. Florentino Castellanos teria o triplice apoio da Inglaterra, da Argentina e do Brasil contra os proprios *colorados*. Que especie de protecção era esta?

Não tivemos culpa de que Aguirre recuasse no caminho da paz, baldando os nossos esforços, que Flores coadjuvou com absoluta lealdade e com um patriotismo tal que se promptificara a depor as armas da victoria infallivel. Mesmo assim, mesmo depois de ludibriados pelos *blancos* não chegaríamos ás ultimas.

Só depois que Lopez nos declarou guerra, só depois que Tamandaré se precipitou para Paysandú, é que acceitamos a alliança de Flores a quem até ahi as nossas notas diplomaticas chamavam de *rebelde*. São factos indiscutíveis. Onde a nossa preocupação de derrubar os *blancos*?

SYMPATHIAS POR FLORES

A allegação das sympathias do governo imperial por Flores, na época em começou a questão uruguaya é desmentida por facto notorio. Quando os *blancos* em 1855 o derrubaram da presidencia da Republica, embalde elle correu ao nosso auxilio.

Fieis á nossa tradição de não intervir na politica interna dos vizinhos, cruzamos os braços ante sua queda. Reconhecemos o governo *blanco* que substituiu. Não nos limitamos a reconhecerlo: fomos em soccorro da sua triste situação financeira mediante emprestimos desinteressados. Gratos á nossa attitudo, os *blancos* nos tinham como os melhores amigos sul-americanos.

Essa cordialidade para connosco só desapareceu quando a exasperação demagogica caudilhesca, que se pôde incarnar talvez em las Carreras começou a dominar os governos *blancos*. O grupo mais esclarecido e ponderado desse partido, grupo que se pôde incarnar em Villalba e no proprio Berro resistia a todo o transe a essa pandilha que se apoiava nos desordeiros de Montevideo e nos facinoras do exterior. A breve tempo os cabecilhas do extremismo se convenceram que esses elementos inconfessaveis não bastavam para assegurar-lhes o dominio do proprio partido. Voltaram-se

para Lopez. Inimigo dos *blancos* moderados, que se podem symbolizar na grande figura continental de Andrés Lamas, o caudilho paraguayo dar-lhes-ia a ascendencia definitiva que lhes faltava no seio do seu proprio partido.

Na politica do Uruguay o nosso grande amigo foi sempre Lamas. Publicista, pensador, estadista, o Estado Oriental unncá teve filho igual. As suas previsões politicas tocam ás raiaes do genio. Prophetizou a Aguirre que Lopez não lhe mandaria nem um navio nem um soldado. Mostrou-lhe que o grande inimigo da sua patria era o caudilhismo.

Provou-lhe, appellando para os factos iminentes, que a vida uruguaya seria impossivel sem uma pacificação geral sob cuja bandeira se acolhessem os dois partidos. Enquanto las Carreras e Nin y Reys seguiam para Assumpção, ás tontas, como mariposas em busca da luz que as vae queimar, a sua profunda intuição politica, a sua indole serena e meditativa via o futuro da sua terra na consciencia dos dois Estados que ella divide, quando não no seu reciproco interesse.

Esse o nosso amigo no Uruguay de 1864 e no Uruguay de todos os tempos. Era um *colorado* como Flores? Não. Era um *blanco*. Mas collocara a patria acima dos partidos. Amigos de Flores fomentol-o e não temos de que nos envergonhar, mas depois de 1864. A sua lealdade para connosco foi perfeita. O Brasil guarda carinhosamente a tradição do seu nome.

Não ha duvida que contribuimos para a sua ascensão á presidencia de 1865. Mas quem nos forçou a essa attitude, cuja responsabilidade compartem a Argentina, representada por Elizalde, e a propria Inglaterra, por Thornton, foi a vesania politica dos extremistas *blancos*, já então concludos com o Paraguay.

VIOLAÇÃO DA SOBERANIA DO PARAGUAY

Não faltou quem nos imputasse em 1864 a intenção de reconquistar a Cisplatina. Tão infame era a accusação, que teve de cair por si, apesar da divulgação que lhe dava o ouro paraguayo: ficou desde logo patente que a independencia do Uruguay era para nós questão de honra. Accusaram-nos, porém, de ter attentado contra a sua soberania, perturbando a sua politica interna.

Já mostramos que o empenho principal de Lamas consistia em manter a mais estricteza e que tudo conduzia nesse sentido. Para argumentar, porém, concedamos que assim não fosse. Admittamos que tivesse intervenido. Não estavamos no nosso direito? Mais do que isso: não cumpriamos o mais estricte dos de-

veres? Podiamos tolerar, de braços cruzados, morticínios iterativos de brasileiros por autoridades uruguayas? Podiamos tolerar pilhagens, extorsões, incendios que se levavam a effeitos de envolta com os mais allucinados improperios ao Brasil, cujos escudos eram arrastados e cujos nomes patronimicos eram postos em taticos na bocca dos degolados?

Até onde chega o conceito da soberania? O respeito que lhe é devido ordenará que fechem os olhos a taes desmandos e atrocidades. Não parece razoavel. *Só existe soberania nação que tem força para garantir o imperio da lei.* O Uruguay em 1864 não a tinha. O governo era prisioneiro dos facinoras de que nos queixavamos.

Quizemos dar-lhe os elementos que lhe estavam para punil-os. Não os acceitou, por entendido orgulho ou por temor de fazer de mesmos a policia das fronteiras, que lhe diamos. Cumprida a nossa tarefa de impôr ordem e o respeito, retiramo-nos sem pedir. Onde está um ataque á soberania uruguaya? E são os filhos daquelles que solicitavam em 1858 a mesma expedição de 1864 que querem confundir uma *ocupação temporaria*, que a fraqueza confessada dum governo impotente tornara indispensavel, como guerra de conquista!

Saraiva nunca pensou em abandonar a linha de Paulino: manter a independencia do Uruguay.

Cousa curiosa! Na fórmula deste — *Equilibrio do Prata* — que exigia a independencia de duas pequenas nações collocadas na vizinhança de dois colossos, já se affirmava o principio da individuação nacional, como matriz da soberania. Quando Ruy Barbosa reidicava em Haya a igualdade dos estados beranos, suas palavras, muito embora ampliadas pelos pulmões dum genio, não eram senão o echo do pensamento que presidira a toda a politica imperial do Prata. A theoria que Ruy, frontando a soberania insolente dos portanhões, ousava reivindicar no *Ridder-Zaal*, era a mesma que estava implicita na fórmula americana de Paulino de Souza: perante o Direito dos Povos como perante o Direito Civil não ha grandes nem pequenos.

A Republica não precisara renegar a tradição diplomatica do Imperio para erguer-se mais alto do que ella nunca o fizera. Bastava-lhe continuar. E' que alli estava alguem valia mais que a Monarchia, que a Republica que Ruy Barbosa. Esse alguem era o Brasil toda a integridade espirital da sua tradição.

CONCLUSÕES

Se só resolvemos policiar a fronteira do Uruguay quando vimos brasileiros levados a ferro e fogo sob um governo que não tinha força para os defender;

Se tínhamos procurado fortalecer esse governo, abrindo-lhe o caminho da pacificação, na guerra civil que o abalava;

Se forçávamos o partido contrario a aceitar essas condições, passando pelas forças caudinas do ostracismo no momento mesmo em que se suppunha prestes a ganhar o poder;

Se mantivemos a mais estricta neutralidade enquanto podíamos por essa recomposição do governo, quem garantiria os nossos patricios;

Se esperamos quatro longos mezes, illudidos por vãs esperanças de concordia;

Se fomos ludibriados pelo governo de Aguirre; se elle só se abalançou a ludibrar-nos depois de ter o apoio do Paraguay;

Se só fomos ao Uruguay para evitar a sua invasão pelos rio-grandenses, prestes a se organizarem militarmente sob o commando do General Netto;

Nada mais legitimo do que a defesa da propriedade, honra e vida dos nossos patricios pela occupação de um territorio cujo governo não queria ou não podia fazel-o.

LUIZ ALBERTO DE HERRERA

Um dos maiores arautos do lopizmo é hoje sem duvida Luiz Alberto de Herrera, filho do famoso Ministro de Berro e Aguirre. Sua obra: *El Drama de 65* é a historia diplomatica do conflicto do Brasil com o Uruguay e posteriormente com o Paraguay.

Herrera Filho não nos olha com a devida imparcialidade. Saraiva em suas notas diplomaticas julgou dura e injustamente a capacidade e o valor de seu illustre pae. Dir-se-ia que o filho nos torna solidarios com essa opinião que aliás nem todos os estudiosos da época partilham.

Para mim, por exemplo, Juan J. Herrera foi um homem de real valor. Mas em vez de conduzir os factos era por elles empurrado, contingencia em que tantas vezes naufragam espiritos do mais alto quilate, e que só os diminue aos olhos dos observadores superficiaes. As paixões da época, um meio convulsionado, os espiritos exaltados até o delirio por um falso conceito do ponto de honra perturbaram-lhe a clareza. Na sua carta de 31 de março de 1864 vê-se que o seu sonho de estadista era collocar a base unica da politica uruguaya, na Europa, no Paraguay. e no Prata de Urquiza.

Eis a sua phrase: "Adquirida aquella base en Europa y en America (Plata e Paraguay),

seria entonces, recién entonces, oportuno pensar librarnos de tutelaje brasileiro y también argentino. Bastaria, en lo entretanto, no ligarnos en nada parcialmente, ni con el Brasil ni con la Confederación".

Não podia haver na época utopica mais clara. Herrera porém não lhe percebia a fraqueza. Muitos mezes antes, a 24 de Setembro de 63, Mauá já o tinha posto de sobreaviso contra as suas funestas illusões, mostrando-lhe que o Uruguay inda era *um projecto de nacionalidade*. indiscutido e acceto, é verdade porém, precisando do tempo para ser uma realidade. Mauá era seu amigo dos mais intimos e achava-se ligado ao Uruguay por vinculos de interesse e de coração. Nessas palavras não havia offensa e apenas a constatação de um facto.

Querer o Estado Oriental nessa época viver á revelia do Brasil e da Argentina, que alli tinham tantos interesses, era crer possível romper laços que a fatalidade geographica, economica e politica tinham tornado indissolúveis. Juan J. de Herrera não pensou assim. Suppoz encontrar nas mãos dos soldados de Lopez e de Urquiza outras tantas espadas de Alexandre para cortar todos aquelles nós gordios.

Inda era cedo, como observou Mauá, para que o Uruguay pudesse assumir essa attitud de esplendido isolamento...

Não era só Mauá que via o fracasso da sua politica. D. André Lamas não se deixou illudir um só momento sobre as suas consequências. Vaticinava com a maior segurança que, se o Uruguay entrasse em conflicto com a Argentina ou com o Brasil, nem Lopez nem Urquiza lhe mandariam um soldado sequer. De facto Paysandú cahiu sem que um *buque* paraguayo fosse soccorrer, e sem que Urquiza se mexesse.

A correspondencia diplomatica de Herrera se propõe a demonstrar a aleivosia de Mitre a duplicidade do Brasil e a fraqueza, senão peor, do proprio D. Andrés Lamas. Não é possível desfiar essa meada a não ser com um trabalho especial. Mas o mais curioso é que esse proprio livro vem desvendar ainda com maior clareza as manobras da politica uruguaya. A nota de 6 de Agosto de 63 de Lapido, ministro de Uruguay em Assumpção mostra que o Paraguay está disposto a *concertar actitudes* com a animosidade de Lopez e seu sequito contra Lamas. Las Carreras em Agosto de 1863 apresenta o seu celebre *Memorial* que é uma violenta exhortação á guerra. Taes manobras não podiam permanecer secretas por muito tempo. A nota de 16 de Dezembro de 1863 do Ministro das Relações Exteriores, Elisalde, a seu collega

do Paraguay declara-lhe que chegou ao conhecimento da Argentina que o governo uruguayo tinha intentado criar aquella as mais sérias complicações junto ao governo paraguay. Pedelhe que o informe do que se trata. Pela nota de 6 de Janeiro de 1864, Berges responde a Elizalde que ignora a especie, a origem e o merito dessas complicações.

Outra nota de Berges a Elisalde, a 6 de Fevereiro de 1864, declara que o Paraguay se reserva o direito de seguir as suas proprias inspirações no Rio da Prata e que prescinde dalli em diante de quaesquer explicações argentinas. Hererra Filho commenta: "declaração tão grave importava na realidade numa ruptura de relações".

Essa nota de Berges derrama estranha luz sobre o estado de espirito da época. Mitre e Elizalde, ao par das disposições paraguayas, tinham de suppôr a guerra um facto consummado. Mauá, diz na carta a que alludimos:

"O Governo argentino tem o desejo mais pronunciado de declarar a guerra á Republica Oriental como resposta ás machinações que, segundo elle, tem feito o Governo Oriental nas provincias argentinas, no Paraguay e nas exposições ás potencias estrangeiras." Haverá duvidas ainda sobre as resoluções aggressivas do Paraguay

Um dos argumentos impressionistas para nos censurar foi o bloqueio e tomada de Paysandú. Mas é preciso lembrar que o Paraguay já nos tinha declarado guerra em Novembro; e que de um momento para outro esperavamos o ataque de sua esquadra Paysandú devia servir-lhe de base de operações. Podíamos deixar nas mãos do inimigo elementos de tal força? As datas nesse caso são eloquentes. A 12 de Novembro Lopez apresou o *Marquez de Olinda* e o sitio de Paysandú só começou quasi um mez depois, a 4 de Dezembro! No emtanto esse é o maior argumento usado contra nós.

O outro é da occupação do territorio oriental. Como occorreu? Pequenas forças nossas estabeleceram-se em Melo. Mas para impedir conflagrações e não para trazel-as. Nossas forças tinham ordem de evitar fusão com as de Flores. A sua missão era preventiva.

Essa entrada em territorio estrangeiro era um desrespeito. Parece que não. O proprio Jdan J. de Herrera não achava nada de extraordinario numa occupação de character repressivo e fiscalizador. Pensava que não era um acto de guerra. Vamos prova-lo com suas proprias palavras, pela nota de 9 de Maio de 1863.

Diz elle que, não podendo vêr impassivel o que se passa nas fronteiras com o Brasil, *no mirará de hoy en adelante con la misma escrupulosidade el deber que hasta ahora le ha cor-*

rido de respetar el territorio y la jurisdiccion de la Argentina. O Governo Imperial provavelmente não viu nessas palavras, apesar da irritação, senão um caso de politica de fronteira, que não levava para criar um *casus-belli*. Herrera achava razoavel o seu acto. Por que motivo o não precedido de considerações que lhe tiravam o character hostile, não o seria

O recente livro de Luiz A. Herrera vem comprovar que os politicos uruguayos não foram responsaveis pela luta do seu paiz conosco em 1864 a 1865 como ainda, se não arrastaram, contribuíram quanto podiam, para levar Lopez á guerra.

As duas figuras principaes do partido *blanco* extremista foram Juan J. Herrera e Juan Carreras. O primeiro que na nota official de 22 de Setembro de 1863 insiste com Lopez para que este occupe a ilha de Martin Garcia, cedeu o que valiam as suas promessas.

Seu filho Luiz de Herrera marcha hoje entre os uruguayos de maior prestigio literario e politico. Comquanto se tenha penitenciado em 1916 do erro de nos dar a responsabilidade da guerra, ainda por vezes se deixa contagiar do velho erro, apontando-nos falta em que não incidimos, intenções que não alimentamos.

Seu pae teve em vida a prova provada da felonía de Lopez. Não sei se chegou a ter conhecimento das cartas de Berges a Brizuela e outros, em que o ministro de Lopez lhes aconselha toda a reserva com Herrera, "que não trabalhava senão pelo Uruguay" quando fingia fazel-o pelo Paraguay; que plantava verdes para colher maduros; que queria arrastar o Paraguay a "quixotadas politicas". Não sei se chegou a conhecer certa carta a Crespo, aos 6 de Agosto de 1864, em que verbera "a falta de lealdade dos politicos orientaes". Talvez não tivesse precisado disso para saber o que era então a politica paraguayana.

Ao começar o cerco de Montevideo, Juan José Herrera homisiou-se em Buenos Aires. Quer saber o seu illustre filho o que lhe estava reservado, si tivesse preferido o exilio em Avoyte? Ahi vae um trecho da carta em que Berges se queixa da falta de sinceridade de Herrera:

Por lo demas procure hacer que mi amigo don Señor; obtenga del las noticias que pueda y el agradecimiento vendrá después. Por virtud que tienen su recompensa en su otro vida.

Vê o Sr. Luiz Alberto de Herrera?

Seu illustre pae devia ter todas as noticias que pudesse ao Paraguay, pois era ao par de todos os segredos diplomaticos do Rio da Prata e teria a sua recompensa no outro mundo.

Ha nessa phrase a ironia do ingrato ou a ameaça do criminoso que, quando o cumplice qu-

pôde revelar o segredo? Escolha o Sr. Her-Filho. Inclino-me pela segunda hypothese. uma ameaça de morte. E partida de So-Lopez, que dictava a maioria das cartas Berges. Será um exaggero meu? Que o diga Carreras.

LAS CARRERAS

Triste destino o desse desventurado uruguayo! Ministro do Exterior da sua terra, fez alliança com Lopez o eixo da sua politica. Exilado Montevideo, quando os *colorados* venceram, foi habitar Assumpção. Se soubesse que as cartas de Berges diziam do seu *Me-*rial não o teria feito...

Acompanhou a campanha como partidario fanatico do Paraguay. A' proporção que a es-la deste empallidecia, ia crescendo contra o odio de Lopez que o achava um dos piores factores da sua temeraria empreza. A ordem de prisão, nada lhe valeu o homido consulado *yankee*. Preso como envolvida na supposta conspiração de Salinares, começaram os seus martyrios.

Interrogado sobre factos imaginarios, contou-os por negação. Os padres Maiz e Roman andaram açoitando-o a umbigo de boi. Resistiu. Fimto, sedento, nu, seviciado; applicaram-lhe o cepo uruguayo. Comquanto debil de comição, e extenuado, o valoroso uruguayo contou a negar. Então o padre Maiz (o mesmo quem O' Leary chama a mais alta gloria do Paraguay) tomou de um malho de ferro martellou-lhe todos os dedos da mão direita, reduzindo-os a uma posta de sangue e ossos.

Las Carreras tinha chegado ao extremo da resistencia. Para salvar a mão esquerda deu-tou que assignaria tudo que os seus carrascos quizessem.

A folha dos autos em que vem a sua assinatura no processo de S. Fernando é uma photographia do lopizmo. Quando o presidente Parola, em 1870, a mostrou aos ministros e geraes alliados, que tinham quasi todos conhecida las Carreras, um arripio de horror treu-os da cabeça aos pés: uns garranchos, todos por um aleijado, era tudo que restava de nome que encheria a politica internacional Prata.

Uma testemunha presencial relata os passos seu martyrio. "Na jornada de Villela a Itataté, durante a *vía crucis* das pobres victimas de S. Fernando, que, cahindo e levantando-se, achavam forças para caminhar aos açoites cipó e da baioneta, ainda se contava o des-ação las Carreras, apesar de suas feridas, as costas, nos dedos e da sua extrema inanición, chegou, no entanto, um momento em que a dor

e a consumpção o chumbaram ao solo, sem poder mover-se mais. Ao vel-o assim, os companheiros esperaram que fosse lanceado a baioneta, como se vinha fazendo com todos quantos cahiam. Mas Carreras não tinha sorte nem para morrer. Dois soldados ergueram-no do chão e o levaram aos arrastões e aos bolões durante o resto da tornada". Lopez queria ter o prazer de mandar fuzilal-o pelas costas, como trahidor, ao lado de mais cincoenta e duas victimas!

Era essa a especie de agradecimento que aguardava a Juan José Herrera, e a que se refere a carta de Berges, bom conhecedor dos designos do seu amo.

PARANHOS

Cumprida a sua missão, Saraiva voltou ao Brasil. Para substituil-o foi nomeado Paranhos, já conhecido e respeitado no Prata. Paranhos chegou a Buenos Aires quando o odio contra o Brasil estava no paroxysmo. Superior ás contingencias da occasião, encarou o problema do alto, á luz do futuro e dos grandes interesses nacionaes. Poz fim á guerra pelo Convenio de 20 de Fevereiro.

A opinião nacional não lhe foi favoravel, a principio. Accusavam-no de fraqueza e transigencia. Nossa bandeira arrastada pela lama e pisada aos pés, nossos tratados queimados em solemne auto de fé numa praça publica, os brasileiros extremados pensavam que a honra nacional só se poderia desaggravar com o castigo dos culpados. Talvez cedendo a essa corrente de idéas o imperador demittiu-o do seu posto. Não tardaria a reparação. Paranhos, da tribuna do Senado, fez a defesa dos seus actos. E logo em seguida, instantaneamente, a hostilidade geral transformou-se em reconhecimento.

Assumiu Flores o governo do Uruguay. Podia o Brasil contar com um aliado.

TRIPLICE ALLIANÇA

Coube a Francisco Octaviano substituir, no Prata, ao grande Paranhos, tão iniqua quão momentaneamente sacrificado. Foi elle quem assignou, pelo Brasil, o tratado da Triplice Alliança, consequencia inevitavel da guerra declarada por Lopez á Argentina e da nossa identificação com Flores.

Muito alarido levantou na Europa a divulgação desse documento, feita pelo *Foreign Office*. O Paraguay fez businar que se tramava o seu esartejamento e que a queriam reduzir á triste situação de Polonia da America.

Empenhada numa guerra de exterminio, tendo contra si um caudillo que pedira demissão da grei humana para exceder os mais sangui-

narios exterminadores do alienismo, não sabendo ainda se venceria ou seria vencido, o Brasil não podia pensar precisamente em fazer uma paz elysia e congratulatória, cobrindo de flores o inimigo e apertando-lhe a mão.

Desde o principio que fixou o seu escopo: o aniquilamento politico de Lopez. Não tinha odio ao Paraguay. Mas não daria treguas ao tyranno. Se elle renunciasse, se se resolvesse a abandonar o paiz, se não teimasse em manter-se sobre o seu throno de ruinas, fariamos a paz. Se persistisse em ficar no Paraguay iriamos até o impossivel.

Não o queriamos matar. O sacrificio da sua vida não restituiria a das creaturas que sacrificara aos milheiros. Queriamos cortar-lhe as garras, impedil-o de fazer o mal e de continuar a sua rubra e tenebrosa carreira. Essa foi a idéa central do Brasil ao assignar o tratado.

Quanto ao celebre art. 7º, que se refere á liquidação da questão de limites, vamos ver como o applicámos. Vamos ver se é exacto que usurpámos terras do Paraguay, que lhe ficámos com um terço do territorio, que fizemos delle a Polônia da America.

O TERRITORIO PARAGUAYO

E' bom que os espiritos desprevenidos fiquem ao par do que foi a nossa questão de limites com o Paraguay, para verem que só a cegueira da prevenção nos poderá levantar accusações. O nosso desprendimento na liquidação desse caso foi tal, que toda a vociferação do despeito embalde renhirá por encobril-o.

Pretenderamos muito mais: tinhamos direito a muito mais; o Paraguay, em 1842 e 1846, nos offerecera muito mais, como provou Pimenta Bueno, no Senado, em 1855. Não nos deixámos cegar pela ambição, em 1865, como não nos deixariamos embriagar pela victoria em 1870. Contentámo-nos com a *minima* fronteira natural. Não podiamos abrir mão desse ponto estrategico, indispensavel á nossa segurança, e que era indisputavelmente nosso, como o reconheceu o proprio D. Carlos Lopez. Mas deixámos ao Paraguay tudo que, embora nosso, se a nós não nos fazia falta, a elle lhe podia aproveitar.

E' exacto que certos mappas, encomendados, na Europa, pelo Paraguay, que não vacillava em custear-lhes edições com mudanças e alterações que lhe convinham, ampliam os limites paraguayos. Não faziam senão seguir a tradição de D. Felix de Azara. A reforma do mappa de Brezes custou-lhe quatro mil patações. Documentos ineditos, provam que os artigos Paraguay e Lopez do dictionario Larousse foram

obtidos de modo analogo. Trata-se, porém, no caso, dos mappas de phantasias geographicas desmentidas por toda a cartographia anterior á de D. Felix de Azara.

A verdade é que abrimos mão de todo o terreno que se estende acima do Ipané, entre este e o Apa, ao qual nos davam direitos o art. 6º do tratado de 13 de Janeiro de 1750 e o art. 9º do tratado de 1 de Outubro de 1777, e que o mappa da demarcação portugueza-castellhana de 1754, cujo original se acha na Mappa-theca do Itamaraty, registra como nosso. A maior prova de que os paraguayos só pretendiam a margem esquerda do Apa consiste em que ali estabeleceram cinco fortes, para defender a sua fronteira. Essa fronteira foi justamente a que lhe deixámos, a que, embora victoriosos, achámos do nosso dever respeitar.

Veja-se o que diz Ramon Carcano, escriptor insuspeito ao Paraguay:

El Brasil no avanzó mas que Portugal y pudo, con verdad, afirmar que no exigió después de la guerra mas de lo que pretendió antes de la guerra.

"Los escriptores paraguayos le han acusado de haberse apoderado por derecho de conquista de la tercera parte del territorio. Los escriptores argentinos han repetido la acusación, repitiendo todos la misma historia, sin el análisis claro de la controversia secular de limites, sin considerar los nuevos hechos que modificaban las circunstancias, asseguraban las pretensiones y resolvian los derechos."

E adiante, mostrando que havia conformidade sob a fronteira e que a discordia estava no modo de interpretar-a:

No hubo diferencias en el texto de las convenciones sobre los humbre de los puntos artífines que marcaban las lines divisorias. Las diferencias surgieron sobre el terreno al determinar los puentes de partida para la demarcación. El Igurey de Espana era el Ybinheima de Portugal; el Igurey de Portugal era el Garey de Espana.'

Ora, para que as pretensões de Hespanha vingassem, era preciso ou negar a existencia dos rios ou dar-lhe nomes differentes. Que fez Azara? Falsificou os mappas da região. Mudou o nome do Igurey, rio de que já tinham conhecimento os jesuitas conforme se vê no mappa que mandara a Roma e foi alli impresso em latim no anno de 1832. Cotegipe provou que Azara negou a existencia desse rio. Baptisou o Yvenheima com o nome de Igurey.

A sua fraude foi tão patente que muitas cartas geographicas ao nome de Yvenheima annotam "ou Igurey de Azara". O pensamento intimo de D. Felix Azara, commissario hespanhol na demarcação, nossa diplomacia teve

a fortuna de descobri-lo e revelá-lo pela sua correspondência confidencialíssima, que Castella nunca esperou ver divulgada e que no entanto foi publicada. Todo o seu fim era excluir os portugueses dos terrenos secos da margem do rio Paraguay, o que dificultaria os socorros a Matto Grosso em caso de ataque e permitiria a Castella que se apossasse desse provincia dentro em poucos annos. Para consecução desse objectivo mudou e transpoz nomes e cursos de rios, com uma audacia que desprezava a torrente dos documentos cartographicos contrarios que sempre chamavam o Igurey e o Yvenheima de Yvenheima.

A synthese da questão dos limites com o Paraguay é essa: depois da guerra reclamamos o mesmo que antes e nos satisfizemos com menos. Cotegipe discutindo com o plenipotenciario paraguay Loizaga abandonou a pretensão tradicional do Igurey para deixar a linha divisoria correr um pouco mais ao norte, partindo do Salto Grande. Quem o affirma não sou eu. E' o escriptor argentino Ramon Carcano. Conclusão: tínhamos reclamado o mesmo que antes da guerra e acabamos por nos satisfazer com muito menos, para que se não nos lançasse em rosto que a nossa omnipotencia no momento nos fazia preferir a força ao direito!

Quanto aos seus limites com a Argentina é questão em que não podia nem devia o nosso plenipotenciario intervir. Seria ridiculo que em plena campanha fosse o Brasil tomar o papel de advogado do Paraguay contra a sua nobre alliada. Confiamos nos seus sentimentos de justiça. Acreditamos que seriam tão altamente inspirados, como os nossos. Acertamos? Só temos que nos applaudir. Erramos? Ao Paraguay prejudicado é que cabe appellar da usurpação do seu territorio..

Dura embora a sorte do vencido, o Brasil pôde ter consciencia de que não aggravou a do Paraguay. Não lhe ficou com um palmo de terra. Não lhe annexou um povoado. Não lhe recebeu um real; ao contrario, assistiu quanto nelle cabia as familias paraguayas reduzidas á nudez e á fome. Pôde levantar a cabeça: a sua attitude foi a da mais desinteressada nobreza.

D. ANDRÉS LAMAS

Confesso a minha ignorancia. Apesar de uma larga convivencia com o Barão do Rio Branco, em cujas demoradas palestras sobre a politica do Prata de minuto a minuto havia uma referencia a D. Andrés Lamas, só recentemente o pude conhecer. Os titulos da sua grandeza dormiam nos archivos do Itamaraty. Pouco havia publicado a seu respeito. Seu filho, Pedro Lamas, publicou em 1908 o seu livro *Etapas de*

uma grande vida. Não o li, porém, senão ultimamente.

O estudo da nossa politica platina levou-me porém a rastrear melhor a sua passagem pelos nossos destinos. Uma surpresa me aguardava. Ronald de Carvalho, por deliberação do Itamaraty, ia publicar toda a sua correspondência diplomatica comnosco.

Permittiu-me a sua gentileza o accesso a esses documentos ineditos. Juntos chegamos á mesma conclusão: não conhecemos diplomata maior no Rio da Prata.

Muito feliz me julgo da companhia desse moço illustre tão precocemente amadurecido no que o pensamento tem de mais profundo e mais nobre.

Talvez que a muitos se afigure exagerado esse meu entusiasmo por Lamas. Não é.

Quasi todos os grandes diplomatas do Continente representaram nações poderosas.

E Lamas atraz de si não tinha senão uma bandeira desfraldada sobre um pedaço de terra, menor do que muitas fazendas e estancias do Brasil.

Os annaes da Camara Uruguaya de 1894 mostram que em sua propria terra essa figura singular ha pouco inda não estava envolvida da aureola de consagração definitiva, a que tem direito. E' natural. Não ha politicos mais apaixonados. Os homens do Uruguay trazem no seio os vulcões de que a natureza lhes privou o solo. Sae-lhes pela bocca o fogo central da terra.

Porém o leitor attento dessa discussão, motivada pela proposta de uma pensão á sua viúva, teria em dois oradores a medida da nobreza e da justiça daquela raça. Flores, deputado pelo Serro Largo, quando quizeram esmagar a dignidade de Lamas com uma carta offensiva que seu lendario pae lhe escrevera, desautorizou-a immediatamente, attestando que este a repudiara, e confessara que erroneas informações lhe haviam inspirado num momento de paixão. Não se pôde ser mais cavalheiresco.

Por outro lado, outro parlamentar creava das mais luminosas paginas da eloquencia sul-americana. Palomeque fez a sua *Defesa de Lamas*, obra exhaustiva, completa, formidavel, perfeita na forma e profunda no pensamento, cujo conhecimento devo a Walter A. de Azevedo, um dos mais pertinazes e meritorios conhecedores da Historia do Rio da Prata que possuímos.

Confesso, aliás, que tive uma grande surpresa ante o nivel mental dos nossos vizinhos. Nada da rhetorica plateresca, do neo-gongorismo dos ataques lyricos de certos oleographos, de que o *vargas-villismo* é mais vasia e tintinulante expressão.

VI

ARGENTINA

Não nos propomos a fazer a synthese da historia argentina, da qual deixamos neste trabalho largos traços. Desde a sua independencia em 1810 até Monte Caseros, o facto predominante dos seus feitos é a luta de Buenos Aires com as provincias enciumadas da hemogenia que a posição geographica lhe dava.

Repetiu-se na Argentina o feudalismo europeu. Os grandes caudilhos violentos e facinorosos tinham direito de vida e de morte em seus dominios. A força era o unico direito. Creou-se então uma civilização de que o symbolo era o cavallo, o instrumento do ataque e da retirada, da rapina e do morticínio, do dominio e da autoridade.

Uma scena lendaria define esse periodo. As proezas dos tres caudilhos. Estanislau Lopez, Facundo Quiroga e João Manoel Rosas reuniram-se á margem do arroio Pavon para vêr quem era o mais forte em proezas equestres. Rosas levava sempre a melhor. Lopez foi o primeiro a dar parte de vencido: *Usted es muy bruto! No me quiero lastimar!*

Não ha melhor symbolo da época. Vence o mais duro. Os outros curvam-se e reconhecem-lhe tacitamente a inferioridade.

ROSAS

Para se comprehender a Argentina de 1864 é preciso retroceder á Argentina de Rosas. A imaginação não póde attingir os seus requintes de ferocidade. Na galeria shakespeariana dos Henriques não ha figura mais torva. No emtanto ainda tem hoje rehabilitadores. Está conforme. Todo o sclerado que encher com o seu nome uma época, mesmo para ensanguental-a, póde ficar certo que no futuro terá Juans O'Learys. De Nero a Solano Lopez, a regra não tem falhado. A tendencia ao paradoxo, a notoriedade que se liga a quem é um contra mil, o amor proprio nacional levam espiritos avidos de singularizar-se ou doentes de falso patriotismo a essas escamoteações systematicas da verdade que, nem por serem interessantes perante as letras, deixam de ser sacrilegas perante a historia.

Quem não sabe o que é a *mazhorca*? Quadrilha organizada por um degollador de nome Ochotego sob o nome de *Sociedade Restauradora*, por inspiração da formosa D. Encarnacion Rosas, só tomou o nome de *mazhorca*, espiga de milho, depois que a sua filha Manoelita mandou uma, enfeitada de fitas, á benemerita instituição. A' noite só respeitava as pes-

sóas que andava de poncho. As *Tabellas* de Sangue de Rivera Indarte, que arrolavam vinte e duas mil victimas desde 1829 até 31 de Outubro de 1843, já estão hoje enriquecidas de mais dez mil. A operação preferida desses carios era a degolla. Para tornal-a mais memorada praticavam-na com uma faca cega, *rasbalosa*, cujo modelo Rosas em pessoa mandou fazer numa cutelaria da capital ou com um serrrote limado — *el serrucho*.

Rosas era a divindade votiva desses sacrificios humanos. Orgulhava-se delles. Podia gabar-se de luxos ineditos. Um delles era dos seus manidores de cavallos, feitos da pelle dos inimigos que mandava esfolar, quer se chamassem Andrés Maciel, quer Beron de Astrada, governador de Corrientes. Era uma autoridade em esfolamentos. Entre os brincos da sua infancia occupava o primeiro lugar — o mesmo antes do gato queimado no breu — o esfolamento de um cachorro vivo.

Outra das suas diversões favoritas era mandar cortar de um golpe a cabeça das victimas junto á cova, de modo que o corpo cahisse justamente dentro della e a cabeça fóra, vindo rolar-lhes aos pés.

Não podia passar muito tempo sem ver a cabeça fóra do tronco. Quando não as fazia saltar os seus cabeçelllos mandavam-lhe. Um extraneo andou revolvendo eguas nos cemiterios, e achando certidões dos parochos, em busca da cabeça de Lavalle. Soube-se que este fóra enterrado na Bolivia, que recusou ao general uruguayo o macabro e inedito pedido de extradição.

Sua filha, a innocente Manoelita, era objecto de atenções do mesmo genero. Depois da batalha de Monte Grande, tambem ella recebeu o seu mimo: as orelhas do Coronel Borda. Ficou sensibilizadissima á finca do amigo do *Talita*. Collocou-as numa salva de prata para preparar ás visitas uma agradável surpresa. Entre ellas contava-se o Capitão Flankland, da marinha ingleza. A suave Manoelita com o mais lindo dos sorrisos levou-o para *la delicada attencion*. O official inglez ao ver do que se tratava deu-lhe as costas horrorizado e no dia seguinte sahiu de Buenos Aires. *Que hombre flojo!* — muchocheava no dia seguinte a interessante *niña*. Tempos depois um jornal de Londres, o *The Britannian* de 25 de Junho de 1842, relatava a scena.

Tantos serviços á Patria não podiam deixar de criar a Rosas fanatismos inconstitucionales. Em breve o seu retrato estava nas igrejas. D'ahi para os andores das procissões foi um passo. Era uma honra appetecida a de puxar o carro do andor. Toda a população se descobria reverente e electrizada, em gritos e acclamações.

A *Gazeta Mercantil* de 19 de Setembro de 1849 descreve assim uma dessas procissões:

A las diez de la mañana el juez de Paz e... se dirigieron con un elevado carro de triumpho a la casa del "Heroe" á sacar su retrato y el de su esclarecida esposa. Al recibir el retrato, el juez de Paz pronunció en la puerta de la calle de nuestro Ilustre Restaurador, la allocución que va señalada con el numero 1. En el centro de las tropas de caballeria e infanteria, que escoltaban los retratos, conducía don L. B. um rico estandarte de seda punzó elegantemente bordado en oro, costado para este lado por el mismo ciudadano. El retrato fué recibido en el atrio de la catedral por el señor cura y otros eclesiásticos y collocado dentro del templo al lado del Evangelho. El templo estaba esmeradamente adornado; la majestad con que brillaba, persuadia que era el tabernaculo del "Santo de los Santos". La misa fué oficiada á la cabeza de la orquesta, y la angusta solemnidad del acto no dejaba nada que desear. Nuestro illustrisimo señor o bispo diocesano D. Mariano Melgarejo, asistió de medio pontifical, y celebró nudigno provisor canonigo D. Miguel Garcia, señor cura de la catedral, D. Felipe Elotono y otros sacerdotes, desempeñó con la maestria que lo acreditado la difícil tarea de hacer la apoteosis del Alcañel San Miguel, mezclando oportunamente elocuentes trozos alusivos á la funcião civil en honor del Heroe y en apologia de la causa federal. Fué en seguida presentado el nuevo estandarte ante las aras y recibió la bendición episcopal."

E' possível que o Santo dos Santos inda fosse pouco.

Que falta de respeito não o compararem a Omnipotente!

Habitado ao sangue, não podia supportar o calor. Todas as casas de Buenos Aires no tempo era pintadas de vermelho. Senhoras se esqueciam dessa prescripção no tempo e tinham de soffrer o supplicio do breu com que colavam ao cabello as fitas brancas.

Um dia na Cathedral viu uma imagem de Nossa Senhora da Conceição lithurgicamente pintada de azul. Fez parar em meio a cerimonia e disse até que a imagem fosse revestida de vermelho.

Não se comprehende como a Argentina te supportado durante vinte annos esse sinistral estado. A primeira vez que alguém se atirou á face de Buenos Aires a sua coroa, esse alguém, apesar de occupar uma cadeira de ministro e de dispor da Policia por só salvar a vida pela fuga.

VICENTE F. LOPEZ

De quem se tratava? Nada mais nada menos do que de Vicente Fidel Lopez, uma das maiores cabeças da Argentina.

Celebrava-se a mais famosa de todas as sessões historicas do Congresso Argentino a 22 de Junho de 1852. Discutia-se o *Acordo de São Nicolau*, que dava a Urquiza poderes dictatoriaes para organizar a Republica. Mitre abrija no dia anterior as discussões. Seu maiden speech fôra conciso, vibrante e lapidar. O auditorio electrizado acompanhara-o ao seu jornal — *Os Debates*. Conquistara Buenos Aires.

No dia 22, fala Velez Sarsfield, o maior jurista argentino, que apoia Mitre. Profunda sensação. O auditorio intervem com apartes e acclamações.

Então, do banco dos ministros, pallido, franzino cabeçudo, ergue-se o Ministro Vicente Fidel Lopez. Não tem figura. Parece não ter resistencia. Toda a sua vida se encontra nos olhos e na fronte. Começa a falar. As galerias apinhadas são-lhe hostis. Logo ás primeiras palavras estrugem o tumulto, os apartes e as ameaças. "Que lhe dêem quatro balaios!" ronca um. "Hei-de tirar-te o couro pelo fio do lombo!" vocifera outro. "Precisas é duma gravata vermelha!" troveja o terceiro.

Vicente Lopez não se intimida. O que Mitre chama povo elle considera patuléa. Mais augmentam as ameaças, mais proximo é o perigo, mais recrudescce a audacia do seu desprezo e do seu desaforo. Seus proprios adversarios, Velez Sarsfield á frente, pedem-lhe que se modere e attene a dureza das suas verdades. "Só eu — retruca impavido Vicente Lopez, só eu sou juiz do limite das minhas palavras. Não de ouvir-me quer queiram quer não!"

E rompem as verdades cara a cara, contra o povo de Buenos Aires.

"Este povo arrastou-se ás plantas de um dictador, tyranno atroz que atirava ao exilio os cidadãos, este povo pagava os punhaes e os agentes incumbidos de perseguil-os no estrangeiro como a bestas ferozes sómente porque eram ou tinham sido partidarios das liberdades desse mesmo povo!"

As apostrophes e as injurias recrudescem. Inutil! Vicente Lopez continúa:

"Foi preciso que viessem homens das provincias para emancipar este povo, que já parecia não querer ser libertado e achar-se muito satisfeito com a abjecção e a deshonra."

O cauterio chiou na carne viva. Reluzem armas. A policia difficilmente evita um attentado. Mitre em vão quer impôr silencio. Redobram os gritos: "servil! trahidor! cala a boca bandido!!".

Vicente Lopez ainda não está satisfeito. Os valentes de hoje, que hontem se arrastavam aos pés de Rosas, hão de beber até às fezes o calice amargo da verdade:

"Quantas leis não votou Buenos Aires neste mesmo lugar, renunciando sua liberdade, honra e fama?"

As galerias espumam de raiva. Um muro vivo — mais dos amigos de Mitre do que dos seus — impede os patriotas de attentarem contra o heroico orador, que só depois de dizer-lhes tudo que precisavam ouvir passou á discussão juridica e constitucional do caso.

Vicente Lopez dissera a estricte verdade. Buenos Aires não fizera outra coisa senão lambe as botas de Rosas.

Não era, contudo, falta de character. Era um caso clinico, uma pandemia moral, a suggestão collectiva do Terror.

A medulla da energia está na imaginação. Quebrem-na pela prova diaria de que a luta — inutil — e ahi está a resignação.

Aterrorizem-na pela convicção de que a rebeldia não incrimina só o rebelde, senão ainda quantos lhe são caros — e ahi está a obediencia.

Corrompam-na, mostrando os que batem palmas a despotas ricos e felizes e os outros na desgraça — e ahi está o servilismo.

Buenos Aires, porém, não se deve envergonhar de ter aguentado Rosas.

O coração não tem culpa da syncope. O mal era a tyrannia, a eterna matriz da abjecção e do crime, fonte de podridão organica, cujos miasmas corroem o character como os gases asphyxiantes os pulmões.

A sua politica internacional não podia deixar de ser o reflexo da interna. Queria decapitar o Uruguay como aos inimigos. A nossa politica foi impedir essa degolla pela qual Montevideo lhe rolaria aos pés.

Não nos permittiria a situação interna declarar-lhe guerra durante muito tempo. Fomos obrigados a temporizar. Paulino Soares de Souza, depois Visconde do Uruguay, escreveu ahi a pagina mais brilhante da sua carreira de estadista. Conseguiu evitar o ataque do monstro, enquanto não estavamos seguros da sua derrota.

Um alliado de Rosas, o caudilho Oribe, talava todo o interior do estado oriental. Só o ultimo pedaço da Cisplatina lhe resistira. Montevideo, como um nucleo planetario em torno do qual se havia de reconstruir a nacionalidade, conservava livre de qualquer esmorecimento o centro de attracção cosmica para que iriam gravitar todos os corações uruguayos. Nove annos, alimentada dentro de suas trincheiras pela energia de ferro do Presidente Suarez e de Herrera y Obes, e no exterior pelo genio de Andrés La-

mas, nove longos annos durou o assedio da nova Troya Americana. Montevideo era a ultima braza que ainda ardia para reaccender a lareira nacional.

Este periodo historico mais facilmente se acompanha pela vida de alguns homens que o incarnam do que na simples enumeração dos factos.

Os destinos da Argentina e do Uruguay estão soldados nessa época, cujos fados são a biographia de Rosas, Urquiza e Andrés Lamas. Em torno delles gravitam os homens a quem a Providencia reservava a missão de formar a Argentina e o Uruguay modernos.

A Argentina estava cansada de Rosas. Tudo tinha elle escravizado, menos o que não se escraviza: a faísca do pensamento, que homens como Mitre e Sarmiento iam conservar accessa no exilio.

A Argentina e o Uruguay tiveram ambos a sua *era do Cavallo*. Os Artigas, os Riveras, os Lavallejas correspondem aos Guemes, aos Facundos, aos Lopez, aos Rosas. Todos elles precisavam da immensidade do pampa, da sua falta de lei, da sua liberdade para as suas algarras de luta, extorsão e violencia pessoal. Piratas da terra tinham o cavallo por navio. Só o povoamento e a organização politica e judiciaria das terras que assolavam podiam exterminar-as. Não foi preciso calçal-os a tiro. A civilização tornou-os incompativeis com as novas fórmulas da vida que trazia.

Sem o meio em que manobravam, pela rarefacção do deserto, sem o apoio do poder central, pela consolidação da consciencia juridica, sem a certeza da impunidade, pelo poder coercitivo da força ao serviço da lei, ficavam com essas aves marinhas, amarradas a bordo pela curiosidade dos nautas: esquerdas, oscillantes, deslocadas.

Urquiza, por certos traços, ainda pertence á época dos caudilhos. Mas, por outros, á pertence a nova formação moral, que lhe vai succeder. Habitots, costumes, trajes, ardis, porém, ainda demonstram que o caudilho predomina.

URQUIZA

Urquiza inda é para muitos um enigma. Toda a dissimulação de Machiavel nada vale perto da do cabecilha entre-riano. Jano tinha duas caras. Elle tres. Com uma sorria a Rosas, com outra ao Brasil, com a outra ao Paraguay. Berges dizia delle em Dezembro de -863: "*La politica de D. Justo ciertamente esta envuelta en los arcanos del misterio. Talvez los successos posteriores llegan a desmacaralo y entonces sabremos si pertenece a los gregos si a los troyanos*".

Vivo estivesse elle, e ao lèr essas palavras sorria satisfeito. De nada tinha mais orgulho do que da sua astucia. Sua vida foi um duello com Rosas: teria de vencer o mais astuto. Ao primeiro contacto, o dictador vermelho adivinhou-o. "*Quien es aquel jefe, que usted me presentó?*" — perguntou a Echague então Governador de Entre-Rios. "*El General Urquiza*", respondeu Echague.

"*Bueno amigo, tenga cuidado; esse jefe es su ruina*", disse Rosas. O caudilho conheceu o outro de longe por um gesto, um olhar, uma attitude. Acertara. Apenas deveria ter creído a prophesia. Devia ter dito: "Cuidado Echague, elle será a nossa ruina".

Quem era Urquiza? O senhor da provincia de Entre-Rios e o mais popular e querido dos chefes do Prata Consolidara o renome militar vencendo Paz e Rivera na batalha decisiva de Pago Grande. A imaginação popular foi infundando nelle, a pouco e pouco, a antithese de Rosas. Igual a elle em força, destreza e astucia, mas de outro sentimento; era humano e ge-

Cansado dum systema que consistia na negação de todos os direitos, mesmo os mais elementares, os escravos de Rosas volviam o mais ardente desejo das esperanças para o Centauro en-

Rosas bem que o percebia. Mas nada podia fazer. Urquiza puzera-se a bom recato, em sua provincia de S. José, aquartelado entre forças que o adoravam. Contemporizaria com elle, e trabalharia com Facundo, até pegal-o de geito.

Urquiza, porém, não era Facundo. Não se exibia pialar tão loucamente, indo metter-se na boca do lobo. Pelo contrario. Redobrou de reservas de fidelidade ao dictador. Só tinha um defeito: esse não podia despertar a desconfiança do governo de Buenos Aires, que o tinha em conta como *rosista* rubro. Tratava-se de um homem enérgico e audaz, cujas repetidas indas e vindas pelo Prata não podiam causar suspeitas tal o alinhamento das suas estancias, saladeros e industria de commercio: Cuyás y Samperes.

Todo o mundo o suppunha entregue ao trato de seus interesses. No entanto, era elle quem combinava com os homens de Montevideo e do Brasil o plano contra Rosas, cuja base devia ser Urquiza.

Sem a chefia deste a guerra contra Rosas era impopular, pelo character de intervenção estrangeira. Com elle tudo mudaria, passando a ser luta da Argentina liberal contra a Argentina despotica.

Note-se que Cuyás y Samperes não descobriu Urquiza. O papel que se avocou foi, por muito tempo, o de um advogado junto delle.

Urquiza esperava com calma e cautela o amadurecimento do plano. O Brasil viu que não era mais possivel esperar. Tinha as informações de Cuyás. Até que ponto devia dar-lhes credito? Resolveu jogar a cartada. Communicou a Urquiza que COM ELLE, SEM ELLE OU CONTRA ELLE, enfrentaria Rosas. Herrera y Obes por sua vez foi a S. José. Tinha Urquiza quanto queria. Communicou-se com Oribe, aliado de Rosas, por meio de duas cartas, uma que elle devia mandar a este para adormecer-lhe a desconfiança, a outra portadora do seu verdadeiro pensamento. Nesta dizia-lhe: "*descomponha-me de selvagem, unitario e immundo trahidor*" a vontade e mande cópia a Rosas. Oribe obedeceu-lhe. Estava ganha a primeira campanha: o resgate de Montevideo far-se-ia sem um tiro.

As suas artimanhas eram tão perigosas como os seus lanceiros. Antes de Caceres, de todos os generaes de Rosas só um lhe inspirava respeito pela competencia: o general Pacheco. Vivia preocupado com a possibilidade de tel-o pela frente. Como afastal-o? Não lhe foi difficil. Conhecendo a desconfiança do despota, escreveu a Pacheco varias cartas com phrases destas: "Como ficou combinado..."; "como você me escreveu..."

Essas cartas foram apprehendidas pelos espions de Rosas que ficou de sobreaviso com Pacheco, não o aproveitando em Caceres.

Alberdi não comprehendeu a differença entre Rosas e Urquiza. Eram ambos caudilhos? Isso bastou a Alberdi para envolvê-los no mesmo desprezo. No entanto que enorme differença não vae de um a outro! O primeiro era o caudilhismo no seu processo involutivo que se denuncia por um simples symptoma: a generalização da degola. O outro era o caudilho lutando para deixar a chrysallida de sangue. Representava um processo evolutivo em toda a sua extensão. A degola de Santa Caloma, que se lhe attribue ter permitido, diminue de odio-sidade para quem sabe que Santa Caloma mandava degolar os prisioneiros pela nuca.

Vejamos Urquiza por dentro.

O autor das *Bases* com a falta de intuição psychologica que o caracteriza, suppoz ter achado o traço dominante de Urquiza na cupidez. No seu livro *Grandes e Pequenos Hombres del Plata*, diz que só se metheu nas campanhas da liberdade para fazer fortuna, e pergunta: "Para que deu tres batalhas? — Caseros para ganhar a presidencia. Cepeda para ganhar fortuna. Pavon para consolidal-a."

O ideologo não apprehendeu esse caudilho em cujos assentamentos a familia encontrou quasi dois milhões de pesos dados e emprestados a amigos sem espirito de cobrança. Qual o forreta capaz de distribuir tão grande somma? Não

ha cupidos manietos. Com as suas 450 leguas de campos cheios de gado, Urquiza não podia desejar mais riqueza.

Força é convir que analysado á luz de idéas superiores ao seu meio o heroe entre-riano apresenta o flanco a censuras. Preciso, é, porém, considerar que se fez por si, que teve uma instrução escassissima, que a familia o destinava ao commercio. Sua carreira é um heroico esforço para a ascensão. Sae do balcão para os pretorios. Rabuleja e chicanea para ganhar a vida. Acha o meio estreito para a sua actividade. Segue a carreira das armas e pouco a pouco, passo a passo, ascende ao governo de Entre-Rios, onde então abre as azas.

Aproveita-se da posição para enriquecer. Era a consequencia fatal e insensivel do caudilhismo. Enriqueceu. Mas sem estorsões nem confiscos, associando-se a todos os negociantes que o convidavam e tinham orguho em ser commanditados por elle. Quando morreu era interessado em trezentas casas commerciaes.

URQUIZA E OZORIO

Urquiza foi o typo herculeo do caudilho, que já tivera a sua encarnação apollinea em Rosas. Sua physionomia respira decisão e audacia. Embora abeberado da astucia esparsa na atmosphera do meio em que nasceu, é capaz de dominar-se. Nas fintas e escaramuças dos prelos politicos move-se com uma rara capacidade de dissimulação. A sua malicia é proverbial.

Poucos o conheceram como Osorio. Já chimarreavam juntos em S. José antes que elle se declarasse contra Rosas. Eram amigos. Juntos estavam naquellas carreiras de Entre-Rios, onde num dia batido de sol, Urquiza, entre as acclamações do povo, se vulteo el poncho, apparecendo com elle de azul, o que annunciava que abandonava o tyranno vermelho... Mas Urquiza na campanha fez-lhe quantas picuetas poude.

Sarmiento na mais rara das suas obras, a *Campanha do Exercito Grande Alliado*, dá um instantaneo de algumas. Commandava o gauchos o 2º regimento de cavallaria, que chegou "quasi a pé". Urquiza só lhe deu potros bravos. Já descontava o prazer de rir-se. Mas enganara-se. Os peões de Osorio montavam os baguaes melhor que os argentinos (é Sarmiento que o diz) e lançavam indistinctamente com uma e outra mão, sem que o equipamento militar, a lança, a espada e a pistola os embaraçassem, de qualquer modo. Sarmiento ao ver aquella gente "de chiripá y mugrienta" olhar com pouco caso para os brasileiros, "cujos officiaes subalternos pertenciam ás familias mais distinctas do Brasil,

cujos equipamento era o mesmo que nas cidades e cujas tropas eram um modelo de disciplina, de ordem e de sciencia estrategica em suas marchas e acampamentos". Ia mais longe. Mandava armar a sua barraca de campanha ao lado dos brasileiros, porque dizia *nos otros no sabemos mas que sorprender o ser sorprendidos*".

Em Monte-Caceros Urquiza fez com Osorio o mesmo que Dumouriez em Neerwinder com Miranda. Assignalou ao seu contingente na'disposição do combate o ponto inglorio. Osorio percebeu-lhe o intuito. Não se deu por achado. Sem esperar que se movesse a infantaria do Coronel Galan, que era o signal combinado para o ataque brasileiro, e que não se movia, carregou á frente dos seus bravos lanceiros. Foi o primeiro a chegar ás trincheiras rosistas, ás casas de sotéa, seu mais poderoso reducto. Tomou ao inimigo uma bandeira, que está no Museu Militar do Rio...

Sarmiento no *Boletim* de batalha omitta a nossa influencia decisiva: redigiu-o de accôrdo com as partes officiaes communicadas por Urquiza. Elle mesmo o declara.

Mas promptificou-se a rectificar-o, honrando os testemunhos que lhe chegavam de todos os lados, entre os quaes os dos uruguayos, cujos officiaes affirmaram que ao chegar ao sopé das trincheiras passaram por cima de cadaveres brasileiros, o que prova que estes os haviam precedido.

Foi Urquiza nosso amigo? A primeira resposta que se impõe é que não. Não dispunha de cultura que lhe permittisse alcançar a inanimidade e a sem razão do odio atavico. Não pôdia reagir contra o meio como Mitre e Sarmiento. Mas se não foi nosso amigo foi nosso alliado duas vezes: contra Rosas e contra Solano Lopez. Desta vez toda a sua tendencia nos era contraria. Mitre dominou-o, alçando contra elle a visão da Argentina, que teria de combater se quizesse combater-nos. A sua posição no Paraguay foi uma especie de neutralidade. Quando lhe pediamos soldados elle os reunia... mas para debandarem antes de seguir para as operações.

Seja como fôr, não temos queixas delle. Se se tivesse alliado ao Paraguay, muito mal nos teria feito. Só lhe devemos gratidão e respeito.

Com a queda de Rosas começa o eclipse dos caudilhos. A alma de Urquiza era o theatro de uma luta cujos effeitos se sentem na sua carreira de militar e politico. Quer ser estadista, mas inda é regulo.

Esse embate de forças contradictorias revela-se nos seus actos. Buenos Aires delira de entusiasmo. Desfilam pelas ruas os exercitos que a libertaram. O seu entusiasmo chega ao auge quando passam as forças brasileiras, de

primeiro uniforme, irreprehensíveis de trato, disciplina e garbo. As atenções convergem para duas figuras, já lendárias: o Conde de Porto Alegre, elegante e varonil, com aquellas luvas brancas, que nunca descalçou nos combates, e o Coronel Osorio, entroncado, herculeo, cujo olhar e cuja expressão irradiavam um não sei que de fagulhante vivacidade e franqueza que conciliavam todas as sympathias...

Buenos Aires anseia por ver Urquiza o heróe da guerra. Anseia por bater palmas áquelle que a libertou das loucuras e violencias do tyranno, áquelle que acabou com os seus caprichos de tyranno, áquelle que extinguiu a maldita faulhada colorada, que era a librê da sua escravidão. Eis senão quando apparece Urquiza. Vem com o poncho e dhapéu de feltro e nelle se ostenta... imagine-se o que? Nada menos que a legada fita colorada que tambem lhe atrahia o poncho branco. O povo estremece e começa a crer.

Dia a dia, depois, vão augmentando os desconfianças, Urquiza teima em dizer-se federal. Derrotou a Rosas para dar a sua herança aos salvages unitarios. Exige de seu Ministro o uso da cinta colorada. Sarmiento toma o caminho do exilio e vem para o Rio de Janeiro. André Lamas o leva para Petropolis. Dentro em breve Urquiza fez-se eleger presidente da Confederação Argentina. Mas Buenos Aires resiste-lhe e não se deixa dominar. Frente a frente das provincias confederadas, que representam a Argentina do passado, levanta-se, animado pelo espirito de Mitre, Buenos Aires que representa a Argentina do futuro.

Estavam frente a frente dois principios, duas formas de civilização. Urquiza a dictadura, a fórmula pampeana, o caudillesmo. Mitre a organização, a fórmula urbana, a civilização. Esta tinha de vencer e venceu.

Sarmiento tinha presentido o conflicto antes da sua eclosão. O seu *Facundo* chama-se *tambem civilização e Barbarie*. Urquiza era um Facundo humanizado. Mas, como os obsessos da Edmundo Média, o vencedor de Caceres trazia dentro de si o incubo do rosismo.

O espirito de Sarmiento foi o fermento que mudou o pão espiritual da Argentina. Na grande campanha de 1851 por toda a parte onde passa a população accorre a vel-o. Tem necessidade de fugir ás manifestações e aclamações para despertar os ciúmes de Urquiza. Já começava a ser a esperança da Argentina. Mas em diante não faz senão crescer. Leva a todos os espiritos a convicção de que é preciso acabar guerra ao deserto pelo povoamento, pela instrucção, pela escola.

Creou a instrucção publica na Argentina, em 1855. E, facto a que se não dá o devido al-

cance: introduziu o fio de arame para cercar as propriedades ruraes. Até ahi os campos e pastagens não tinham divisas. O cavallo do bandoleiro só tinha o limite da sua vontade. A sua fuga não tinha empecilho. Podia galopar á noite, impunemente: nenhuma tranqueira o detinha. Sarmiento creou o *alambrado*. Parecia pouco, mas representava a primeira barreira opposta pela civilização á barbarie.

MITRE

Mitre era o typo do homem providencial, do homem que chega a seu tempo para fechar ou abrir uma época. Soldado e estadista, tinha os dois requisitos para evoluer naquella solo moral inconsistente; a energia para dominar um periodo em que a força era a lei e a cultura para auxiliar e presidir á elaboração de uma nova ordem de coisas. A energia enrijeceu-a em elle na fragua das batalhas, e no risco diario da vida. Desde o cerco de Montevideo, onde lhe coube a honra de disparar o primeiro tiro de artilharia, onde derrotou Urquiza, tomou parte em vinte combates. A cultura alargou-a na exploração de todos os problemas que se lhe apresentavam ante a intelligencia, de uma lucidez e de uma penetração que ainda hoje forçam a admiração: jornalista, mestre, chefe de Estado, parlamentar, tribuno, historiador, não houve equação argentina de que elle não houvesse buscado resolver a incognita.

Quando Mitre assumiu o poder, o solo moral da Argentina ainda estava no seu periodo secundario. Monstros da prehistoria institucional ainda se arrastavam pesadamente sobre um terreno molle e balofo, que só lentamente o sol ecenico do novo regimen iria endurecer. Os amigos e assecas de Rosas e Facundo só na apparencia se tinham extinguido. Amoitados nos rincões mais distantes do interior, dir-se-iam dinosaurios saudosos da palude natal. Mitre os conhecia. Sabia do odio que lhe votavam. Poderia talvez exterminar-os pela força. Preferiu entregar essa tarefa ao tempo: pela consolidação da crosta legal elles teriam fatalmente de desaparecer.

Não podiam existir sem o seu *habitat*: a lama sangrenta das revoluções. Inda ahi foi grande estadista: soube esperar que o terreno legal se consolidasse.

Buenos Aires começou a moldar a provincia á sua imagem, e a humanizar a politica. Com elle os choques partidarios entraram a deslocar-se do terreno das luctas pessoas para o dos debates incruentos.

A politica no Prata a *vendetta* corsa. O adversario era inimigo a quem não se devia dar quartel. Raro o politico que não acabava

de morte violenta. Todos viviam sob a espada de Damocles. Mitre acabou a era dos caudilhos sangrentos. Mitre foi o ponto final deste capitulo. Só depois d'elle é que se abre na Historia Argentina a pagina em que a republica deixa de ser uma vã logomachia para se transformar na realidade que permittiam os tempos.

Essa transfiguração do caudilho incarnou-se num homem. E esse homem foi Mitre.

O Retiro e a distancia agigantavam o enigma formidavel de Urquiza. Dispunha de dez mil homens aguerridos; poderia agrupar mais quinze ou vinte mil dentre os descontentes. Alberdi, redigindo a Constituição e dando-lha para promulgar, revestia de um verniz de estadista o seu visceral caudilhismo. Mitre oppoz a Urquiza o veto de Buenos Aires. Uma das suas grandezas foi ter tornado impossivel Urquiza, que intimamente considerava um Rosas alberdizado. A outra, talvez a maior, foi exactamente o contrario. Foi tornar possivel Sarmiento.

Embalde o sinistro dictador do Paraguay empregou junto a Mitre todos os recursos da dialectica, e da seducção, para chamal-o a uma alliança.

O crioulo guaycurú não contava com o tino do gaúcho, habituado a conhecer-lhe as manhas. Mitre escutou-lhes as manhas. Mitre escutou-o com attenção e cortezia, sem lhe acenar com promessas, mas tambem sem lhe tirar as esperanças.

Reservava-se para proceder no Prata conforme os interesses argentinos lhe aconselhassem. Nem alliado, nem adversario.

Um vizinho benevolo, mas independente, não querendo influir na casa alheia, mas tambem não admittindo que mandassem na sua, eis a synthese da attitude de Mitre para com Lopez, o seu pensamento profundo, que não podia escapar á sagacidade do El-Supremo, que desde ali o considerou o maior dos seus inimigos.

O esboço dessa figura argentina foi feito para demonstrar que havia em sua patria duas correntes: a do regresso, representada por Urquiza, que não poude eximir-se a ella, e a do progresso, representada por Sarmiento. A nossa luta com o Paraguay foi a luta da cultura com a barbárie. Por isso, e não pelas sympathias que nos votassem, tivemos ao nosso lado os grandes expoentes da cultura platina: Sarmiento e Mitre. Por isso conseguimos que Urquiza, com a sua alma dupla, se neutralizasse. O Paraguay era a

condemnação do caudilhismo, era toda a barbárie de Sarmiento enfeixada nas mãos de um homem.

Era o caudilhismo tornado nação.

VII

URQUIZA E HONORIO HERMETO

O Brasil, durante a barbárie e a post-barbárie platina, se impunha pela força moral. Nada pinta melhor a nossa attitude de civilizados, mas que sabem fazer-se respeitar, do que um incidente occorrido entre Honório Hermeto e Urquiza.

Cahira Rosas em Monte Caceros. Urquiza, que commandava o exercito alliado, conferenciava com Honório Hermeto. Em dado momento, permittiu-se affirmar que a sua alliança com o Brasil firmara a corôa na cabeça do Imperador. Honório Hermeto replica altivamente. Urquiza insiste, citando factos: a propaganda republicana, os sentimentos democraticos do Rio Grande, onde sob as cinzas de 1842 inda estavam accesas as brazas da *Guerra dos Farrapos*; as subvenções de Rosas a jornaes brasileiros; a instabilidade da monarchia.

Não sabia com quem tratava. Não sabia que aquelle homem magro, de rosto pequeno e nariz agudo, cujo maxillar inferior fugidio autorizava a illusão de uma vontade malleavel, era uma vontade de ferro. Ignorava que havia naquelle homem uma rêde nervosa de tão alta tensão que o seu choque era capaz de siderar de espanto o seu proprio Imperador. Não sabia que, em troca de uma desconsideração, mais imaginaria que real, elle atirara aos pés de D. Pedro II, que lhe demorara um despacho, a pasta de ministro.

Honório Hermeto apertou os olhos e dilatou as narinas, como para encher de mais ar os pulmões. Para os que o conhecêram de perto era o signal da tempestade. Retrucou em palavras seccas e metallicas como o recuo de um gatilho que a identificação da corôa com o paiz era absoluta. Urquiza insistia. Habituado a ter a ultima palavra em todas as discussões, usando do grito e da exasperação como de um recurso dialectico, desencadeou sobre Honório Hermeto a tempestade verbal, cruzada de relampagos, a cuja fulguração se abriam horizontes de ameaças pessoas, e de desafios de homem a homem. Era o recurso extremo que nunca falhara. O prestigio da sua bravura e a lenda da sua irascibilidade, raiana da loucura, gelavam e paralisavam os adversarios.

Desta vez, porém, enganava-se. Ferido nos seus melindres de brasileiro e de patriota, Honório Hermeto não lhe deu tempo de concluir.

“Os exercitos em que se tem concedido demasiada importancia ao principio de antiguidade, teem sido sempre batidos.” — (DE BRACK.)

Urquiza roncava? Elle trovejaria... Urquiza tremia de raiva?... Elle espumaria de indignação. Urquiza dava um passo á frente? Elle daria dois. Embalde o caudilho quiz interrompê-lo. As palavras lhe sahiam da bocca artelladas e inflammas como ferro cantante. "Que poderia temer o Brasil? Mesmo e Rosas tomasse o Rio Grande do Sul, não passaria além. O Rio estava fóra do alcance da cavallaria. E atraz do Rio estava a immensidade do Brasil com seus inesgotaveis recursos. Mas, fosse como fosse, não admittia que ninguém se permittisse diante delle o desrespeito a essa hypothese. Estava disposto a chegar a toda qualquer extremidade pessoal para repellil-a. Não media consequencias".

Frente a frente um do outro, o poderoso caudilho, que iria morrer combatendo sosinho contra sessenta assassinos, e em cujo animo herico nunca entrou nem de longe o medo, e o coço brasileiro que nunca empunhara uma espada, dir-se-ia imminente o desfecho do conflicto pessoal.

Qual dos dois transigiria? Os assistentes audazes e gelados não ousavam intervir. A um tanto, pallido, mas sereno, José Maria da Silva Paranhos, braços cruzados, estampava no rosto o desarmoreo a dignidade offendida de um patricio romano ante um bestiaro da Sarmacia.

Urquiza era um bravo. Como tal admirava a coragem alheia. Aquelle paisano estrangeiro, que lhe revelava de repente tão formidaveis reservas de energia desarmou-o. Compreendeu um relance os milagres da força moral. E o encendedor de Caceres, o derrubador de Rosas, o residente da Confederação Argentina, o chefe de um exercito onde tinha fanaticos e dedicados cégas, emmudeceu e ouviu calado a exposição dos motivos que nos levaram á alliança contra Rosas, rajada de eloquencia e de razão, ante a qual a sua rara bem que inculta intelligencia teve de ceder. Não supportou a atmosfera que creara. Sahiu.

A majestade hostil de Honório Hermeto não lhe permittiu a sahida de uma desculpa. Contentou-se com abraçar a Paranhos, seu secretario, e dizer-lhe que não se deviam tomar mal as suas explosões, que elle era assim mesmo...

O poder civil e a força moral tinham curvado a espada do caudilhismo. O officio confidencial de 4 de Março de 1852 em que Honório Hermeto reproduz com as attenuações diplomaticas a energia desse encontro é a melhor synthese dos motivos que nos levaram á alliança contra Rosas. Graças a ella podemos reproduzir essa scena, a que só se encontram referencias superficiaes nos historiadores da época, entre as quaes Sarmiento. Eramos assim em 1852, odiavamos sel-o...

Em summa: ás portas da guerra, para empregar uma expressão que o Sr. Helio Lobo celebrizou, estava o Paraguay em plena barbarie, e a Argentina e o Uruguay apenas a deixavam, isso mesmo com sobresaltos a cada momento.

O Brasil era a civilização.

Nos Estados Platinos as tres grandes figuras, que a representavam, foram tres grandes amigos do Brasil.

SARMIENTO, MITRE, LAMAS

Sarmiento, Mitre, Lamas! Trindade augusta de antecipadores! Honra e gloria de um Continente! Criadores e organizadores de mundos! Ha qualquer cousa de sagrado e mysterioso no pensamento dessa trindade augusta em que se funde toda a grandeza da raça platina.

Sarmiento é a visão da realidade ethnica. da barbárie cega, do instincto predatorio e destruidor, da influencia do deserto, sem lei, sem escola, sem idéa, sem piedade, sem futuro. Levanta o pendão da revolta com o seu *Facundo*, o verdadeiro heróe de Caceres. *Facundo* é apenas um livro. Mas esse livro é uma cruzada. Mostra que é preciso extinguir um estado social em que se carneam indifferentemente homens e rezes. Mostra que a Argentina não pôde ter como ideal a civilização de faca e chiripá. Arranca dos altares da ignorancia popular as imagens dos facinorosos, Guemes ou Aldao, Rosas ou Quiroga, em quem a exploração politica forceja por encarnar o typo do *homo argentinus*. Evoca ante os olhos attonitos dos seus patricios — imagem em que mal poderiam acreditar naquelles tempos — a Argentina de hoje levantada sobre o altar das quatorze provincias unidas e recebendo o culto de uma raça indomita e opulenta, civilizada e feliz.

Mitre é a visão politica, o coordenador das forças nacionaes, o conjugador dos esforços patrioticos em torno da Republica de verdade. Actividade omnimoda mas serena, prefere levar a todos os pontos a sua luz tranquilla e uniforme. O seu processo mental diverge de Sarmiento que, pelos focos relampejantes que o seu genio concentra sobre certos problemas, é obrigado a deixar outros na penumbra. Sarmiento é o primeiro sol de alvorada, faiscando entre as cristas chanfradas da cordilheira nacional, dentre cujas aberturas, dourando as penedias vizinhas, se projecta num feixe de luz sobre os destinos dos Pampas. Sarmiento é o espancamento das trevas, o *hallali* das feras, o "dies iræ" dos caudilhos.

Mitre é o sol da manhã, sereno e frio como o dos invernos argentinos. E' um sol que já não dardejia do alto dos entremontes alterosos, como Sarmiento, cujos raios tiveram de romper

por entre os dois paredões de granito da ignorância e do interesse.

Subiu. Está mais alto no firmamento. Seus raios illuminam montes e valles, cidades e campos, o littoral e a provincia, rios e florestas, toda a Argentina que elle sonhara, na juventude e que na velhice lhe caberá contemplar.

Lamas é a fusão dos dois, com menos horizonte que Mitre e com menos fulguração que Sarmiento, mas com tantos serviços á causa da civilização como qualquer dos dois, e tanta cultura como ambos.

Sósinho, Mitre tinha Sarmiento. Sarmiento tinha Mitre. Os dois podiam trocar dialogos como este, depois de se convencerem de que Urquiza era a segunda edição de Rosas, com a crueldade a menos:

"E agora, Mitre, que vamos fazer?" — "Só nos resta recommençar, Sarmiento!" Mas esperavam juntos e tiveram depois da victoria a gratidão nacional. Ambos subiram á Presidencia da Republica e depois de realizarem a grandeza argentina puderam dizer ao futuro: "Eis ahi o que fizemos!" Lamas teria o ostracismo.

Lamas reproduzia em si Montevideo. Era a sua coordenada moral. Isolado como a cidadella gloriosa. Como ella buscando aliados e só achando decepções. Tudo desabara em torno delle. Sua patria era uma convenção politica, uma figura de rethorica, uma concessão, isto é, a hypothese que começa por um *seja* mas tem sempre depois um *si*. "Seja independente!" concediam-lhe em todas as portas a que batia... Mas *si* puder conciliar-se com Rosas. A nota de lord Palmerston ao consul inglez de Montevideo O' Brien: "a paz se fará, *si* Montevideo entender-se com o general Oribe", chia como um sarcasmo. Equivale a dizer ao cordeiro da fabula: "arranje-se com o lobo, *si* este quizer!"

O Uruguayo era Montevideo e Montevideo uma Carthago que o poncho de Rosas reduzido a tiras talvez bastasse para limitar.

Lamas foi Montevideo humanado. O reducto viveu nelle; respirou do seu ar, bateu do seu coração, alimentou-se do seu sangue. Que foi o Uruguay durante muitos annos? Uma bandeira em Montevideo e um homem no Brasil.

Dois annos, dois longos annos o Imperio fechou-se para com elle numa attitudo reticente e laconica. Embalde elle nos falava a linguagem do direito e da justiça. Duas linhas de resposta lembravam-lhe a dura realidade.

Mas a sua fibra era heroica. Não desaniava ante a reserva como não trepidava ante o perigo. Insistiu. Insistiu sempre e venceu.

Modificara-se a politica do Imperio. Paulino tomou a pasta de estrangeiros. Recalcitravam os estadistas do Imperio? Olhavam e não viam? Paulino fel-os vêr, isto é, obrigou-os a pôr a

consciencia atraz da retina. Lamas tinha razão. Lamas vencera.

Desde ahi Lamas foi o merediano politico do Uruguay.

Luctara contra a nossa prudencia no principio; luctara contra a diplomacia de Rosas, encarnada num adversario formidavel, o ministro Guido; luctara contra a falta de recursos. Nada lhe impediu a victoria. Mas quando teve que entestar o odio e as paixões dos proprios a quem salvara, não quiz luctar e esmoreceu, deixando ao tempo a sua defesa. Seus patricios não comprehenderam que para triumphar precisara transigir. Accusaram-no de ter cedido de mais! Proclamaram-no mais brasileiro que uruguayo — a elle que não hesitara em jogar toda a sua carreira diplomatica na cartada com que nos arrancou do Museu Militar a bandeira que tomaramos em Paysandú!

O colosso que a tudo resistira, dessa vez estremeceu. Vergaram aquelles hombros que tinham sustido Montevideo.

Ultimou a sua missão. Abaixou a cabeça e, volvendo á patria que reconstruira, disse no cões aos amigos que o acompanhavam: "Cumprí até o fim o meu dever. Agora... Agora só me resta ir entregar-me á impopularidade nacional!"

Ha uma grandeza eschyliana na descida desse titan, contemporaneo de Kronos, ao paul das intrigas subalternas. Prometheu era sangrado todos os dias pelo bico do abutre que lhe devorava o figado. Mas, em cima de um pico de pedra, no alto de uma montanha, para a qual se voltavam os olhos abysmados das Oceanides e dos homens. A grandeza do scenario compensava a iniquidade do supplicio. O Prometheu de Montevideo, ao contrario, amarraram-no a um poste no charco das luctas partidarias para deixal-o entregue ás varejeiras da mentira e ás sugas da calunnia.

D. Andrés Lamas era maior do que a sua terra. Não admira que esta ainda não o pudesse comprehender.

Ninguém se liberta do atavismo, da tradição e dos preconceitos. O Uruguay, como a Argentina, tinha uma civilização muito recente. As paginas de Sarmiento, no *Facundo*, quando trata do gaúcho e do bandoleiro, applicam-se tanto a uma como a outra. O seu ideal ainda se encarnava no caudilho. A bravura pessoal, a força physica, a destreza na montaria, a certeza no laço e nas bolas ainda eram as componentes do typo do heróe uruguayo. As façanhas de Artigas, Rivera, Oribe, Encarnacion corriam de bocca em bocca. Gauna, com os 132 homens que assassinara, e Andresito Artigas, com o habito de beber sangue vivo na carotida das rezes, não causavam horror. Ao contrario, havia por elles um secreto sentimento de admira-

Era o reinado do musculo e da faca. Essa nota geral, a physionomia predominante do uruguayo, embora nobres excepções e fornecesse os nucleos de cultura lhe fornecessem uma classe de homens eminentes, que iriam presidir aos seus destinos.

Mas o espirito de nacionalidade precisa do elemento popular como os tijolos do muro. Esse barro não o teve a reputação de D. Andrés Lamas para se erigir na altura que lhe competia. Suas proezas não falavam á imaginação. A massa não *crystallizava* o seu typo, não comprehendia as suas luctas, sem cavallo e sem faca, apenas com a ligeira *penna* das suas armas. Si lhe dissessem que essa pequena carga valeria mais que todas as cargas de artillaria de Artigas e Rivera juntas, havia, portanto, de sorrir. Não poderia comprehendel-o.

O espirito nacional contrapunha-lhe os rudes *collos* guarany, de poncho sobre o chiripá, calças nos calcanhares nus, laço nos tentos e facha na cintura, que, ora num partido, ora noutro, á feição dos seus interesses, gauchavam *montoneras*, atravessando a nado os rios nas canoas, conhecendo todas as arvores da campina e identificando todas as regiões pelo gosto do capim. Assim se explica que o coração uruguayo tenha feito de Artigas, antes de qualquer outro, o seu heróe nacional.

Foi glorificado o semi-deus guarany, mas D. Andrés Lamas continuou esquecido, como se não houvesse lugar para os dois!

Não censuremos a ninguém. Demos tempo ao tempo. A reparação virá, e infallivel, muito antes do que se pensa. Já alvorecem certezas de que o Uruguay de hoje se está cansando de aplicar aos homens o seu merito muscular e de avio de hontem. Se ainda ha, alli, quem pense que o melhor fim de uma divergencia de idéas é uma bala, que o primeiro dever do politico é odio figadal ao seu adversario, que as contendações se devem decidir por uma especie de duello judicial, não faltam grandes espiritos que, sondando o futuro, comecem a fazer justiça ás victimas das paixões desenfreadas e dos erros momentaneos e a prégar que o debate das idéas é incompativel com a legalização do homicidio.

Quem, poucos annos atraz, via como se succediam os duellos provocados por discussões no Congresso, tinha a sensação de que os seus legisladores eram D'Artagnans politicos, para quem o mandato electivo era o tablado da esmima romantica do velho Dumas. Uma vez que a verdade dos argumentos se apura pela habilidade nas armas, justo é que todos procurem a estria no terreno para encaminhar "o julgamento de Deus".

Seria exaggero pensar que os legisladores dos paizes vizinhos cruzavam a espada para li-

quidar debates sobre o direito constitucioal. Mas as paixões partidarias são alli tão exaltadas, no que, á primeira divergencia, descambam a todo para o terreno dos doestos. Mas, graças a Deus, o duello ainda é melhor que a *montonera* e a pistola que o *cuchillo*.

Dentro de trinta annos, no maximo, e de dez, no minimo, a alma uruguaya, esquecida dos odios, purificada pela formidavel cultura, que alli já se desenha, ampliada pelos sentimentos de paz, tolerancia e horror á violencia, que, dia a dia, augmentam no mundo, terá serenidade bastante para medir o colosso esquecido, que um dia, para sua gloria, nasceu no seu seio e ha de erguer-lhe, tão verdade como ha uma justiça immanente, um monumento na sua capital, que elle salvou.

Talvez que esses conceitos passem por indiscretos na bocca de um estrangeiro. Não me parece. Os direitos do pensamento não conhecem fronteiras, senão pelos incapazes de medir a distancia que alonga a critica da injuria.

Ter um Andrés Lamas e desdenhal-o só se explica pela cegueira das paixões. A America não tem figura maior.

O seu lugar é ao lado de Washington, Miranda, José Marti, Bolivar, José Bonifacio, San Martin, Sarmiento, Mitre, Rio Branco, Ruy Barbosa, entre os fundadores e organizadores de nacionalidades, entre os anticipadores e creadores do Direito e da Paz.

Ha momentos em que as perturbações atmosfericas, a interposicao das nuvens, as poeiras que se elevam da terra impedem a passagem dos raios solares. Mas esses phenomenos de obscurecimento são passageiros e os ceos acabam sempre por volver á transparencia.

Dia virá em que o Uruguay reconheça que D. Andres Lamas foi o maior dos seus filhos e o verdadeiro patriarcha da sua organização nacional.

Creio ter demonstrado quanto a civilização do Imperio era incomparavelmente maior do que a do Rio da Prata, que apenas começava a reivindicar os seus direitos por uma geração que culminou nos typos de Mitre, Sarmiento e Lamas.

Agora, a proposito da campanha lopezguaya, mostraremos que Lopez não pertencia á civilização platina. Era um phenomeno isolado, um caso teratologico, que, de modo algum, póde representar o povo sobre que reinou.

VIII

CAMPANHA LOPIZTA

Sobre Solano Lopez pesa uma sentença definitiva, lavrada por todos os povos civilizados — e solennemente referendada pelo seu proprio paiz, que, pelo decreto de 17 de Agosto de 1869, deu a ultima palavra sobre o sangrento processo.

E' necessario divulgar esse acto legislativo.

por "El Gobierno Provisorio de la Republica, rancí"

CONSIDERANDO:

Que la presencia de Francisco Solano López en el solo paraguayo es un sangriento sarcasmo a la civilización y patriotismo de los paraguayos;

Que este monstruo de impiedad ha perturbado el orden y aniquilado nuestra patria con los crímenes bañandola de sangre y atentando contra todas las leyes divinas y humanas, con espanto y horror, excediendo a los maiores tiranos y bárbaros de que hace mención la historia de todos los tiempos y edades, ha acordado, y

DECRETA:

Artículo 1º — *El desnaturalizado paraguayo Francisco Solano Lopez queda fuera de la ley y arrojado para siempre del suelo paraguayo como asesino de su patria y enemigo del género humano.*

Esse decreto resume numa synthese lapidar o verdadeiro Lopez: "monstro de impiedade, assassino de sua patria, inimigo do genero humano".

Esse o juizo definitivo. Mas não é impunemente que um povo passa por tres gerações de despotas, que lhe arrancam a consciencia para substitui-la pelo fanatismo. Sessenta annos de tyrannia tinham conseguido collocar o centro de gravidade da alma paraguaya no culto do despotismo e da sua incarnação visivel — o despota. As incriveis atrocidades de Lopez conseguiram deslocar esse centro de gravidade. Mas qualquer impulso restabel-o-ia. Na parte culta e intelligente da nação, mas entre os elementos incultos e primarios, incapazes de senso critico. E' exacto que essa campanha de involução arrastou algumas intelligencias juvenis transviadas pela inexperiencia da idade. Póde-se, comtudo, affirmar que o lopezguaysmo constitue infinita minoria.

CAUSAS DA CAMPANHA

Não admira que, sob o rescaldo do vasto incendio ateado por Lopez na sua infeliz patria, ainda estivessem accesas algumas brazas, capazes de accender uma campanha pseudo nacionalista. Quem ama perdoa a quem o fez soffrer. E a tyrannia tinha esvasiado o coração paraguayo de todo e qualquer sentimento que não fosse o amor do tyranno, que o Catechismo de Santo Alberto lhe ensinava ser a incarnação humana da patria.

Muitos sobreviventes da geração sacrificada pelo tyranno ainda existiam no Paraguay quando as primeiras tentativas hesitantes e prudentes para a sua reabilitação começaram a surgir. Dos seus companheiros de Cerro-Corá inda viviam tres ou quatro, entre os quaes o padre Fidel Maiz, o coronel Sylvestre Aveiro e outros. Muitas centenas de combatentes alguns dos mais heroicos ainda se disseminavam pelo paiz. Começaram a ouvir a glorificação da patria e exultaram. Ninguém a merecia mais do que a pequenina nação que se poz toda de pé e toda pegou em armas para defender o solo da patria, que o tyranno lhe garantia estavam defendendo.

Mas... mas essa epopéa da raça não era então escripta senão para insinuar entre os seus canticos estrophes inteiras em honra do despota. Esse foi o inicio. Admittido elle como parte epica da gesta nacional, dentro em pouco a intriga tiraria a mascara

e mostraria o que era: um Lopez maior que o Paraguay.

JUAN O'LEARY

O Godofredo de Bulhão dessa cruzada foi o Sr. Juan O'Leary, bello e imaginoso escriptor em cujos typos sómente o olho exercido do critico póde perceber a falta de traço pessoal que caracteriza a oleographia. O Sr. O'Leary, numa série de livros, dos quaes os mais famosos são: *Nuestra Epopea* e *El Mariscal Solano Lopez* chama-lhe *el super hombre paraguayo, heroe eponimo, colosso da America*.

Tyrteu e Pindaro nunca tyrtisaram nem pindarisaram com tão lyrica epicidade como o delirante panegyrista. O seu hysticismo laudatorio não está muito longe do do Padre Fidel Maiz, naquelle artigo do *Semanario* em que chamava Solano Lopez de "genio dos genios" e terminava sem mais aquella por comparal-o ao proprio Jesus Christo. A propaganda por Solano Lopez teve no Uruguay um grande arauto, o Sr. Luiz Alberto de Herrera, figura de relevo em seu paiz. Com esses dois elementos não foi difficil á propaganda Lopezguaya estender-se como um incendio pela America hespanhola. Blanco Fombona, Vargas Villa e Rodrigues Triana cahiram extaticos "ao vel-o surgir de novo como um vulcão submarino em meio ao rugido das ondas". Mas nenhum desses escriptores hispano-americanos foi tão longe como Carlos Pereyra, que escreve:

"No se fundirá bronce bastante en America para glorificar a Francisco Solano López, por haber sabido abrir el cimientto de un Estado en el fundo de una selva."

Que dirá Carlos Pereyra si, lendo este trabalho, conhecer o verdadeiro Lopez?

Mas volvamos ao Sr. Juan O'Leary. Vamos lêr algumas linhas suas que resumbram amor filial:

A mi Madre

Ah, los tiranos, mi maldicion para ellos!

En este mismo dia, hace treinta y seis años, eras conducida ante el juez inicuo que habia de dictar tu sentencia. Acusada de traicion a la patria, habias pasado largos dias en el fondo de obscuro calabozo. Y te condenaron por traidora. El destierro perpetuo, allá en los confines de nuestra tierra, fué el tremendo castigo de tu crimen. Antes habia muerto en la cárcel victima también del tirano, tu generoso compañero. Tu hermana, cargada de grillos, lloraba por ti en el silencio de su prisión. Tus hermanos, perseguidos por el tirano, morian uns tras otros, ya lanceados, ya en el cepo de Uruguayana e ya de miseria y de hambre!

Estas palavras servem de apresentação á Sra. D. Dolores Urdapilleta de Jovellanos que pela morte de su generoso compañero Jovellanos, convolou a segundas nupcias com o Sr. Juan O'Leary Senior. A desventurada senhora foi accusada de trahidora á patria, jogada ao fundo de um obscuro calabouço e condemnada ao desterro perpetuo nos confins de sua terra. Seu pae e outros membros da familia, cujas armas propheticas são duas costellas descarnadas, tinham por sua vez passado o melhor de sua vida nas pocilgas de Francia que, para o Sr. O'Leary Filho,

um velho com alma de chacal, mesmo sem licença Augusto Comte.

Nada mais tragico do que a peregrinação dessas mulheres descalças, com os pés lacerados pelas pedras do caminho, com os filhos famintos nos braços, pelo crime de ter incorrido no desagrado do tyranno. O coração do Sr. O'Leary admite que a mãe perdoe o tyranno. Elle não.

Todo o seu odio é pouco contra o facinoroso dos tyrannos !

"Ah ! madre querida, tú me enseñaste a perdonar. Tú no guardas rancores para nadie. Pero, apesar de todo, siento agigantar-se el odio inmenso que me da mi alma: odio hacia el tyranno y odio hacia los hambrientos que se derramaron sobre nuestra tierra e hicieron anicos de nuestra nacionalidad !

Muchas veces, madre mia, el odio es la más summa de las virtudes.

Yo tengo mis grandes odios. Quien no odia alguna vez, no es virtuoso: es un espirito muerto, sin energia.

Para tus verdugos y para los verdugos de nuestra patria perdoná-me madre mia mi odio es eterno."

A indignação humana raras vezes desferiu apoplexias mais eloquentes. Crimes destes contra a própria mãe são dos que allucinam aos mais calmos e autorizam até que se exhume o esqueleto do algoz e o calcem aos pés. Mas o odio eterno do Sr. O'Leary era para inglez ver. Logo depois dessa terribel objurgatoria, elle escreve; "el Mariscal se intuvo dentro de la ley, sin aplicala nunca en todo barbaro rigor !

Mas não basta. Elle vae mais longe:

"En medio del incendio se destacaba la figura del heroe paraguay como el protagonista unico de la tragedia. A su lado todos eran pigmeos. Sus adversarios se perdian en la sombra de su figura gigantesca. Qué eran, en efecto, Mitre, Caxias y Osorio ante aquella montaña resplandeciente, bateida por el mar de sangre, cuya frente fulguraba bajo la gloria del cielo. Como medir-se en grandesa moral a quien superaba a todas las grandesas de la historia americana ? Por eso aquellos oscuros transeuntes de las batallas apenas pudieron lastimar el talón de nuestro Aquiles. Para herirle en el corazón, para matirle, necesitaban su estatura. Y Alberdi dijo de él que no tenia su igual, ni en Bolivar, ni en San Martín, ni en los más bellos tipos de constancia indomable y grande que presenta la historia de America."

Mitre ! Caxias ! Osorio ! Tres pigmeos ! E a em grandesa moral esse escravo lopezguayo ! Pigmeos serão, mas si contemplados do alto da pyramide de ossos, tão alta como a Gengis-Khan, levantada pelo algoz do Paraguay no seu desventurado territorio. E' tão alta a pyramide ? Perde-se as nuvens ? E' por isso que dessas alturas de vergem e allucinação homicida não se contemplam bem os heroismos da terra !

E fala em grandesa moral o Tyrteu do alienismo que não trepidou em renegar as cinzas de sua própria mãe, seviciada pelo tyranno, para beijar a mão que a entregou á crueldade e á bruteza dos seus verdugos !

A JUNTA PATRIOTICA

Mas não pense o filho sacrilego que aqui no Brasil não se lê, e não se sabe que ao seu esforço de galvanizar o cadaver moral de Lopez contrapõe-se no paraguay a resposta definitiva da historia. Aqui não se ignoram os trabalhos da Junta Patriotica de Assumpção.

A' epilepsia rhetorica dos lopezguayos ella responde serenamente que antes dessas glorificações é preciso provar:

1.º Que a defesa do territorio nacional não teve para Solano Lopez outro alcance senão o de incorporal-o definitivamente a seu patrimonio.

2.º Que igual destino não tiveram a fortuna publica e a particular de todos os habitantes do paiz.

3.º Que a continuação da guerra não foi para elle mais que um pretexto para a continuação do mando e seu exercicio da maneira mais brutal e tyrannica de que haja memoria.

4.º Que para emmudecer as suas victimas e justificar o despejo de seus bens, transferidos ao seu peculio, não as envolveu em um processo infamante e as submetteu a toda a sorte de torturas para arrancar-lhes falsas confissões e accusações, que logo se escreviam destinadas á posteridade...

5.º Que nesta febre de destruição e de demencia não sacrificou sem piedade e com sangue frio e calculo sinistro o que havia de melhor na sociedade paraguaya...

6.º Que a sua torpeza, tyrannia e crueldade sem limites não causaram mais victimas que o inimigo...

7.º Que por isso mesmo, em vez de defensor da patria, não deve ser julgado como o maior traidor da causa do seu povo.

8.º Que em todas as circunstancias, até os seus ultimos instantes, não antepoz os seus interesses e o seu egoismo á sorte e ao serviço da nação.

9.º Que finalmente, não levou a sua covardia a andar fugindo sempre dos campos de batalha, enquanto mandava os outros para o fogo...

Esbrazeem-se de quanta colera entenderem os Lusbeis de papelão do Averno loquista. Não de engulir até o fim os fastos do seu Heróe serenamente contrapostos á demonolatria lopezguaya. Res non verba.

Mal assumiu o poder, Lopez inventou novos crimes. O primeiro foi o crime do convívio. Alguem lhe incorria no desagrado ou na suspeita ? Logo seus parentes, amigos e conhecidos iam para o carcere ou para o supplicio. Outro crime por elle engendrado: o de escutar. Um pobre soldado contou a outro que uma sentinella argentina lhe dissera: "Eche el barrigon de Lopez e venha para nós". No dia seguinte foram fuzilados, tanto o que falou como o que ouviu, e não tugiira nem mugira. Calar tambem era um delicto. Não o silencio tendencioso. Mas o silencio natural, o calar por não saber. Dava-se uma deserção numa companhia ? — Eram executados os companheiros do fugitivo, porque se tinham calado. Na configuração juridica desse delicto está implicito outro — o de não adivinhar. E as penas comminadas para essas infrações do culto ao Mariscal eram sempre as mesmas — o cepo uruguayano e o fuzilamento.

O CEPO URUGUAYANO

O cepo uruguayano ! E empregado debaixo de uma constituição que prescrevia a tortura ! Consistia numa espingarda posta sob os joelhos e em cinco

ou seis sobre o pescoço da victima. Cordas de couro apertavam por laços corredios umas contra as outras as quatro pontas das armas. A cabeça nessa posição ficava olhando pelas costas entre os dois pés. A sensação descripta por quem passou por esse suppinha á bocca, que os ossos rangiam e que os miolos, depois da primeira sensação de vacuo, pareciam estilha. Raros dos que passaram por elle não ficaram com a espinha quebrada. Lopez mandou applical-o a seus dois irmãos Benigno e Venancio. Ambos desde esse dia ficaram aleijados: só se arrastavam de gatinhas. Era essa a fraternidade da república do Paraguay. Ao cepo uruguayano, ao cepo de laço, á prensa ajuntavam-se as torturas naturaes. A fome. A sede. O esterquilineo. A vasta familia dos mosquitos, os óptalmicos inclusive. O berne, o putex. Os sevandijas pediculares. Expostos os martyres ao sol e á chuva, dormindo na lama dos charcos, imagine-se o que a inclemencia dos elementos não ajuntava á atrocidade dos homens!

O que foram *Las Destinaciones*! Assim se chamavam as caravanas de martyres destinadas a fazer centenas de kilometros a pé. A mãe do Sr. Juan O'Leary foi uma dessas *destinadas*. Fez o caminho com dois filhos aos braços. Eram tres esqueletos, mas apenas os dois braços de uma cruz ambulante, cruz em que o filho desnaturado cuspiu para celebrar a Missa Negra do demonio lopizta.

Nessa jornada sinistra, nesse desfile de espectros o cansaço era crime de morte. A ordem era formal. Tinha sido dada de viva voz pelo proprio *Mariscal*: dois lanços em quem fraqueasse. Esses lanços tinha o seu segredo: dois soldados ao mesmo tempo davam o golpe, um pelas costas, a meio da espinha, outro pela frente, no coração, de cima para baixo. A belleza do golpe era quando a ponta das lanças, torcidas como sacca-rolhas, tiniam uma contra a outra, encontrando-se no corpo da victima!...

O BAILE DOS CARRASCOS

Um livro notavel, *La Massacre de Concepcion*, de Hector Decoud, nome glorioso nos fastos paraguayos, descreve o que foram os morticínios dessa época. Povoações inteiras passadas a fio de espada, para extorquir joias e dinheiro. O maior autor dessas hecatombes, o Major Gregorio Benitez, conhecido pela alcunha de *Touro Pixaim*, que pela ferocidade merecera ser um dos favoritos do *Mariscal*, viveu bastante para relatar por miudo como lhe cumprira as ordens.

Oh! a mulher paraguaya! Que doloroso Calvario o dessa creatura, que Deus criou para dispuçar á chilena a corôa de belleza sul-americana!

Carmela Recalde enlouquece, ao vêr o cadaver do noivo atirado á porta de sua casa.

Juliana Iusfran, prima de López passa pelo cepo uruguayo e depois é fuzilada pelas costas, aos 24 annos de idade. Seu crime era ser a mulher do coronel Martinez, o estrenuo defensor de Humaytá. Martinez tambem era réo. Réo da culpa de não ter tido mais que comer e de render-se com a legião de esqueletos que commandava. O general brasileiro, commovido ante tanto sacrificio e tanta bravura, não se contentou com devolver-lhe a espada e mandou prestar-lhe continencia. A bandeira do Brasil inclinou-se á passagem daquelles bravos que lhe tinham arrancado tantas vidas, mas que o heroismo

santificara. Lopez mandou fuzilal-os todos... pelas costas, como trahidores.

Dolores Recalde, outro nome glorioso no martyrologio paraguay, passa pelo cepo uruguayo tambem e morre lanceada, pelo crime de ter resistido a um dos verdugos de Lopez.

Deram-se alli scenas inenarraveis. A quadrilha de magarefes entrava num villarejo e tangia para um galpão vinte ou trinta senhoras que lá ficavam de sentinella á vista, esticadas por tiras de couro entre dois postes. Despojavam-nas das pobres joias, que não tinham seguido o destino das mais, offerecidas as tyranno — alianças, cruces, medalhas, bentinhos. Touro Pixaim enchia de aneis os oito dedos.

Tinham vindo para roubar e matar. Mas chegava a noite e queriam divertir-se. Armavam um baile! A esperança de salvar as companheiras entregava-lhes, como passaros assustados, as que ainda estavam livres. Nem todas eram anonymas e obscuras. Muitas pertenciam á melhor estirpe platina e juntavam aos de baptismo nomes como Irigoven, Urbietta, Agüero, Esquivel, Pedrueza, Carisimo, Quedo de Aquino, Recalde, Miltos, Garcia, Corbalan, Martinez e Villanueva.

E achavam forças para dançar as tristes! E achavam forças para sorrir as malfadadas!

Rompia a guitarra. Rompia o *Cielito*. Ah, se Deus Nosso Senhor parasse os ponteiros do relógio ou escondesse o sol até que o coração daquelles homens se desempedernize!

Ah, quem contemplasse de longe aquella scena! O donaire do *Cielito*, a um tempo petulante e grave, dava ao desgarre dos volteios um tom de bizzaria castelhana. E ellas dansavam. A morte no coração mas o sorriso nos labios para poder sunnicar, encantar e desarmar! "*Uno día más!*" "*Uno solo!*" A' resposta inexoravel: "*El Mariscal lo quiere!*" contrapunham ainda a incredulidade da suprema esperanza. E era preciso bailar! E era preciso sorrir! E a noite que estava desmaiando! E a Santa Virgem da Conceição que não atrazara o curso do sol!

Que é o baile no *Navio Nequeiro* de Castro Alves, sob o chicote dos corsarios da liberdade, pertodos de S. Fernando, nos braços dos corsarios da honra e da vida!

Rompe a madrugada. Mais um *Cielito*! Impossivel. As ordens do *Carái* são terminantes: "pela madrugada". Expiram as ultimas notas da guitarra paraguaya, tão cheias de saudade e tristeza. Os primeiros raios do sol illuminam o rancho das victimas e a separação dos pares. As mulheres rondam de longe o tosco presidio de palha, anti o curral de vaccas, onde as suas miserias irmãs expiam o crime de ter nascido no Paraguay de Solano López. De repente rola uma descarga de fuzilaria. A festa termina em hecatombe. Só ali as desgraçadas comprehendem... Choram e deliram de dôr. Algumas enlouquecem; tinham dansado á beira da cova da irmã ou da filha e com os seus algozes!

PANCHA GARMENDIA

Sobre todas essas figuras femininas, porém, paira como uma visão celeste a sombra resplandescente de Pancha Garmandia, uma dessas creaturas em quem a providencia, tão raramente prodiga desses dois geminados, reuniu á mais deslumbrante das formosuras a mais completa das perfeições moraes.

A vida de Pancha Garmendia é um epitome da cidade paraguaya. O pae, depois de reduzi-lo á eria, roubou-lhe a velha raposa sanguinaria que positivistas enthronizaram no mez de Frederico, grande.

Orphã, cresceu sob os cuidados de uma familia panha. Era o carinho, a joia, o orgulho de Assumpção, que nella via o esplendor da sua raça e, vez, a imagem da sua belleza moral. Apareceram-lhe pretendentes á mão de esposa, como era natural. Não contavam, porém, com o *Generalito*, a destinava para si, como tinha feito com tantas outras. O primeiro dos seus admiradores, D. Pedro Egusquiza, foi recrutado para o exercito e mandado para o deserto. Os outros retrahiram-se. O *Generalito*, que, para o Sr. O'Leary, é o typo de perfeições, redobrou de insistencia. Panchita nunhe deu uma esperanza. Não era da massa de se fazem as barregãs, mesmo de despotas. A sua estancia cresceu á proporção da audacia do monstro que só recuou ao vel-a prestes a despenhar-se em tumulto, para fugir-lhe.

Estalou a guerra. Annos passaram sobre esse dente. Pancha, como as outras, foi encarcerada. Lá passou a uma *Destinacion*. Lopez encontrou-a illenta, ferida, os cabellos empastados pelo sangue do cepo uruguayano. Nem ante aquella ruina mais linda creatura que o Paraguay jámais produziu, e que elle reduzira áquella triste sombra, sem um vestigio de remorso. Ao contrario. Levou-a presença da "Madama", talvez para dar-lhe a ir a omnipotencia do seu poder. De nada valeu sobre Pancha o inopinado encontro. Aquelle monstro só tinha de humano o aspecto. Ao dia seguinte quebrou a sua triste odysseia. Não resistiu. Não de andar. Caiu. Dois lanceiros confundiram as suas das lanças atravez do seu pobre coração.

E' em torno de uma figura dessas que a alma guaya deve entrelaçar a lenda, a poesia e o orgulho nacional. Nesse destino, que decorreu entre a infancia e Lopez, como entrê duas catastrophes, se fez todo o soffrimento de uma raça entregue ao furo de dois tigres humanos, harpejam tambem em suas coileas os canticos sidereos de uma transfiguração. A Donzella de Assumpção é a imagem da patria paraguaya, que está resistindo ás glorificações humanas do bandido com o mesmo denodo da sua querida ás suas tentativas de infamala.

As nacionalidades não se reconstróem ao halito do odio, mesmo agigantado em cyclones e vendavaes. Em torno de Lopez só ha o sangue, a lama, o suor, o terror. Que querem os moços a quem desce a campanha de Juan O'Leary? Construir uma America sul-americana? Para durar quantos annos, o modelo typo "tão pouco tempo poudo manter a hegemonia da espada? Cincoenta, sessenta, setenta annos?

Mesmo que o culto de Lopez fizesse o milagre de transformar seu paiz num vasto quartel, valeria a sacrificar-lhe o futuro, em troca de um ephemero esplendor militar? Quantos segundos duraria no relógio do tempo, em que os seculos são minutos?

A DONZELLA DO PARAGUAY

Muito maiores milagres póde o Paraguay espedaquella de quem o proprio padre Fidel Maiz

"Pancha Garmendia, a formosa e desventurada panha, é a honra e a gloria do seu sexo. E' a Don-

zella do Paraguay, como Jeanne d'Arc é a Donzella d'Orleans.

Esse voto de consagração canonica é, na vida do bispo Cochon Assumpceno, o minuto de contricção que resgata annos de culpa. Já constitue, de per si, o primeiros dos milagres.

Remove a perspectiva do castigo sinistro com que a França respondeu ao carrasco de Ruão: o ferrete suino, o enchiqneiramento do seu nome nas pocilgas do idioma. Pancha realizou o milagre de pôr na garganta de Maiz, em vez do coelho symbolico, um hymno do paraíso. Rehumanizou o egresso da humanidade, que esbofeteara senhoras e mutilara prisioneiros.

Tinha razão o redimido sacerdote, cujo coração se despederniu, ante a visão da Martyr. Ha uma secreta analogia entre Pancha Garmendia e o plasma de que se formam as eleitas. Mais, porém, do que com Jeanne d'Arc, que foi a Reacção, Pancha parece-se com Therezinha de Jesus, que foi a Accitação.

O aperfeiçoamento espirital desta foi contemplativo. A immolação de Pancha é da mesma familia.

Ambas tiveram de commum a resignação para viver, muitas vezes bem mais meritoria do que a de morrer. Os pulmões da Donzella do Paraguay tinham as cellulas radiantes, com que Therezinha aspirava o oxygenio da Eterna Vida. O ar da terra, bochornado de sangue pelo halito do Tyranno, era a asphyxia. Pancha, como a Therezinha, respirava o do céu.

Tão puras ambas como a agua da fonte em que bebia São Francisco de Assis, a virtude, o martyrio e a fé da *poveretta* de Assumpção dir-se-ia que desabrochava no berço de Therezinha, que nasceu quatro annos depois da sua morte.

Conta uma lenda paraguaya que, depois do lanceamento de Pancha, nasceram as primeiras rosas nos desertos do Espadin e do Arroio-Guazú. Não parece o annuncio prophético da Virgem das Rosas? Não parece que foi o sangue de Pancha que tingiu de vermelho as rosas da Therezinha?

Therezinha é a padroeira de Pancha Garmendia.

Por que não havemos de pensar, por que não hão de admittir mesmo os incredulos, que á sua influencia espirital os paraguayos olhem com mais attenção para a sua *Donzella do Martyrio*? Que á sua influencia se embebam no horror á violencia e no culto das crenças que unem os povos em vez de dividil-os?

Teria assim uma finalidade o supplicio de Pancha Garmendia. Abriria os olhos ás novas gerações. Mostrar-lhes-ia quem foram Francia e sobretudo Lopez. Seria a imagem da terra paraguaya sacrificada na sua belleza, no seu heroismo, na sua fecundidade, no seu futuro.

São epidemias e inevitaveis as seitas demononolatrias. Ha pessoas no Paraguay que andam com o retrato de Lopez á lapela. Mas cada vez que uma senhora paraguaya lhes perguntar: "Quem foi Pancha Garmendia?" hão de vel-as empallidecer, disfarçar e calar.

Quereis exorcismar o fantasma de Lopez das ruas de Assumpção? Segurae-o onde estiver, na botoeira dos inexperientes, na penna dos ambiciosos, na intriga dos exploradores, na colera dos illudidos e perguntae: "Lopez, o que fizeste de Pancha Garmendia?"

Como ao grito do Senhor: "Caim, que fizeste do teu irmão?", só lhes responderá o silencio.

O primeiro milagre da Donzella do Paraguay foi a redempção do padre Maiz. O segundo será o exorcismo de Lopez.

AS FAÇANHAS DEL HERÓE

Tudo corrompeu Lopez no Paraguay, até a religião. O seu maior verdugo foi o padre Maiz, hoje também proclamado Santo, o celebre padre Maiz que esmagou a martello os dedos de las Carreras. Ao seu lado o padre Roman, a quem Dolores Recalde deveu o seu triste destino.

Mais abaixo os padres Borgia e Velasquez que punham nos retabulos do Santissimo Sacramento o retrato do tyranno, que andavam com escapularios que tinham numa face a sua photographia e na outra a de Elisa Lynch. Os moribundos nedia-lhe para beijar a imagem de Christo e de Nossa Senhora. Mas o que os renegados lhe chegavam aos labios eram as duas sacrilegas imagens.

Feitas directo as contas ver-se-á que no Paraguay do seu tempo morreram 400.000 pessoas, quasi metade do paiz. Correram por conta dos alliados talvez 30.000 cahidos em combate. Por conta das epidemias o dobro. O resto tudo deve ser inscripto na conta corrente de Lopez na columna do debito. As migrações em massa por elle ordenadas destruíram mais vidas que combates e epidemias juntos. A fome que elle produziu pela imprevisão de arrancar á lavoura todos os braços, a miseria, a fraqueza, o duplo.

Não se pôde fazer o computo das suas execuções. Não se contam as arcias do oceano. Mas não foram as armas dos alliados que escolheram a flor do heroísmo e da cultura paraguaya para cortar-a. Não foram elles que sacrificaram o grande Berges, os generaes Robles, Bruguez, Resquin e Barrios, o commandante Meza, o coronel Martinez e tantos outros.

Se alguém desejou, com todas as veras daquillo que nos outros se chama alma e nelle só se pôde chamar de instincto sanguinario, se alguém desejou com todas as fibras de sua sanha de louco que um povo tivesse uma só cabeça para cortar-a, foi Lopez. Quem lhe estuda os ultimos mezes de vida, em que ordenava a média de 65 fuzilamentos diários, sae convencido de que elle estava executando o plano de exterminar o Paraguay. Sacudiu ahi os ultimos laços que o prendiam á humanidade. Mandou executar os dois irmãos Benigno e Venancio Lopez e os dois cunhados Bedoia e Barrios com requintes de crueldade. Passaram os quatro pelo ceno uruguayano; os quatro tiveram as vertebbras deslocadas; os quatro ficaram reduzidos á attitudo de animaes, obrigados a arrastarem-se sobre os pés e as mãos. Dizem os seus defensores que Lopez exercia um direito e castigava uma conspiração. Demos de barato que as victimas fossem culpadas. Concedamos até a tortura. Mas, se só castigava forçado pelo dever militar, por que, por que obrigar-lhes as mulheres a presenciarem a trituração dos ossos, a laceração das carnes, a deslocação da columna vertebral? E essas desgraçadas eram suas irmãs...

Parece que com o supplicio dos irmãos chegamos ao 34º canto deste Inferno dantesco, onde Lucifer, o Imperador do Reino Doloroso, encravado no gelo até o meio do peito, e grande de uma milha tri-

tura os condemnados com o dentes de suas tres boccas:

*Oh quanto parve a me gran meraviglia
Quando io vidi tre facce a la sua testa!*

O PARRICIDA

Não. Esse monstro dantesco tinha tres faces e tres boccas. Com a primeira devorava os homens. Com a segunda as mulheres paraguayas. Com a terceira toda a familia.

Não o satisfazia o sangue dos irmãos. Queria o da propria mãe. O Lucifer do florentino é mais humano: devorava estranhos. Faltou-lhe um grão no horror. Deixara ao Mariscal Francisco Solano Lopez a honra de o attingir com os seus requintes de tortura guaycurú, encarcerando, seviando, esfo-meando a propria mãe. Quatro dias deixou-a sem alimento algum, e, quando um infeliz soldado, con-doido dos seus soffrimentos, teve a piedade de soc-correl-a, pagou com a vida o crime de dar um punhado de farinha áquella que o alimentara com seu sangue. Deixou-a desnudar até a cintura para que as cutiladas do verdugo imprimissem melhor as marcas. Expoz á curiosidade sacrilega do carrasco o pudor daquelles seios em que bebera o leite da vida. Mandou estampar-lhe no rosto, com um ferro em brasa, a bofetada covarde do padre Maiz, da qual, annos mais tarde, esquecendo os estigmas indeleveis dos espadaços, diria a desventurada senhora: "*Aun siento en las mejillas el calor de las manos del padre Maiz!*".

Nas tragedias do parricidio não conheço mais torva. Relampagos quasi sempre de loucura, essas allucinações de atrocidade não duram mais que o segundo bastante para desencadear a violencia e deixar o criminoso muitas vezes estatelado de horror ante os effeitos do seu desvario.

No parricida paraguay nada disso. A violencia reveste a riqueza imaginativa das peores torturas mongolicas. Só lhes faltou o desfecho. Lopez deve ter morrido com esse pezar: os nossos soldados interromperam o curso da mais bella criação da sua atrocidade! Chegaram a Cerro-Corá justamente no dia em que a sua imaginação shakespeareana, que escrevia tragedias em carne viva, ia coroar o magnifico gigantesco dos epilogos, a ultima criação do seu genio: a morte da propria mãe!

Eis o homem "maior que Bolivar e San Martin!" Eis "o vulcão que rebentou em ondas de luz na historia sul-americana!"

Não. O Paraguay tem mais sentimentos de humanidade do que pensam os que o vilipendiam com os olhos estrangeiros pela mais infame das campanhas. Esse bandido nunca será o seu heroe nacional.

D. Joanna Carilo de Lopez viveu bastante para chorar debruçada sobre o corpo do filho. Se a maior das dores humanas foi a da mãe de Judas, nenhuma terra poude comprehendel-a tão bem como a viu de D. Carlos Lopez. Mas era mãe. Tinha de chorar sobre o filho.

Suas duas filhas acercaram-se-lhe para consolal-a. Traziam os olhos enxutos. Procuraram a lavra que lhe fosse direito ao coração amargurado. Não encontraram senão estas: "Mãe, não chore, elle não era irmão, nem filho!"

Irmão do Paraguay, o Brasil pôde dizer á humanidade: "Não chores; esse parricida foi o maior dos monstros".

E QUINDI USCIAMO...

Mas é tempo de sairmos do inferno. Deixemos longe de nós o ranger dos dentes e o guayar dos castigos. Affirmemos mais uma vez que não lutamos contra o Paraguay e sim contra Lopez. Affirmemos mais uma vez o heroismo dos seus soldados, mas não maior do que o dos nossos. Aos seus generaes como Dias e Caballero, aos seus Genes, Bados, Martinez, Rivarolas e Lopez Yacarés, podemos contrapor os Caxias, os Osorios, os Porto Alegres, os Andrade Neves, os Menna Barretos, os Barrosos, os Marcilios, e uma centena de nomes, menos resplandecentes mas tão altos, além da myriade de heroes obscuros que estrellaram a nossa historia de sacrificios e actos de bravura tão singulares como os paraguayos.

Ha uma illusão de perspectiva quando se pensa que o interesse humano foi todo pelo Paraguay. Os Davids que se armam para lutar traiçoeiramente com os gigantes desprevenidos são necessariamente mais fortes do que elles. David lavou as cinco pedras do rio, guardou-as no surrão e foi a campo com a funda. Era uma luta leal. O simile biblico da desproporção não calha no caso. Gigante seria o Brasil. Mas o bom gigante, como S. Christovão, que vadeava aos hombros os viandantes. S. Christovão tomou nas costas o Paraguay, atravessou com elle o Atlantico e levou-o á Europa para que lhe reconhecesse a independencia. Feita a tarefa o bom gigante deitou-se a dormir. De repente sentiu nos pés um lacrao. Esmagou-o. Para enconral-o, porém, quantos sacrificios, quanta tortura, quanto trabalho!

Não, a luta não foi desigual! Nossos soldados iam para o desconhecido. Cercados de feras, de epidemias, atravessando *esteros* e paludes, vingando macegas e bosques invios, atraz dos quaes um homem vale por vinte, lutamos quatro annos, erguemos a improvização contra a premeditação, o patriotismo contra o fanatismo, a desaffronta contra o odio. Mas depois de termos provado ao mundo que sabiamos defender a honra nacional, não se nos encontrou no coração um resquicio de odio e respondemos á injuria com o esquecimento e ao ultrage com o perdão.

A guerra do Paraguay custou-nos cem mil vidas, dois milhões de contos e não lhe tiramos em troca um palmo de territorio, como já deixei demonstrado. Do embolso da sua divida não ha no Brasil quem cuide, a não ser para liquidal-a numa composição que nem humilhe o orgulho paraguayano nem ridicularize o innocente que o cotejo das duas attitudes nos seja desfavoravel, e que o interesse humano seja pelo Paraguay.

A RIVEDER LE STELLE

A humanidade está hoje talvez na curva decisiva dos seus destinos. Adiante entroncam-se na estrada geral dois caminhos: o da paz e o da guerra. Turmas de trabalhadores occupam-se no preparo do leito quer duma, quer doutra. Qual delles ficará prompto primeiro, denunciando o abandono do outro?

Creio na paz, porque creio na civilização. Creio no homem, porque creio na cultura. Creio na evolução, porque contemplo as transformações do senso moral, que, apesar dos inevitaveis desvios, têm, dia a dia, melhorado o mais tenebroso dos instinctos: a violencia. Mais tempo ha de durar com certeza a luta contra a fraude. Mas longe não deve estar o dia em que ella tambem seja tão incompativel com os

costumes quanto estes o são hoje com o homicidio. Por que descrermos?

Os attentados de sangue dia a dia diminuem. E se mais não diminuem é porque a imprensa ainda não se convenceu de que a publicidade escandalosa é o maior estimulo para a sua reiteração, influido sobre almas incultas, que muitas vezes compram o retrato no jornal com o tostão do sangue alheio. Mas, graças a Deus, os coefficients da criminalidade todos mingnam por obra da elevação do nivel geral.

Apenas a grande criminalidade, a criminalidade da mentira, a criminalidade do odio, a criminalidade das marchas e bandeiras, a criminalidade das trompas e clarins, a criminalidade dos aeroplanos e submarinos, a criminalidade de canhões e gases asphyxiantes, a criminalidade da guerra, com o seu trem de euphemismo e o seu trom de palavras equestres, apenas a Guerra, magnificada e santificada, não desce das alturas illusorias em que a illusão da humanidade enthronisa como a mais alta finalidade da civilização!

Trabalha um homem e cria e educa um filho com o suor do seu rosto, á custa de todos os sacrificios. Revê-se nessa carne da sua carne, nesse espirito de seu espirito, nessa alma da sua alma, pedindo a Deus que lhe pague em juros de benções sobre a cabeça do filho o capital que inverteu nas proprias provações. Eis o teu filho adolescente, entre as benções da mãe, os carinhos das irmãs e o interesse promissor da noiva! Inda não viveu, mas espera a vida entre flores. O que se dá aqui contigo, dá-se tambem alli com o teu vizinho de casa, morador como tu na grande praça do Universo. São talvez amigos os dois adolescentes. Talvez que os olhos da irmã deste volvam para aquelle os sonhos côr de rosa do seu coração. Mas eis que se cruzam os fios dos telegraphos: odios de raças, perspectivas e reivindicações, preocupações commerciaes, ambições de conquistas, dignidades feridas, imperialismos. Ennegrecem os ares. Chocam-se os cyclones do orgulho nacional. Desce a cortina sagrada do patriotismo, que fecha os limites da analyse. E a Deusa sangrenta, illuminada de fuzis, apparece no horizonte, brandindo a espada das reivindicações, que relampeja menos que seus olhos. "Dá-me o teu filho!", ouve o pobre pae deste lado. "Dá-me o teu filho!" escuta o seu vizinho. "Dá-me os filhos para que se despedacem como tigres! Preciso delles para o meu festim de carne humana. A minha majestade cesarea exige que o mundo não passe de um Colyseu! De que vos queixaes?! As mães não aleitam os filhos para morrerem nas batalhas?"

"Tenho palavras de amavios irresistiveis para os que morrerem: sacrificio, heroismo, gloria. Que mais queres, homem insensato? Deste-me um homem e eu te restituo um heroe, deste-me uma creatura e eu te restituirei um immortal!"

E' assim que fala a Guerra. Tristes dos que a escutarem!

Não, Erinnya maldita! Tu que pretendes pagar com europeis o sangue dos teus banquetes, podes arrancar-me o filho, porque és o numero, a compulsão, a força organizada e irresistivel. Mas a tua fronte, enroscada de serpentes como a da Medusa, não me impedirá de desmascarar-te, homicida mascarada de gloria. A gloria não és tu. A gloria é o trabalho, a semente, a flôr, o fructo, a messe, a geração, o esforço, o engenho, a labuta, a invenção, a descoberta, o pensamento, o regimen inerme dos que criam a riqueza, a cultura, o aperfeiçoamento, a solidariedade humana. Tu não crias, destróes. Tu

O Exercito e a Nação

"Em o nosso paiz, ainda não conseguimos realisar a interpenetração das duas formidaveis entidades que são a Nação e o Exercito.

E' que ainda não sentimos as reacções reciprocas entre a Paz e a Guerra. Vivemos de formulas sentimentaes, alheias ás realidades historicas e geographicas que representamos e que nos cercam. Faltamos o criterio scientifico para nos organisarmos em potencia ponderavel tal qual todos sonhamos para o nosso paiz.

Todo o mundo civilisado gravita em torno de duas phrases de fogo mas que exprimem a luta como a propria essencia da vida que é a selecção. Uma dellas lançou-a Von Bernhardi — "*a guerra é a continuação da politica com as armas nas mãos*". A outra, emittiu-a Clemenceau, em plena Conferencia de Versailles — "*a paz é a guerra conduzida de outro modo*".

Outro não podia ser o resultado da crescente industrialisação da vida moderna em que as competições economicas se tornam cada vez mais intensas. E, em tal scenario, as palavras de ordem são *Organisação e Organização*. E quando a organização prima sobre todas as coisas tem-se que reconhecer o Exercito como o grande plasmador da Nação.

De facto; na paz cabe ao Exercito — para a satisfação das necessidades militares do paiz — ser o apparelho de caldeamento social, ao mesmo tempo que o condensador das reservas nacionaes; como expressão pratica da soberania nacional é elle o grande estímulo e o grande condensador de todos os crescimentos, de todos os progressos. Na guerra — quando a Nação inteira se mobilisa para a batalha — cabe-lhe enquadrar-a, levá-la nas malhas de sua organização de campanha á Victoria das proprias armas.

Em resumo — na paz a Nação precisa do Exercito, na guerra o Exercito precisa da Nação. Na paz como na guerra o Exercito tem que ser a espinha dorsal da nacionalidade, sufficientemente forte para que possa articular todos os desdobramentos da vida nacional, flexivel na medida necessaria á homogenisação desses mesmos desdobramentos. Emfim o Exercito Nacional, como todas as forças que devem representar papel politico-social predominante — tem que pairar acima de tudo e de todos, realisar o esforço apostolico de isentar-se das paixões embientes, para que possa sentir de perto o rythmo das verdadeiras aspirações da Patria."

não edificas, arrazas. Tu não aperfeiçoas, deformas. Tu não pregas a verdade, disseminas o erro. Eu te conheço, sinistra e bebedea vivandeira, que tens acompanhado cambaleando o sequito de todos os inimigos da civilização.

O teu imperio sinistro está nos ultimos estertores. Já te ergueste como um arco-iris de sangue do seio ridente da Guanabara ás margens do Rio da Prata. Que fizeste? No que melhoraste a sorte dos dois povos que arrebatastes ao campo de batalha? Qual delles ganhou por te ouvir os conselhos? Ambos, depois da luta, cahiram extenuados e nenhum dos dois ainda se refez das feridas que abriste. Um não additou ás suas as forças que o outro perdeu. A fraqueza do vencido não augmentou a robustez do vencedor. Passados cincoenta annos um olha para o outro e ambos podem perguntar: "O que fizemos? Para que? Com que fito?" Para perdemos dez vezes aquillo pelo que lutamos?

Repito. A éra da violencia internacional ha de ter o seu dia, como teve a éra dos Caudilhos no Rio da Prata, como teve a éra da Escravidão no Brasil. Tudo o annuncia. Forma-se uma consciencia internacional. O arbitramento floresce em Haya, sob os auspicios de uma cõrte cujas sentenças se revestem da majestade irrecorrivel da consciencia.

A Sociedade das Nações tacteia em busca de uma fórmula que congregue todas as nacionalidades em torno do novo Direito dos Povos. Pouco importa que ainda se não desprendesse do velho conceito da Força indeclinavel. Pouco importa que ainda queira enfeixar os destinos do Universo nas mãos de quatro ou cinco potencias que se arrogam o direito de dividir entre si os destinos dos mares e dos continentes. O grande principio está firmado, ape-

zar das falhas da sua execução, que correm por conta das contingencias humanas. E á sombra desse principio ha de surgir bem cedo a fórmula que resolva a equação dinamica da Paz. Por isso mesmo os que não levaram á Sociedade das Nações o concurso do seu nome têm certeza que hão de fazel-o mais cedo ou mais tarde, desde que a igualdade das soberanias, que um dia se levantou em Haya á voz d'um brasileiro, como a estrella de Belém d'um mundo novo, se torne a expressão de um facto reconhecido e não o eufemismo d'um voto tão depressa enunciado pela palavra como desmentido pelos actos...

Guerra! Sinistra Divindade! os teus dias estão contados! Na tua ronda sinistra talvez inda encontres ovelhas perdidas para devorar. Mas não será por muito tempo. Has de passar, como tudo que não repousa sobre o coração, inda amanhã, como hontem e como hoje, o fóco da energia, da criação e da vida. Tu arrastaste um dia o Brasil contra o Paraguay. Elles te conheceram, viram o que és e arancaram-te a mascara. Elles te maldizem!

O reino da Paz ha de chegar sob os auspicios do Christianismo, que não é mais do que a systematização da parte divina que ha no coração dos homens. Quando Elle surgiu na Galliléa já annunciara a eclosão d'um mundo melhor, que lhe viria substituir na corôa de espinhos do Golgotha o distico de irrisão pelo de príncipe da Paz. E' para Elle que nos voltamos, pedindo ao senhor das Nações que congregue os homens de boa vontade dos dois paizes para que reparem juntos os erros do passado e juntos marchem para o porvir, para a fraternidade americana que é a fraternidade universal e para o dominio do progresso que é dominio do Direito.

O NOVO REGULAMENTO DE INFANTARIA DO EXERCITO FRANCEZ

Tradução do Cap. J. A. ARAÚJO

NOTA DO TRADUCTOR — A circumstancia de se estar cogitando da revisão do nosso regulamento de infantaria faz valer a oportunidade da transcrição deste prefacio, aliás recommendado á nossa curiosidade pelo classico "vient de paraitre". Esse documento surge muito a proposito para reafirmar o valor da doutrina e dos processos de combate prescriptos para as infantarias franceza e brasileira, doutrina e processos que resultaram de bem comprovada experiencia da guerra.

Além disso uma tal affirmação serve para condemnar, de uma vez por todas, os pruridos innovadores de alguns articulistas dos ultimos tempos, que, no afan de apresentar obra propria, têm procurado pôr em cheques varios pontos do regulamento de 1920 e conseguido estabelecer confusão em espiritos menos prevenidos.

A 1.º de Março de 1928 o Ministro da Guerra assignou um documento que para a infantaria representa capital interesse: o Regulamento de infantaria, destinado a substituir o Regulamento de manobra actualmente em vigor.

A primeira parte que diz respeito á preparação technica da infantaria está sendo impressa e será enviada aos corpos antes da incorporação do proximo meio-contigente; as duas outras que tratam respectivamente do combate e do serviço em campanha, serão encaminhadas ulteriormente.

A Revista de Infantaria sente-se feliz em apresentar aos seus leitores o prefacio do novo Regulamento.

NOTA DA REDACÇÃO DA REVISTA DE INFANTARIA

Prefacio

Logo após a conclusão das hostilidades, a Direcção de Infantaria, forçada pela necessidade de dar á essa arma o guia indispensavel á sua instrucção, teve que redigir e pôr em vigor, com a diligencia que então se impunha, o Regulamento provisório de manobra de infantaria de 1.º de Fevereiro de 1920.

Directamente inspirado nos ensinamentos da Grande Guerra, este regulamento codificou assisadamente os principios e processos de comba-

te que tinham sido os da victoria e que nada tinham perdido de seu valor.

A elle devem a sua formação militar oito contingentes de conscriptos, a maior parte dos sub-officiaes de carreira e numero já consideravel de officiaes subalternos da activa e da reserva. Só haveria vantagens em continuar a fazer a instrucção dos contingentes e dos futuros quadros com os mesmos textos, se não fossem tres importantes acontecimentos, surgidos desde 1920 e de natureza a tornar necessaria attenta revisão da obra post-guerra.

Esses acontecimentos são:

1.º A entrada em vigor da *Instrucção provisoria sobre o emprego tactico das grandes unidades*;

(*) Da *Revue d'Infanterie* — Avril, 1928.

2.º A reorganização do exercito que comporta a proxima adopção do serviço de um anno, consideravel redução das unidades do exercito activo e augmento correlato das unidades de formação nova;

3.º O augmento da potencia de fogo da infantaria, proveniente, em particular, da entrada em serviço de novo fuzil metralhador, que até 1.200 metros tem propriedades comparaveis ás da metralhadora.

Além disso, era natural que se aproveitasse a revisão imposta pelas circumstancias para fazer retoques ou precisar alguns pontos, que por si sós não justificariam a refusão do Regulamento, mas que, na pratica, pareceram ser susceptiveis de aperfeiçoamentos no fundo e na forma; os mais notaveis dentre taes retoques e precisões resultam de melhor distribuição do effectivo das pequenas unidades de infantaria.

Os redactores do Regulamento de 1920, em face da ausencia de instrucções sobre o emprego de todas as armas, viram-se forçados a enunciar certo numero de principios ou de considerações de tactica geral, indispensaveis para collocar o combate da infantaria dentro do respectivo quadro. Essa lacuna foi preenchida pela entrada em vigor da *Instrucção sobre o emprego tactico das grandes unidades* e de seus oito annexos cujas prescripções tiveram, desde logo, autoridade. Impunha-se, então, por um lado, aliviar o Regulamento da infantaria das partes de seu texto que eram uma repetição desses documentos; e por, outro lado, realizar completa harmonia de apresentação e de terminologia, que bem accentuasse o espirito de dependencia dos Re-

gulamentos das armas para com as Instrucções de ordem geral.

Foi o que se fez principalmente na terminologia da defensiva.

Ao mesmo tempo, satisfiz-se á decisão posterior a 1920, que exigia para todos os Regulamento de armas contexturas comparaveis, apresentando tres partes:

- 1ª. parte — Instrucção technica;
- 2ª. parte — Combate;
- 3ª. parte — Serviço em Campanha.

O serviço em campanha da infantaria absorveu os annexos do Regulamento de 1920 que tratam do mesmo assumpto. Foi estabelecido segundo o mesmo plano do annexo correspondente da Instrucção sobre o emprego das grandes unidades e constitue guia completo da vida do infante em campanha.

Antecipando, depois de exame amadurecido, á eminente revisão de certas partes deste ultimo annexo, elle inaugura uma concepção mais moderna da segurança em marcha e em estacionamento fóra do campo de batalha. Nelle as disposições filiformes ou fragmentadas em uma serie de escalões de effectivos crescentes, serie que era bem difficil de caracterizar por papel perfeitamente distincto, foram substituidas por um dispositivo simples, distribuido sempre em largura e sempre dividido em dois escalões: escalão de reconhecimento ou de vigilância e escalão de combate ou de resistencia, cujas proprias denominações servem para precisar-lhes as missões.

As novas leis de organização do exercito prevêm a adopção muito proxima do serviço de um anno e, como consequencia, proporção cada vez mais consideravel, por occasião da mobilização, de homens e quadros de reserva nas unidades activas e de formação nova.

Dahi decorria a necessidade de simplificar ainda tudo que fosse susceptivel de sel-o, de dar aos programmas de instrucção carácter limitativo e de crear meios mais rapidos para formar os graduados do contingente e os futuros graduados de carreira.

Pelo mesmo motivo, em vez de no inicio fazer de todos os infantes bons fuzileiros-volteadores, tornou-se necessario resolver que se designe, desde a incorporação, o pessoal das unidades de metralhadoras e de engenhos de acompanhamento e que se classifique o mais cedo possivel o da observação e das transmissões.

A preocupação de fazer um regulamento ao alcance do graduado e do official de reserva e que continha os conhecimentos tacticos necessarios a este, fez com que se encarasse de modo differente a exposição dos processos de combate das diversas unidades.

Para o grupo, a secção, e mesmo a companhia, convem cada vez mais prescrever forma-

ções imperativas, em numero limitado e exprimir os casos de seu emprego, enunciando as regras, e não considerações tacticas que os executantes seriam tentados a interpretar de maneira diversa.

A opinião de não ser conveniente indicar para o grupo formações de combates habituaes e apresentar os respectivos schemas, não se sustentou deante do facto de ser a maior parte dos grupos commandados, por occasião da mobilização, por sargentos de reserva.

Para o batalhão e o regimento, ao contrario, a direcção do combate exige conhecimento mais completo da tactica da arma. Por isso a exposição do methodo de combate inaugurado pelo Regulamento de 1920 foi conservado; ella não é, aliás, inutil aos officiaes subalternos que executarão tanto melhor as prescripções formuladas quanto mais imbuídos estiverem de sua razão de ser.

Essa exposição provoca, em verdade, certa extensão do Regulamento; e que é inevitavel desde que a infantaria se tornou, pela complexidade e variedade de seu material, uma arma technica. Procurou-se a simplicidade no modo de exprimir as idéas e na suppressão de formações menos uteis. Cabe aos officiaes instructores completar esse esforço de simplificação discriminando as partes do texto que os quadros devem estar completamente senhores, das que só os interessam a titulo de indicação.

Graças á adopção do fuzil metralhador modelo 1924 a infantaria dispõe de uma arma cuja velocidade de tiro e segurança de funcionamento asseguram-lhe efficacia nas pequenas e medias distancias. Essa particularidade deve ser aproveitada para explorar de modo mais completo as propriedades das metralhadoras, estendendo o limite de seu emprego. Por outro lado, a potencia offensiva do fogo da infantaria ainda foi accrescida pelo facto de ter sido duplicado o numero dos morteiros de acompanhamento e de ter sido profundamente melhorada a precisão desses engenhos.

Realizações de tal modo importantes devem ser traduzidas, no Regulamento, por um reforçamento da idéa de que o fogo é o argumento essencial do combate e que a tactica das pequenas unidades de infantaria é, antes de mais nada, a arte de dispôr essas unidades para produzirem os fogos necessarios. Cuida-se muito mais de concentrar o numero sufficiente de projectis sobre pontos ou zonas do terreno, judiciosamente escolhidos, de que conseguir por meio de manobras mais ou menos subteis, levar fracções para certas partes da frente ou do flanco do inimigo.

O fuzil metralhador 1924, a metralhadora de longo alcance e os morteiros de acompanhamento proporcionam hoje á infantaria os meios de realizar fogos de tal violencia que se poderá ultra-

passar, na offensiva, as frentes indicadas como usuas pelo Regulamento de 1920, quando os processos de observação, de transmissão e de reabastecimento, em via de aperfeiçoamento, tiverem alcançado progressos comparaveis aos do armamento.

Emquanto se espera por estes, o adestramento dos meios existentes assume nas pequenas unidades importancia crescente, porque de sua execução mais perfeita depende o aproveitamento integral do armamento.

Na defensiva, em que os reabastecimentos são relativamente facéis, a forte dotação da infantaria em armas automaticas poderosas e seguras augmenta consideravelmente sua capacidade de resistencia e permite-lhe oppôr-se durante muito tempo com os proprios meios e em frentes ligeiramente augmentadas, a ataques mesmo fortemente apoiados.

Finalmente, os papeis respectivos do fuzil metralhador e da metralhadora tornam-se mais facéis de ser definidos, uma vez que não ha mais razão para se preoccupar em supprir eventualmente com a ultima as fallencias do fuzil metralhador. Salvo excepções justificadas por circumstancias particulares de terreno ou pela oportunidade de utilizar, principalmente nos tiros de flanqueamento, a totalidade da zona rasada, as secções de metralhadoras, ficando sob as ordens de seu capitão, recebem, sob a impulsão do commandante do batalhão, missões de tiro distinctas das dos fuzis metralhadores.

A esse respeito, a constituição de uma base de fogo na offensiva, idéa já esboçada no Regulamento de 1920, é d'agora por diante apresentada como processo normal no combate do batalhão.

Os principaes pontos do Regulamento de 1920, nos quaes foram feitos retoques, são os seguintes:

— os exercicios de manabilidade passaram a se chamar exercicios preparatorios para o combate e fazem parte da preparação technica das unidades;

— as prescripções que dizem respeito á manutenção do contacto tornaram-se menos systematicas; porque parecia que davam logar á restricção da liberdade de decisão do commando;

— a possibilidade de executar um contra ataque immediato ficou limitada á secção e á companhia. Como se contra ataca pelo fogo, é preciso necessariamente uma preparação e um prazo para a execução;

— ficou precisado que o papel das reservas no desenvolvimento de um primeiro exito consiste mais em alargar uma brecha atacando pelo fogo os dois salientes que ella determina, do que em seguir o primeiro escalão nessa brecha por este creada.

Notavel modificação foi introduzida no que diz respeito aos processos de combate do grupo e da secção.

Era necessario reagir:

— contra a diminuição apparente do papel de commandante de secção, creada pelo Regulamento que primeiro codificou o funcionamento do grupo, dando a este relevo excessivo em detrimento da secção;

— contra uma interpretação erronea das possibilidades de manobra do grupo, interpretação resultante de sua divisão em duas esquadras;

— contra o abuso persistente das linhas de atiradores, muitas vezes preferidas sem razão plausivel, á formação menos visivel e mais facil de ser conduzida, isto é, a columna.

Supprimindo um cabo em cada grupo foi possivel, sem modificar o effectivo total, proporcionar ao chefe de secção um sub-official adjunto, um observador e um cabo que eventualmente pode assumir o commando dos tres granadeiros V. B. da secção.

Essa medida foi completada pela supressão das esquadras: o grupo só se subdivide para diminuir a sua visibilidade e vulnerabilidade.

O commandante do grupo commanda directamente o conjunto deste: seu papel, tornado muito simples, não consiste em combinar uma manobra, mas sómente em fazer progredir o grupo em bloco até o seu objectivo.

O fuzil metralhador é mantido constantemente em situação de desenvolver toda a sua potencia de fogo: os volteadores servem eventualmente para o esclarecer e depois, quando se está sufficientemente perto do inimigo para lhe proporcionar, se fôr necessario, o auxilio do proprio fogo; finalmente, chegado a distancia de assalto, o grupo passa á abordagem, em que cada um toma parte com as proprias armas.

A secção é a menor unidade susceptivel de effectuar uma manobra elementar; sob a impulsão de seu commandante, os tres grupos podem assegurar, por meio de seus deslocamentos alternados, a continuidade do movimento e ao mesmo tempo a permanencia do fogo.

Porém, não ha comparação entre as combinações sempre muito simples a que dá logar esse processo de combate e as idéas de manobra que presidem á participação de unidades mais importantes em acções de conjunto empenhadas, em regra geral, sobre frentes extensas com o apoio da artilharia e mesmo muitas vezes com o concurso dos carros.

As prescripções do Regulamento de 1920 relativas ao emprego das companhias e das unidades mais fortes não soffreram modificações essenciaes.

O que importa antes de tudo é que os directores dos exercicios de combate dessas unidades

des estejam imbuídos da importancia primordial do tiro e que não se entreguem á pratica da manobra em si mesma.

Antes de chegar ao assalto, a manobra de uma pequena unidade de infantaria só tem por objectivo conduzir em face do adversario um dispositivo de fogo mais effizaz do que o deste.

No espirito do chefe, a determinação das zonas a bater deve antecipar-se sempre á escolha das posições a indicar ou aos movimentos a determinar. Nenhum dispositivo da tropa vale pela forma propria, mas sómente pelas vantagens que proporciona sob o ponto de vista de acção pelo fogo. Na realidade, quasi todos os problemas de combate se reduzem para a infantaria a problemas de tiro.

Dahi resulta que o conhecimento e o emprego das armas são, para as pequenas unidades de infantaria, o objectivo essencial da instrução.

Quanto mais habil fór a infantaria em tirar partido de um armamento que ella sabe ser effizaz, mais terá fé na propria força.

O valor militar da tropa é constituido por essa habilidade e pela confiança que esta dá lugar.

Esse valor é obra dos quadros instructores. Se durante a guerra a infantaria deu provas das bellas qualidades que lhe valeram a victoria, ella o deve aos chefes de todos os postos que a formaram.

A exemplo de seus antecessores, os officiaes e sub-officiaes a quem hoje cabe a delicada tarefa de ministrar, em um prazo minimo, ensinamento muito mais complexo, deverão associar com a elevada consciencia de seus deveres a mais desenvolvida competencia profissional.

Instruindo-o, apprendirão a conhecer o soldado, conhecimento por demais necessário para bem commandal-o e para desenvolver nelle as qualidades moraes sem as quaes uma tropa, mesmo muito bem instruida, não poderia supportar as duras provas da batalha moderna.

Muito embora a guerra evolua em sua forma com os progressos da arte de destruir, ella continúa, com effeito, a ser em seu principio lucta de vontades e de corações.

O Regulamento de 1920 soube pôr em relevo com toda nitidez desejavel a importancia capital desse factor.

A educação moral, dizia elle, "deverá dominar e vivificar constantemente a instrução militar.

"O amor da patria, principio dessa educação, engendra os mais nobres sentimentos, crea entre os cidadãos fecunda solidariedade e assegura a cohesão e a força de uma nação.

"O patriotismo, despertado na família, desenvolvido na escola, será exaltado no regimen-

to; os numerosos feitos de armas que illustraram a ultima campanha serão frequentemente apontados aos recrutas como exemplo.

"A este elevado sentimento do patriotismo, cuja tradição vem se transmittindo intacta ás successivas gerações, deve-se o renome universal que a infantaria franceza adquiriu na historia no decorrer dos seculos.

"Esta fama ainda cresceu durante a guerra e a immensidade dos sacrificios consentidos revestiram-na de incomparavel prestigio.

"A geração da Grande Guerra tudo sacrificou pelo amor da patria.

"As futuras gerações deverão por si mesmas beber nesse exemplo admiravel o culto das elevadas virtudes moraes que, depois de nos ter dado a victoria, constituirão no futuro a mais segura salvaguarda dos destinos do paiz".

Ainda a questão fundamental

"Ha duas grandes queixas contra a nossa actual lei de promoções. A primeira é simples — a lei não sabe evitar os insufficientes; a segunda, com exigencias maiores, accusa o mecanismo della de *inadaptação ás condições novas do Exercito*.

Ambas se justificam. De facto, nossa lei data de 1891 e as modificações que tem soffrido não lhe alteraram senão em detalhes.

Mas, muito antes de seu mecanismo defeituoso, existe, tornando-a impropria e inutil, alguma cousa menos ponderavel e menos visível que se affirma a toda a hora e em todo lugar. Essa cousa está na genese da propria lei. Esta nasceu em 1891, e é preciso ir até lá para se entender um pouco dos preconceitos que a fazem de pé 37 annos depois.

A lei de promoções que nos rege é uma consequencia da preponderancia dos aspectos politicos que, então, empolgavam a nação. O idealismo literario, politico e philosophico areassalava todos os espiritos e obumbravam as conveniencias praticas. Por isso os *verdadeiros objectivos de uma lei de promoções* tinham que ser fatalmente esquecidos.

Uma lei de promoções só tem um fim — recrutar officiaes e estes só valem quando concebidos servindo o meio, actuando sobre o meio — evoluindo com o meio.

Toda vez que um homem não traz essas credenciaes, póde ser um optimo cidadão, um *bonissimo chefe de familia*, mas será sempre um *peissimo official*."

Formações da Infantaria

Pelo 1.º Ten. OCTAVIO PARANHOS

Todas as formações da Infantaria derivam:
— da *linha* (homens collocados uns ao lado dos outros),

— da *columna* (homens collocados uns á retaguarda dos outros).

Antes de 1914 admittiam-se:

— *linha*: formação typica da Infantaria lutando contra o fogo da Infantaria adversa;

— *columna*: formação typica que a Infantaria devia adoptar para escapar aos effeitos destruidores da Artilharia.

A formação em linha, em uma ou varias fileiras, é aquella que em todos os tempos tem permittido ao infante fazer o melhor uso das suas *armas individuaes*; depois da adopção das armas de fogo de repetição, as formações em uma fileira a 4 ou 6 passos de intervallo passavam por ser as menos vulneraveis ao fogo da infantaria adversa, tudo permittindo obter-se um fogo sufficiente para conceder o movimento para a frente.

A formação em columna de uma ou varias filelas, permittia uma marcha mais facil, uma melhor utilização de todos os caminhos; em terreno descoberto tinha a vantagem de offerecer aos observatorios da Artilharia objectivos de pequena frente.

De outra parte, a guerra do Transwaal e a da Mandchuria demonstraram a impossibilidade de dirigir sobre o fogo grandes unidades de Infantaria e de haver sempre necessidade de fogo para avançar, donde, unidades de Infantaria atirando enquanto que outras avançavam.

Em 1914 a doutrina de combate de Infantaria por pequenos grupos de 6 a 12 homens foi admittida por todas as nações.

ENSINAMENTOS DA GUERRA DE 1914

A arma automatica ligeira, *collectiva*, o F. M., tornou-se desde logo a arma essencial do G. C.

O fogo do fuzil, sem perder o seu valor, é menos indispensavel nas situações ordinarias do combate. Nem sempre é util ter todos os fuzis do G. C. em linha. Uma arma automatica *collectiva*, tão leve como é o nosso F. M., deixando na fileira dos volteadores, dá ao G. C. uma grande potencia de fogos e uma destreza nos movimentos que lhe permite desenvolver-se rapidamente.

O emprego das armas automaticas em flanqueamento e a procura do tiro de enfiada

pelas metralhadoras são de tal natureza que tornam a formação em linha muito vulneravel ao fogo da Infantaria.

A obrigação para as unidades de fuzileiros volteadores de deixarem entre si intervallos para o tiro das metralhadoras leves e muitas vezes para melhor utilizar o apoio das suas bases de fogo, a necessidade para a Infantaria de escapar aos tiros da Artilharia cada vez mais empregados, por todas estas razões, é então, a pequena columna por esquadras, por G. C., marchando regularmente ou um pouco disperso em enxame, que constitue a formação de base unica da Infantaria no combate.

As columnas são conduzidas na testa pelos seus chefes seguidos pelo F. M..

Cada pequena columna é dirigida sobre os ninhos de resistencia, abrigos, grupos inimigos que se apresentam na zona, etc., e só se desenvolvem quando chegarem á distancia conveniente para o assalto.

Depois a formação em pequenas columnas é retomada, para continuar a marcha para os outros objectivos.

Graças a esta formação:

1º — As unidades permanecem bem em ordem, commandadas e vigiadas;

2º — Ellas podem, por seus F. M. na testa, durante a progressão, pelo seu desenvolvimento em enxame á distancia de granada, utilizar suas armas com todas suas possibilidades;

3º — A direcção do conjuncto e a direcção sobre cada ninho de resistencia pode ser assegurada.

Esta não é a formação unica, porém deve ser sempre que possivel empregada, quando se está protegido por uma mascara possante, onde se procura obter o maximo de cohesão e de commando, facilidades de direcção, rapidez e potencia para o choque.

E' preciso vêr as pequenas columnas não como filas rigidas. São pequenas serpentes dexttras, fragmentaveis, se unindo ou se separando, as paradas se fazendo muitas vezes nos menores accidentes do solo.

De uma maneira geral, é preciso, todas as vezes que uma mascara (mascara do apoio directo, obscuridade, nevoeiro, etc.) ou um terreno permitta (matto, etc.), tornar o mais frequentemente possivel esta formação em pequenas columnas.

Quando não se tem a mascara ou quando ella desaparece, deixando a Infantaria sob a protecção do seu proprio fogo, em terreno com-

Notas sobre a instrução no quadro do R. C. (*)

Pelo Major COLLIN (da M. M. F.)

(Continuação)

ANNEXO II

Assumptos: $\left\{ \begin{array}{l} \text{Instrução Individual.} \\ \text{Instrução Individual a Cavallo.} \\ \text{Instrução Individual a Pé.} \end{array} \right.$

INSTRUCCÃO INDIVIDUAL

Sendo essa parte da instrução a base da tropa e o meio mais seguro de realizar-se, em seguida e com mais rapidez, o ensino collectivo, natural e conducentemente a que se prende ao cavalleiro a cavallo ou a pé, é ministrada primeiro individualmente.

Fim — Quando o cavalleiro sabe desempenhar perfeitamente o seu papel no grupo, (1) quer a cavallo (*Patrulha ou Posto*), quer a pé (*grupo de combate*), (1) a instrução individual está completa.

(*) Estas "Notas" já estão reunidas em livro, à venda no D. C. Insistimos, ainda, em publical-as para divulgar-lhes a utilidade.

(1) Adoptamos os seguintes termos:

Grupo a cavallo — Posto ou Patrulha.

Grupo a pé — Grupo de combate (reduzido ou completo).

Pelotão a cavallo.

Pelotão a pé — Grupo de combate completo e cavallos de mão; e,

Grupo de combate reduzido — Cavallos de mão e esquadras a cavallo.

PROGRAMMA:

A) *Instrução a cavallo* — Visa: o emprego do homem na patrulha e no posto.

Tem por fins:

— Formar cavalleiros vigorosos e ardentes, confiantes nos seus recursos e habéis no emprego das armas a cavallo;

— Formar vedetas, esclarecedores, balizadores e estafetas e

Comprehende:

1º. — *Uma educação physica e*

2º. — *Uma instrução technica, comportando:*

— *Uma instrução equestre e*

— *Uma instrução sobre o emprego das armas a cavallo.*

3º. — *Uma instrução sobre o serviço em campanha*, ligada á instrução do grupo a cavallo e compreendendo:

pletamente descoberto, então é preciso uma certa dispersão dos homens.

As condições de emprego das armas e a visibilidade impõem o desdobramento a adoptar, o lugar de cada um dos homens, sem esquecer de manter a unidade commandada por um chefe para manter sua impulsão.

E' o nosso fogo que fará calar o fogo inimigo. E' o nosso poder de penetração, é a nossa ameaça de destruição approximada que conduzirão a cessação definitiva do seu fogo.

O meio de diminuir a vulnerabilidade de uma tropa que ataca não é unicamente a escolha de tal ou qual formação mais ou menos invisível. O melhor meio é desenvolver diante d'elle um fogo possante: fogo de artilharia, fogo de infantaria, afim de desorganizar os órgãos de fogo inimigos.

Porém, na ultima phase do ataque, isto é, no assalto, a melhor formação é a linha.

Durante o assalto, mesmo atraz dos obuzes das concentrações da Artilharia e das balas dos F. M., mesmo á retaguarda dos Carros de Combate, sob a abobada de balas das metralhadoras, é preciso um grande numero de homens

para aproveitar completamente o effeito dos projectis ou dos engenhos, para destroçar o inimigo ainda vivo, que muitas vezes mostra uma resistencia seria.

E' preciso um grande numero de volteadores e granadeiros, muitos não farão nada, mas é o unico meio de se ter uma baioneta ou uma granada lá onde serão necessárias e o mais rapidamente possível.

E' preciso que estes homens sejam numerosos para dar ao inimigo uma impressão de terror.

Para realizar esta dupla força material e moral, para obter-se o numero de homens necessários, é a formação em linha que é a mais economica em effectivos e a menos vulneravel.

E' então, na direcção do inimigo que é preciso transpôr esta linha terrivel, inabordable, entre os dois campos inimigos. Sómente a formação em linha é que pode dar ao infante esta impressão de força, esta imagem da vontade de vencer que se procura neste momento.

Conclusão: para o ataque sempre que possível a formação em columna, na phase do assalto a formação em linha.

a) *Uma instrução preparatoria, que tem por fim ensinar o cavalleiro:*

- a se orientar
- a utilizar o terreno
- a percorrer isoladamente a cavallo, em um dado tempo, uma distancia determinada, com conhecimento das andaduras
- a observar
- a interrogar e se informar e
- a prestar informações;

b) *Uma instrução propriamente dita, comprehendendo:*

- instrução do cavalleiro vedeta
- instrução do cavalleiro explorador
- instrução do cavalleiro estafeta e
- instrução do cavalleiro balisador.

A instrução a cavallo é dada, primeiramente, no picadeiro e o mais cedo possivel, no exterior, no terreno de exercicios e, sobretudo, em terreno variado.

A instrução equestre, a instrução do serviço em campanha e o adestramento das unidades no combate a pé são conduzidas parallelamente, logo que os cavalleiros estejam em condições de sahir do quartel.

Ha interesse em prolongar as sessões no exterior, com a condição de variar o ensino dado e de poupar os cavallos.

O instructor deve:

— esforçar-se no sentido de que o ensino aos recrutas dos meios elementares de conducta, seja o mais rapido possivel, pois dessa maneira, os poria em condições de, prematuramente, frequentarem os exercicios do exterior;

— intercalar em toda sessão de equitação marchas e movimentos em terreno livre, em ordem dispersa ou em pequenas columnas, exercicios de Serviço em campanha ou de combate a pé, com emprego do fogo e, finalmente,

— conduzir, parallelamente, todas essas instruções, esforçando-se pela variedade dos exercicios, afim de evitar a monotonia e o aborrecimento.

No serviço em campanha, o objectivo da instrução é adestrar os cavalleiros na execução das missões individuaes.

O reconhecimento de uma linha de fogo e a collocação das armas automaticas constituem um dos pontos mais importantes dessa instrução

B) *Instrução a pé* — Visa: o emprego do homem no grupo do combate e dar-lhe os conhecimentos indispensaveis á vida material do soldado;

Tem por fins:

— Formar cavalleiros disciplinados, exímios no tiro, no ataque, na organização e defesa do terreno, e nas missões individuaes a pé e

Comprehende:

1º. — *Uma educação physica, tendo por fim:*

— crear, desenvolver e conservar os meios physicos necessarios ao cavalleiro para desempenhar o seu papel de combatente a cavallo ou a pé.

Por conseguinte, essa educação do cavalleiro abrange exercicios executados a pé e a cavallo, intimamente ligados e proprios para, no fim da instrução, fazer do cavalleiro:

1º./um combatente a cavallo, flexivel, destre, resistente, ousado e montando bem;

2º./um combatente a pé, approximando-se o mais possivel, por sua resistencia e habilidade no terreno, do infante, qualquer que seja a sua especialidade e

3º./ um explorador de escol, tendo sangue frio e o senso da orientação, com vista e ouvido desenvolvidos.

Para alcançar esse objectivo, é necessario que, durante todo o anno, o cavalleiro execute;

1º.) exercicios em que o cavallo tenha o papel mais saliente, como objectivo e como meio;

2º.) exercicios de treinamento e destreza capazes de crear um combatente physicamente apto para o combate a pé e

3º.) exercicios de selecção e de aperfeiçoamento do explorador de escol.

2º. — *Uma instrução technica, comprehendendo:*

a) *Emprego das armas:*

— execução dos diferentes movimentos com armas.

Para que esses movimentos sejam executados automaticamente, os cavalleiros são previamente exercitados sem armas; depois com ellas e sem commando, finalmente, tambem com ellas e com commando —

— estudo e emprego das diferentes armas, dos engenhos, das ferramentas e da mascara e

— exercicios de tiro, orientados no sentido do individual de precisão;

b) *Ensinamentos diversos:*

— serviço interno e de guarnição —

— nomenclatura e conservação do arreado, fardamento e equipamento —

— cuidado com o cavallo: penso, alimentação e apresentação —

— deveres do soldado, especialmente na parte relativa á disciplina, aos signaes de respeito, etc.; aos pedidos, requerimentos, etc. —

Essa instrução comprehende:

— palestras moraes.

3º. — *Uma instrução tendo em vista o combate, ligada á instrução do grupo.*

Fim — Ensinar o homem a agir individualmente e em proveito da collectividade.

Esta instrucção comprehende:

a) Uma instrucção individual preparatoria, destinada a collocar cada cavalleiro em condições de actuar com precisão e oportunidade.

Ella trata

Do conhecimento e utilização do terreno;
Da execução do tiro no combate e

Da execução das missões individuaes.

Desde o inicio, essa instrucção *dada no quadro do grupo de combate*) é ministrada ao mesmo tempo que a preparação technica do cavalleiro;

b) Exercícios preparatorios e de combate da esquadra e

c) Exercícios preparatorios e de combate do grupo.

Os exercícios de combate da esquadra succedem aos individuaes propriamente ditos e constituem a transição entre esses ultimos e os de combate do grupo.

Observação sobre a instrucção individual a cavallo, no Serviço em Campanha e sobre a instrucção a pé tendo em vista o combate.

A cavallo — a patrulha e o posto e

A pé — o grupo de combate são as fracções (unidades, onde o cavalleiro exerce normalmente a sua actividade.

Nessas unidades age, seja sob as ordens de um chefe, seja sob a sua propria iniciativa.

Demais, vimos que a instrucção individual do homem só está completa quando elle se acha em condições de desempenhar perfeitamente o seu papel num e n'outro grupo.

Disso resulta:

1º. — A instrucção individual do Serviço em Campanha e a instrucção a pé tendo em vista o combate, devem ser dadas, uma no quadro do grupo a cavallo, outra no quadro do grupo de combate.

2º. — A instrucção individual e a instrucção do grupo (a cavallo ou a pé) devem marchar concomitantemente.

Isso permite desenvolver parallelamente o valor individual e a cohesão.

A instrucção, ainda que dada no grupo, guarda o seu caracter individual si o instructor:

— der ao cavalleiro a liberdade de apreciar por si mesmo, a situação em que se acha o grupo, pedindo-lhe uma decisão;

— fizer com que o cavalleiro comprehenda a razão de ser do que foi executado ou ordenado e

— mostrar materialmente e em todas as occasiões favoraveis, que o valor technico e a energia do individuo são indispensaveis ao successo do grupo, podendo a sua ignorancia e desanimo compromettel-o seriamente.

O termo "*instrucção individual*" deve ser, pois, bem comprehendido.

Para dar uma instrucção verdadeiramente individual seria preciso um instructor para cada recruta, o que não é de todo possivel.

Fica-se, pois, obrigado a trabalhar por grupos, salvo em alguns detalhes: tiro, emprego das armas, lançamento de granadas, etc.

No que concerne ao combate, o trabalho do grupo é obrigatorio pelo motivo capital de que o soldado nunca combate isoladamente.

A lucta, é essencialmente, uma combinação de esforços, dos homens na unidade, das unidades entre si e, enfim, das differentes armas.

Não se pôde, pois, ensinar a combater senão numa collectividade.

Resumindo:

Individualizar a instrucção não é, pensar na proporção entre o numero de instructores e o de alumnos, mas sim, o facto de que cada um desses ultimos seja levado a agir, segundo uma decisão pessoal.

A instrucção individual tendo em vista o combate, dar-se-á perfeitamente no grupo sob a seguinte condição:

— Em vez de fazer o grupo marchar, parar, abrigar-se, abrir ou cessar fogo sob o commando do chefe, o instructor propõe e concretiza um problema simples de combate, devendo cada cavalleiro achar a respectiva solução.

Essa maneira de proceder, obriga a cada um fazer esforço de reflexão, de vontade e de iniciativa pessoal.

Proceder-se-á do mesmo modo na instrucção individual a cavallo (*Serviço em Campanha*) no grupo a cavallo.

Mas, para isso e para que instructor e alumnos encarem do mesmo modo a situação, é necessario que esta seja perfeitamente clara e por todos comprehendida.

INSTRUCCÃO INDIVIDUAL A CAVALLO

Como já vimos, essa instrucção comporta:

- Uma educação *physica*
- Uma *instrucção technica*
- Uma *instrucção sobre o Serviço em Campanha*

Falemos acerca da *Instrucção sobre o Serviço em Campanha*.

Fim — Preparar o cavalleiro para execução das missões individuaes que se reduzem ás da Vedeta, do Explorador, Estafeta, Balizador, isto é, referentes á observação e á transmissão.

Princípios que presidem essa instrucção.

— (Vêr também *Conselhos aos Instructores da Tropa*)

O methodo é imposto pelo objectivo a attingir, pois formar Vedetas, Exploradores, Estafetas e Balizadores, é especializar cavalleiros

de deverão agir isoladamente, fóra da fileira em todas as circumstancias da guerra.

Em consequencia:

— Dar-lhes alguns conhecimentos sobre a acção a desempenhar;

— Desenvolver-lhes, sobretudo, o moral e raciocínio.

Assim sendo:

1º.) A instrucção é dada individualmente pelo methodo demonstrativo;

2º.) Esforçar-se para desenvolver o raciocínio, justificando concretamente tudo o que se ensina e, inversamente, exigindo que o cavalleiro justifique tudo o que faz;

— partir sempre do simples para o complexo;

— procurar não se afastar da realidade e, para isso, teremos encarado como se apresenta, inimigo e situação materializados, fazendo com que o cavalleiro trabalhe os seus reflexos.

3º.) Desenvolver-lhe o moral fazendo-lhe comprehender e frisando-lhe a importancia das missões.

4º.) Esforçar-se por crear *Elites*.

Todos os cavalleiros devem estar preparados para o desempenho das missões individuaes, mas nem todos possuem as mesmas aptidões.

Ao Commandante do Pelotão compete seleccionar aquelles que foram particularmente dotados de physico e de moral, sendo-lhes ministrada, após, uma cuidadosa instrucção, conforme as aptidões de cada um.

Divisão da Instrucção sobre o Serviço em Campanha.

1º. — *Instrucção preparatoria para observação e transmissão.*

Essa instrucção comporta um certo numero de conhecimentos, a saber:

a) *Orientação*

b) *Conhecimentos do terreno*

c) *Conhecimento do cavallo — (Velocidades, andaduras, cuidados materiaes, etc.)*

d) *Saber olhar e*

e) *Saber interrogar e informar*

Feito isso:

Exercícios de applicações directas e commandadas desses conhecimentos, á observação e á transmissão.

2º. — *Instrucção propriamente dita.*

Essa instrucção comporta a adaptação desses conhecimentos e o treinamento adquirido em missões de Vedeta, Explorador, Balizador e estafeta.

(No quadro do Posto e da Patrulha).

Estudemos agora, separadamente, cada uma das partes componentes da Instrucção Individual a Cavallo.

A) *Instrucção preparatoria.*

Conhecimentos:

a) *Orientação*

Essa instrucção é necessaria ao cavalleiro em todas as missões individuaes.

1º.) Estudo dos meios de Orientação (*Ver regulamento*).

2º.) Applicação ás questões individuaes.

Faz-se praticamente quando toda instrucção estiver bem comprehendida, e questões individuaes simples no inicio, gradativamente complicadas serão propostas quer no quartel, quer no exterior e em todas as occasiões favoraveis.

Exemplos:

— Colloca o teu cavallo voltado para W., para o S., N/W., S/S/E., etc.

— São 9 horas, onde fica o N.?

— Segue na direcção S/W.

Exercícios semelhantes serão feitos até que os cavalleiros indiquem promptamente e sem se enganar, tal ou qual direcção enunciada.

b) *Conhecimento do terreno:*

— Sob o ponto de vista de sua terminologia, consultar o regulamento. E' necessario ser de todos conhecida e rigorosamente applicada para que não haja más interpretações na transmissão das ordens.

— Sob o ponto de vista da ordem de importancia dos accidentes, ao effectuar o reconhecimento do terreno. (*Particularmente para os futuros graduados*).

— Sob o ponto de vista do seu estudo.

Ao estudarmos essa questão torna-se necessario procurar, primeiramente, o que é importante, cuidando depois dos detalhes, se houver tempo.

Damos a seguir alguns exemplos pelos quaes esse methodo foi seguido e que permitirão redigir, de modo seguro, uma informação completa e clara.

Exemplos:

Planicies — Extensão, aldeias (*numero e nomes*), natureza do terreno, culturas, cursos d'agua, fossos e obstaculos.

Florestas — Extensão, situação, orientação, natureza (*sólo e arvores*), estradas, clareiras, encruzilhadas, matto ralo, aldeias, alturas e pontos de referencias.

Desfiladeiros — Largura, comprimento, natureza do terreno (*visibilidade*), alturas dominantes, desembocaduras, meios de fechal-os.

Aguas e sua utilização — Orientação, largura, profundidade, velocidade da corrente, natureza das margens e sua elevação, natureza do fundo e da tropa que pode atravessar.

Pontes — largura, solidez (*pedra, ferro, madeira*) e comprimento.

Vaus — Largura, profundidade (*infantaria 0m,80 — artilharia 0m,65 — cavallaria 1m,30*), natureza do fundo do sólo.

Recursos em barcos e materiaes nas proximidades (*bosques e ferragens*).

Logares habitados e sua utilização — Importancia e configuração, meios de comunicação, principaes edificios e egrejas.

Acantonamento — Grandes fazendas, etc.

Informações diversas — Intendencia, telegrapho, correio, etc.

Aprovisionamento — Agua e forragens.

Alimentação dos homens.

Transportes — Viaturas e cavallos.

Defeza — Villa, muros, torres, etc.

Vias de comunicações:

Vias de agua — Fluviaes e maritimas.

Estradas — 1°. — *viabilidade*: declive e largura;

2°. — *Margens*: Terrenos atravessados (*natureza*), e obstaculos que a margeiam (*fossos, arvores, arames, cercas vivas, linhas telegraphicas, etc.*);

3°. — *Pontos importantes atravessados*: desfiladeiros, rios, pontes, aldeias e passagens difficeis.

Estradas de ferro — 1°. — *Estudo da via*: largura, numero de vias, aterros, córtes, tuneis, pontes, passagens de nível, etc.

2°. — *Pontos importantes de passagem.*

Estações: Comprimento, numero de plataformas, recursos em locomotivas, wagons de mercadorias, rodas, carvão, agua, telegrapho, agulhas, signaes, etc.

c) *Conhecimento do cavallo.*

Sendo elle a principal arma de que dispõe o cavalleiro para o desempenho das suas funções, surge a nobilitante obrigação de tratá-lo, conhecê-lo e, enfim, amá-lo.

Cuidados: Essa instrucção será objecto de lições praticas e numerosas e tambem de observações diarias sobre o seu trato e a sua conservação.

Pontos que devem sermeticulosamente estudados:

— Baías

— Cuidados diarios e periodicos

— Alimentação

— Trabalho

— Cuidados em campanha, insistindo sobre os que devem ser dispensados aos membros e ao dorso e, tambem, sobre a necessidade de dar agua frequentemente.

— Ajustamento e cuidado com o arreio.

Emprego: Embora fazendo parte essa instrucção do ensino equestre, ella surgirá insensível e naturalmente si todas as regras forem observadas na unidade, si os homens conhecerem as andaduras regulamentares e si na occasião em que as faltas forem commettidas o instructor chamar a attenção mostrando as consequencias d'ellas resultantes.

Para que se torne judicioso o emprego do cavallo e não produza resultados maleficos necessarios é que se o faça dentro das seguintes normas:

— Partir e marchar a passo durante um tempo bastante longo.

— Pequenos altos de dez minutos, em cada duas horas de marcha.

— Variar as andaduras respeitando a sua regulamentação.

— Escolher os terrenos planos para as andaduras vivas, visto que ellas na subida, trazem esforço para o cavallo e nas descidas, fazem com que seja ferido pelo arreio.

— Seguir uma progressão crescente na duração dos tempos de trote e galope.

— Tempos de passo intercallados, segundo a rapidez desejada.

— Procurar terrenos macios para poupar os membros.

— Preferir o terreno duro e plano ao pesado e irregular.

— Finalizar a marcha ao passo, pois o cavallo deve regressar do trabalho com a respiração normal e sem estar suado.

— Durante as marchas prolongadas ou rapidas, apeiar frequentemente em terrenos difficeis ou antes da chegada.

Conhecimento das andaduras:

Para o emprego judicioso das diversas andaduras, é mister que todo o cavalleiro conheça os seguintes dados:

Distancias percorridas em um minuto.

Ao passo — 100 metros

Ao trote — 220 metros

Ao galope ordinario — 320 metros.

Ao galope largo — 420 metros

Tempo necessario para percorrer um kilometro:

Ao passo — 10'

Ao trote — 4'33"

Ao galope ordinario — 3'7"

Ao galope largo — 2'23"

Velocidade em função do espaço: Poderá, assim, ser regulada:

1 km. de trote para 2 de passo, isto é, trocando um terço ($\frac{1}{3}$) do caminho teremos a velocidade de 7.500

metros por hora

Trotando $\frac{1}{2}$ do caminho 8.500

metros por hora

Trotando $\frac{2}{3}$ do caminho 9.500

metros por hora

Trotando $\frac{4}{5}$ do caminho 10.600

metros por hora

Velocidade em função do tempo: Facilmente poderá ser calculada, da maneira que se segue:

10' ao trote.....	2.200
50 ao passo.....	5.000
60'	7.200 metros

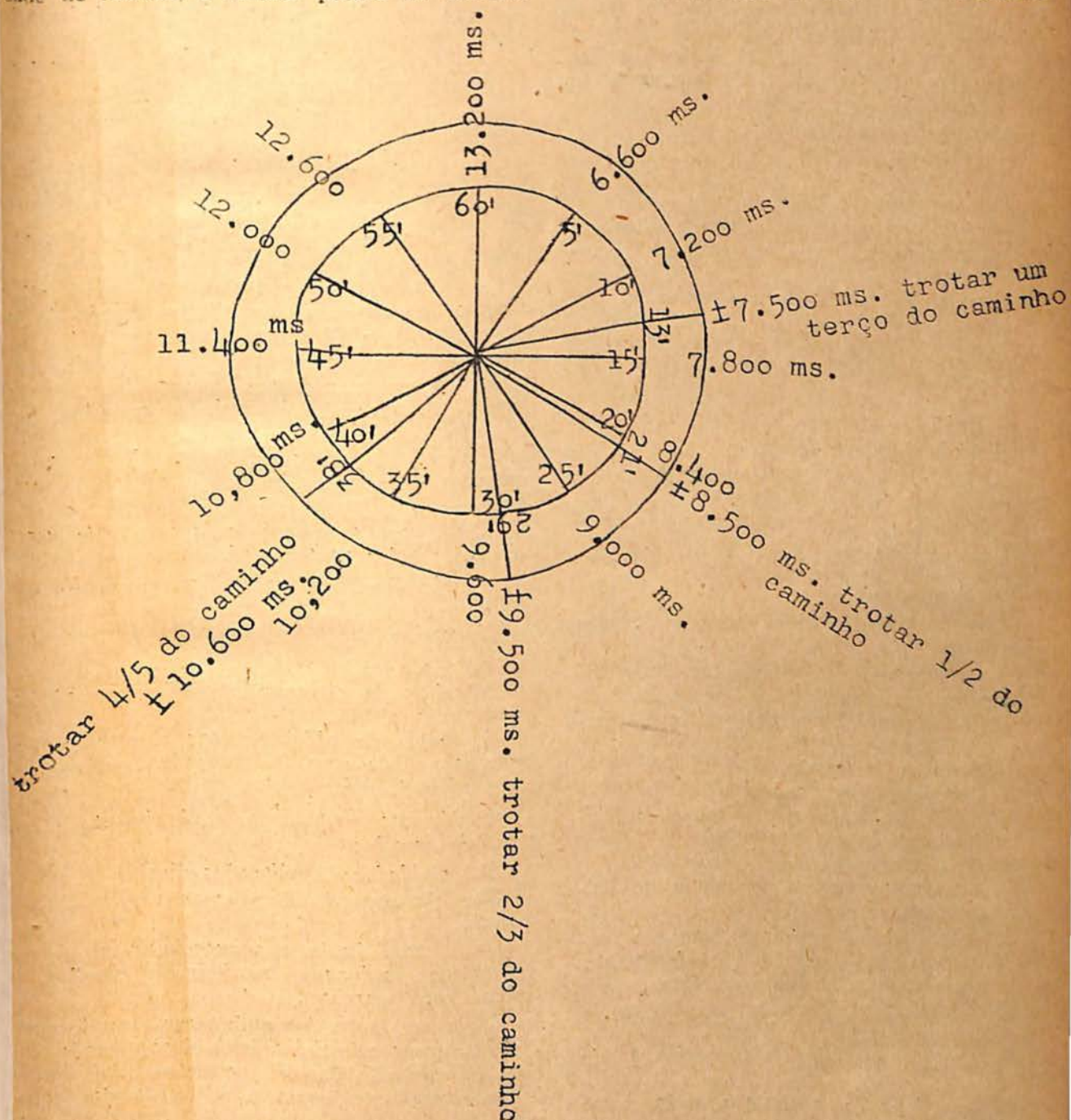
Para facilitar o calculo rapido da velocidade de marcha, o official poderá ter desenhada-

d) Saber olhar:

Esta instrucção, como as precedentes, não requer sessão especial; é ministrada em todas as occasiões favoraveis no decorrer das saídas, no exterior, da instrucção equestre.

O instructor insistirá:

— Na educação da vista — E' necessario



do num cartão a seguinte rosacea, por onde poderá calcular a velocidade, em função do tempo e do espaço.

Pelo constante emprego, sob as vistas do instructor, das andaduras regulamentares, os cavalleiros chegarão a conhecer as suas cadencias.

muita pratica para que tudo o que se passa em um sector dado não escape ás vistas do observador, encarregado de vigial-o.

- Na maneira de olhar;
- Sector de observação, ás vezes vasto
- Observação methodica e por partes
- No que se deve observar de preferencia:

Pontos importantes ou de passagem forçada: saídas das localidades, estradas, passagem de cristas, desembocaduras, etc.

— Aplicação do princípio:

"Para bem observar é necessario parar"

e) *Saber interrogar e informar.*

— *Saber interrogar* — Ver de Brack, "Avant-postes de Cav. légere".

— *Saber informar* — Mesma fôrma de instrução que a precedente. Os homens devem ser habituados a este exercicio.

Fôrma das informações:

Informações de quem?

1º. — Vi.

2º. — Informação indirecta (de quem?)

3º. — Informação por indícios (*indical-os*)
As informações devem responder ás seguintes perguntas:

Quando? — Dia — hora — minutos

Onde? — Designação exacta do lugar.

Quem?

Força

Arma

— Unidade — numero

— profundidade e formação

— duração do escoamento

Como?

— Formação

— em columna por...

em columna de...

— em formação de...

ou dar informações necessarias á dedução da formação.

Si a columna fôr de diferentes armas, dizer como se succedem.

— Estado moral e material (ordem — desordem... fadiga)

— Direcção de marcha

— Probabilidades, se possível

Exercicios de applicação desses conhecimentos á observação e á transmissão.

a) *No que concerne á orientação.*

Os exercicios começam, quando o cavalleiro sabe se orientar parado.

Seu objectivo é assegurar ao homem a possibilidade de seguir a cavallo e, perfeitamente, um itinerario dado pelos pontos cardeaes.

Estes exercicios devem ser gradativos — partindo do simples para o difficil.

b) *No que concerne ao conhecimento do terreno:*

Os exercicios de applicação terão como objectivo:

— Dar ao cavalleiro o senso da utilização do terreno, dos caminhamentos e das cobertas — para marchar e para observar.

Estes exercicios serão feitos em todos os terrenos e no decorrer dos passeios a cavallo.

Ao instructor, compete graduar as difficuldades.

Será conveniente figurar o inimigo, nesses exercicios, por meio de alguns fuzis, pois desse modo as faltas serão notadas com mais facilidade.

— Dar ao cavalleiro o habito da avaliação das distancias.

1º.) *Marchar numa direcção dada pelos pontos cardeaes.*

— Tomar a direcção e fixal-a por um ponto de referencia afastado.

— Balizar-a por pontos de referencia intermediarios.

— Fixar bem a direcção pelos eixos que a enquadram (pontos de referencia visiveis aos lados).

— Durante a marcha, voltar-se, seguidamente, para ver o novo aspecto das cousas.

— Chegando ao ponto de referencia, olhar o ponto de partida e só continuar depois de ter precisado a sua direcção. Estes exercicios são executados, no começo, em terrenos facéis, onde a direcção pode ser seguida sem interrupção; depois, em terrenos difficeis e cortados, que obriguem o cavalleiro a abandonar a sua direcção, para contornar um obstaculo, e depois retomal-a (avaliação do desvio para a rectificação).

2º.) *Fazer percursos, cada vez mais difficeis dados pelos pontos cardeaes:*

Propôr direcções successivas no mesmo percurso.

Exemplo:

Partir de tal lugar.

Marchar na direcção do sudoeste, até encontrar uma aldeia.

Ao sahir da aldeia, tomar a estrada que segue para E'ste e na 1ª. encruzilhada a que segue para o S., etc.

c) *No que concerne ao conhecimento e emprego do cavallo:*

1º.) *Cuidados:* Applicações diarias.

2º.) *Emprego do cavallo:* andaduras — velocidade.

— Pratica diaria nos exercicios em terreno variado: ensinar o cavalleiro a escolher o terreno para marchar.

— A regulação das andaduras estando confirmada, fazer exercicios individuaes, tendo em vista a execução de um percurso num tempo dado (levando em conta a utilização do terreno).

d) *No que concerne ao modo de observar, interrogar e informar...* Reportar se a tudo que a respeito foi dito precedentemente. Fazer exercicios frequentes tendo em vista dar ao cavalleiro o habito de observar e interrogar, assim como, de formular uma informação que seja clara, precisa e completa.

O VALOR DOS QUADROS

“A cellula fundamental de toda organização militar de um paiz reside exclusivamente na excellencia dos quadros. Estes é que alimentam o organismo todo inteiro. Affectados, doentes, imperfeitos, pobres, tudo se reente e não haverá recursos therapeuticos — sejam injeccões de cultura profissionl das missões estrangeiras, sejam os grandes palliavos de reorganizações continuas, sejam outros quaesquer recursos — capazes de restabelecerem a saude assim abalada, á defesa militar, sem que provoquem a regeneração da cellula fundamental, isto é, os quadros donde tudo se gera e aos quaes tudo se prende.

Todo mal reside, portanto, em causa primeira, na imperfeição dos proprios quadros.

Até aqui interesses diversos confessaveis uns, inconfessaveis outros, têm relegado para alendas longinquas, o trato desta questão.

No emtanto, o pouco que as circunstâncias forçaram a fazer-se produziu já effeito bastante para que hoje seja possivel clamar, com écho e apoio quasi unanimes, pela necessidade incontestada e *urgentissima* de uma tal reforma.

Applicação combinada desses diferentes conhecimentos.

Visando a observação:

Fazer applicações combinadas dos diferentes conhecimentos: do terreno, da orientação, da observação, interrogação e informação — com a intervenção do inimigo.

Visando a transmissão:

Esta applicação comporta exercicios graduados;

Por exemplo:

- 1.º) Seguir um itinerario em sentido inverso;
- 2.º) Seguir um itinerario não percorrido, porém indicado com precisão (facil difficil);
- 3.º) Seguir um itinerario por orientação e informações pedidas aos habitantes;
- 4.º) Procurar um objectivo movel, numa dada zona ou numa estrada;
- 5.º) Recomeçar os mesmos exercicios, fazendo, porém, intervir o inimigo, forçando assim, o cavalleiro a utilizar o terreno, a observar marchando a contornar um obstaculo e a tomar a sua direcção.

O fracasso de todas as tentativas tem causa mais no modo porque os quadros as receberam e comprehendem que em deficiencias da propria nacionalidade.

Essa é a verdade que se deve proclamar, como preito de justiça, não só para com a Nação que não tem culpa de não ser esclarecida, como em respeito aos que tomaram as iniciativas com patriotismo, muitas vezes com saber e sempre com coragem e sacrificio, mas deixaram de ser secundados por aquelles a quem competia executar ou fazer executarem-se as medidas.

Não será, pois, demasiado repetir-se que sem quadros capazes de bem conduzirem a nação á batalha e, portanto, capazes de a prepararem para esse acto decisivo, qualquer esforço ficará perdido e todo dispendio inutil.

Revalidar a hierarchia dotando-a de todas as energias necessarias ás suas multiplas missões, energias civicas, energias moraes, energias intellectuaes e energias profissionaes, é incontestavelmente a primeira idéa de uma verdadeira realisação nos assumptos que nos occupam, isto é, na *montagem solida da defesa nacional.*”

B) *Instrucção propriamente dita.*

Adaptação desses conhecimentos e do treinamento adquirido ás missões de Vedeta, Explorador e Estafeta.

Os cavalleiros possuindo, agora, todos os conhecimentos necessarios e o treinamento indispensavel á execução dessas missões, basta applical-os, tendo em vista o fim collimado: fórmar Vedetas, Exploradores e Estafetas, respeitando, porém, os seguintes principios:

a) — a instrucção é dada no quadro do Posto e da Patrulha.

b) — A instrucção é dada pelo methodo demonstrativo e baseia-se no raciocinio.

O instructor deverá, pois:

— fazer executar, por soldados antigos, diante dos recrutas, alguns exercicios, antes de lhes pedir a execução.

— justificar, minuciosamente, tudo que foi executado.

— collocar o homem em face de situações e incidentes representados. Desenvolver os seus reflexos pela repetição frequente de gestos semelhantes.

Damos a seguir algumas notas que servirão para a instrucção do grupo a cavallo.

Instrução dos quadros e da tropa na 1.^a D. I.

(N. da R.) — O programma de instrução que ora divulgamos envolve duas partes:

— Indicação das medidas que devem ser adoptadas para o desenvolvimento uniforme da instrução numa D. I.

— Thema de conjuncto para os exercicios e manobras de quadros na carta (acção simples e thema por correspondencia).

A primeira não exige nenhuma explicação á margem; ella visa apenas condicionar as exigencias do R. I. Q. T. ás condições peculiares á D. I.

A segunda, ao contrario, pede desenvolvimento maior.

Como vemos, a instrução dos quadros no ambito do Cmt. da D. I. se fará sob a fórma de thema por correspondencia.

Tal processo só vale quando obriga ao trabalho pessoal e permite a verificação da aprendizagem, isto é, quando é estabelecido como meio preparatorio de instrução mais directa e controlada.

Na 1.^a D. I. é esse o criterio. Dessa fórma teremos:

— Um thema de conjuncto no qual se criarão situações de D. I. — de Bda. — de R. I. — de Btl. e G.

— As soluções de cada uma dessas situações serão pedidas ao escalão immediatamente inferior. Assim aos Cmts. de Bda., a solução no ambito de Cmt. de D. I.; aos Cmts. de R. I. as soluções no ambito dos Cmts. de Bda.; e assim successivamente até se chegar a situações de Btls. e G. que serão pedidas aos Cmts. de Cias — Bias — etc.

— Estudado dessa maneira o thema, é facil comprehender que:

— não só os officiaes ficarão de posse das situações dos escalões superiores, — como pela necessidade de resolver a sua propria parte — ver-se-hão obrigados a trabalho pessoal.

Findo o thema inicia-se (com uma situação analoga ou com a propria situação) o *jogo da guerra*.

A vantagem desse encadeamento salta aos olhos:

— em primeiro logar porque sendo a situação do jogo da guerra analoga a do thema, por correspondencia, todos ahi se acharão perfeitamente orientados e a instrução poderá ser fixada em pontos mais interessantes, além disso porque é possivel criar situações imprevisitas (contra ataques inimigos — reacções pelo fogo, etc.) e dessa forma ajuizar do gráo de acuidade dos officiaes nas soluções tomadas.

Em seguida e ainda com a mesma situação de conjuncto (aproveitando uma phase estudada no Jogo da Guerra ou um proseguimento da manobra já desenvolvida) far-se-hão as *manobras de quadros*.

Trata-se aqui de continuar o ensino de tactica fazendo intervir o terreno. Dessa fórma convém (como se cria uma difficuldade suplementar que é o terreno) ficar tanto quanto possivel dentro do quadro tactico já estudado afim de que toda a attenção seja dirigida para o estudo do terreno, seu valor sob o ponto de vista da manobra em acção, e sobretudo para que ahi se possa desenvolver e orientar os officiaes na percepção das relações de subordinação que elle impõe a cada escalão de commando.

Por fim terá logar a *manobra com tropa*. Essa será a execução material da manobra de quadros.

Como vimos, a sequencia é perfeita.

a) um estudo pela carta sem a intervenção rapida do inimigo (thema por correspondencia);

b) proseguimento da manobra na carta mais já fazendo intervir o inimigo (jogo da guerra);

c) adaptação, ao terreno, da manobra estudada por correspondencia e no jogo da guerra (manobra de quadros);

d) por fim execução material dos 3 estudos anteriores — (manobra com tropa).

Tal programma está dentro das possibilidades de cada região; por essa razão achamos interessante divulgá-lo atravez de nossas paginas.

ANNO DE INSTRUÇÃO 1927-1928

I — Para a instrução a ser ministrada no corrente anno, não estabeleço propriamente directrizes, por isso que as prescripções do R. I. Q. T. são sufficientes para orientar os cmts. de corpos, não só na organização dos programas, como tambem sobre os objectivos que se tem em mira alcançar.

O que pretendo fazer aqui é indicar as medidas que devem ser adoptadas para o desenvolvimento uniforme da instrução em geral e para obter-se efficiencia de certas partes della, que, segundo as observações de um anno de trabalho e principalmente das falhas evidenciadas na ultima manobra com tropa, exigem alguns reparos.

INSTRUÇÕES DA TROPA

II — A duração do 1º. periodo — cuja instrução já começada de accordo com o art. 10 do R. S. M., — será contada a partir de 2 de Dezembro.

III — Os respectivos exames terão lugar dentro da segunda quinzena de Abril, devendo os planos relativos aos mesmos dar entrada nesse Q. G. no dia 2 do dito mez, afim de que sejam pelas modificações decorrentes das possibilidades de comparecimento deste Commando.

IV — A solemnidade do compromisso dos novos conscriptos, realizar-se-á em dia que será fixado ulteriormente e de conformidade com as instruções que serão expedidas com antecedência.

V — A instrução dos pelotões de candidatos a cabo deverá ter inicio no primeiro dia util da segunda quinzena de Janeiro, e os exames respectivos no primeiro dia util após a terminação dos exames dos recrutas.

VI — O curso de candidatos a sargento deverá começar no dia 14 de Maio, e os exames respectivos na segunda quinzena de Agosto.

VII — O segundo periodo começa no primeiro dia util de Maio; exames respectivos — entrados neste Q. G. até 10 do dito mez de julho, para os fins do paragrapho III.

VIII — O funcionamento dos cursos de mt. de secção de Art. e de Eng. será opportunamente regulado.

IX — O terceiro periodo começa no primeiro dia util de Agosto, terminando com o inicio da manobra com tropa da Divisão.

INSTRUÇÃO MORAL

X — A instrução geral, tactica e technica só perdura entre os que a praticam continuamente; perdem-na, entretanto, quasi inteiramente, no fim de algum tempo, os que, depois de a terem praticado no serviço da bandeira, se entregam exclusivamente ás suas occupações civis.

Não acontece o mesmo com a instrução moral e civica, que se extingue com o homem.

Nas crises de luctas moraes, os automatos fallham; enfrentam-nas com serenidade e vencem-nas, os que têm consciencia do cumprimento do dever e do patriotismo.

Homens assim são uteis á sociedade e á patria.

Assim deve ser o soldado; assim devem ser todos que tenham passado pela caserna.

Recommendo, em consequencia, a leitura do art. 4 do R. I. Q. T.

INSTRUÇÃO DOS QUADROS

A) Dos officiaes:

XI — Sob o ponto de vista profissional ella deve ser encarada com o objectivo de tornar o official apto, não só para commandar a unidade superior que lhe cabe de accordo com o seu posto, como tambem para ser o *instructor* da que commanda.

XII — Além disso todo official deve ter a maior preocupação em constantemente envidar esforços, para aperfeiçoar e augmentar a sua cultura geral.

E' isso obra que depende mais do caracter de cada um, do que da acção dos chefes.

XIII — Quanto, porém, ao aperfeiçoamento da sua instrução tactica, é mais da competencia dos chefes a que está subordinado o official e pela qual são responsaveis.

XIV — O conhecimento dos regulamentos tacticos de todas as armas (principalmente do da arma do official) e dos outros subsidiarios, é a pedra bazilar desta instrução.

Importa, no emtanto, que sejam proscriptas as sessões de simples leitura e commentarios de artigos de regulamentos, porque tal processo torna o assumpto muito arido, e, consequentemente improductivo o estudo, como tem demonstrado a experiencia.

XV — O que está provado é que um exercicio só produz o resultado desejado quando a sua execução é cuidadosamente preparada, de modo que os ensinamentos que se tem em vista proporcionar aos quadros resaltem com toda a clareza, evidenciando-se nitidamente a applicação dos principios e prescripções regulamentares. Só assim os regulamentos ficarão bem comprehendidos e conhecidos a fundo.

XVI — Em principio essa regra deve ser observada, quer se trate de exercicios com pequenos effectivos, quer com grandes; tanto na carta, como no terreno, com ou sem tropa.

XVII — Estabelecido pelo Cmt. do corpo, o programma para esta instrução, tal como preceitua o R. I. Q. T., contendo os assumptos que vão ser estudados e o numero de sessões destinadas a cada um, resta applicar o processo acima, procurando interessar todos os officiaes — (combatentes e dos serviços) — attribuindo funcções de commando a uns e das especialidades a outros, com a necessaria antecedencia, pois que, estes no dia do exercicio, deverão portar-se como verdadeiros consultores technicos.

XVIII — Os exercicios, assim organizados, além da parte propriamente dos combatentes, conterão o funcionamento dos serviços —

(serviço de saúde, remuniciamento, reabastecimento, etc.), sobrelevando pela sua importância, as questões das ligações e transmissões, observação e informações cujos ensinamentos devem merecer particular atenção por parte dos responsáveis pela instrução.

XIX — Tais exercícios devem ser executados pelo menos uma vez por semana, em dias marcados no horário, e quando não se realizem por qualquer motivo, devem os cmts. de corpos participar a este Commando, directamente, ou por intermedio da Bda. conforme o caso.

XX — Mas a responsabilidade dos chefes, no tocante á instrução dos officiaes, não se restringe — bem entendido — á parte propriamente tactica, mas tambem ás outras partes do conjunto dessa instrução.

XXI — Como para aquella, é indispensavel para estas, o estabelecimento de programmas com objectivos bem determinados, e para o seu ensino, serão egualmente fixados no horário, os dias das respectivas sessões.

XXII — As conferencias em forma de discursos são de molde a evitar-se, porque geralmente não têm utilidade.

Mesmo as que versem sobre assumptos technicos, deverão ser illustradas com exemplos de applicação, os quaes, além de attender ao lado pratico e util, tornarão a conferencia mais attrahente, com a vantagem, ainda de não cansar o auditorio.

XXIII — No titulo II do R. I. Q. T., estão especificados para cada arma os assumptos, que constituem o conjunto da instrução do official.

XXIV — Nos horarios serão fixados os dias das sessões, em numero de 4, pelo menos, por semana inclusive uma ou duas para a instrução tactica.

XXV — Os themas por correspondencia serão opportunamente distribuidos, com as respectivas instruções.

B) — Dos sargentos:

XXVI — Ha imperiosa necessidade de melhorar a instrução commum (elementos de: portuguez, arithmetica, chorographia do Brasil, historia do Brasil, geographia e desenho; principaes factos da historia militar do Brasil) de um grande numero de sargentos. Convém para isso, seja organizado, em cada corpo, um curso especial sob a direcção de um subalterno, o qual funcionará fóra das horas de instrução.

XXVII — Recommendo particular attenção dos chefes para a instrução *profissional* dos sargentos.

Observa-se que ha um grande numero delles (notadamente os promovidos sem concurso), que não possuem o preparo sufficiente ao bom

desempenho de suas funcções. E' uma situação evidentemente prejudicial ao serviço — que se torna quasi sempre tardo e ás vezes imperfeito; — á instrução da tropa — pois que neste mistér, cabe aos sargentos papel preponderante, e no emtanto, muitos delles não possuem os requisitos indispensaveis ao instructor.

ESPECIALISTAS

XXVIII — Devido á sua importancia recommendo a todos os chefes grande empenho na formação de todas as especialidades e no criterio da escolha dos respectivos especialistas.

XXIX — Convém que tal escolha seja feita conforme as aptidões reveladas pelos homens, mediante a observação constante e meticulosa sobre sua intelligencia e capacidade, excluindo-se, em principio, os analfabetos.

RECOMMENDAÇÕES GERAES

XXX — A jornada de instrução dos soldados terá a duração minima de 5 horas, repartida em dois tempos. Um delles destinado á instrução physica e á sessão principal, *que será realizada em principio, fóra dos quarteis*, a qual comprehende os assumptos da instrução de combate e da instrução technica de applicação no terreno; o outro tempo abrange os outros assumptos.

XXXI — Ha conveniencia em intercalar pequenos intervallos, geralmente de 5 minutos e raras vezes de 10 m., no maximo, entre os diferentes assumptos tratados numa sessão. Essa diversidade de assumptos, em doses pequenas, torna o ensino mais proveitoso.

XXXII — Não existindo ainda, em muitas unidades, sargentos em numero sufficiente. dotados dos requisitos indispensaveis ao instructor de recrutas, tal ensino deverá ser confiado directamente aos subalternos, dos quaes aquelles servirão de auxiliares.

XXXIII — A instrução dos soldados e quadros, além da fiscalização dos Cmts. de Bda., será tambem acompanhada por este Commando, secundado, quando julgar necessario, por officiaes do E. M. e dos demais serviços do Q. G.

Durante as minhas visitas a instrução será examinada de accordo com os respectivos programmas.

XXXIV — Os Srs. Cmts. de Bdas. e de corpos não embrigadados enviem a este Q. G., até o dia 30 de Dezembro, copias em duas vias de seus programmas de instrução para o corrente anno, afim de serem apreciadas por este Commando, e enviadas ao Srs. General Inspector do 1º. Grupo de Regiões.

Situação de conjunto para os exercícios e manobras de quadros na carta (acção simpl. les e thema por correspondencia) no presente anno de instrução.

Cartas — Estado do Rio 1:200.000 ou 1:500.000.

Trecho da carta do Estado do Rio de Janeiro, com a zona explorada na 1ª viagem do E. M., em Junho de 1908 1:100.000.

Districto Federal 1:500.000 e as ampliações 1:25.000, 1:20.000 e 1:10.000.

Um Estado de Oeste (vermelho) está em guerra com outro de Leste (azul), desde 24 de Janeiro de 1928.

O limite entre os dois Estados é constituído pelos rios: *Pirahy, Parahyba, Parahybuca*, etc

O Estado de O. tomou desde logo a offensiva e avançou com seu Ex. na direcção geral: *Barra do Pirahy — Iguassu'*, com a intenção de, rechassando a cobertura azul, atacar o grosso do Ex. inimigo, antes que este se consolidasse na sua installação defensiva na frente *Bacurubu', Iguassu', Belfort Roxo*.

A cobertura azul, porém, retardou seriamente a progressão dos vermelhos, praticando importantes destruições na estrada de ferro, e de rodagem e caminhos da *Serra do Mar*. O Ex. vermelho viu-se assim na contingencia de deslocar suas linhas de comunicação para as estradas e caminhos da *Serra das Araras*, até que as da *Serra do Mar*, pudessem ser utilizadas.

O Ex. vermelho, no dia 31, procede á reuniao dos seus meios para poder retomar a offensiva.

O Cmt. do Ex. azul, activa os preparativos para a contra offensiva projectada.

— *Situação particular, para a manobra na carta por correspondencia.*

A 1ª. D. I. está se concentrando nos subúrbios da *Capital Federal*.

No dia 31 conta com os seguintes elementos:

Tropa e E. M.

Em *Deodoro*:

Q. G. da D. I.

Cia. de Trns.

Cia. de Sap. Min. do 1º. B. E.

E. M. da 1ª. Bda. I.

E. M. da 1ª. Bda. A.

1º. R. I. e E. M.;

Em *Portugal Pequeno*:

Esq. Div. (1º. R. C. D.);

Na *Villa Proletaria*:

2º. R. I. e E. M.

1º. G. A. Mth.;

Em *Honorio Gurgel*:

1º R. A. M. (menos um grupo);

Em *Santa Cruz*:

1º R. C. D. (3 Esq.) — cobrindo a concentração da D. I.

No *Campo dos Affonsos*:

A Esqd. (aviões medios, typo divisionario) — posta á disposição pelo Ex.

Serviços:

Cb. A. D.:

Sec. 1ª. — cheia em *Bento Ribeiro*.

Sec. 2 — cheia em *Turyassu'*.

Pq. A. D.:

S. M. I. e 1 S. M. A., (completos) em *Honorio Gurgel*.

S. S.:

G. P. D., C. E., 2 Amb.0 e 1 Amb.cg (completos) — escalonados de *Piedade a Cascadura*.

T. G. C. — 1 dia em *Oswaldo Cruz*.

O reabastecimento da D. I., está sendo feito directamente pelas unidades na Est. Dis. de *Deodoro*.

Os demais elementos — tropa e serviços — estarão concentrados até o dia 5 de Fevereiro.

No dia 31, ás 22 horas, o Cmt. da D. I., recebe em seu Q. G. em *Deodoro*, a visita de um official de ligação do Q. G. do I. Ex. azul, o qual é portador de varios documentos (informações, instrucções, ordens, etc.).

Desses documentos o Cmt. da 1ª. D. I., destacou os dados seguintes:

I — Informações sobre o inimigo.

Do conjunto de informações colhidas até á presente data sabe-se o seguinte:

— Os elementos avançados do Ex. vermelho, entraram hoje em contacto com os do nosso Ex., conservando-se, todavia, em attitude pouco activa.

— Até agora foram identificadas as I e II D. I. e I D. C.

— Trabalhos de organização de uma posição defensiva na frente *Queimados — Palmeiras*, etc.

— Importantes reuniões de tropa na região de *Queimados* e mais ao N., e outra na região de Belém, onde chegam também numerosos comboios, vindos principalmente de *Pirahy*. Parece que cada uma dessas reuniões, corresponde a uma D. I.

— Importante reunião de tropa de cavalaria com artilharia, na margem N. do *Cor. Piranema*.

— Importante reunião de tropa de infantaria e artilharia em *Rio Claro* — *S. João Marcos* e outra, de todas as armas, em *Ita-goahy*.

— Tropa de cavallaria (3 a 4 Esq.) em marcha, ás 8 horas de hoje, em direcção a N. E., pelos campos ao N. do rio Itagoahy, atravessando o rio *Grimaneza*.

— Continúa intenso o tráfego de trens entre *Barra do Pirahy* e *Pirahy*, transportando grande copia de material, inclusive artilharia.

— Desde hontem cessaram os desembarques de tropa em *Pirahy*. Entre *Barra do Pirahy* e *Rio Claro*, continúa intenso movimento de trens, transportando material e tropa.

— Columnas de viatura entre *Rio Claro* e *Itagoahy*.

II — Intenção do Cmt. do Ex.

Minha intenção é desalojar a contra-offensiva, dentro do menor prazo, a fim de atacar o grupo vermelho, ainda reunido do seu

... para ao N. da Serra do Madureira, com as 2.ª e 3.ª D. I. e um Dest. especial. 1.ª linha; e ao S. da Serra, com a 1.ª D. I.

III — Missão das G. U.

Missões da G. U.

Dest. especial.....

2.ª D. I.....

3.ª D. I.....

4.ª D. I..... (Reserva)

1.ª D. C.....

1.ª D. I.: Barrar na região de *Santa Cruz*, entre *Sepetiba* e *Serra do Madureira*, os corredores ao N. e ao S. de *Santa Cruz*, que dão accesso á Capital Federal.

Ulteriormente, agir offensivamente seja na direcção de *Itagoahy*, seja rebatendo-se para o N., na direcção do rio *Guandu*, conforme as circunstâncias.

IV — Q. G. e P. C.

Q. G. do Exercito, *Magé*; P. C., *Pilar*.

Q. G. 1.ª D. I. — *Deodoro* — P. C....

V — Ligações.

Rede telefonica:

P. C. Ex. — Q. G. 1.ª D. I.

VI — Aviação.

Limite:

1.ª D. I. — Ao Sul da linha — *Irajá* — *Nova Iguaçu* (Maxambomba) — *Corrego do Piranema* — *Itagoahy*.

(A Esqd. continúa á disposição da 1.ª D. I.)

VII — Serviços.

a) Eixo de comunicações:

1.ª D. I. — Previsto: *Santa Cruz* — *Deodoro*.

b) Reabastecimento:

1.ª D. I. — Est. Dis. de *Deodoro*.

c) Remuniciamento:

1.ª D. I. — No centro de entrega e *Deodoro* (1 dia de fogo e mais a dotação para as Sed. do Pq. A. D. que ficarão organizadas até o dia 5 de Fevereiro).

d) Material de Engenharia:

e) Oleo e gasolina:

1.ª D. I. — *Deodoro*.

f) S. S.:

1.ª D. I. — H. C. Ex.

Animaes doentes:

1.ª D. I. — *Oswaldo Cruz* (por conta do Ex.).

g) Prisioneiros:

1.ª D. I. — *Deodoro*.

No decorrer do dia 31, o Cmt. do 1.º R. C. D., mandou as seguintes informações:

A's 6 horas cerca de um Pel. da cavallaria vermelha, tenta atravessar as passagens do rio *Itagoahy*, a Oeste de *Santa Cruz*. Não o consegue e mantem-se em contacto.

A's 10 horas, 3 esq. tentam transpôr o *Guandu* nas passagens ao N. de *Santa Cruz*. Não o conseguem até ás 16 horas.

A essa hora, um Btl. I. apoia a acção dos 3 esq. vermelhos e conseguem transpôr o *Guandu* nas referidas passagens, repellido a cav. azul.

Situação da cavallaria azul ás 21 horas. (Telephonema de *Campo Grande*, ás 21 horas e 30 minutos).

Um Esq. em contacto, ao N. e ao S. do M.º do *Furado*;

Tres Pel. tambem em contacto, na região de *Paciencia*;

Um Pel. no entrocamento da estrada da *Pedra* com a do *Magarço*;

Um Esq. (reserva) na região do M.º do *Papagaio*.

Foram feitos prisioneiros do IV R. C. D. e XI B. C.

A's 23 horas, o Cmt. do R. C. D. informa por telephone, de *Campo Grande*, que ás 21 horas tropa de cavallaria inimiga, de um a dois esquadrões, foi detida na região ao N. da cota 12 (*Campo do Collegio*) pelo Pel. ahi destacado.

A's 0h. 30m. de 1.º de Fevereiro, outro telephonema do Cmt. do R. C. D., de *Campo Grande*, informa:

1.º — Agente fidedigno, deixado em *Santa Cruz*, informa que desde ás 20 horas entravam na mesma localidade, parecendo vir do *Itagoahy*, numerosas tropas de I. e Ar. (5 a 6 Btls. e 3 a 4 Gr. A.).

O problema dos grandes alcances

SOLUÇÕES ALLEMÃS E FRANCESAS

Pelo Capitão PERICLES FERRAZ

Sabem todos, que acompanharam os progressos da guerra européa, que a evolução do material de artilharia pesada de grande potencia foi em busca dos grandes alcances, quer do lado dos allemães, quer do lado dos franceses.

Os allemães excederam a estes nos alcances. Seu canhão de 355m/m atirava a 62 kilometros o de 380, a 48 kilometros quando bombardeou Dunquerque. Quando retubaram os 380, usados, para conseguir canhões de 210m/m aproveitaram seu accrescimento de resistencia para augmentar o peso da carga de projecção e obtiveram ve-

locidades iniciais de 1500 a 1600m/s com alcances de 120 a 130 kilometros. Ao passo que os franceses com o canhão de marinha de 340m/m obtiveram, com a velocidade de 867m/s, o alcance de 33 km, 200; com o de 305m/m, velocidade 795m/s e alcance de 27 km, 400 e com o celebre obus de 520m/m, velocidade inicial de 500m/s e o alcance de 17 kilometros.

Eis o quadro synoptico comparativo dos materiaes franceses e allemães com suas propriedades balisticas principaes:

a) ALLEMÃES

Especie de material e calibre	Peso do projectil	Peso da carga de arrebrandamento	Velocidade inicial	Alcance
Morteiro 420	930 kilog.	106k de trotyl		14km,200
Canhão 380 (1)	743 (2)	62k de trotyl		48km,000
Canhão 355.				62km,000
Bertha 210 (1)	100 kilog.	10k	1500 a 1600m/s	130km,000

(1) Estes canhões, depois de retubados, constituiram o Berta 210 que atiraram contra Paris.

(2) Foram estes canhões que atiraram contra Dunquerque.

2º. — A's 23 horas o Pel. da bifurcação da cota 12, atacado ao N. e ao S. por fogos de F. M. e Mtr., retirou-se para 1 kilometro ao N. do signal 161, da Serra da Capoeira Grande. O grosso da cavallaria inimiga proseguiu em direcção a Pedra. Contacto mantido com seus elementos na bifurcação de cota 12.

Trabalhos a executar.

Sómente para os Snrs. Cmts. da 1ª. e 2ª. Bda. I. e 1ª. Bda. A.

Decisões tomadas pelo Cmt. da 1ª. D. I., em face dos documentos recebidos do Cmt. do Ex. e das informações fornecidas pelo 1º. R. C. D.; ordens dadas.

NOTA — a) — Os Cmts. de Bda., para exercerem o commando da D. I., organizarão um estado-maior constituido do chefe (official superior) e de um official (de preferen-

cia com o curso de estado-maior) em cada uma das secções, com pessoal das suas brigadas.

Data da entrada das soluções neste Q. G. — 15 de Fevereiro.

b) — Os Cmts. de corpo (Coroneis e Tenentes Coroneis), deverão estudar o presente thema, afim de que, em qualquer momento possam desempenhar uma missão compativel ao seu posto ou ao posto immediatamente superior, que porventura lhes seja attribuida.

Nesse estudo os Cmts. deverão interessar os officiaes superiores e capitães do corpo. Convenções.

Effectivos — Tropas do quadro de effectivos dos trabalhos da E. E. M.; Serviços — do Vade-Mecum.

Tempo: — Instavel. Campos de Santa Cruz alagados.

Estradas — Em boas condições.

Os azues têm superioridade aerea.

b) FRANCESES

<i>Especie do material e calibre</i>	<i>Peso do projectil</i>	<i>Peso da carga de arrebentamento</i>	<i>Velocidade inicial</i>	<i>Alcance</i>
Obus Schneider 520mm	1.654k	197k	500m s	17km,000
" " "	1.370k	300k		18km,000
Canhão de marinha 305mm . . .	348k	30k	795m s	27km,400
Canhão de marinha 340mm . . .	427k	33k	867m s	33km,200

c) CONCLUSÃO

ALEMÃES:

<i>Velocidade maxima</i>	<i>Alcance maximo</i>
1.500m s	130km,000

FRANCESES:

<i>Velocidade maxima</i>	<i>Alcance maximo</i>
867m s	33km,200

Vejamos agora, a maravilha da casa Krupp, os Bertha 210 e o maximo producto da casa Schneider — o Obus 520.

O CELEBRE OBUS BERTHA 210 C 171,42 QUE BOMBARDEOU PARIS

A industria bellica alemã culminou em seu esforço durante a guerra com a apresentação da maravilha que é o obus 210m/m, producto do retubamento de um canhão de 380m/m, conseguindo alcances de 120 a 130 kilometros. Com esses canhões inquietaram a população da capital francesa.

Os Bertha atiraram sobre Paris de tres lugares successivos: o primeiro perto de Crepy, o segundo ao sul de Gigny, o terceiro a oeste de Férre-en-Tardenois. O seu grande alcance era devido, principalmente, além de suas grandes velocidades, á pequena densidade das camadas elevadas da atmosphera que atravessava o projectil durante a maior parte de seu percurso. Essas camadas de ar eram mesmo tornadas mais leves e mais doces pelo desprendimento de calor que produzia a combustão de uma substancia especial, contida na ogiva do projectil.

Vejamos agora com minucias os diversos recursos de que lançaram mão para conseguir o:

AUGMENTO DOS ALCANCES

1º. — Com o traçado do projectil

A necessidade bem depressa reconhecida do augmento do alcance dos canhões orientou naturalmente, em primeiro lugar, as pesquisas para a escolha de uma forma de ogiva do projectil, mais apropriada á penetração no ar. O progresso foi bem accentuado e comparando-se a forma da ogiva do projectil do 75 modelo 1900 com a ogiva afilada do modelo 1917, bem como suas respectivas propriedades balísticas, vê-se o caminho percorrido e o ganho de alcance realizado. Mas, logo foi-se obrigado a parar nesse caminho porque o alongamento da ogiva balística do projectil arrisca de trazer para a frente uma massa muito pesada, comprometendo a estabilidade do projectil na trajectory.

Recorreu-se também á modificação nas proximidades do culote, dando-lhe uma forma mais conveniente, é a melhoria do projectil pelo traçado. Por muito tempo servio de embaraço sério á solução desse problema o celebre paradoxo d'Alembert segundo o qual "em um fluido qualquer um corpo que se move não deve encontrar resistencia: os filetes fluidos da frente impellidos pelo movel fecham-se atrás e sua reacção compensa exactamente a resistencia do ar". E note-se que Euler deu sua approvaçao a esse principio.

Só nos ultimos annos foi possivel demonstrar a inverdade dessa proposição.

Julgaram os physicos que a resistencia do ar era devida á viscosidade do fluido; os mathematicos mostraram que mesmo neste caso o paradoxo subsistia; depois appellaram para as descontinuidades produzidas no meio pela *onda balística* e que em particular a photographia revela. Esta explicação nada vale, tornaram a provar os mathematicos.

Emfim, as proprias photographias revelavam, no culote do projectil outra especie de descontinuidade, formada pela esteira deixada pelo

projectil em movimento, região em que os turbilhões são estaveis e que formam como que um tubo que acompanha e prolonga muito para trás o projectil em sua marcha.

Ora, é a descontinuidade procurada que é a causa geradora da resistencia do ar. Se esses turbilhões não existissem a resistencia do ar seria nulla.

Logo, para melhorar balisticamente os projectis procura-se diminuir a ampliação desses turbilhões ou se fôr possível annullá-los.

A esta concepção liga-se a maior parte das pesquisas interessantes feitas para a solução do problema.

Dá a fórmula D, em que o projectil, ao invés de terminar com a fórmula habitual, tem um culote fugitivo, afinando-o até certo limite, além do qual não diminua a resistencia do ar e prejudica a precisão do tiro. Em artigo especial tratarei em particular, a seu tempo, deste curioso phenomeno.

DA MELHORIA DE ALCANCE APENAS COM A MODIFICAÇÃO DO TRAÇADO DO PROJECTIL, QUER ENTRE ALEMAES, QUER ENTRE FRANCESES

DESIGNAÇÃO DOS MATERIAES	ALCANCES MAXIMOS		AUMENTO DE ALCANCE
	gr. 1915	gr. 1917	
<i>Materiaes franceses:</i>			
Canhão 75 mod. 1897	8.000	11.000	3.000
Canhão 155 C. Schneider	9.500	11.200	1.700
Canhão 155 L. Schneider	13.400	16.000	2.600
Canhão 155 L. Schneider	13.400	16.000	3.600
Canhão 155 G. P. F.	14.500	16.000	3.500
<i>Materiaes allemães:</i>			
Canhão 77 mod. 1916	9.500	10.700	1.200
Obus leve 105 modelo 1916	8.400	10.000	1.600
Canhão longo de 380 de marinha	42.000	48.000	6.000

O ganho de velocidade com a fórmula D, é de cerca de 1/4.

E' bom notar que o culote do projectil do Bertha era arredondado em forma espherica, ficando com a forma aproximada D, devido á coifa balística.

2°. — COM A COIFA BALISTICA

O emprego da coifa balística, (falsa-ogiva), pelo contrario, leve construcção metallica que veste a ogiva do projectil, dá ao proble-

ma uma solução favoravel e pratica. Estudada e empregada pela Artilharia Naval francesa (no canhão de 340m/m), a coifa balística foi muito generalizada pela A. L. V. P.

Foi imitada pelos allemães e, sem que o emprêgo deste dispositivo seja indicado em todos os casos possiveis e para todos os generos de tiro sem excepção, pôde-se dizer que constitue um progresso real e definitivo. Todos os seus pormenores são hoje bem determinados: espessura e resistencia das paredes, modo de ligação da coifa balística, processos de fabrico, etc.

Quanto á sua propria forma exterior, observou-se, como o calculo mostra aliás, que além de cerca de 2,5 calibres de comprimento de ogiva, não se ganha quasi mais nada em alcance. Por outro lado, o proprio perfil (arco de circulo, cone simples, ogiva theorica de menor resistencia, problema que deu lugar desde Newton, a pesquisas mathematicas muito interessantes por numerosos sabios) era, para os comprimentos de ogiva maiores ou iguaes a 2c, 5, quasi indifferente.

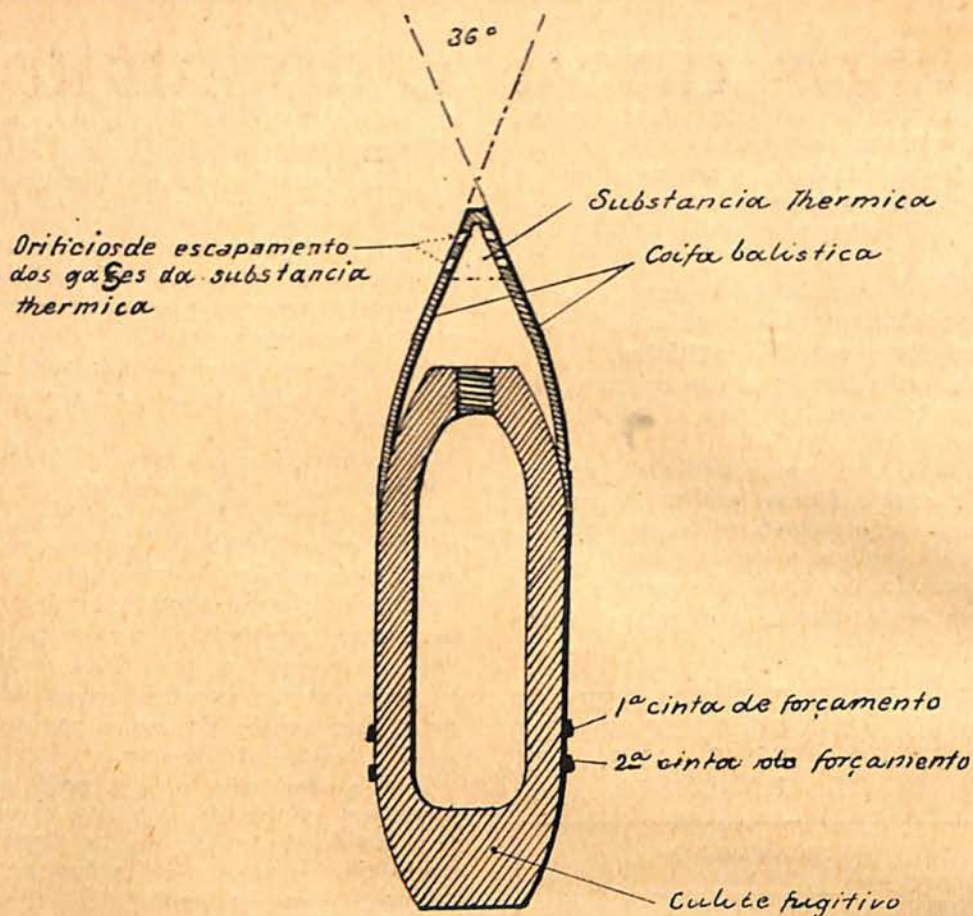
A coifa balística dá, pois, ao artilheiro de terra um ganho de potencia que elle não paga, por assim dizer, de modo algum, nem com o augmento da carga da polvora, nem com uma maior fadiga do material.

Na maior parte dos casos, a coifa balística, poderá sem duvida conter a espoleta, ao menos as espoletas percutentes, prolongando de um modo perfeito a ogiva do projectil, nas melhores condições para se oppôr á resistencia do ar.

3°. — COM AS CAMARAS MULTIPLAS

Sabe-se que um dos recursos de que se lançou mão para augmentar a potencias e os alcances foi o emprego das camaras multiplas. Os Berthas com que os allemães bombardearam Paris, embora não sejam conhecidos em todos os seus pormenores e as informações obtidas de varias fontes não sejam concordes, parecendo que se referem ás diversas phases dos ensaios e tentativas por que passaram successivamente a concepção e a realização desta arma de guerra. Ora, segundo certas informações, os allemães para conseguir imprimir a seus projecteis velocidades consideraveis, da ordem de 1.500 a 1.600 metros, fizeram uma applicação interessante e, com bom exito, do systema de canhões com camaras multiplas.

Segundo o que se sabe, a camara do Bertha era constituída de um estojo central A, que continha a carga principal, e de certo numero de estojos B, collocados em alojamentos anulares em volta do primeiro. Estas camaras lateraes desembocavam por conductos estrangu-

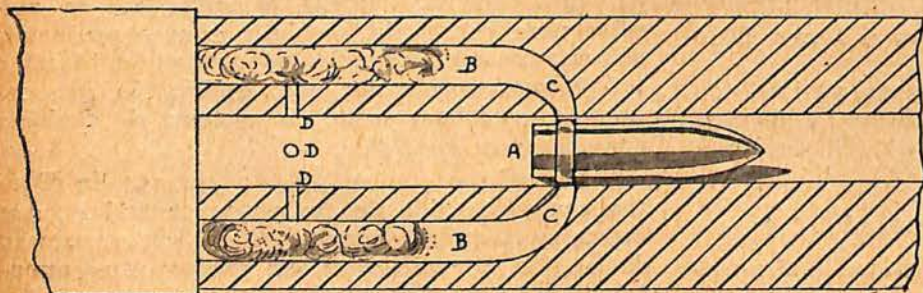


CORTE DE UMA GRANADA EXPLOSIVA DO OBUSIERO BERTHA

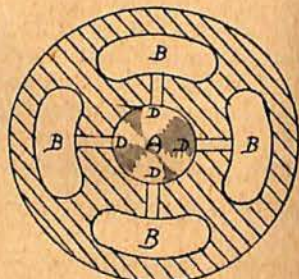
lados em C, quasi á altura da cinta de reforçamento do projectil, em sua posição de carga. São estas as camadas multiplas; mas a solução allemã da communicação do fogo era obtida pelo estreito conducto D, que ligava o estojo central a cada um dos estojos lateraes, e que eram collocados na parte interior destes estojos. Assim a inflammção era assegurada de um modo cons-

tante e com retardo perfeitamente definido, dependente da propria combustão da polvora; por outro lado, estas longas camaras lateraes, desembocando por canaes estrangulados na camara principal, formavam como que tubeiras e a polvora funcionava assim como num turbo-canhão.

(Continúa).



Camaras multiplas



Côrte

Petrechos de Acompanhamento

PELO 1º TENENTE AUGUSTO MAGGESSI

... "l'engin d'accompagnement, dont la dernière guerre à surabondamment montré la nécessité, est l'artillerie propre du fantassin, qu'il est assuré de toujours trouver fidèlement à pied d'œuvre pour résoudre à coup sûr, dans le cadre de son combat, les problèmes en face desquels la véritable artillerie, pour une cause ou pour une autre, est impuissante."

COMMANDANT BISWANG.

SUMMARIO:

- I — Ligeira apreciação sobre o "problema do acompanhamento."
- II — Doutrina do emprego tactico dos Petrechos de Acompanhamento.
- III — Sua organização actual.
- IV — Sugestões.

I — Muito tem-se escripto sobre as necessidades da Infantaria, nas diversas phases do combate.

E, como o seu meio preponderante de acção é o fogo, procura-se sempre dar-lhe o *maximo de recursos* para, pelo fogo, neutralizar ou destruir os órgãos de resistencia do inimigo e permittir o movimento para a frente.

Este fim é em parte alcançado pelo emprego, em seu "intimo acompanhamento", de todas as armas collectivas.

— Por outro lado, a experiencia tem demonstrado e os nossos mestres não cessam de preconizar que, de ordinario, seja na offensiva, seja na defensiva, a Infantaria deve contar com seus proprios recursos; dahi ser ella dotada organicamente de meios de fogo sufficientemente poderosos para que, mesmo sem apoio, possa conduzir a acção, viver em combate.

— Tratando do acompanhamento, podemos citar como órgãos de acompanhamento na I. — além das armas automaticas que representam a potencia de fogo por excellencia, — o Canhão de 37 e o Morteiro STOCKES; fóra della, ou postos á sua disposição, os Carros de Combate, os Aviões de I. e as Cias. ou Secs. de A. Mth. 75.

— Antes de deixarmos este item, parece-nos, devemos salientar que, não obstante os numerosos meios supra citados, — o problema do acompanhamento — ainda não foi completamente solucionado.

E isto porque (resumamos):

a) as características do Canhão de 37 e do Morteiro STOCKES não permitem que satisfaçam a todas as necessidades da I. no seu limitado quadro de combate.

b) O. C. C. é um meio incerto, exigindo condições de emprego especiaes, (terreno, duração de combates) e tendo inimigos inexoraveis (canhão, etc.)

c) A A. Acp. I. (75) não foi feita para isso. (E' o que temos lido no livro do artillheiro).

E' engenho muito vulneravel, pesado, de trajetoria tensa, e por isso de difficil desenfiamiento.

A menos que não se trate de um terreno excepcional, seu emprego — visando sempre obter a precisão — pôde considerar-se falho, em face da probabilidade de ser destruido antes de entrar em posição.

Então, — que é necessario para completa solução do problema?

Dotar a I. de um "Canhão d'Infantaria" e de uma "Mtr. P. antiavião."

Emquanto não surgir o verdadeiro Canhão d'Infantaria, (em estudos na FRANÇA e nos demais paizes da Europa; — nos E. U. da America do Norte) — que devemos fazer?

Naturalmente, coordenar da fôrma mais racional o pouco que possuímos e que de ante-mão sabemos incompleto, para dahi tirarmos o melhor proveito possivel; tudo na esperança de uma situação mais prospera.

E assim sendo, baseado na definição dos Ptrs. Acp., dada pelo Cmt. BISWANG, passamos a expôr o assumpto que nos interessa particularmente.

II — Doutrina do emprego tactico dos Ptrs. Acp.

Os processos de combate não são immutaveis (R. E. C. I. — Relatorio ao Sr. Ministro da Guerra); e, dentre os factores materiaes que determinam sua evolução, figura o armamento.

Não é pois de admirar que os processos actuaes de combate levando em conta as possibilidades dos petrechos de acompanhamento, procurem tirar destes a melhor utilização nas diversas circumstancias da lucta quando seu emprego é indicado.

A doutrina do emprego dos petrechos é, antes de tudo uma doutrina de fogo; os Ptrs., como as Mtrs., constituem reforço de fogo do Btl; e actuam em seu proveito, concorrendo assim para realização do principio da *superioridade do fogo*.

E, como o Cmt. de Btl. commanda elementos heterogeneos (Cias., Mtrs., Ptrs. Acp. e eventualmente Secs. de C. C. e de A. Mth.) que se supperpõem em uma mesma zona de acção, a doutrina de emprego dos Ptrs. Acp. acha-se tambem no ambito da doutrina de combate do Btl.

Emprego tactico do Canhão de 37. W

E' um petrecho de tiro tenso apto a destruir os objectos desenhados; apresenta, entretanto, o inconveniente de ser muito visivel e portanto muito vulneravel, o que limita suas possibilidades de emprego:

a) Na offensiva — Só se revelando no momento de cumprir a missão pôde neutralizar ou destruir qualquer Mtr. que procure impedir a partida do ataque. Deve porém, mudar de posição após alguns tiros, porque a chamma e a fumaça produzidas, tornam-no facilmente assignalavel.

b) No decurso da progressão — Seu emprego é analogo, desde que o remuniciamento seja assegurado.

c) Na defensiva — Bem remuniciado e protegido, poderá destruir ou neutralizar as Mtrs. e observatorios inimigos (mudando algumas vezes de posição.)

d- Durante o ataque inimigo — Age contra as Mtrs. e Ptrs. visiveis. Neste caso, mudar frequentemente de posição.

Emprego tactico do Morteiro STOCKES.

Petrecho de emprego colectivo, é destinado a agir sobretudo na defensiva, em face das difficuldades de seu remuniciamento.

O tiro curvo, sua caracteristica principal, permite bater os órgãos de fogo em locaes desenhados. A rapidez do tiro e o raio de acção dos estilhaços do projectil permitem executar tiros de barragem e inquietações com grande velocidade; mas seu remuniciamento, repetimos, é muito difficil e reduzido.

III — Organização actual dos Ptrs. Acp.

Si a doutrina se baseia nas possibilidades do armamento, a organização, por sua vez, deve assegurar á doutrina o rendimento maximo, não só quanto ás regras de emprego admittidas, mas tambem tirando o maior partido possivel das propriedades dos Ptrs.

E' o que vemos abaixo: um petrecho de trajectoria accentuadamente curva e mais apto ao tiro sobre zona.

NOTA — A ligação a que nos referimos acima, entre dois petrechos cujas qualidades ballisticas e possibilidades são bem differentes, não acarreta a obrigação de pô-los sob um mesmo commando, o que é impossivel, como justificaremos adiante; apenas ella se refere ao facto de um petrecho supprir o outro; isto é, bater o inimigo numa parte do terreno que escapa ás possibilidades desse.

— Normalmente, a reunião de um canhão

de 37 e um morteiro STOCKES (mais um morteiro STOCKES de reserva), constitue a Sec. Ptr. Acp. affecta organicamente a cada Btl. de I.

“Esses petrechos de acompanhamento agrupados no regimento para a instrucção, ficam, em principio, para o combate, á disposição dos Cmts. de Batalhão, pelo menos dos Batalhões que estão em combate (R. E. C. I. — Relatorio ao Exmo. Sr. Ministro da Guerra.

— Nos nossos R. I. que actualmente dispõem apenas de uma Sec. Ptr. Acp., a instrucção da Sec. está a cargo do respectivo Cmt. e esta faz parte integrante da Cia. Mtr. P.

Composição da Sec. Ptr. Acp. (ainda não regulamentada entre nós).

Um Aspirante ou 2º Tenente Cmt. (dispondo de um soldado agente de transmissão); um cabo de escalão.

a) Pessoal do canhão de 37:

1 sargento, chefe de peça.

2 serventes (1 soldado atirador e 1 soldado carregador).

2 soldados municiadores.

1 soldado remuniador (soldado do armão).

1 soldado conductor, para o armão a 1 cavallo transportando o canhão e um primeiro remuniciamento.

b) Pessoal do morteiro STOCKES:

1 cabo, chefe de peça,

2 serventes (1 soldado atirador e 1 soldado carregador),

1 soldado artifice,

1 soldado municiador.

2 soldados remuniadores, (soldados da viatura ou dos cargueiros).

2 soldados conductores, para duas viaturas a 1 cavallo, transportando a primeira o morteiro e um primeiro remuniciamento, a outra o restante desse primeiro remuniciamento;

No T. C., um conductor da viatura de viveres e bagagens a 2 cavallos da Sec., viatura que transporta um morteiro de reserva, as mochilas do pessoal, accessorios e um remuniciamento para o 37 e o STOCKES.

Resumo:

Official 1.

Sargento 1.

Cabos 2, e 19 praças.

Soldados 16.

Solipedes 5.

Viaturas 4.

III — *Sugestões:*

1ª Somos de opinião que as tres secções de petrechos de acompanhamento do Regimento, em vez de fazer parte integrante dos Btls., deveriam reunir-se á Cia. Extranumeraria ou mesmo formar uma sub-unidade á parte, sob a denominação de Pelotão de Petrechos de Acompanhamento ou Agrupamento de Petrechos de

1.ª — ORGANIZAÇÃO NORMAL PROPOSTA PARA O PEL. OU AG. DE PTR. ACP.

ELEMENTOS	PESSOAL					ANIMAES E VIATURAS			OBSERVAÇÕES
	Officiaes	Aspte. ou Sgt. Aj.	Sargentos	Cabos	Soldados	Cavallos	Viaturas a 1 cavallo	Viaturas a 2 cavallos	
ou 2º Ten. Especialista . . . t. do Pel. ou Ag. Ptr. Acp. ente de transmissão . . . ductores e viaturas (F. C.) o do escalão (b) . . .	1				1 3	6	3(a)		(a) Viatura de viveres e bagagens com 192 granadas de 37 e 64 de Stokes, cada uma. (b) Encarregado do remuniciamento do Pel. ou Ag. de Ptr. Acp. e commandante do T. C. (c) Encarregado do remuniciamento da Sec. ou G. de 37 ou de Stokes e commandante do respectivo escalão. (d) Armão do canhão, com 192 granadas (doze caixas de 16 granadas). (e) Duas viaturas: a 1ª transporta o material e mais 48 projectis (12 caixas de 4 projectis); a 2ª transporta 80 projectis (20 caixas).
irante ou Sgt. Ajte. . . . t. da Sec. ou G. do 37 . . . entes de transmissão . . . os do escalão		1			3				
1ª Peça de 37: efe de peça rador regador niciadores nunciador nductor			1		1 1 3 1 1	1 1(d)			
as peças eguaes al da Sec. ou G. do 37. . .			2		14	2 2(d)			
irante ou Sgt. Ajte. . . . t. da Sec. ou G. de Stokes entes de transmissão . . . o do escalão.		1	3 1(c)		24	3 3(d)			
1ª Peça de Stokes: efe de peça rador regador tífice. niciadores nunciadores ductores.				1	1 1 1 2 2 2	2 2(e)			
as peças eguaes tal da Sec. ou G. do Stokes		1			2 18 4 30	4 4(e) 6 6(e)			
tal do Pel. ou Ag. Ph. Acp.	1	2	3	6	58	15	9	3	

acompanhamento, e tendo como commandante o 1º ou 2º Tenente especialista.

Os petrechos ficariam assim exclusivamente nos órgãos do Coronel do R. I., sem estorvar, de modo algum, o pleno curso da doutrina de 1.

Ao contrario, a organização regimental da 1ª, na ocasião precisa, uma força notoria á doutrina de fogo ou melhor, á doutrina de 1., que se encontraria mesmo melhorada por o Cel. a possibilidade de, por uma dosagem apropriada ás necessidades, affectar aos Btls.

de 1º escalão um numero de petrechos superior áquelle de que podem dispôr na actual organização.

2ª. — (Complemento da 1ª.) — Como duas armas cujas possibilidades e alcances são differentes, que se obrigam a entrar em bateria em logares e contra objectivos também differentes, não podem estar, de fôrma alguma, sob a direcção de um mesmo Cmt. de Sec., a organização acima suggerida ainda se justifica, mas sob a condição de se adoptar a homogeneidade nos elementos, isto é, obter-se a possibilidade de

$$\begin{array}{l}
 1.152 \quad 57'36'' \\
 \frac{20}{576} = 57'36''; \frac{3}{28'48''} = \\
 \frac{20}{576} = 20' \text{ appte. para o } 37 \\
 \frac{20}{576} = 28'48''; \frac{3}{28'48''} = \\
 \frac{20}{576} = 10' \text{ appte. para o Stokes}
 \end{array}$$

2.ª — ORGANIZAÇÃO NORMAL PROPOSTA PARA O PEL. CU AG. PTR. ACP. "TIPO MONTANHA"

ELEMENTOS	PESSOAL					ANIMAES E VIATURAS			OBSERVAÇÕES
	Officiaes	Aspte. ou Sgt. Ajte.	Sargentos	Cabos	Soldados	Cavallos	Cargueiros	Viaturas	
1º ou 2º Ten. Especialista . . .	1				1				(a) Com 128 granadas de 37 e 80 de Stockes.
Cmt. do Pel. ou Ag. Ptr. Acp.									(b) Encarregado do remuniciamento e commandante do escalão de cargueiros.
Agente de transmissão . . .					1				
Reserva de munições (T. C.) e conductor . . .					1	2	1(a)		
Aspirante ou Sgt. Ajte. . .		1							
Cmt. da Sec. ou G. do 37 . . .					3				
Agentes de transmissão . . .				1(b)					(c) { 2 cargueiros para o canhão 1 cargueiro para munição (128 granadas).
Cabo do escalão de cargueiros									(d) { 1 cargueiro para o morteiro 3 cargueiros para munição
1ª Peça de 37:									
Chefe de peça . . .			1		1				
Atirador . . .					1				
Carregador . . .					1				
Municiadores . . .					2				
Remuniciador . . .					1				
Conductores de cargueiros . .					3		3(c)		
Duas peças eguaes . . .			2		16		6(c)		
Total da Sec. ou G. do 37 . .		1	3	1(b)	27		9(c)		
Aspirante ou Sgt. Ajte. . .		1							
Cmt. da Sec. ou G. do Stockes					3				
Agentes de transmissão . . .				1(b)					
Cabo do escalão de cargueiros									
1ª Peça de Stockes:									
Chefe de peça . . .				1	1				
Atirador . . .					1				
Carregador . . .					1				
Artifice . . .					1				
Municiador . . .					1				
Remuniciadores . . .					2				
Conductores . . .					4		4(d)		
Duas peças eguaes . . .				2	20		8(d)		
Total da Sec. ou G. de Stockes		1		4	33		12(d)		
Total do Pel. ou Ag. Ptr. Acp.	1	2	3	5	62	2	21	1	

concentração dos STOCKES (emprego de utilidade comprovada, e o emprego independente dos canhões de 37.

Então, o nosso Pel. ou Ag. de Ptr. Acp. de regimento, comportaria apenas duas Secções ou dois Grupos (questão de denominação), o que simplificaria o caso actual. (das tres Secções).

Na 1ª Sec. ou 1º G. seriam reunidos os 3 canhões de 37 e na 2ª. Sec. ou 2º. G. os 3 morteiros STOCKES (mais 3 morteiros de reserva).

Cmt. de Sec. ou G., afim de permittir que

O pessoal servindo a cada um dos canhões ou dos morteiros, chamar-se-ia: "guarnição da peça" e comportaria um municiador a mais para que junto á posição de bateria fosse augmentado o numero de projectis (o que se não verifica presentemente: apenas 64 tiros para o 37 e 24 para o STOCKES); cada Sec. ou G. se decomporia assim em tres peças: — 1ª. 2ª. e 3ª. peças de 37 e 1ª., 2ª. e 3ª. peças de STOCKES.

— O pessoal destinado ás transmissões de ordens seria assim descriminado:

— 3 agentes de transmissão para cada

Duração theorica do fogo:

$$\frac{512}{20} = 25'36''; \quad \frac{25'36''}{3} = 9' \text{ appte. para o 37}$$

$$\frac{296}{20} = 14'48''; \quad \frac{14'48''}{3} = 5' \text{ appte. para o Stockes.}$$

A questão das promoções

Quem se dê ao trabalho de consultar quanto se escreve e se diz nos círculos militares de terra, verifica, logo ao primeiro exame, que a questão das promoções representa o eixo de todos os commentarios. Ha os radicais que pretendem a completa reforma da lei actual e os progressistas que se contentam com, apenas, fazer-se alguns reparos no texto já obsoleto que regula o assumpto.

Uns e outros têm razão. Os primeiros se justificam deante a invariabilidade da lei durante já 37 annos de vigencia, embora profundas e successivas reformas tenham modificado completamente a contestura e os habitos do Exercito. Só uma revisão completa da lei de promoções seria capaz de pô-la em dia com as necessidades do novo Exercito que nestes ultimos decennios se tem processado. Os segundos, attendendo aos pieguismos do meio, talvez, mais praticos, acham que seria necessario attender um pouco ás contingencias e attingir o objectivo dos primeiros, mas por etapas.

De um modo como de outro, a questão fica de pé, quer dizer, não é mais possivel

continuarmos recrutando officiaes para o exercito novo, pelos processos antiquados, os mesmos que regiam o accesso nos tempos da milicia que era o Exercito de uns quarenta annos atraz.

* * *

No momento actual, a questão das promoções attinge o seu maximo de gravidade e preocupa como nunca quantos se interessam pela consolidação de todos os esforços despendidos para a efficiencia de nossa organização militar.

E' que a chamada "lei da reforma", que todos esperam seja promulgada mui proxima-mente e que vem abrindo claro importante de officiaes superiores em todas as armas (principalmente coroneis e tenentes-coroneis), não encontrou a seu favor dispositivos de accesso capazes de assegurar o aproveitamento maximo destes claros.

Como se vê, essas são razões bastantes para justificar o anseio que se regista em todos os círculos militares por providencias que não tardem mais em proveito dos methodos e processos de selecção nas promoções.

estes tivessem sempre acção sobre suas tres peças, caso dellas estivessem separados fosse pela missão, fosse pelo terreno ou "entrada" em bateria";

— 1 agente de transmissão (que já existe) do Cmt. do Pel. ou Ag., para que este pudes- se communicar-se com seu T. C. ou com a Sec. ou G. que lhe escapasse.

Cada Sec. ou G. disporia de um "cabo d'escalão", encarregado do remuniamento e commandante do escalão de viaturas.

As tres viaturas de viveres e bagagens do Pel. ou Ag., formando seu T. C., seriam tam- bem commandadas por um cabo.

— A utilidade desta organização seria de permittir as mais variadas combinações de agrupamento e de repartição, dentro do quadro das situações.

Por este meio, o Cel. poderia attribuir a cada Btl., um canhão de 37; mas tambem, si um dos Btls. tivesse (tal fosse a situação) dificuldades particulares a vencer, poderia o Cel. dar-lhe 2 ou mesmo os 3 canhões de 37; final- mente destinaria o G. dos tres morteiros ao

Btl. cuja zona de acção apresentasse maior nu- mero de angulos mortos. Este G. de morteiros estaria, então, frequentemente, sob as ordens di- rectas do 1º. ou 2º. Ten. Cmt. do Pel. ou Ag. de Ptr. Acp., e actuaria em geral por "con- centração de fogos". Quanto aos canhões de 37, o Cmt. da Sec. ou do G. estaria sempre na direcção do maior agrupamento (no mini- mo 2 canhões).

Para concluir, propomos duas organizações para o Pel. ou Ag. de Ptr. Acp, segundo os quadros inserctos no texto:

— a 1ª., para o caso geral (terreno varia- do, movimentado e plano);

— a 2ª., para o caso particular: terreno montanhoso.

"As promoções devem exprimir sempre o resultado de verdadeira depuração entre as capacidades de cada posto, visando a efficiencia dos qua- dros do posto immediato e a do alto commando."

Graduação de espoletas

EVENTO — CORRECTOR — DISTANCIA-REGULADORA

Pelo Capitão BINA MACHADO

Assumpto simples, tão facil que jámais provocou debates, encerra, contudo, innumeras subtilezas, que, aos que o tratam superficialmente, passam despercebidas e ficam ignoradas.

No intuito de esclarecer aos que começam o seu estudo, organizei estas notas. Si suscitarem outros esclarecimentos e, quiçá, controversias, darei por muito bem empregado o tel-as organizado.

A graduação das espoletas de tempo e de duplo-effeito, para um tiro em que se deseja o arrebetamento do projectil antes de seu encontro com o sólo, é assumpto intimamente ligado e de dependencia exclusiva dos caracteristicos de construcção dos materiaes que se empregam, seus projectis, espoletas e seus graduadores automaticos.

Em se tratando do material Krupp, de que dispõe o Exército Brasileiro, e por ser bem conhecida a questão, ella se nos apresenta tão simples; no entanto, esta simplicidade existe tambem para os materiaes francezes, de que está sendo dotado o Exército, e sómente á nenhuma familiaridade que com elles temos, devemos attribuir a idéa que fazemos da complexidade da questão.

Com o nosso material, para um tiro que se executa a 3.000 metros de distancia e procurando-se um arrebetamento de *altura typo*, tomam-se os seguintes elementos:

ALCANCE CANHÃO ESPOLETA

Alça. ou ang. de tiro	corrector	distancia-reguladora.
3.000	3.000	12
		3.000

Entrando com estes elementos (dist-reguladora: 3.000 e corrector 12) no graduador automatico, a graduação resultante será 3.000, pois que o corrector 12 (chamado normal) não altera o numero 3.000 tomado como distancia reguladora; — baseados nisso, e si graduássemos a espoleta á mão, levaríamos a divisão 3.000 (30) do disco movel á frente do traço de referencia.

Si as condições em que realizarmos o nosso tiro forem identicas ás da confecção das tabellas, devemos ter um arrebetamento á altura desejada, isto é: á *altura typo*, pois que nestas condições foi construida a nossa espoleta, devendo normalmente produzir tal resultado. (1).

(1) Assim fazemos ainda, de accôrdo com os nossos antigos regulamentos de tiro e exercicios, embora isso não seja exacto senão para a distancia de 3.500 metros, unica em cuja trajetória dar-se-á precisamente um arrebetamento á

No material Schneider, calibre 75m/m, de montanha, modelo 1919, já em uso entre nós, o regulador de espoletas é graduado em *millesimos da alça*, de modo que o numero mandado para a alça é o mesmo a marcar no regulador para se ter um arrebetamento á *altura typo* de 4 millesimos. W

O regulador tem um *Corrector* graduado de tal maneira que, normalmente, uma divisão sua faça variar praticamente de um millesimo a altura de arrebetamento.

A escala do corrector vae de 20 a 80.

Para o material de campanha, de calibre 75, o principio é ainda o mesmo. Para bem conhecermos, entretanto, o assumpto, estudaremos summariamente as suas espoletas, o regulador automatico e a sua tabella de tiro, o que nos levará a um estudo completo e pratico da questão.

ESPOLETAS

A figura numero 1 representa um typo de espoletas de duplo effeito. As differenças existentes entre este modelo e as outras espoletas de duplo effeito ou de simples funcionamento em tempo, não alteram as considerações que faremos sobre este typo; ao invés, essas considerações applicam-se integralmente a todas as espoletas cujo funcionamento é baseado no mesmo principio da que descrevemos.

E' ella uma espoleta tronconica, tendo em seu exterior, enrolado em espiral, um tubo de altura typo, com os elementos: dist-reg. 3.500 e corrector 12.

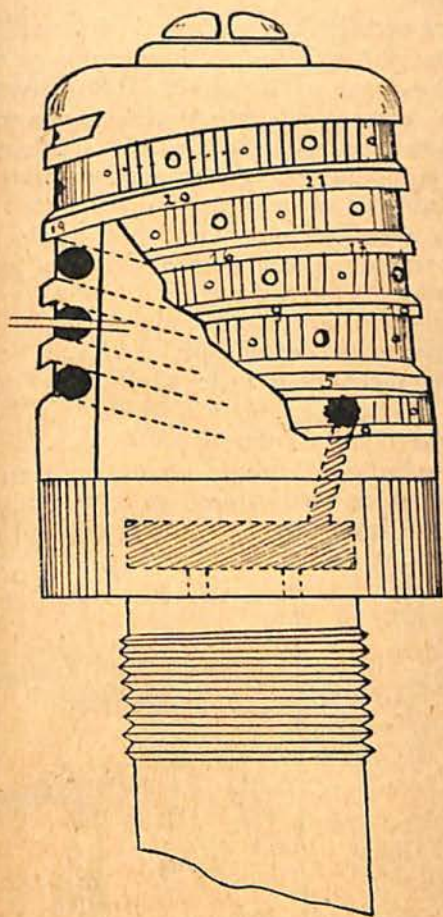
Para qualquer outra distancia, o corrector 12, com uma distancia reguladora igual ao numero da alça, não assegura mais o arrebetamento á altura typo.

O que adeante vae dito para o material francez esclarece completamente este assumpto e mostra a necessidade da substituição das nossas antiquadas e incompletas tabellas de tiro por outras mais completas, postas em dia com os modernos processos de preparação e execução do tiro de artilharia.

Estou informado de que o 1º Tenente Fernando Fonseca de Araujo, occupa-se actualmente com a questão e está organisando uma tabella de eventos para as nossas espoletas.

Assumpto tão importante e tratado por mão de mestre, precisa ser dado o quanto antes á publicidade.

estanho contendo uma substancia combustivel. graduada em duração de queima, (segundos e decimos de segundo) de baixo para cima. Uma das extremidades do tubo communica, por dentro da espoleta, com a sua escorva de pólvora negra, a qual inflammada pela combustão do tubo leva sua chamma ao canal central do shrapnell ou ao detonador da granada, fazendo-os



funcionar; a outra extremidade é rebatida na parte superior do corpo da espoleta.

Si com uma ponta qualquer furarmos a espoleta em um ponto, 14, por exemplo, deixamos o mixto do tubo á mostra, e si o projectil for lançado, funcionando o dispositivo de tempo, a chamma do fulminato, procurando sahir pelo furo, feito, inflamma o mixto, iniciando-se então a queima deste — para baixo, até a escorva; para cima sem aproveitamento. até a outra extremidade.

E' claro que o comprimento do tubo a queimar é maior quando se fura a espoleta em 20 do que em 15, em 13 ou em 7.

Sendo a sua graduação em segundos de tempo, a um comprimento determinado por um furo em 20, em 17 ou em 15,5, correspondem durações de queima de 20, 17 ou 15,5 segundos.

A esses furos chamam-se *eventos*; as graduações ou os numeros que lhes correspondem cha-

nam-se também *eventos*. Assim diz-se: evento 20, evento 15,5 etc.

Essas durações de 20, 17, 15,5 segundos, correspondem (nas condições de temperatura e pressão das tabellas) á velocidade de queima do mixto, para uma determinada velocidade inicial.

Fazendo systema com o projectil com que é atirada, a espoleta participa integralmente de seu movimento (velocidade, duração de trajecto,...); si a velocidade do projectil é diferente daquella para a qual foi construida a espoleta, a velocidade de queima do mixto se modifica (para mais ou para menos) e, em consequencia, aquelles numeros 20, 17, etc. não representam mais o tempo de queima gasto de facto pela combustão do mixto.

Vê-se nas tabellas de tiro (o nosso "Manual dos Cmts. de Bateria) que a espoleta de 24/31, atirada com granada de aço, carga normal (velocidade inicial de 550 ms.) tem, para eventos de altura nulla, os mesmos numeros que os da duração de trajecto do projectil; isto quer dizer que, no fim de 12,2 segundos, por exemplo, de permanencia do projectil no ar, foi consumido um comprimento de tubo durante 12,2 segundos de queima e obtido um arrebitamento á altura nulla.

Conservando o mesmo projectil e diminuindo a sua velocidade inicial, elle precisará um tempo maior para attingir a mesma distancia; não se póde, pois, dar o mesmo evento á espoleta para obter o arrebitamento no mesmo ponto.

Então, a uma variação de velocidade inicial correspondeu, no caso acima, um augmento de duração de trajecto, para o mesmo alcance; si quizermos obter um arrebitamento no mesmo ponto anterior, temos que dar um maior evento á espoleta, um maior comprimento de tubo a queimar, correspondente a um augmento do tempo de queima realmente gasto.

E' o que se vê dos seguintes dados, tomados em nossa tabella, atirando-se com a espoleta de 24/31, de 24 segundos de queima:

Granada de aço, carga normal, Velocidade inicial 550ms.

Alcance	Duração de trajecto	Evento altura nulla
5.000	16,7	16,7

Mesmo projectil, carga reduzida. Velocidade inicial 344ms.

Alcance	Duração de trajecto	Evento altura nulla
5.000	21,3	22,0

O exame dos dados acima nos indica que: 1º. — com a diminuição da velocidade ini-

cial de 550 para 344 ms. houve um augmento de duração de trajecto;

2º. o evento para o arrebetamento a altura nulla foi também augmentado, passando de 16,7 para 22;

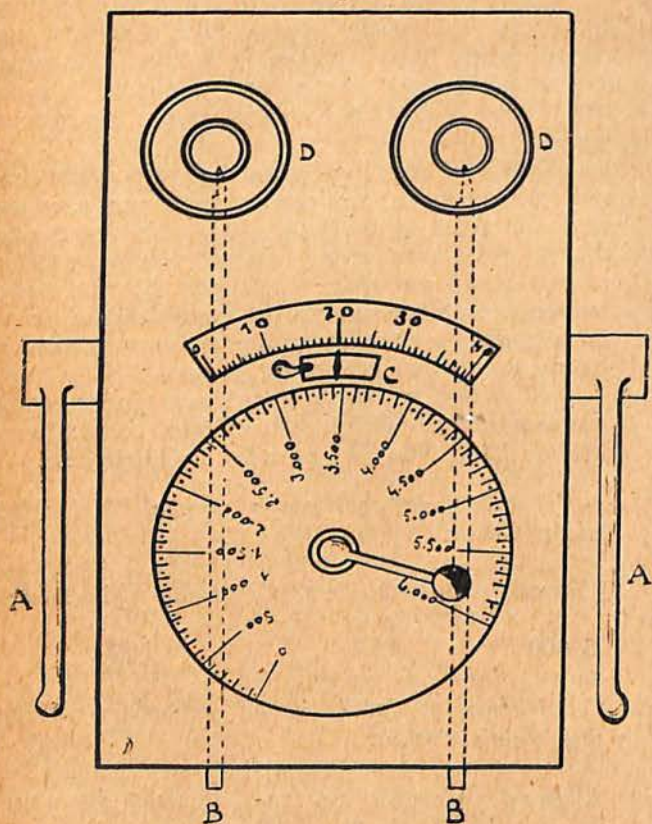
3º. — tendo variado a velocidade do projectil para a qual eram verdadeiros os segundos de duração de queima, não persiste mais a igualdade entre esta e a duração de trajecto; — foi necessario dar um comprimento de tubo correspondente ao evento 22, para ser queimado em 21,3 segundos exactamente. E' que foi augmentada a velocidade de queima do mixto, com a variação de velocidade inicial

Como esclarecimento final, convém lembrar que a duração de queima se reduz, na apreciação do phenomeno em si, a velocidade de combustão do mixto fuzivel, a qual é função não só da velocidade inicial do projectil, mas ainda do seu movimento de rotação e de sua fôrma exterior

Independentemente do projectil, a velocidade de combustão é função da pressão e da temperatura.

RÉGULADOR AUTOMATICO

O regulador automatico, de que a figura abaixo dá uma idéa, compõe-se de uma caixa



rectangular, de aço, contendo: — um disco, graduado em distancias, que se faz girar por meio de uma manivela; — um índice móvel, chamado CORRECTOR, em frente ao qual se col-

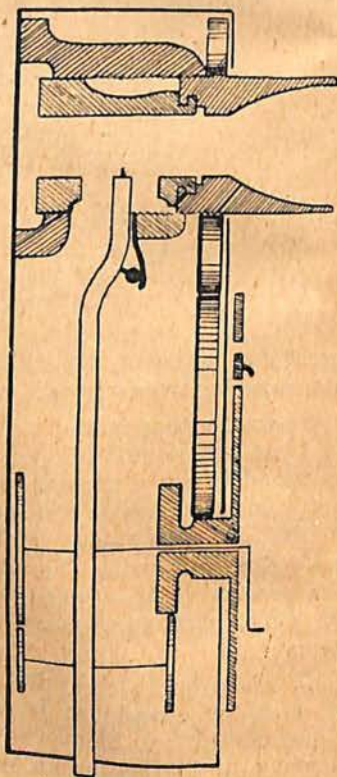
loca a distancia commandada para o disco; este corrector, que se fixa com o auxilio de um parafuso de pressão, move-se deante de uma escala fixa, graduada de zero a quarenta; — dois alojamentos, D e D, ogivales, para receberem as espoletas a graduar e já engastadas nos projectis; — duas alavancas, A, as quaes abaixadas accionam duas agulhas B e B, que vão sangrar as espoletas.

O caracteristico, principal de sua construção. o de maior importancia para o nosso estudo, é o seguinte: o CORRECTOR estando a 20. a agulha fura a espoleta exactamente no lugar conveniente á produção de um arrebetamento do projectil á altura *typo*, em um tiro que se effectua na distancia marcada no disco.

Como detalhe importante. é util lembrar que o corrector é um órgão externo, na caixa do regulador. Contrariamente ao que se dá com o graduador automatico do nosso material Krupp, aqui o corrector não participa (como no nosso) do mecanismo de gradação do aparelho. pois o indice e sua escala não têm ligação alguma com o interior da caixa.

O seu indice é um traço de referencia que serve apenas como origem de gradação, pois á sua frente levam-se as distancias do disco.

Deslocal-o, é deslocar essa origem da gra-



duação das espoletas; é fazer augmentar ou diminuir o comprimento do tubo a queimar de uma quantidade igual ao deslocamento dado ao indice.

Este typo de reguladores, ainda em uso, foi modificado. O disco tem mais uma graduação; elle dispõe, pois, de uma graduação interior, (vermelha) além da sua graduação primitiva em traços pretos (exterior).

Quando se emprega a graduação vermelha, os seus numeros são levados á frente de um novo indice que se adaptou ao corrector.

Além disso, os dois alojamentos de espoletas de longa duração (espoletas de 24/31, de 11 segundos de queima) duas ogivas falsas, de mesmo diametro e que lhes augmenta a altura. E' tambem para a graduação destas espoletas que foi accrescida a escala vermelha, de que se falou acima.

TABELLAS DE TIRO

As modernas tabellas de tiro para os matriculos de 75, de campanha, no que diz respeito ao tiro de tempo, trazem, para os differentes projectis, nos quadros VI e VII, os seguintes elementos:

alcance em metros
distancia a marcar na alça
distancia a marcar no *regulador*
corrector normal, dando um arrebentamento de altura nulla.

correcções para o corrector (quando o tiro se faz em condições differentes das da tabella) dv° , dH etc..

Evento de altura nulla

Deslocamentos do ponto de arrebentamento, para uma variação de 10 divisões do *corrector*.

Vejamos, ligeiramente, alguns desses elementos.

Alcance e distancias a marcar na alça e no *regulador*.

O alcance é a distancia a que se quer fazer o tiro. Atirando-se com o quadrante de nivel, as tabellas dão, para cada projectil, o angulo de elevação correspondente ao alcance. Sendo porém, dados separadamente o sitio e o angulo de tiro, isso é, atirando-se com a *alça*, em vez de se marcar (como no nosso material Krupp) o mesmo numero para a alça que o do alcance (por exemplo: 2.000 — 2.000) deve-se vêr qual a graduação de alça indicada na tabella para ter o alcance que se deseja. (2)

(2) O material S. Chamond, modelo brasileiro, 1919, dispõe de pratos de distancias (um para cada projectil) de modo que em cada um se registra sempre o mesmo numero do alcance para a alça a dar ao canhão.

Para simplificação do commando e do trabalho nas peças, o mesmo numero commandado para a alça é o que se regista no regulador, como distancia-reguladora, excepto para as granadas com carga reduzida e as de modelos 1917/18.

Nenhuma relação existe mais entre o alcance e a distancia-reguladora principio em que se baseou a construcção do regulador.

Mas, para que este possa ser utilizado quando se alterou um dos elementos de graduação — a distancia-reguladora, existe um meio de correcção — o *CORRECTOR*, que contrabalança, por assim dizer, a alteração feita naquella. Dahi trazerem as tabellas uma columna dando, para os differentes alcances, o *corrector normal de altura nulla*.

Já não se cogita mais da *altura typo* de arrebentamento, de que se falou na construcção dosapparelhos; ella era tomada com um só valor, para todas as distancias e projectis, o que está longe de ser exacto. Ella varia com o projectil e para cada projectil com as differentes cargas com que é atirado.

Por esta razão adoptou-se a altura nulla de arrebentamento, tanto para os shrapnells como para as granadas; é facil dahi passar-se á altura typo, para a efficacia, deslocando-se, para aquelles, o ponto de arrebentamento sobre a trajectoria, por meio do *corrector*, e, para estas, levantando-se verticalmente de 15 metros o dito ponto, por meio do sitio.

Além disso que vimos de dizer, o regulador automatico, tal qual foi concebido e construido, realizava as condições de um arrebentamento á altura typo para um determinado projectil (ou projectis do mesmo coefficiente balistico) lançados com a mesma velocidade inicial, descrevendo, pois, á mesma distancia, trajectorias theoricamente iguaes.

Não pôde, pois, o regulador produzir, entrando nelle com os mesmos elementos. (exemplo: distancia-reguladora 5.000 e *Corrector* 20), resultados identicos, isto é, produzir arrebentamentos á mesma altura typo nas differentes trajectorias *PAB*, *PA'B* e *PA'B*, correspondentes a projectis differentes, atirados com cargas de projecção desiguaes, de diversas durações de trajecto, embora relativos á mesma distancia PB.

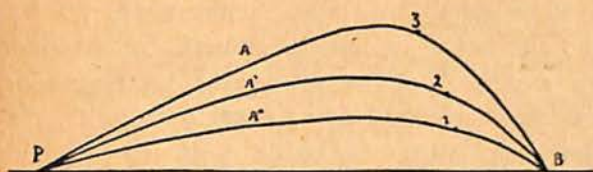


Figura 3. O graduador dá sempre e automaticamente (para os tres casos acima) o mesmo comprimento de tubo, a queimar, o que fará a espoleta funcionar nos pontos 1, 2 e 3, de *igual evento*.

A tabella indica, para cada um dos tres casos acima, a distancia-reguladora e o corrector convenientes e que introduzidos no regulador automatico asseguram o evento proprio a produzir o arrebetamento no ponto B.

As differenças resultantes na gradação das tres espoletas (differenças entre os tres eventos) correspondem aos trajectos 1-B, 2-B e 3-B, nas trajetorias A, A' e A''.

Com exemplos, melhor se conceberá este jogo de elementos.

Seja realizar um tiro com shrapnell, a 5.000 ms. procurando-se um arrebetamento á altura nulla e executado o tiro nas condições de estabelecimento das tabellas.

No quadro VII encontra-se: alcance 5.000 ...ev.alt.null...15,5.

Toma-se de um furador qualquer, e, á mão, sobre a gradação 15,5, sangra-se fundo a espoleta, rompendo-se o tubo. Está ella graduada convenientemente, pois assegurou-se um comprimento de tubo tal que o arrebetamento se deve produzir quando o projectil tenha alcançado o ponto B.

(Si em vez do shrapnell atirássemos com granada, carga normal, tomaríamos a gradação 16,7, e si fôsse com carga reduzida, 22,0).

Mas, fazendo a gradação no regulador automatico, teremos: *alcance* 5.000 *alça* (canhão) 5.025 *dist-reg*: 5.025 *corrector*: 13.

Registando estes elementos no regulador: 13 e *dist-reg*: 5.025, a espoleta será sangrada justamente na gradação 15,5.

Fica assim assegurado, por meio do regulador, o mesmo evento, o mesmo comprimento de tubo a queimar.

As tabellas trazem ainda um quadro (IV) de correspondencia entre os *eventos de altura*

nulla (indicadas no quadro VII e as *distancias reguladoras*, quando se fixa o *corrector* em 18.

Para o evento 15,5 este quadro dá:

Evento 15,5.....Cor. 18.....*dist-reg*: 5.125.

Ha perfeita harmonia entre estes dados e os achados ha pouco.

Com effeito: a 5.000 ms. uma divisão do corrector desloca o ponto de arrebetamento, *em alcance*, de 20 metros (tabella quadro VII). Entre corrector 18 e 13 vão 5 divisões; si augmentamos 5 ao corrector (13 + 5) devemos augmentar de 5 x 20 a distancia-reguladora para não deslocarmos o ponto de arrebetamento, e teremos assim o evento 15,5 obtido de duas maneiras:

Ev.15,5	D-r: 5.025	C.:13
e Ev.15,5	D-r: 5.125	C.:18.

Si quizessemos, por exemplo, conservar o corrector em o meio de sua escala: obteriamos o

Ev. 15,5 com D-r: 5.165	C.:20.
-------------------------	--------

Para conservar o mesmo numero para o alcance e a *dist-reguladora*, teriamos:

Ev.15,5	D-r: 5.000	C.: 12.
---------	------------	---------

Estes exemplos são dados apenas para apreciarmos o jogo do corrector e da distancia-reguladora, não tendo elles o menor interesse pratico, uma vez que as tabellas de tiro trazem, para cada alcance, a alça a dar ao canhão, o numero da distancia reguladora e o corrector.

Como no 75 só se trabalha com corrector e distancia-reguladora (no 155 e outros materiaes trabalha-se com evento) e todas as correções são calculadas sobre o *corrector*, desapareceu das actuaes tabellas a columna que ainda figura no "Manual" referente ao deslocamento do ponto de arrebetamento para uma variação de 0°, 1 do evento.

"A guerra moderna não requer só que se levem exercitos á batalha, mas sim toda a nação — eis o espirito que deve presidir a formação do alto commando.

"Lembraí-vos da guerra"

Tactica na Carta

SOLUÇÃO DO THEMA DE ARTILHARIA

Pelo cap. PRATI DE AGUIAR

I

RESUMO DA SITUAÇÃO

Tendo-se declarado a Guerra entre os dois partidos, encarados no thema, os Vermelhos (de este), valendo-se da vantagem, sobre os Azues, mobilização e concentração mais rapidas, marcaram sem perda de tempo a offensiva para actuando a cavalleiro do RIO PIRACICABA em dois agrupamentos de forças distinctas.

As forças ao N. do PIRACICABA, constituídas num pequeno Exercito de duas D. I. uma D. C., chamado — AGRUPAMENTO DO PIRACICABA, depois de terem avançado victoriosamente, desde as fronteiras, até região difficil de MOGY-MIRIM — ITARA — SOCCORRO — AMPARO. tiveram-se retrahir para O, em vista do proximo descaideamento de uma offensiva Azul, da qual participariam, por informações certas, forças inimigas muito superiores em numero.

Os Vermelhos, manobrando em retirada para O., visavam attingir e organizar uma posição defensiva bem á retaguarda, na qual poderiam resistir aos ataques inimigos, pelo tempo necessario á chegada de reforços, com quaes, por sua vez, retomariam então á offensiva.

No momento relativo ás operações do presente thema, a situação geral do AGRUPAMENTO N. DO PIRACICABA pôde ser assim resumida:

— A 1ª D. I. attingiu na noite de 13|14 Dezembro a região do massiço de EST. REMANSO, passando logo a executar os trabalhos de organização do terreno, necessarios á feza a fundo desta região, a qual constitue a parte S. da posição global a defender.

— A 2ª D. I., pelo facto de ter sido obriada pelas difficuldades de terreno, a passar tambem por MOGY-MIRIM, como aliás o fira a 1ª D. I., ficou um pouco atrazada; porém, no fim da noite de 14|15, todos os seus elementos já ultrapassaram o RIB. DO FERRAZ para O., achando-se escalonados entre o curso d'agua e a FAZ. S. ANTONIO. bre a estrada FAZ. DO RETIRO-ARARAS. a noite seguinte, de 15|16, o grosso desta Divisão deverá attingir a posição a defender, que acha balisada pela grande crista S. — N., comprehendida entre o massiço de EST. RE-

MANSO (ao S.) e o M. da MATTA NEGRA (ao N.)

— A 1ª D. C. vem recuando em contacto com os Azues e retardando-lhes o avanço. Ella procura resistir o mais possivel nas linhas do terreno, que se apresentam favoraveis, mas sem se deixar aferrar, de modo a evitar a sua inutil destruição, dados os effectivos inimigos muito superiores, que se lhe encontram em face. Durante o dia 14 ella defendeu a linha do terreno, balisada pela linha ferrea MOGY-GUASSU' — MOGY-MIRIM e mais ao S.; mas aproveitou a noite de 14|15, para se despegar do inimigo e transportar a sua defesa para traz do RIB. DA VATINGA.

Pelo que ficou dito, concluimos que, na manhã do dia 15, a D. C., defendendo a linha do RIB. DA VATINGA (com a qual provavelmente o inimigo retomará o contacto na propria manhã deste dia), cobre a 2ª D. I. á distancia de 15 kms. apenas. E, se levarmos em conta que esta D. C. provavelmente não poderá se manter, durante todo o dia 15, nesta linha do terreno, chegaremos á conclusão de que, pela tarde deste dia, o inimigo poderá hostilizar com o canhão a cauda da 2ª D. I.

E' em consequencia disto que o Commando do Agrupamento de forças vermelhas ao N. DO RIO PIRACICABA intervem, tomando a decisão de deixar atraz do RIB. DO FERRAZ uma forte Retaguarda, tirada da 2ª D. I., a qual deverá actuar em coordenação com a D. C., cuja zona de acção será restringida e deslocada para o N., de modo a lhe facultar maior capacidade de resistencia.

Esta cobertura, assim reforçada, permitirá, não só que a 2ª D. I. complete o seu retrahimento a coberto de qualquer golpe inimigo pela sua retaguarda, como tambem lhe assegurará a possibilidade de realização dos primeiros trabalhos de organização defensiva indispensaveis á defesa a fundo do sector, que lhe foi attribuido.

A cobertura reforçada apresentará, na manhã do dia 16, o seguinte dispositivo, do N. para o S.:

— A 1ª D. C., tendo se despedido do inimigo na noite de 15|16 e deslizado para N. O., estará disposta atraz do RIB. DA BARRA, entre a sua confluencia com o RIO MOGY-GUASSU' e a confluencia dos RIB. DO FERRAZ e RIB. DO CERRADO.

— A retaguarda da 2ª D. I., disposta atraz do RIB. DO FERRAZ entre a confluencia

(*) Vide numero de dezembro.

cia citada e a junção do RIB. DO PINHAL e RIB. DAS PEDERNEIRAS, será fortemente coberta ao S. por meio duma Bda. de Cav. provisoria, que offerecerá, de inicio, uma primeira resistencia atraz do RIB. DAS PEDERNEIRAS.

Deparamos assim com a Retaguarda da 2ª. D. I., no momento em que ella é constituida e quando se lhe attribue uma missão retardadora, em coordenação ao N. com a acção da 1ª. D. C., á qual é conferida missão identica.

E' certo que a 2ª. D. I.. não só agora, como durante todo o tempo, em que, por marchas nocturnas, vem executando o seu retrahimento, se acha e se achava coberta por um Destacamento de Retaguarda. Por conseguinte, não se trata de crear neste momento um organ de cobertura, inteiramente novo: mas simplesmente de, aproveitando uma Retaguarda já constituida, amplial-a, reforçal-a convenientemente, de modo a poder cumprir uma missão mais ampla, que lhe acaba de ser conferida.

Devemos, pois, suppôr as unidades da antiga Retaguarda, já nas posições: os movimentos a realizar se relacionarão, apenas, ás unidades de reforço.

Este é o ponto de partida para a solução do thema.

II

DECISÕES DO CMT. DA RETAGUARDA, NO QUE SE REFERE AO EMPREGO DA ARTILHARIA

Já são conhecidas, atravez do thema, as decisões, tomadas pelo Gal. X., Cmt. da Retaguarda da 2ª. D. I., relativas ao modo por que pensa cumprir a missão recebida, no dia 16, quer no que respeita ao emprego da Infantaria, quer no que se relaciona ao da Cavallaria.

Resta-nos examinar as decisões, que tomará o Gal. X., relativamente á Artilharia de sua Retaguarda.

a) Repartição da artilharia:

A extensão consideravel da frente, attribuida á Retaguarda da 2ª. D. I., a manobra nitidamente independente, que terá de executar, a Bda. de Cav., já pela sua propria natureza, já pelo aspecto particular do terreno, em que ella vae ser desenvolvida; finalmente, a actuação excentrica, que recahiria á Artilharia, no caso de ter de apoiar aquelle Bda. provisoria de posições localizadas do N. DO RIB. DO PINHAL; estas tres considerações nos conduzem a pôr, á inteira disposição desta Bda., uma fracção da Artilharia da Retaguarda.

Por outro lado, tendo a Bda. de Cavallaria de manobrar, ao menos inicialmente, por escalões successivos, numa frente consideravel, não podemos pôr á sua disposição menos de um Grupo.

Que grupo escolher? O de Mth. apresenta a vantagem de ser mais forte, por ter 4 Bias.; o Grupo montado, si bem que mais fraco, tem entretanto a vantagem de permittir deslocamentos mais rapidos, o que melhor se harmonisa com o feito proprio da Cavallaria. Podemos, portanto, concluir que, tanto uma solução, como outra, são perfeitamente admissiveis. Sómente a realidade poderá consagrar a melhor dentre ellas.

Admittamos, então, que seja escolhido um dos Grupos montados, para ficar á disposição da Bda. de Cav. provisoria.

Restarão tres Grupos, para actuarem em proveito da Retaguarda propriamente dita.

Ora, tendo em vista a extensão da frente a defender (7 a 8 kms.), não seria exaggerado empregar esta pequena quantidade de Artilharia, inteiramente em apoio directo á Infantaria; mas, assim procedendo, não restaria ao Gal. X. no ambito da artilharia, nenhum meio de fazer sentir a sua acção no combate e, em particular, não lhe seria possivel reforçar com fogos de Artilharia a defesa nas partes da frente mais vigorosamente atacadas, o que não se pôde saber a priori. Um ponto, particularmente delicado, é o flanco direito, coberto apenas pela Bda. de Cav., pouco provida de Artilharia.

Por estas razões, parece razoavel destinarmos ao apoio directo a maior parte da Artilharia, de que dispomos, guardando o restante para as acções de conjuncto.

Teremos pois:

1 Grupo montado	} em apoio directo
1 Grupo de Mth.	

1 Grupo montado	} em acção de conjuncto
Para as missões de conjuncto, o Grupo montado é mais indicado, pelas razões seguintes:	

1ª. Porque, tendo o Grupo de conjuncto de fazer a contra-bateria e geralmente os tiros á grande distancia, numa frente muito extensa, será preferivel appellar para o material de maior alcance, que, no caso, é a Artilharia montada;

2ª. Porque, sendo o C. R. 1, no ponto de vista da defesa do sector, mais importante que o C. R. 2, conviria lhe fosse attribuido um apoio mais consideravel; ora, o Grupo de Mth., por ter 4 bias., se acha mais indicado para isto.

b) Zonas de acção:

Consideremos em primeiro logar as que se referem ao Agrupamento de apoio directo.

E' obvio que as zonas, situadas respectivamente á frente dos C. R., serão as zonas normaes dos Grupos de apoio directo; as zonas eventuaes decorrerão da necessidade para cada Grupo de actuar na zona normal do Grupo vizinho. Além disso, será preciso, que cada um dos Grupos de apoio directo receba uma zona de acção eventual nos flancos da posição, de modo a poder sobre elles actuar, no caso do inimigo, exercendo o esforço principal deante da D. C. ou da Bda. provisoria, recalcar uma dellas, descobrindo assim um dos flancos da posição.

Estas considerações nos levam a ampliar a zona de acção normal do agrupamento de apoio directo com duas novas zonas eventuaes: uma, ao N., extendendo-se até ao curso inferior do RIB. DO LEME e estrada FAZ. DO LEME — OS ABREUS; outra, ao sul, delimitada pela estrada BAIRRO NOVO — PONTE ALTA (inclusive).

Para o Agrupamento de conjuncto, poderemos estabelecer: como zona de acção normal, a que corresponde á frente occupada pela Infantaria; como zona eventual, a da Bda. de Cavallaria, limitada pela linha (inclusive) passagem sobre o RIB. DE GUAQUICA, a 1,5 km. ao N. deste logar — MATTO DENTRO (do N.).

Para a Artilharia á disposição da Bda. de Cavallaria: zona normal, a que se estende ao S. da zona normal, atribuida á Art. da Retaguarda; zona eventual, a que se estende á frente do C. R. 1.

c) Condições de desdobramento:

E' preciso, em primeiro logar, que toda a Artilharia possa fornecer fogos efficazes, em toda a frente da Infantaria e sobre uma profundidade minima de 2 kms. a O. do RIB. DO FERRAZ, visto que tal é a profundidade normal dos C. R.

Além disso, é necessario que o Grupo de conjuncto possa attingir com seus fogos a grande crista N. S., entre PEDERNEIRAS e o RIB. DO LEME.

d) Tiros a prevêr:

1º. Tendo a Retaguarda, antes de tudo, o fim de retardar o avanço inimigo para O., todo objectivo assignalado, seja pela observação aerea, seja pela terrestre, deverá ser batido sem perda de tempo pela Artilharia, desde que se ache dentro dos limites do seu alcance.

2º. Para atacar a posição vermelha, estabelecida nas alturas logo a O. do RIB DO FERRAZ, será preciso, antes atravessar este curso da agua. Assim a Artilharia terá de prevêr e preparar tiros nos pontos deste RIB., particularmente favoraveis á travessia, bem como nas zonas, que lhes forem adjacentes e onde poderão se apresentar reuniões inimigas.

3º. Máo grado as acções previstas, o inimigo poderá continuar o seu avanço até chegar ao contacto da linha principal de resistencia. Será, pois, necessario prevêr e preparar, deante desta linha de defesa, um certo numero de tiros de deter, correspondendo ás diversas hypotheses sobre o ataque inimigo. Estes tiros serão, de preferencia, desencadeados nas zonas não batidas ou mal batidas pelos fogos da Infantaria e tambem na região da FAZ. DO RETIRO; elles consistirão em barragens fixas dispostas o mais perto possivel da Infantaria, e executadas pelos Grupos de apoio directo; estas barragens serão prolongadas para E. com tiros de varrer, nas margens do RIB. DO FERRAZ, a cargo do Grupo de conjuncto.

4º. Além disso, serão previstos e preparados tiros de Grupo, regressivos, ao longo e a cavalleiro de cada uma das grandes garupas S. O.-N. E., que vão morrer no valle do RIB. FERRAZ; e segundo as ravinas que as separam. Estes tiros, uma vez preparados, permitirão a organização rapida dos tiros de deter no interior da posição, os quaes não podem ser detalhados sobre a carta, visto que exigem o exame do proprio terreno e do exacto conhecimento do dispositivo e da localização da Infantaria amiga.

e) Regulação dos tiros e consumo de munições:

Nenhum tiro deverá ser executado, antes da appareição do inimigo no campo de tiro de Artilharia. As regulações serão executadas a partir desse momento; ellas visarão a amarração dos tiros a certos pontos do terreno e o ajustamento daquelles, previstos na frente immediata da Infantaria.

O consumo não deverá ultrapassar, sem novas ordens, a 20 tiros por peça, para as regulações, e a 80 tiros por peça, no total, até á tomada de contacto do inimigo com a posição.

Desde que o consumo se eleve a 100 tiros por peça, será communicado ao Cmt. da Retaguarda.

f) Ligação com a Infantaria:

Além da ligação normal a estabelecer entre a Artilharia de apoio directo e a Infantaria, o Agrupamento de conjuncto se ligará directamente ao Grupo de apoio directo mais visinho e, em vista da sua eventual actuação em proveito da Bda. de Cav., enviará um destacamento de ligação junto ao 2º escalão desta Bda., installando tambem um observatorio na crista 2,5 kms. ao N. O. de DELEGADO.

Tendo examinado as decisões tomadas pelo Gal. da Retaguarda, no que diz respeito ao emprego da Artilharia e de conformidade com os conselhos do Cmt. desta arma, seria justo apresentarmos aos leitores a redacção do paragrafo — ARTILHARIA — da ordem geral de

operações nº. Q. elaborada sob a assignatura do Gal. X.

VIII. ARTILHARIA

a) Repartição:

A Artilharia da Retaguarda será assim repartida:

1º. Um Grupo de A. M., á disposição da Bda. de Cav. provisoria;

2º. A Artilharia restante, trabalhando em proveito da Retaguarda, propriamente dita, constituirá dois Agrupamentos:

— um, de apoio directo, comprehendendo o G. A. Mth. e um G. A. M.;

— outro, de conjuncto, comprehendendo o G. A. M. restante.

b) Missões:

1º. O Agrupamento de apoio directo terá a missão de apoiar a Infantaria da Retaguarda; além disso cooperará no retardamento do avanço inimigo para O. e protegerá os flancos da posição defensiva;

2º. O Agrupamento de conjuncto retardará com seus fogos a progressão inimiga para O.; prolongará os fogos de deter; participará dos fogos no interior da posição e actuará, eventualmente, em proveito da Bda. de Cav.

c) Condições de desdobramento:

1º. Toda a Artilharia deverá fornecer fogos efficazes em toda a frente da posição e no interior desta, até a 2 km. a O. do RIB DO FERRAZ;

2º. A Artilharia de conjuncto deverá attin- gir a grande crista S.-N., entre PEDERNEI- RAS e o RIB. DO LEME.

d) Systemas de fogos:

1º. Fogos contra objectivos fugazes (retar- dadores) — Serão desencadeados contra os objectivos, que surgirem no campo de batalha, dentro do campo de tiro e no alcance da Ar- tilharia. Inicialmente a Artilharia de conjuncto e mais tarde tambem a de apoio directo parti- ciparão desses fogos.

2º. Tiros de concentração, nos pontos do RIB. DO FERRAZ, que apresentarem facili- dades de travessia e nas regiões adjacentes, onde surgirem reuniões inimigas.

3º. Fogos de deter, deante da linha princi- pal de resistencia, localizados nas partes não batidas ou mal batidas pela Infantaria e nas frentes de provavel esforço principal inimigo (regiões da FAZ. DO RETIRO e da garupa a 3 kms. ao N. desta). Estes tiros deverão responder ás diversas hypotheses de ataque ini- migo e serão prolongados para E. por tiros de varrer, no valle do RIB. DO FERRAZ.

4º. FOGOS NO INTERIOR DA POSI- ÇÃO — Serão previstos e preparados fogos re-

gressivo do Grupo, ao longo das garupas, que se elevam para S. O. do RIB. DO FERRAZ, e segundo as ravinas, que as separam. Elles ser- virão de base aos tiros de deter, a serem de- sencadeados no interior da posição.

e) As regulações só serão executadas, de- pois que o inimigo se apresentar ao alcance de Artilharia.

f) O consumo das munições ficará adstricto ás munições das baterias e das C. I. m.

III

DISCUSSÃO DAS BASES PARA O EM- PREGO DA ARTILHARIA

As ordens, visando o emprego da Artilha- ria e que constituem o 2º. pedido do thema, de- correrão das decisões de ordem geral, contidas no paragrapho, cuja redacção acabamos de apresentar.

Deixamos a redacção dellas ao cuidado dos soluccionadores; contentamo-nos em analysar, daqui por diante, as diversas questões que lhes servem de bases.

Consideremos em primeiro lugar, a ques- tão relativa ao

DESDOBRAMENTO DA ARTILHARIA

Para que sejam satisfeitas as condições, en- caradas no item c) do paragrapho — ARTI- LHARIA — será preciso:

1º. Que a Artilharia da Retaguarda fique convenientemente recuada, de modo a, sem mu- dança de posição, poder atirar no interior da posição, até uma linha, situada a 2 kms. mais ou menos a O do RIB. DO FERRAZ.

2º. Que o Grupo de conjuncto, satisfazen- do igualmente á condição 1ª, fique tambem em condições de attin- gir com seus fogos a grande crista S. N., entre PEDERNEIRAS e o RIB. DO LEME.

3º. Que o Grupo de conjuncto ainda occupe posições proximas ao valle do RIB. DO PI- NHAL, de modo a, eventualmente, poder actuar sem difficuldades em proveito da Bda. de Cav.

Para attender a estas condições, terá a Ar- tilharia da Retaguarda de procurar posições atraz da grande crista N. N. E.-S. S. O., que se desenvolve a E. do valle dos RIB. DO CERRADO e do C. DO CAMPO LIMPO; em particular, o Grupo de conjuncto reconhecerá posições na região das nascentes do C. DO CAMPO LIMPO.

O calco annexo indica uma solução para o desdobramento da Artilharia da Retaguarda.

As posições ahi assignaladas parecem sa- tisfazer plênamente ás condições impostas.

Com effeito.

Os Grupos de apoio directo se acham sufficientemente á retaguarda, de modo que, com facilidade, poderão executar, não só os tiros de leter, mas também aquelles no interior da posição. Elles se acham por outro lado, á retaguarda dos eixos dos C. R., que têm de apoiar, o que facilita a execução dos diversos generos de tiros. A posição, escolhida para o Grupo do N., permite exactamente enfiar o valle do RIB. DO CERRADO (a partir da transversal LUIZ DE CASTRO-BARBOZA) e actuar, na zona eventual, encarada deante da 1ª. D. C.

A posição indicada para o Grupo do S. do mesmo Agrupamento, goza de identicas vantagens relativamente ao C. R. 1, e permite actuar com liberdade na zona eventual, admittida em face da Bda. de Cav.

A posição, escolhida para o Grupo de conjuncto, permite-lhe levar seus tiros até a crista S.-N., entre PEDERNEIRAS e o RIB. DO LEME; actuar na frente e no interior da posição; cooperar facilmente no apoio á Bda. de Cav.

Vejamos agora o desdobramento da Artilharia, collocada á disposição da Bda. de Cav.

Antes, porém, convem lembrar, em largos traços, como será executada a manobra da Cavallaria no decorrer do dia 16.

Ora, a Ordem geral de operações n.º Q, liz no paragrapho VII:

“A Bda. de Cav. provisoria, tendo por missão geral a cobertura do flanco direito da posição defensiva, depois de ter retardado o mais possivel o inimigo na passagem do RIB. DAS PEDERNEIRAS, deverá impedir a sua progressão para O do RIB. DE GUAÍQUICA, durante todo o dia 16.

Do que acabamos de lêr decorre que, emquanto a Retaguarda da 2ª. D. I., vae resistir, durante todo o dia 16, numa mesma posição, ao contrario, a Bda. de Cav. tem a liberdade de se retrahir em pleno dia para uma posição á retaguarda daquella, que occupará inicialmente.

Esta manobra requer a organização previa de 2 escalões, de tal modo que o avançado, antes de se deixar aferrar, se possa retrahir sob o acolhimento do segundo.

Dispomos apenas de 2 R. C.

A solução mais facil consiste em organizar cada escalão com um Regimento.

Assim, o 1º escalão terá de adoptar um dispositivo em cordão, visto a extensão da frente a occupar. O objectivo deste escalão será antepor ao inimigo, desde que atinja a crista a O. do RIB. DAS PEDERNEIRAS, um conjuncto de fogos de armas automaticas

e de Artilharia, que o obrigue a se deter nesta crista e montar um ataque. Para isto, elle precisará de tempo. Ora, é justamente dentro deste lapso de tempo, que o 1º. escalão se retrahirá sobre o 2º.

O segundo escalão, ao contrario, terá missão mais duradoura: sua resistencia deverá ser prolongada, pelo menos, até ao fim do dia 16.

Em consequencia, necessita de um dispositivo mais profundo e melhormente apoiado pela Artilharia. Por isso, as tropas que constituirem o 1º. escalão, virão desempenhar o papel de reservas do segundo.

Depois desse rapido esboço da manobra a cargo da Bda. de Cav., podemos estabelecer o modo de emprego da Artilharia, que lhe foi posta á disposição.

O paragrapho — ARTILHARIA — da Ordem geral de operações, dada pelo Cmt. da Bda. de Cav., define em linhas geraes esse emprego da seguinte forma:

... ..
parag. ARTILHARIA.

a) Repartição:

A Artilharia da Bda. de Cav. provisoria constituirá um unico Agrupamento de apoio directo, que será commandado pelo Cmt. da Art. da Bda. (o Tte. Cel. do 3º. R. A. M.).

b) Condições de desdobramento.

1ª. Toda a Artilharia, sem mudar de posições, deverá apoiar a Cavallaria, primeiramente, installada na grande crista a O. do RIB. DAS PEDERNEIRAS e depois nas alturas logo a O. do RIB. de GUAÍQUICA;

2ª. Uma bateria, porém, deverá ser puxada provisoriamente para a frente, de modo a levar os seus fogos até a linha PONTE ALTA-MATTO DENTRO (do N.), afim de retardar o avanço inimigo para O. desta linha e também para mais promptamente attender aos pedidos de fogos do 1º. escalão.

c) Missões:

A Artilharia á disposição da Bda. de Cav. deverá:

1º. Retardar o avanço inimigo o mais possivel, a partir da linha PONTE ALTA-MATTO DENTRO (do N.).

2º. Apoiar a Cavallaria na linha do RIB DAS PEDERNEIRAS;

3º. Retardar a progressão do inimigo para O. desta linha;

4º. Dete-lo deante da posição a O. do RIB DE GUAÍQUICA.

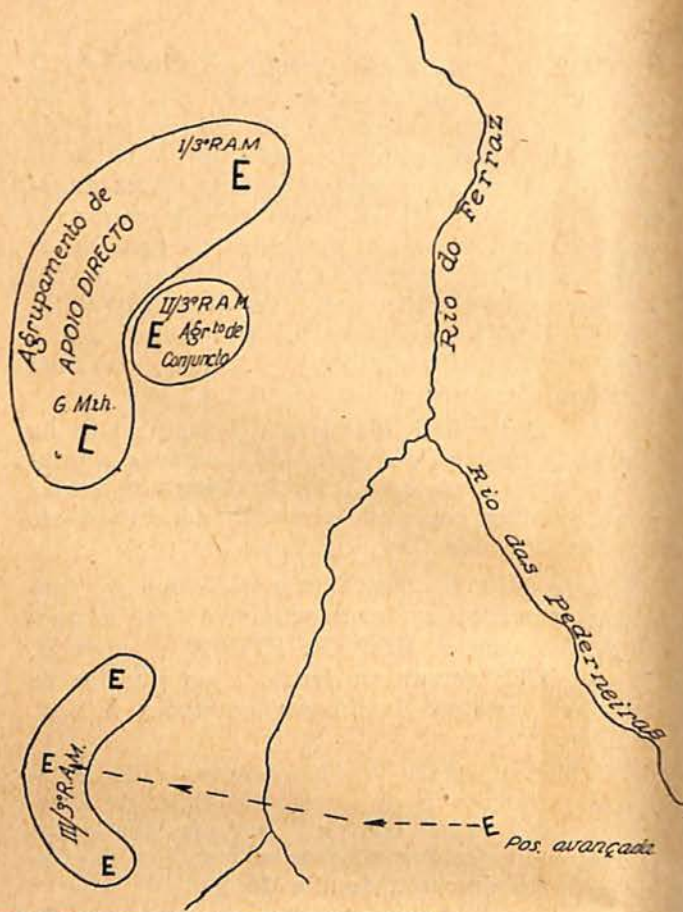
d) Systemas de fogos,

1º. Os fogos contra objectivos fugazes serão desencadeados contra os objectivos, que surgiram na zona de acção da Artilharia da Bda., a O. da linha PONTE ALTA-MATTO DENTRO (do N.).

CALCO
Sobre a folha de
RIO CLARO
Escala 1/100.000

DESDOBRAMENTO
DA
ARTILHARIA
as ordens
da
RETAGUARDA DA 2ª D.I.

Pos. ulterior



4º 10'

Nelles tomará parte, inicialmente, uma Bia. e depois, toda a Artilharia á disposição da Bda.

2º. Os fogos de apoio deante da linha do RIB. DAS PEDERNEIRAS serão dirigidos contra os objectivos, que se revelarem a O. da grande crista, desenvolvida pela margem direita do RIB. DAS PEDERNEIRAS. Toda a Artilharia participará destes fogos.

3º. Os fogos retardadores, a serem desencadeados contra os objectivos revelados para O. da grande crista, que se encerra entre o RIB. DAS PEDERNEIRAS e o RIB. DE GUAQUICA, serão executados, de modo que a velocidade regressiva não ultrapasse de 100 m. em 3 minutos, a contar do momento, em que os elementos de retrahimento lançarem, passando pela crista citada, um foguete convencional. Estes tiros serão, por ultimo localizados deante das passagens e dos pontos de facil travessia do RIB. DE GUAQUICA.

4º. Os fogos de deter, deante da posição a O. do RIB. DE GUAQUICA, consistirão em barragens defensivas, localizadas na frente imediatas da linha de resistencia, particularmente na visinhança das estradas, que se dirigem para DELGADO E GUAQUICA, respectivamente.

e) O consumo de munições não deverá ultrapassar a um dia de fogo.

As regulações necessarias ao desencadeamento dos tiros, proximos á Cavallaria, só se farão, depois que o inimigo surgir na zona de acção da Artilharia."

.....

As prescripções ahi contidas, neste parographo, conduzem a localizar a Artilharia nas seguintes posições:

— O grosso do Grupo (2 Bias., ou 3, tratando-se do G. de Mth.) atraz da grande crista de DELGADO.

— A bateria avançada na região N. E. de GUAQUICA, proxima á estrada GUAQUICA-PEDERNEIRAS.

Estas posições parecem convenientes.

A da bateria avançada permite atirar mesmo a E. da linha PONTE ALTA - MATTO DENTRO e se acha em boas condições, para enfiar a estrada PEDERNEIRAS-GUAQUICA, pelo menos no trecho comprehendido entre GUAQUICA e a planalto 725. As outras posições permittem apoiar em boas condições a

Tactica de Infantaria

NOTAS tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior, pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten.-Cel. Hugues.

4.ª CONFERENCIA

A combinação dos meios da infantaria O fogo e o movimento

SUMMARIO:

A — No combate offensivo

I — Comparação entre os dois meios: A fluctuação das idéas.

Desprezar o valor do fogo da infantaria, mesmo para avançar, é terrivelmente perigoso.

II — Evolução:

O fogo da infantaria no SOMME — preponderancia do fogo de artilharia e negação do valor do de infantaria. O fogo de infantaria depois do SOMME — condemnação do emprego unico, intensivo e prolongado do fogo de artilharia.

O fogo de infantaria depois da primavera de 1918 — a manobra e a combinação dos fogos de infantaria e artilharia.

III — Estado actual da doutrina:

A preponderancia dos fogos de artilharia no ataque contra systema de fogos continuos e bem organizados.

A preponderancia dos fogos de infantaria no ataque de resistencias descontinuas.

A base de fogo — A infiltração — As bases de fogo lateraes.

Comparimentos de fogo.

O valor moral do movimento por si só.
A guerra do gaz.

B — No combate defensivo

I — O valor do fogo para deter o inimigo.

II — O contra ataque.

III — A combinação dos meios na manobra em retirada.

IV — O valor da surpresa.

C — Conclusão

A superioridade do fogo é factor preponderante para a acção de ruptura, mas é indispensavel que seja completada pelo movimento que approxima do inimigo um fogo poderoso e o ameaça com o corpo a corpo.

A

I — Ha uma tendencia bastante nitida contra a idéa da preponderancia do fogo, a principal lição da guerra de 1914-1918 e essa tendencia traduz-se commumente pela formula — Só o movimento é decisivo! — O signal de victoria ou de derrota é dado pelo avanço ou recuo da infantaria.

Não ha duvida que, quaesquer que sejam os progressos do armamento, o papel da infan-

Cavallaria na 2.ª posição prevista e tambem na 1.ª.

Analysando o desdobramento da Artilharia, a disposição da Bda. de Cav., vemos desde logo que elle se caracteriza por um forte escalonamento entre as baterias do mesmo Grupo. Isto resulta do facto de ter um unico Grupo a missão de apoiar a Cavallaria, em frente tão extensa.

O mesmo não acontece com a Artilharia da Retaguarda, propriamente dita: ahi o escalonamento se manifesta de Grupo para Grupo e as Bateriaes dum mesmo Grupo se acham proximas umas das outras.

Examinemos a seguir á questão da

ORGANISAÇÃO DO COMMANDO

Uma solução admissivel para a organização do Commando poderá ser a seguinte:

— Artilharia da Retaguarda:

Cmt. da Artilharia: Cel. do 3.º R. A. M.

Cmt. do Agrupamento de apoio directo:

Tte. Cel. do 2.º G. Mth.

Cmt. do Agrupamento de Conjuncto e tambem do Grupo montado, que delle faz parte: Major do II|3.º R. A. M.

— Artilharia da Bda. de Cavallaria.

Cmt. da Artilharia: Tte. Cel. do 3.º R. A. M.

Cmt. do Agrupamento e do Grupo: Major do III|3.º R. A. M.

(Continúa)

taria é avançar; nisto todos estão de perfeito accordo, tanto os partidarios do movimento como os do fogo.

Embora todos concordem com a necessidade da offensiva, surgem discordancias sérias quando encaram o valor do fogo offensivo da infantaria, no qual alguns não têm confiança, o qual para outros foi substituído pelo fogo de artilharia e finalmente outros acham de realização difficil.

O conferencista poderá mostrar, ao contrario, que é muitissimo perigoso desprezar o valor do fogo da infantaria, mesmo para avançar.

II — Os regulamentos, depois de terem affirmado que o movimento para a frente da infantaria é o fim de todos os actos do combate, insistem sobre o valor do fogo e proclamam:

“o ataque é o fogo que avança”

“o fogo destrua a tropa inimiga e a obriga a enterrar-se; o movimento aproxima cada vez do inimigo um fogo que quebra sua resistencia”.

Esse fogo é duplo em sua essencia (fogo de infantaria, fogo de artilharia e talvez brevemente fogo de aviação), mas seu objectivo é um só.

O fogo de artilharia, o unico efficaç contra os obstaculos e inimigo fortificado, não deve faltar ao infante. Por isso a ligação infantaria-artilharia, problema difficilissimo do campo de batalha, constitue a base indispensavel do successo.

O fogo de infantaria, embora de mais difficil realização, corresponde a todas as necessidades do campo de batalha e é o unico com que a infantaria póde contar em qualquer circumstancia.

E' muito facil fazer avançar o tiro de artilharia; bastam algumas voltas de manivella.

Porém, fazer avançar o fogo da infantaria é problema mais serio e póde dizer-se que só será resolvido fazendo avançar a propria infantaria. Para esse fim, foram inventados alguns processos (tiro em marcha do F. M., carros leves de combate), mas, apesar disso, a maior parte da infantaria continúa a não fazer as duas cousas simultaneamente — ella atira ou marcha; uma parte atira enquanto a outra avança.

Entram em acção as Mtrs., o F. M. e o fuzil; os Ptrs. Acp. e granadas de fuzil (contra os objectivos entocados); as pistolas, granadas de mão, bayoneta (para ajustar o ultimo tiro) e possivelmente os liquidos inflammados, de modo a ter fogo até o ultimo instante.

Vejamos na pratica como se passaram as cousas durante a ultima guerra.

Até ao SOMME, em face da pequena efficaçia do fogo da infantaria contra inimigo entrincheirado e em frente continua, foi preciso reforçar consideravelmente o fogo da artilharia e então pensou-se que este poderia substituir o fogo da infantaria.

Dispondo de meios cada vez maiores, a artilharia foi encarregada de tarefa dupla: esmagar, durante a preparação, as tropas e os trabalhos, quebrar os obstaculos e os abrigos, aniquillar o moral do inimigo; em seguida, durante o ataque, conduzir o infante até ao seu objectivo, armando em sua frente espessa cortina movel de granadas.

A artilharia assegurava a conquista do terreno e não cabia ao infante senão a tarefa de occupar o terreno conquistado. Toda a execução do ataque estava subordinada ás condições de emprego do fogo da artilharia. O unico gesto da infantaria era o assalto e o seu unico cuidado o de acompanhar alinhada e cegamente a barreira movel de granadas. Se uma resistencia se revelava, procurava-se reduzi-la pelo choque, porque não se tinha tempo a perder, porque era preciso acompanhar a barragem.

Realizava-se, na realidade, um assalto e não um ataque.

O proprio terreno era brutalizado pela artilharia e não podia ser utilizado. As informações sobre o inimigo eram tão completas e precisas que tudo era regulado previamente, como se tratasse de um bailado: os chefes subalternos deviam limitar-se a tomar um fuzil ou granadas e agir como os seus homens.

O fogo da infantaria de nada lhe servia e se era levado para a frente destinava-se a garantir a occupação da posição conquistada.

Mas acontecia que muitas vezes a infantaria perdia a barragem, devido a qualquer demora na progressão, ou que a artilharia suspendia o seu apoio para mudar de posição; e via-se então a infantaria sem meios, quer para manter o terreno conquistado, quer para aproveitar o exito obtido, quer mesmo para manter o contacto.

Ainda mais, a maior censura que se póde fazer ao emprego exaggerado deste methodo, é que trouxe grande mal ao moral do infante. Dizia-se a este, antes dos ataques, que marcharia com arma em bandoleira e por isso julgava-se illudido ao apparecerem as metralhadoras inimigas; deixava-se ficar então no mesmo lugar, á espera que a artilharia cumprisse a promessa feita, em circunstanças em que um

o de habilidade, o emprego do terreno e o próprio fogo conseguiriam talvez vencer a resistência.

Depois do SOMME, deu-se a reacção e o FAYOLLE prescreve em uma nota que a infantaria deve capacitar-se que a ella cabezir as metralhadoras que tenham escapado ao canhão. Para isso ella dispõe de meios (metralhadoras, canhão 37 e V. B.). Uma infantaria que se deita e espera inerte em face de uma metralhadora inimiga, abandona o combate e recusa-se a fazer acto de vontade e de diligencia. E' preciso que a infantaria seja activa e manobreira.

Essa nota condensa o principal ensinamento da batalha do SOMME e condemna o emprego intensivo, isolado e prolongado do fogo da artilharia.

O terceiro periodo começa na primavera de 1918 com a reaparição da guerra de momento. Após um combate de ruptura executado de accordo com os métodos anteriores, a infantaria allemã retoma a sua cara manobra de infiltração, embora com difficuldades, devido ao peso de seu armamento (metralhadoras e minenwerfer leves de 275 kgs.), o que na parte foi compensado pelo apoio da artilharia largamente descentralizada.

A infantaria franceza retoma tambem a manobra, para a qual está menos treinada do que sua adversaria, mas para a qual dispõe de um material mais leve. O fogo da infantaria, reduzido pelo dos carros, readquire pouco a pouco sua importancia. O apoio da artilharia, mesmo no inicio devido á difficuldade de descentralização, chega depois a auxiliar a infantaria de modo completo.

A batalha, em terreno pouco organizado, toma a fórma de arrancos: tomada de contacto, engajamento, parada, combate de ruptura, aproveitamento do exito, nova tomada de contacto.

O terreno readquire todo o seu valor, apresentando a necessidade de escolha de um compartimento de terreno, espaço fechado onde se combinam os fogos de artilharia e de infantaria.

III — Pouco a pouco a fórma de combate torna tal qual a concebemos hoje: deante de uma resistencia inimiga, a infantaria installa uma numerosa base de fogos. Se ha obstaculos, a artilharia executa a preparação e faz a contra-offensiva. Em seguida, as duas armas applicam seus fogos sobre todos os pontos do terreno onde se encontram ou podem encontrar-se os inimigos que têm acção sobre o compar-

timento escolhido, realizando uma combinação de fogos.

Protegida por esse fogo, de effeito multiplicado por uma abertura de surpresa, a infantaria avança para estabelecer uma nova base de fogo, inicialmente com armas leves e depois com as pesadas e repetir a manobra no novo compartimento de terreno.

Nessa occasião torna-se agudo o problema da união das armas, devido á necessidade de deslocar a artilharia para approximal-a de sua infantaria.

Essa manobra apresenta duas modalidades, caracterizadas pela maior ou menor proporção de fogo de artilharia ou de infantaria, conforme se trata de terreno pouco organizado ou mesmo fortificado.

Dá-se a primeira modalidade quando a infantaria é detida deante de um systema de fogos continuos e bem organizados. O commando escolhe um compartimento que permita á artilharia ver a sua infantaria para apoiá-la do melhor modo possível, e a esta acompanhar as granadas da artilharia. Ahi o commando decide empregar fortes meios. A parte da artilharia é então preponderante, pois que prepara o ataque e conduz a infantaria até o seu objectivo, mas esta, embora marche para o assalto, sabe que o seu fogo, depois de auxiliar o da artilharia, deve substituí-lo logo que elle venha a faltar.

Essa modalidade corresponde no conjunto de uma operação offensiva ao combate de engajamento e ao ataque.

A segunda modalidade corresponde ao caso em que a infantaria encontra uma resistencia descontinua ou mesmo continua, mas cujos fogos são produzidos por ninhos de metralhadoras bem mascarados, mal conhecidos e atirando a grande distancia. E' o que se passa na tomada de contacto e no aproveitamento do exito.

A infantaria vae procurar terrenos mais cobertos e cortados, a nebrina, a noite, para approximar o seu fogo do inimigo. Empregará tambem o proprio fogo e pedirá o apoio da artilharia, então descentralizada para executar tiros a pedido da infantaria, a unica em condições de indicar os objectivos. Ahi o papel preponderante cabe á infantaria.

A progressão oscillará constantemente entre esses dois typos de combate; por isso é preciso que a artilharia esteja em condições de passar rapidamente de um para outro desses processos e que a infantaria se habitue a só contar com o proprio fogo.

Devemos ter convicção inabalavel de que quando faltar á infantaria o auxilio da artilha-

ria, aquella deve e póde continuar offensiva e manobreira. Para isso é imprescindível que cada fracção de infantaria só se desloque deixando atrás de si ou ao lado uma base de fogo vigilante e com a idéa e a vontade de crear uma nova mais á frente.

Mas esse movimento das bases de fogo não será uniforme; haverá fracções que avançarão mais do que outras e que precisarão cobrir os seus flancos com fogos lateraes, fogos que farão sentir ao inimigo, tomado de escharpa ou de revez, o avanço da infantaria. Esses fogos lateraes permittirão o avanço das fracções vizinhas e caracterizarão a manobra por infiltração, sendo a propria essencia da offensiva.

Cada chefe de infantaria, logo que tome posse de seu objectivo, deve ter a unica preocupação de penetrar o mais profundamente possível na zona inimiga, apoiando-se em uma base de fogo perpendicular ou obliqua á direcção do ataque, base tanto mais obliqua quanto maior fôr a penetração e que defensiva, no inicio, tornar-se-á rapidamente offensiva á medida que affluirem para ella os mais poderosos meios de fogo.

Essa base de fogo poderá normalmente confundir-se com os limites do compartimento de ataque.

Para esse fim é preciso que cada chefe disponha de reserva de fogo: 1 G. C. no Pelotão; 1 Pel. e 1 Sec. Mtr. L. (se fôr o caso) na Cia.; o Pel. Mtr. L., Sec. Mtr. P. (se fôr o caso) e Sec. Ptr. Acp. no Btl.; os fogos do Btl. de reserva e a Cia. Mtr. P. no R. I. Além disso, o Cmt. de Btl. e o do R. I. poderão dar a essa base de fogos lateraes caracter nitidamente offensivo empregando os carros de combate.

E' uma manobra lenta, mas onde o infante não perde o espirito offensivo, e onde muitas vezes perde tempo, mas economiza sangue.

Mesmo que esse movimento se faça sem o apoio do fogo e utilizando o terreno e a obscuridade, ha de chegar o momento em que será necessario marchar descoberto, isto é, para o assalto.

Então, a infantaria empregará, contra o moral do inimigo, a impressão terrivel para o homem, do homem que avança. Não ha bombardeio, nada equivale a impressão de terror e angustia que a produzida por uma vaga de assalto que se approxima ruidosa ou silenciosa. E' a mesma impressão que se procura communicar ao assaltante quando o defensor se ergue sobre o parapeito, executando um contra ataque moral.

Essa força própria da infantaria — o "Stosskraft", dos Allemães — deve ser usada

como ultima ratio e contra fogos ainda pouco organizados.

Falemos agora sobre os carros de combate. Sua tactica é a da infantaria: precisa de uma base de fogo de infantaria e de apoio da artilharia para manobrar. A maior differença que, embora auxiliem na conquista do terreno não o occupam.

No caso de grande desenvolvimento da guerra de gaz, pouco provavel entre nós, o fog que marcha será substituido pela asphyxia que marcha. Então a infantaria executará a manobra indicada pelas partes altas do terreno, por que as partes baixas estarão inundadas de gaz.

B

I — No combate defensivo a preponderancia do fogo é incontestavel e indiscutivel: é uma barragem de fogos continuos de infantaria, reforçada em certos pontos pela artilharia, que detem o inimigo.

II — O contra ataque dos regulamentos anteriores á guerra desapareceu e só é previsto contra o inimigo previamente detido pelo fogo.

Uma vez estabelecido o plano de fogo, quasi toda artilharia e boa parte da infantaria vão crystallizar-se em torno de seus órgãos de fogo, á espera que o inimigo attinja á barragem prevista. Mas para que o defensor seja prevenido da chegada do inimigo, principalmente á noite, é necessario que na frente da barragem haja um systema de fogos de artilharia e elementos moveis de infantaria (P. A.) que prolonguem o fogo e garantam a segurança da posição.

Além disso, é preciso que haja armas reservadas e moveis para substituir as que o fogo inimigo tiver supprimido e garantir a continuidade da barragem, que deve ser independente do fogo da artilharia e intransponivel.

Ainda mais, principalmente nos terrenos cobertos em que os campos de tiro da artilharia e da infantaria são limitados, é preciso que haja fracções reservadas, para deterem, com o auxilio da artilharia e com o proprio fogo, o inimigo que tenha penetrado na posição e contra ataca-lo, em seguida para expulsal-o.

III — A manobra em retirada tambem consiste no jogo de escalões successivos que agem principalmente pelo fogo de artilharia e metralhadoras, á grande distancia.

Vê-se, desse modo, que na defensiva, onde ainda a preponderancia do fogo é muito grande, é preciso que a infantaria, para garantir pleno exito, seja movel e mesmo offensiva.

IV — A surpresa é um dos principaes factores do successo; multiplica os effectos de

ESCOTISMO MUNICIPAL

Nos círculos militares foi recebida com especial agrado a noticia de que se vae organizar o escotismo municipal.

Antes do mais é a esperança de que se ha dar um golpe mortal nos batalhões intis, o mais nocivo de todos os effeitos imperfeições de nossa lei do serviço militar. Depois, a certeza de que entraremos definitivamente no caminho da educação pré-militar, o que traduz inadiável necessidade.

E essa resolução de fundar-se o escotismo municipal é tanto mais confortadora quanto vae do progressivamente vencedora a idéa de homogenização dos processos de instrução propria em todos os Estados da União, tornada no paradigma a reforma ultima da instrução Districto Federal.

Ha ainda uma outra coincidência por demais favoravel a mais larga repercussão dessa iniciativa — é a reforma da lei do Serviço Militar sob as novas bases em que se pretende collocar a cidadania.

* * *

Do que fica acima, sente-se que, a par do estimavel valor absoluto da nova medida, formidable poderá ser o seu alcance se considerarmos a moldura que a cerca. Tomando o assumpto para a nossa seára, não o fizemos senão inspirados na projecção incalculavel do seu valor relativo, quanto o problema da defesa nacional.

Quando pensamos em diminuir ainda mais o tempo de serviço nas fileiras e até arguemos com o exemplo singular de certos paizes, nos esquecemos de que entre nós o conscripto chega á caserna, em regra, exigindo que primeiro se faça d'elle um homem e um cidadão, depois um soldado. O analfabetismo, as in-

sufficiencias physicas de toda ordem e a inconsciencia civica, são entraves á instrução militar que sómente os que por dever de officio são obrigados a enfrental-os, sabem o esforço que pedem.

* * *

A generalização do escotismo é, sem duvida nenhuma, o primeiro e o mais seguro passo para o estabelecimento da educação pré-militar de que tanto carecemos, para assegurarmos aos nossos quadros de tropa a materia prima beneficiada de que elles precisam.

Permitta-nos o Sr. Mario Cardim, a quem caberá instruir o escotismo municipal, que lhe façamos, modestamente, uma suggestão de ordem a, desde o começo, estabelecer os laços que devem unir a sua obra á grande obra a que numerosas gerações de officiaes se têm dedicado.

Queremos referir ao aproveitamento de sargentos, sahidos em condições da Escola de Sargentos de Infantaria, para collaborarem na execução de sua magnifica tarefa.

A E. S. I. recebe directamente patricios nossos que mediante exame vestibular nella se matriculam com o compromisso de servirem cinco annos como sargento, após a terminação do respectivo curso. Dahi sahem bons sargentos no ponto de vista moral e civico, como physico e profissional. E cada turma tem seus seleccionados — os julgados aptos para monitores e para funções de tenente em caso de mobilisação.

Por que não se appellar para esses seleccionados? É muito simples. Queira o Sr. Cardim se informar no Ministerio da Guerra, procure visitar a E. S. I., que certamente lhe preparará uma demonstração de seus trabalhos e facilmente se convencerá da justeza de nossa suggestão.

fogo e do movimento; crea a desordem e paralyza o defensor e o torna incapaz de dar a resposta apropriada.

Ella depende do conhecimento completo dos meios do inimigo em toda a profundidade do terreno atacado, do segredo dos preparativos da instantaneidade do inicio da operação e da rapidez na successão dos diversos actos previstos. Principalmente desta depende o exito.

A preparação de artilharia, de infantaria ou da aviação deve ser breve ou então suprimida.

C

A experiencia da guerra provou que o fogo adverso não póde ser desprezado e que uma infantaria só póde progredir na zona de

fogo do adversario se este fogo estiver dominado pelo fogo amigo.

Contra um inimigo prevenido, bem collocado e mais ou menos organizado defensivamente com um systema de fogo methodico, o factor superioridade de fogo é preponderante no acto de ruptura.

Realizado esse acto, a infantaria deve ter confiança em seus meios para triumphar sem o auxilio da artilharia; deve ser impellida pela vontade de manobrar até o choque.

Aos chefes da infantaria cabe a tarefa de combinar, de accordo com a fórma e o momento do combate, o fogo e o movimento de sua tropa, de modo a levar a infantaria até ao choque final. fórma suprema e remate do movimento, que por isso é o unico decisivo.

Subsídios para os quadros de reserva

O RECUO DA INFANTARIA

NOTA — O presente trabalho organizado para os alumnos do C. P. O. R., é méra compilação tirada das seguintes fontes:

ABBADIE — *Ce qu'il faut savoir de l'infanterie* (pag. 281 a 288);

R. E. C. I. pg. 104 e seguintes da 2ª parte;

R. E. C. C. pg. 130 e 131 da 4ª parte.

Pelo Cap. Antonio J. Bellagamba.

Qualquer tropa de infantaria pôde ter necessidade de recuar ante o inimigo e após o contacto estabelecido, seja porque se veja impotente para lhe conter o empuxo violento, seja por não poder proseguir, quebrando a resistência inimiga que assaltou, ou ainda por deliberação prévia, admittida a sua inferioridade. Tres condições, portanto, modelam o recuo:

A) recuo tomado voluntariamente, depois de aferrada a tropa, sob a pressão violenta do inimigo; é o *combate em retirada*.

B) recuo tomado mediante ordem prévia, depois da tropa aferrada, aproveitando-se sempre que possível a noite e de modo a provocar a perda do contacto por parte do inimigo; é a *retirada* (vêr R. E. C. C. pg. 130 — da 4ª parte e R. E. C. I., pg. 106, os dois ultimos periodos).

C) recuo voluntario, preparado previamente e sem se deixar a tropa aferrar; é o *retrahimento systematico* (R. E. C. I. pg. 104 2ª parte), ou *manobra em retirada* R. E. C. C. pg. 131).

* * *

A) O *combate em retirada* presuppõe que o revés soffrido pela infantaria foi local e tem por fim limitar a extensão e consequencias do revés. É um episodio do combate defensivo sobre a posição de resistencia, ou pouco atraz d'ella.

A tropa que recua assim desordenadamente diante do inimigo, está desmoralizada, soffreu perdas enormes e seu valor combativo é nullo e d'ella não se pôde esperar nenhum esforço novo antes de descansar.

Para limitar o revés é necessario collocar atrás do ponto investido, tropa fresca que detenha pelo fogo o inimigo. Convém não deixar a tropa que assim recuou na proximidade das demais para evitar a propagação da desmoralização e envia-la para a retaguarda onde se possa refazer. Igualmente a amplitude do recuo

deve ser restricta ao minimo afim de não de gerar em panico e não influir no animo das unidades vizinhas.

B) A *retirada*. Quando, após ter empenhado na luta todas as forças, não se alcançar exito, quando se empenharam no combate todas as forças disponiveis e o moral da tropa não permittir retomar o avanço, ou, pelo menos, aferrar-se ao contacto, importa antes de tudo manter uma distancia sufficiente entre as forças e o inimigo. Ordena-se então a retirada para posição á retaguarda, escapando-se ao inimigo ou fazendo-o perder o contacto.

Para se conseguir este fim é necessario que a posição escolhida fique a distancia razoavel do inimigo para se interpôr entre a nova disposição da tropa e a primeira posição de combate actual, uma ou mais posições intermedias, occupadas por elementos de reservas disponiveis com o maximo de metralhadoras possível e que funcionarão como retaguardas após a passagem das tropas de contacto.

As tropas empenhadas procuram se manter até á noite na posição occupada, devendo receber a ordem de recuo o mais tarde possível para mais facilmente ser conservado o segredo indispensavel á operação. Desde que a escuridão permitta os movimentos francos, retiram-se as reservas de R. I., depois as de Btl. pelos itinerarios reconhecidos e balizados de ante-mão.

Os pontos de passagem através das linhas das retaguardas já estabelecidos deverão ser precisamente determinados e conhecidos.

Em seguida partem as reservas de Cia. e afinal os G. C. de contacto. Até á partida destes é indispensavel apresentar a actividade habitual, sem augmentar ou diminuir apparentemente a densidade de occupação e o regimen de tiros usuaes. Os ultimos G. C. executarão o movimento de retirada com rapidez, sem barulho, á hora aprazada, convindo que sejam então commandados por officiaes.

Cada escalão de commando deve recuar com o escalão immediatamente subordinado: assim os P. C. de R. I. recuam com as reservas dos Btl., os P. C. de Btl. com as reservas das Cia. e successivamente.

Desse modo a tropa favorecida pela noite ganhará a zona de reunião indicada, tomando em seguida o dispositivo de marcha que lhe permitta escoar-se rapidamente. Nesse intuito serão prescriptos, de preferencia, lugares de reunião para os R. I. e Btl. atrás das linhas da retaguarda estabelecida. Para que o Cmt. des-

possa saber ao certo quando tem a frente desbaraçada, cada unidade que retrahe deixará as linhas de retirada prefixadas, officiaes dos estados maiores dos R. I. e Btl., encarregados de reconhecer as diversas fracções de suas unidades e annunciar ao cmt. da retaguarda a terminação da passagem.

A retirada das fracções acima descripta exige longo prazo para que seja realisada com calma e a ordem indispensaveis. Assim, ordenada a um R. I., por exemplo, a retirada para o cahir da noite (18 horas), iniciarão o movimento os T. C. a essa hora ou pouco depois (18,30) juntamente com as reservas de R. I.; seguidas então, as reservas dos Btl. só poderão principiar seu recuo ás 19 ou 19,30. As metralhadoras e as Cia. por sua vez se retirarão ás 21 ou 22 e afinal os G. C. de primeiro escalão, que devem esperar que os grossos gahem avanço sufficiente, sómente partirão após as 24, si não lhes couber permanecer no local até a madrugada, o que é normal.

A retaguarda de acolhimento e protecção deverá ter ordem de se retrahir na mesma noite ou durar no lugar durante toda a jornada seguinte. No primeiro caso pouco tempo lhe ficará para a propria retirada nas ultimas horas da noite; no segundo, no intuito de lhe proporcionar facilidades á execução da missão, os ardeiros G. C. só se retirarão ao amanhecer, fim de dar impressão de manutenção do terreno até o ultimo momento de escuridão, e a retaguarda manter-se-á durante o dia e á noite retrahir-se-á como foi dito acima, executando propria retirada. Casos ha, em que certas tropas encarregadas de missões deste genero, não de se sacrificar para assegurar o exito de certa manobra de conjunto, ou seja o escoamento da divisão, por exemplo.

Em geral a tropa que combate a curta distancia e precisa se retrahir, terá de esperar que seja á noite. Caso não seja possivel a espera e tenha o primeiro escalão de recuar antes da noite fechada, a retirada é feita sob a protecção de fracções deixadas nas linhas de combate pelas unidades que se retiram executando um combate em retirada; recha-se assim no primeiro caso.

Na retirada devem ser levadas em conta ainda:

- a) a destruição cuidadosa dos papeis e documentos dos diversos P. C. e Observatorios;
- b) não fazer saltar as munições que não possam ser transportadas para a retaguarda, fim de não despertar a attenção do inimigo: enterrá-las;
- c) as destruições, em principio, são executadas pela engenharia, mediante ordem do commando.

* * *

C) *Manobra em retirada, ou retrahimento systematico.* A manobra em retirada differe da retirada por ser operação emprehendida de caso pensado e, muitas vezes, com tropas intactas. Tem por fim ganhar tempo e demorar a marcha do inimigo, sem, contudo, acceitar o combate decisivo. O objectivo a attingir consiste em obrigar o inimigo, mediante o fogo, a marchar fóra das estradas e a effectuar o desenvolvimento prematuro; depois quando houver constituido a frente de engajamento, os elementos em contacto occultam-se sob a protecção de outro escalão préviamente estabelecido para organisarem mais á retaguarda novo elemento de acolhimento. O que se pretende é obrigar o inimigo a tomar disposições de combate desde muito longe e dar-lhe a impressão de uma frente estensa, fortemente defendida e retrahir depois as forças antes que se deixem aferrar.

Baseia-se a manobra na acção longinqua das metralhadoras e da artilharia, agindo em escalões successivos, postos em posição préviamente. As tropas de infantaria encarregadas de tal missão devem pois receber grande reforço de metralhadoras; a sua acção abrangerá frentes largas e cumpre-lhes estar sempre attentas para annullar os movimentos contornantes inimigos.

Em regra começarão a retrahir-se muito a tempo, não só para não se deixarem apanhar pelas tropas de assalto, mas tambem para alcançarem uma cobertura ou dobras do terreno antes que o inimigo, coroadando a posição abandonada, possa tomá-los sob o fogo efficaz e desembarçarem a frente do escalão seguinte, de acolhimento. Está no interesse dellas escolher posições que offereçam dilatados campos de tiro. As posições a occupar consistem geralmente em linhas de cristas parallelas á frente de progressão do inimigo. As condições serão mais favoraveis quando o terreno á retaguarda for coberto, ou movimentado, facilitando a retirada.

Os grossos de infantaria que não podem participar activamente neste combate, executam seu recuo sob a protecção dos escalões successivos estabelecidos e pelos itinerarios fixados.

De modo geral, o conjuncto dos movimentos deve operar-se ao abrigo das vistas aereas e dos observatorios terrestres inimigos.

* * *

Para as Cia., Pel. e G. C. as situações se resumirão sempre no que se segue:

1º. caso: a unidade faz parte da tropa que recua e nesse caso o recuo é feito desordenadamente, quasi fuga; ou então faz parte da tropa fresca de acolhimento da primeira e então se trata de uma situação defensiva prestabelecida.

E' preciso cuidado especial para não fuzilar os companheiros retirantes, cousa difficil de ser realizada em vista da desordem. Como remedio, indica-se:

a) atirar curto de modo a não attingir os amigos, mas a surpreender e desnortear a acção do inimigo (effeito moral);

b) collocar pequenos elementos avançados que atirarão sobre o inimigo e orientarão a retirada dos demais, fazendo a sua propria retirada com elles;

2º. caso: Os G. C. e Pel. pertencentes ás reservas de R. I., Btl. e Cia. que se acham para traz sem mais precalços; naturalmente conhecem os caminhos préviamente balisados.

Os G. C. e Pel. de primeiro escalão mantêm-se até a hora designada para o seu recuo, nas posições que occupam, esforçando-se por não alterar a actividade de fogo rotineira, afim de não denotar o recuo imminente, ou em execução.

A retirada do Pel. pode ser feita por todos os G. C. ao mesmo tempo, ou separadamente e do mesmo modo no interior dos G. C.

Si se fizer parte da tropa de acolhimento que se vae estabelecer como retaguarda, a situação a resolver é de defensiva.

Agora, a retirada sendo prevista e preparada, não se correrá o risco de fuzilar os amigos; ter-se-á infominação segura quando o terreno estiver desembaraçado.

3º. caso: Trata-se sempre de defensiva tomada voluntariamente. Tudo é mais facil porque o combate não é acceito e o recuo feito sob protecção e antes da tropa aferrada.

* * *

Em resumo, eis as preocupações principaes que devem ter os cmts. de Pel. em caso de recuo previsto:

1º.) campo de tiro extenso na frente da posição;

2º.) conhecimento exacto da posição a occupar á retaguarda depois do recuo;

3º.) conhecimento exacto do caminho de retirada;

4º.) conhecimento exacto do local occupado pela tropa de acolhimento;

5º.) conhecimento exacto do ponto no qual deverá atravessar a linha de acolhimento;

6º.) manobra para a retirada: momento opportuno, si todo o Pel. junto, ou por G. C.

7º.) cuidados e medidas para não alterar a actividade habitual e para dar a impressão de occupação da posição;

8º.) cuidado em não deixar papeis e documentos que sirvam ao inimigo;

9º.) sahir da posição em silencio, rapidamente e a tempo, de modo a não se deixar aferar, ou colher sob o fogo inimigo quando este coroar a posição.

Armamento da Infantaria

NOTAS FORNECIDAS AOS ALUMNOS DO C. P. O. R. DA 1ª R. M.

Pelo 1º. Ten. Baptista de Mattos.

A guerra, que em 1914 encontrara a Infantaria com os seus homens armados uniformemente de fuzil, fez com que durante o seu transcurso essa uniformidade fosse quebrada e no seu final ficasse positivado que:

“Se na luta moderna o material está em pleno apogeu, todo o belligerante que não desejar a sua vontade calcada pela do adversario deverá:

— ter preponderancia de material;

— saber e querer empregar o material de que dispõe”

A preponderancia de material na Infantaria tem em vista que:

“1º.) O fogo é a base de qualquer acção;

2º.) O fogo só pode ser utilmente dado por armas automaticas;

3º.) As armas automaticas, pelo facto de seu rendimento de fogos, permitem a redução dos effectivos das unidades”.

Como consequencia do que foi sancionado pela experiencia da guerra dispõe a Infantaria do nosso Exercito de armamento seguinte:

Projecteis:

A bala

As granadas

Armas de repetição:

O fuzil ordinario

O mosquetão

A pistola e o revolver.

Armas automaticas:

O fuzil metralhador

A metralhadora leve

A metralhadora pesada.

Petrechos de acompanhamento:

Canhão 37 m/m

Morteiro Stocke.

Carro de Combate

Engenhos diversos:

Espoleta automatica de granadas de mão.

Boccal de granadas de fuzil.

A Bala: — A bala é o projectil fundamental da Infantaria, arremessado pelas armas automaticas e de repetição.

Suas caracteristicas principaes são:

Calibre — 7 m/m

peso — 9 grammas

fôrma:

cylindro ogival

ponteaguda.

As granadas — Podem ser:
— granadas de mão e de fuzil ou de grupo combate.
— granadas dos petrechos de acompanhamento.

Granada de mão:

Offensivas:

Peso total — 250 grammas
Alcance — 35 ms.
Zona de efficiencia — 10 ms.
Efeito moral

Defensivas:

Peso total — 630 grammas
Alcance — 30 ms.
Zona de efficiencia — 300 ms.
Efeito material

EMPREGO

Offensivas — No assalto, contra inimigo obrigado, combates de rua e a pequena distancia, incursões.

Defensivas — Nas trincheiras, sempre que granadeiro e as tropas amigas estiverem abrigados; na defesa de pontos importantes da organização taes como: salientes, posições de metralhadoras, postos de vigilancia ou de comando; nas barragens á pequena distancia e á noite em todas as situações defensivas.

Granada de fuzil:

Peso — 475 grammas
Alcance — 190 ms.
Zona de efficiencia — 100 ms.

EMPREGO

Na offensiva — Para abater o inimigo obrigado á retaguarda de obstaculos para bargens e contra ataques.

Na defensiva — Em barragens de 80 á 120 ms. E' a arma principal da guerra de trincheiras. Os seus atiradores são sempre guardados.

As granadas dos petrechos serão estudadas juntamente com os referidos elementos.

O fuzil ordinario e o mosquetão:

Fuzil Mauser:

Peso — 4700 grammas.
Calibre — 7m/m
Alcance maximo cerca de 4000 ms.
Projectil:

bala ponteaguda — o modelo 908
bala cylindro ogival — os demais

Mosquetão Mauser:

Peso — 4500 grammas
Alcance maximo — 2000 ms.
Calibre — 7m/m
Projectil

bala ponteaguda — o modelo 908
bala cylindro ogival — os demais

EMPREGO

Estas armas, que são chamadas de repetição ou individuaes, se caracterizam pela imprecisão de seus tiros. E' o armamento da maioria dos combatentes, com seu emprego restricto ao combate ás pequenas distancias e regulado pelo tiro individual. Não exige condições particulares do terreno para o seu emprego, pois é leve e manejavel e não carece de sequito para o seu remuniamento.

As pistolas e os revolvers — São armas de defesa pessoal para curtas distancias.

E' a arma de combate nas trincheiras, particularmente nas operações de limpeza.

Armas automaticas — As armas automaticas apresentam: precisão e velocidade de tiro, mobilidade; continuidade do fogo, grande potencia e exigem para o seu manejo poucos homens e pouco lugar.

Particularizando temos:

Fuzil metralisador Hotekiss:

Orgão de fogo elementar da Infantaria.
Peso — 7 kg. 5

Velocidade de tiro:

60 p. minuto

200 rajadas, grandes — 8; pequenas — 2.

Munição — Mauser cylindro ogival.

Distribuição — 4 por pelotão

Munição conduzida pela esquadra — 1260 cartuchos

EMPREGO

Extremamente facil de transportar; efficaz até ás medias distancias (800 á 1200 ms); muito maneiro e permittindo que se atire com elle em marcha, é a arma offensiva por excellencia. Presta-se contra todas as armas automaticas que guarnecem os pontos de apoio inimigo, aos flanqueamentos das posições conquistadas e á guarda dos provaveis caminhos de accesso do inimigo.

Metralhadora Leve Hotekiss:

Peso — 14 kg.

Velocidade de tiro — 250 á 400 t. por minuto

Munição-Mauser cylindro ogival.

Distribuição: — 1 Pel. de 3 secções de 3 peças (1 peça de reserva em cada secção) por Btl. de R. I.; 2 secções de 3 peças (1 peça de reserva em cada secção) por B. C.

Transporte de munição — em cargueiros e mochilas.

Munição conduzida por peça — 2260 tiros.

EXPEDIENTE

(A' Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

— apresentar os originaes sempre legiveis e se possivel dactylographados;

— só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilisem;

— se se tratar de assumpto technico usar *somente* as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qualquer edicção) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes teem que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000

Permanecem em vigor as reduções para alumnos da E. M. e sargentos.

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina.....	300\$000
½ Pagina.....	180\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Pagina.....	150\$000
½ Pagina.....	90\$000
¼ Pagina.....	50\$000

CAPA POSTERIOR

1 Pagina.....	200\$000
½ Pagina.....	180\$000
¼ Pagina.....	80\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado.....	250\$000
Impressão dos dois lados.....	400\$000

Toda a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou rua do Ouvidor 164, 2º andar.

EMPREGO

Seu emprego é reservado em regra aos Cmts. de Btl. e tem por fim reforçar ou render os fuzis metralhadores onde seja necessario acção de fogos mais efficaes.

Metralhadora Pesada Hotchkiss:

Peso:

24 kg — a metralhadora

24 kg. — o reparo

Velocidade de tiro — 400 por minuto

Munição — cylindro ogival

Faz ceifa e tiro indirecto

Distribuição: R. I. — 4 secções de 3 peças; B. C. — 1 secção de 3 peças (Sendo 1 peça de reserva por secção)

Munição conduzida por peça — 4520 tiros
Transporte em cargueiros é a mão

EMPREGO

Tem seu emprego reservado aos Cmts. de R. I. afim de apoiar, reforçar ou prolongar as unidades de combate pela acção do fogo de maximo rendimento.

Petrechos de acompanhamento:

Correspondem á necessidade de reduzir as resistencias que escapam á potencia do armamento anteriormente descripto.

Temos:

Canhão 37m/m:

Peso — 108 kg.

Canhão — 40 kg.

H A 3 7 A N N O S . . .

“A lei de promoções pode dizer-se que em nada se alterou nos seus 37 annos de existencia, precisamente no periodo em que o Exercito, partindo da estagnação do post-guerra — processou — aliás por sua propria conta — a evolução de milicia para Exercito.

Tudo se transformou, desdobrou-se, multiplicou-se, evoluiu, menos a lei de promoções. Actualmente, quando os quadros começam a valer por suas características profissionais e techniques, o espirito e a letra da lei de promoções ainda autorisam os processos pessoais de promoção.

A partir dos quesitos do que seja merecimento, amontoado de palavras que ninguem sabe o que significam desde ahi que seria preciso emendar a actual lei.

Ainda mais, o sabor politico da época que succedeu á proclamação da Republica, por

isso que a lei vigente data de 1891, continúa intacto nas linhas e entrelinhas do seu texto. Sem receio de errar póde dizer-se que a lei de promoções do Exercito tem representado o papel de incubadora, pois tem trazido intacto atravez todas as gerações as razões politicas que a inspiraram.”

“Ninguém deve chegar aos altos postos sem que possua capacidade criadora. Faz-se necessario, estudar a fundo as possibilidades de nossos officiaes a esse respeito, de procurar desenvolver-a em tempo util, isto é, fazendo-se, nos postos intermediarios, as selecções necessarias.”

— (GEN. SERRIGNY).

Reparo — 40 kg.

Escudo — 28 kg.

Emprega:

granada explosiva — peso 560 grammas

granada ordinaria — peso 510 grammas

lanterneta — peso 550 grammas

Alcance util — 1500 ms.

Precisão a 1000 ms.:

Desvio em:

alcance — 12,m8

direcção — 0,m62

Peso do cartucho com granada ordinaria — 665 grs.

Peso do cofre com 16 cartuchos — 12640 grs.

Transporte da munição — cofre

Transporte de munição — armão (9 cofres)

Transporte do canhão — tracção animal

Transporte do canhão tracção a braços — desmontado

Distribuição — 1 ou mais por Btl.

EMPREGO

Utilmente empregado no tiro contra metralhadoras visiveis, contra os diversos petrechos de acompanhamento e carros de combate do inimigo. Pode tambem dar resultados apreciaveis, si lograr colhel-las de enfiada.

Morteiro Stocke:

Peso 50k,5

tubo — 23kg,5

forquilha — 13kg.

placa base — 14kg.

projectil — 3kgs.

projectil — granadas explosivas e fumigenas.

Alcance maximo — 1900 ms.

Alcance minimo — 300 ms.

Distribuição — 2 por Btl. (1 de reserva).

Conducção — Em cangalhas, á mão.

“Lembrai-vos da guerra”

O espirito novo do Exercito

Com essa pequena nota, desejamos assignalar acontecimento de vulto. Fazemol-o para que não passe despercebido, á generalidade de nossos camaradas, uma attitude que muito bem pôde caracterisar uma época.

Tudo muito simples. Um comboio militar transportando professores e alumnos da E. E. M. Apenas, a jornada, materialmente, não corria bem. As provisões do café haviam faltado, e desde ás cinco, que o comboio resfolegava sobre os trilhos, levando no seu bojo os "fochesitos" já durante mais de tres horas.

O bom humor, porém, ia remediando os omagos. E o jejum, esse artifio que tem feito muitos santos, acabou por sensibilisar os espiritos.

* * *

Era 7 de Setembro. Muitas leguas separavam já a caravana tactica da E. E. M., do centro politico do paiz

Naquella mesma hora o Rio de Janeiro deveria estar enmoldurando com as bellas de sua majestosa Guanabara, a grande parada da Independencia.

Todos, mesmo que não quizessem, iam entregando-se á meditação patriotica. Os cumprimentos trocados ao amanhecer, entre os dos diversos circulos que a caravana havia formado com o passar de alguns dias de vida em commum, iam aos poucos transbordando os corações em commentarios ardentes de vótos pela grandeza patria.

E o comboio continuava, sem cessar, annullando a distancia do theatro de operações...

* * *

Eram 10 h. 30 quando se annunciou a proximidade da *Est. de Cerro Chato*. Lá, só teria relevo o almoço, que, com certeza, não trahiria o "está previsto" da linguagem corrente do "breveté"...

O estado de espirito dos viajantes era esplendido... Os espiritos afinados pelo jejum, como que ecoavam o brado do Ypiranga.

E todos saltaram, ansiosos, pelo churrasco, o primeiro que se iria saborear. Quem os visse abandonando os wagons pelo restaurante da Estação, pensaria assim um bando de collegiaes, incautos collegiaes que da Patria só conhecessem as cores da bandeira.

* * *

As mesas guarneceram-se, com a rapidez e a presteza com que guarnecem seus carros os bombeiros ao signal de alarme. Tres longas mesas, parallelas, enchiam completamente a sala de almoço.

Contigua, uma pequena sala honrara-se em conter os "gros-bonets" por sua vez guarnecendo, protocollamente, uma só mesa comprida.

Reinava o silencio caracteristico desses momentos em que se come por horario. Apenas retiniam os garfos e as facas. Dir-se-hia que ali estava a cõrte de sua Majestade o Estomago, abebeirado a capitosos pratos.

* * *

Eis senão quando, todos se erguem, de um só golpe, e o silencio se torna solenne. As physionomias se transformam, os pulmões inalam em seculo de vida nacional e rompem pausada e energicamente o cantico da Patria, o mesmo que a terra inteira do Brasil deveria estar cantando desde que rompera o dia.

Setenta vozes moças reafirmavam ainda uma vez a fé na grandesa do Brasil. Da sala contigua, outras vozes faziam coro, e os mestres francezes acompanhavam com a attitude de "garde à vous", os olhos humidos de contricção, as estrophes do cantico.

Estava praticamente commemorada a data da Independencia Nacional pelos professores e alumnos da E. E. M. Após essa *secção solenne*, os discursos e cumprimentos da pragmatica.

* * *

O espirito novo do Exercito surgira pela primeira vez no mais alto escalão de nossas Escolas, na antecamara dos auxiliares do alto commando.

Dos momentos magnificos de *Cerro Chato* o que resta é essa constatação sem duvida confortadora, pelo menos para os que ensinaram á tropa a balbuciar suas primeiras canções de que o E. M. muito breve cantará com a tropa. Não é mais a tropa unica que canta — com ella cantarão os E. M.

Fóra da letra e da musica, o que isso quer dizer é que a preamar vae alta e os órgãos de direcção estão synthonisando com os de execução — e o que é tudo, afinados pela diapason inegualavel da grandeza da Patria.